Histórias de Amor 01
Mar de Desencontros

Suhynd Salander estava sentado em seu carrinho de bagagens no meio do saguão de entrada e saída de passageiros, olhava pela enésima vez para o Rolex com impaciência, o carro da companhia estava atrasado e sua bagagem era constantemente açoitada por esbarrões dos carrinhos de outros passageiros “descuidados” que zigzagueavam pelo saguão do aeroporto de Lisboa.

Olhando para a entrada pela centésima vez percebeu Irene passando pela porta, levantou-se não sem antes sofrer um impacto de outro carrinho, Irene correu para ele.

-Mil perdões, é indesculpável que o carro da companhia tenha sofrido uma quebra justo no caminho para cá e que eu não tenha sido avisada com o devido tempo.

Salander olhou para a moça morena, filha do milionário Augusto Xavier Franco, fundador e ainda CEO oficial da Franco Investimentos, era uma das maiores corretoras de Portugal e era muito respeitada entre as corretoras da Europa.

Salander vinha da Ásia para fazer algumas palestras e um workshop de uma semana sobre suas técnicas que estavam fazendo sucesso nas bolsas da região da Índia, fora contactado pela primeira vez por Irene a um mês.

A moça foi muito persuasiva para que ele viesse a Europa implantar seu sistema ali. Porém tudo dera errado logo no começo, deixara para demasiado tarde para reservar um jato particular e acabara tendo que viajar de avião comercial, algumas de suas bagagens foram parar no voo errado e ele estava apenas com meia duzia delas, o seu voo era direto mas teve que fazer um pouso por conta de um problema eletrônico qualquer no seu avião e não foi permitido aos passageiros deixar a aeronave durante o reparo, chegou com duas horas de atraso e agora isto, esperara mais de meia hora no saguão do aeroporto pelo carro, pelo menos quem veio lhe buscar foi a jovem e doce Irene.

-Atrasos acontecem.

Disse ele com seu sorriso terno e caloroso de vendedor que sempre derretia os clientes, mesmo que em seus pensamentos pululassem muitas frases grosseiras.

Irene o cumprimentou de modo reservado e ajudou com as bagagens, Salander não fez objeções. O SUV de Irene estava estacionado em local proibido e com uma das rodas sobre a calçada demonstrando a pressa que ela tivera para chegar ali.

Salander ficou interessado em Irene desde que vira uma foto sua pela primeira vez, quando a moça estivera em Delhi começou a fazer investidas sutis e cordiais e a moça não as recusava diretamente, isso aguçava seu interesse.

Irene colocou as malas no porta-malas espaçoso da SUV e saíram antes que algum guarda do aeroporto pudesse dar pela infração dela, durante o trajeto para o hotel que Irene escolhera para Salander, eles conversaram coisas banais sempre acompanhados pelas desculpas dela.

Salander achou fofo o modo que as portuguesas se comportavam quando estavam envergonhadas ou aborrecidas, elas começavam a falar rápido e logo soltavam algumas palavras em português, língua que não compreendia nada, seus idiomas mais usados eram o indiano, o inglês e o chinês, apesar de não serem o seu idioma nativo, eram as línguas que dominavam o mundo dos negócios.

Considerava que outras línguas eram apenas distrações que ele não tinha tempo, mas isto não impedia de achar o tailandês, o cantonês, o tcheco e agora o português, línguas interessantes.

O trânsito de Portugal era tranquilo depois de ter ficado alguns anos em Delhi, logo chegaram ao hotel, um de categoria de luxo e bem classificado, Irene parou em frente e dois rapazes vieram até ela, disse algo em português que Salander estava começando a achar uma língua bem provocante.

As ordens incisivas da moça fizeram os carregadores se apressarem. Ela fez sinal para entrarem, depois de registrar Salander ambos sentaram nos sofás da recepção.

-Estou muito agitado pela viagem e pela troca de horário, aqui que hora é?

Salander havia visto a hora em diversos locais, além de seu telefone, ainda assim mantinha seu relógio no horário de Delhi por motivo estratégico, gostava de usar isto para mostrar aos seus contatos seu bom gosto e poder aquisitivo.

-São sete e quarenta e cinco da tarde.

Irene respondeu após consultar seu Smartfone, Salander puxou seu Rolex de ouro e pôs-se a ajustar a hora.

-O que duas pessoas fazem em Lisboa nesse horário?

-Poderíamos jantar em um restaurante, mas não sei se consigo uma mesa hoje apesar de ser quarta feira.

-Que tal jantarmos no hotel e então sairmos para tomar algo.

-Me parece uma boa ideia.

Disse Irene por fim. O jantar foi ótimo pois a cozinha do hotel era bem sofisticada. Saíram para a noite de Lisboa e pararam em um bar a beira da baía que Salander escolheu ao acaso. Conversaram coisas banais enquanto Salander mudava gradativamente o assunto para coisas pessoais misturando um pouco de negócios para disfarçar.

-Me chame de Suhynd.

Insistira Salander diversas vezes para Irene e ela já estava se acostumando a ideia. O vinho do porto daquele bar era encorpado e forte, pegou Salander de surpresa deixando ele um pouco mais eufórico do que aparentava.

-Que bela vista da baía, como é a vista de quem está no mar?

-Costumava ser linda, especialmente a noite, faz bastante tempo que eu não faço um passeio de barco, meu pai tem um iate pequeno no

Clube Náutico em Almada, ele o usa regularmente.

-Fica longe essa Almada onde está o iate de seu pai?

-Na verdade não, fica naquelas luzes do outro lado da baía, poderíamos ir no sábado ou domingo.

-Poderia ser agora?

Irene achou estranho o pedido de Salander que sempre fora discreto e reservado, apesar de exageradamente cortês, ela olhou a hora no celular, já passavam das vinte e duas horas, seria inconveniente ir até o clube a esta hora, mas de lá, mesmo no barco atracado, a vista da cidade era linda.

-Poderíamos ir lá por alguns minutos pois já está tarde e não teria como sair com o barco a esta hora.

-Ótimo.

Disse Salander chamando a conta, falou algo ao garçom que Irene não percebeu por estar buscando sua carteira na bolsa, logo o garçom voltou com um embrulho e Salander encostou seu cartão a maquininha de pagamento mesmo diante dos protestos de Irene.

Ambos saíram em direção ao clube onde o pai de Irene guardava seu iate, ele ficava ao lado de uma doca pública e por isso haviam muitos barcos naquela área.

Irene deixou o carro no estacionamento vazio, se identificou na recepção e caminharam pelo trapiche, fez um friozinho a proximidade da água e Salander ofereceu o braço para ela se aconchegar, já que era primavera, ela não estava com casaco, Irene aceitou um pouco encabulada mas achou o gesto muito cavalheiresco.

O iate estava no fim do trapiche e quando chegaram lá, estavam aquecidos mas um pouco cansados, subiram ao iate que balançava movido pelas calmas ondas da baía, tinha um tamanho razoável mas não era nem a metade do tamanho do iate de Salander.

Ele não demonstrou sua decepção, pelo contrário, moveu-se com firmeza como se familiarizado com embarcações pequenas como esta. Acendeu as luzes para que Irene pudesse se movimentar melhor, conduziu ela até a sala de estar no deck superior que ficava sob um toldo.

Deixou ela ali enquanto se acostumava ao movimento ondulante do barco que pareceu afetá-la mais do que pensara, voltou com duas taças e desembrulhou uma garrafa de vinho do porto, daqueles bem encorpados que tinham bebido no bar.

Serviu Irene que bebeu de um gole só a primeira taça para tentar melhorar seu princípio de enjoo.

-*-

Na parte pública, próximo ao alambrado que protegia o clube, um homem estava de pé no deck de um veleiro com o celular a mão e um binóculo aos olhos, fixado no casal que bebia no iate, logo discou um número e foi atendido.

-Ferreira é o Marcos, tem alguém em um dos iates.

-Sim, sim, é a filha do proprietário, veio com um namoradinho eu

acho.

-Ah tá, fiquei preocupado que fosse alguém invadindo.

-Obrigado Marcos, mas pode ficar tranquilo.

Marcos desligou o celular e olhou um pouco mais pelo binóculo antes de guardá-lo e voltar para dentro do barco.

Sentou no assento da pequena mas confortável sala de jantar e voltou os olhos para a tela de seu laptop, os gráficos oscilavam entre vermelho e verde em um constante em sucessivo avanço, em determinado momento houve um aumento de vermelho, ele clicou alguns comandos e esperou expectante o vermelho aumentou um pouco e logo mudou para verde, mais verde, um pouco de vermelho, por fim verde, verde novamente e alguma informação apareceu na tela e Marcos sorriu.

Inclinou-se para trás e tamborilou alguns tapas no teto do barco. Foi uma boa jogada, ganhou o dia novamente, esse programa de opções binárias em tempo real era muito bom e ele aprendera bem a utilizá-lo. Vivia de modo simples e austero mas não precisava trabalhar a alguns anos, estava em Lisboa e ficaria na Europa até o fim do verão quando iria para a África ou talvez voltaria ao Brasil.

Sabia que precisava juntar uma grana para reformar o casco do Bilhete Premiado, nome do seu veleiro esguio de 30 pés que comprara com um prêmio de loteria, vendera tudo o que tinha na cidade que morava no sul do Brasil e passara a viver no barco.

Velejara pela América do Sul e do Norte, pela África e agora estava na Europa, ia permanecer no Mediterrâneo até o fim do ano que vem, no norte enquanto for quente e no sul quando o tempo ficasse frio, alternaria entre Europa e África até se fartar.

Escutou um grito de mulher ao longe mas não deu importância a princípio pois pensou que foi o vento em uma das amarras das velas, ele deixara elas frouxas, ele saía da doca pública e navegava até a cerca da marina de luxo onde conseguia acessar a internet WiFi.

Conseguira a senha com os guardas-noturnos com quem fizera amizade e retribuía o favor ficando de olho em eventuais ladrões que podiam se aventurar para roubar equipamentos dos caros iates.

O grito soou novamente e mais forte fazendo ele pular e bater a cabeça no teto do pequeno veleiro, saiu olhando para os lados e focou automaticamente no iate cujas luzes estavam acesas.

O homem segurava a mulher pelos braços e tentava beijá-la a força enquanto ela se debatia, Marcos inclinou-se para a cabine e pegou o binóculo para ter certeza do que via, assim que enfocou a visão a mulher libertou uma das mãos e golpeou o rosto do homem mas sem muita força.

O homem sorriu e tornou a agarrá-la com mais força e a beijou no pescoço. Marcos ia pegar o celular quando a mulher fez um movimento brusco, libertou-se do homem mas desequilibrou-se e bateu contra a coluna de metal do toldo com muita força, ela caiu pela borda do deck superior, bateu na borda do deck inferior e por fim, caiu na água.

O homem agressor ficou paralisado olhando a mulher que boiou de bruços. Marcos não pensou duas vezes, soltou o binóculo no chão e pulo

na água, o barulho de algo batendo na água tirou Salander da sua paralisia.

-Mas que merda!

Exclamou em vietnamita.

Não acreditara no que havia acontecido, Irene havia cedido gradativamente a ele até que na hora da paixão ela se comportou como uma selvagem, ele tentou acalmá-la a princípio mas ela falava em português e não se afastava dele.

Assim que ele tentou beijá-la ela lhe deu um tapa e depois tudo ficou confuso e agora ela estava morta e ele era o culpado, seria o culpado para as autoridades, o estrangeiro que matou a moça rica, mesmo ele sendo quem era, iria ser isso que diriam.

Tinha que fugir, tinha que ir embora, ir embora de Portugal o mais rápido possível e fingir que isso nunca acontecera. Perguntou-se se estaria arruinado? O barulho na água parecia que aumentava, Salander não esperou mais, correu até a mesa, pegou a bolsa de Irene da poltrona onde estava, vasculhou e pegou as chaves do carro e largou a bolsa no chão, tinha que ir embora, saiu correndo do iate e perdeu-se pela escuridão da noite no clube.

Marcos nadou o mais rápido que podia, era um bom nadador e a adrenalina deu-lhe uma força incrível, chegou rapidamente até a mulher e virou ela na água, nadou até o iate mas não conseguiu elevar ela na escada pequena que era feita para pessoas acordadas subirem.

Olhou ao redor e não havia nenhum acesso melhor, chamou pelo homem no iate mas não obteve resposta, por certo fugira assustado com o que ocorrera, não havia ninguém para ajudá-lo.

-Maldição.

Recriminou-se por não ter chamado Ferreira pelo celular antes de pular na água como um salva-vidas de piscina, a mulher parecia não estar respirando e ele precisava fazer algo rápido.

Viu seu veleiro não muito longe com as amarras pendendo, nadou com dificuldade levando a mulher, prendeu ela nas amarras, subiu a bordo e retirou ela da água, deitou-a no convés.

Inclinou-se para fazer respiração boca a boca e as primeiras lufadas de ar ela virou e vomitou água e depois vinho, voltou-se para ele e deu-lhe um tapa tão forte que Marcos se desequilibrou e caiu sentado no deck pela surpresa.

-Sa... Sa... Sala... Salander.

Gaguejou a mulher e desmaiou. Um galo enorme na testa dela sangrava um pouco, tinha roxos nos braços e a saia molhada e colada ao corpo mostrava alguns arroxeados se formando nas coxas, levou ela para a cabine e deitou-a na cama, enrolou um cobertor ao redor dela, pensou em chamar Ferreira, pegou o celular e parou.

-Esses riquinhos não gostam de escândalos.

Olhou para o iate. Ligou o pequeno motor do veleiro e aproximou ele do barco maior, ancorou ao lado e subiu a bordo do iate iluminado, subiu com cautela até o deck superior.

Havia uma bolsa no chão e copos na mesa, uma garrafa estava

virada e derramara o vinho odorífico sobre a toalha branca, Marcos pegou a bolsa e procurou a carteira, a identidade dizia Irene Xavier Franco e o endereço no centro de Lisboa.

Deu de ombros, havia uns três mil Euros em dinheiro trocado, Marcos assoviou, não havia nenhuma chave, só um celular e maquiagens, pegou a bolsa, apagou a luz do iate e voltou ao veleiro, manobrou novamente para fora da marina de luxo e zarpou para a marina pública.

O que iria fazer, talvez devesse chamar a polícia mas ninguém que tinha um iate gigante daquele ia querer parar numa página policial por tentativa de estupro, pegou o celular da mulher na bolsa e tentou acessá-lo, tinha senha é claro e talvez demorasse muito para quebrar a segurança.

Ancorou no trapiche público, pegou o seu próprio celular e discou.

-Motta é o Marcos, tá de serviço ainda?

-Estava indo pra casa.

-Preciso de uma corrida na marina.

Motta riu, os brasileiros tinham gírias estranhas para tudo.

-Está bem, mas só por que és meu amigo.

-Obrigado Motta.

Marcos pegou Irene junto com o cobertor e carregou ela pelo trapiche. Alguns conhecidos e vizinhos estavam por ali bebendo.

-Que ser isso Marcos, um peixe ou um sereia?

Zombaram dele por estar levando uma mulher nos braços, ele respondeu em inglês, francês, alemão e português as diversas provocações. O guarda do trapiche nem levantou os olhos da tevê quando Marcos o cumprimentou.

Alguns minutos depois um carro parou perto de Marcos.

-O que é isso?

-Uma garota bêbada que quase se afogou, vou levar ela para casa no centro de Lisboa.

-Veja se não vai se meter em confusão.

-*-

Chegaram ao edifício onde Irene morava, Marcos deu uma nota de cem Euros para Motta que sorriu e guardou a nota rangente no bolso, Irene estava semidesperta e conseguiu ficar de pé.

-Vocês molharam o banco do carro.

Disse Motta pela janela, Marcos não havia percebido que ainda estava molhado, nem lembrara de se trocar. Fez um gesto de pouco-caso para Motta e levou a moça cambaleante pela entrada, o segurança pulou da cadeira ao ver os dois molhados entrando.

-Senhorita Irene, o que houve?

Irene só levantou os olhos e resmungou algo.

-Ela bebeu e caiu do barco, quase se afogou e não sei onde está a chave do apartamento, tem alguém aí para recebê-la?

-Ela deveria ir a um hospital.

-Hospi...tal não...

Irene resmungou. A familiaridade do lugar fez ela melhorar um pouco. O guarda pegou o molho de chaves do cofre e subiu com Marcos e Irene, levaram ela pelo apartamento até o quarto, tentaram deitá-la mas, ela preferiu sentar-se, Marcos tentou afastar-se mas ela agarrou seu braço não deixando ele sair de perto dela.

-Salander fique.

Marcos ia dizer que não era Salander mas o guarda interrompeu.

-Bem eu vou indo, posso fazer mais alguma coisa?

-Pode ligar para algum parente dela, o pai ou mãe ou alguém para vir ficar com ela, eu tenho que voltar.

A palavra voltar fez Irene levantar a cabeça meio tonta e dizer.

-Não vai.

Esse esforço fez ela ter uma fraqueza que a fez amolecer do braço de Marcos, ele a apoiou e deitou retirando o cobertor molhado e cobrindo com a manta seca da cama.

-Sim senhor Salander, irei ligar para o pai dela.

O guarda virou e saiu correndo antes de Marcos corrigir o erro. Ali de pé no quarto de Irene Marcos sentiu frio pela primeira vez desde que pulou na água de primavera do Tejo, foi até o termostato e aumentou um pouco a temperatura, olhou as roupas molhadas e percebeu que não estava nem com a carteira, era mesmo um idiota.

Foi até o banheiro e pegou uma toalha, juntou a coberta que tinha envolvido a moça, andou pela cozinha pois também percebeu que tinha fome, pegou uma maçã na fruteira e começou a comer, achou na lavanderia uma secadora, tirou toda a roupa e pôs na máquina junto com a coberta, ficou com a toalha amarrada na cintura, era magro mas tinha uma musculatura razoável.

-Sal... Salander.

Ele deu um pulo e a toalha quase escorregou, viu Irene de roupão de pé na porta da lavanderia.

-Senhorita Irene eu não...

-Sinto muito por tudo que aconteceu, eu não me lembro de nada depois que subimos no barco, sinto muito por isto.

Ela começou a chorar e ele sem pensar foi até ela e a abraçou, lembrou então que estava só de toalha e ela de roupão e ela havia quase sido violentada.

Por algum motivo desconhecido ela se agarrou a ele e chorou como uma mulher desesperada, será que, instintivamente ela sabia que Marcos não era o agressor, o tal de Salander.

-Não sou Salander.

Disse Marcos.

-Claro, desculpe Suhynd, ainda não me acostumei a chamá-lo pelo primeiro nome.

Marcos ia dizer algo mas a secadora apitou.

-Sua roupa está seca.

Ela disse soltando-se dele e saindo da lavanderia, Marcos foi até a secadora e começou a retirar a roupa seca.

-Isto está indo longe demais, por que ninguém me deixa explicar?

Irene não tinha ido longe quando algo a fez congelar, Salander falara com ela e com o guarda em português, ela voltou-se e espiou pela porta vendo ele nu, preparando-se para se vestir e falar de modo cantando que os brasileiros falavam, ela não prestou atenção ao que ele dizia pois focara só no corpo nu e dourado que ele tinha.

Parecia mais magro que no blazer, espere, cadê o blazer dele? Estava colocando uma bermuda de praia, uma camiseta regata e calçou um mocassim bege surrado, o cabelo estava mais comprido e ondulado também, seria falta do gel? Marcos continuou falando sozinho em português.

Ela fugiu ao ver que ele terminara de se vestir. Na sala ia sentar-se pensando no assunto quando a campainha tocou e alguém bateu veementemente a porta chamando.

-Irene, filha, Irene?

Irene correu até a porta e abriu, o pai dela estava de roupão e o motorista dele estava com cara de sono, ela abraçou o pai ali no corredor e começou a chorar, chorou muito mas não sabia porque, Augusto Franco, passou de preocupado para aliviado para preocupado novamente.

Irene não parava de chorar, ele teve que levá-la para dentro do apartamento, estranhou Salander com roupas de praia e sapatos bege que estava de pé na sala com uma toalha na mão, Irene não parava de soluçar.

-Suhynd Salander eu presumo?

Perguntou o homem idoso que acabara de entrar, Marcos ficou zangado, abriu a boca para dizer que não era esse tal de Salander.

-Sim, pai ele me salvou, eu devo ter ficado bêbada e enjoada no iate e cai, Suhynd pulou na água para me salvar.

-Eu não...

-Você a salvou?

-Sim mas...

-Muito obrigado, estou muito grato por ter salvado minha preciosa filha, mas Irene querida, por que você foi no iate tão tarde?

-Suhynd queria ver a vista da cidade a partir do mar e como talvez não tivéssemos tempo depois pensei em lhe mostrar as luzes da cidade.

-O senhor gosta de barcos?

-Amo mas...

-Muito bem faremos um intervalo no projeto no fim de semana para sair no iate. Mas e estes arroxeados, meu deus, que galo enorme Irene, sente-se bem? Devo levá-la ao hospital?

Perguntou a Marcos.

-Acho que ela teve uma concussão leve, seria melhor ir ao médico tanto por conta do galo como para prevenir uma pneumonia, a água do Tejo está muito fria ainda, eu não levei ela para evitar algum aborrecimento com a mídia, não sei se agi certo.

-Fez bem.

Disse Irene pensando, se uma filha de investidor famoso aparecesse toda roxa e molhada num hospital ia ser um circo.

-Vou levá-la ao médico.

Disse Augusto.

-Não pai, estou bem, pela manhã irei a uma clínica particular e discreta para fazer exames.

-Tem certeza?

-Sim pai.

-Bem eu acho que vou indo então.

Disse Marcos.

-Não.

Gritou Irene de modo apavorado contendo-se para não se agarrar a Marcos.

-Desculpe, sei que precisa voltar ao hotel, mas não sei porque, não me sinto segura.

-É normal depois do que aconteceu, eu acho.

-Senhor Salander, não sabia que falava português?

-Ora é claro que eu falo português e não sou Salander...

-Pai, ele prefere Suhynd.

-Há sim, acho que esteve também no Timor-Leste muitos anos não é?

-Hã, eu...

-Pai obrigado por ter vindo, acho que ficarei bem até amanhã.

-Não quer vir para a mansão?

-Não, eu ficarei bem, Suhynd sei que é pedir muito mas poderia ficar?

-Eu não s...

-Por favor!

Contrariando o que Marcos acharia normal o homem idoso disse.

-Sim, fique, faça esse agrado a Irene.

Marcos assentiu com a cabeça, precisava esclarecer que não era quem eles pensavam mas não conseguia a oportunidade e também o drama do que acontecera o deixava muito desconfortável.

O pai despediu-se dela e saiu junto ao silencioso motorista que tinha um certo ar divertido ao olhar para Marcos e Irene. Marcos bufou, jogou-se no sofá e jogou a toalha ao seu lado, Irene fechou a porta e congelou, algumas lembranças estavam voltando, teve medo do homem atrás dela, mas algo nele a confortava.

Voltou-se para o homem que estava sentado e falando sozinho no sofá, aquele não era o mesmo homem que a atacara.

-Você não é Salander?

-Ah, finalmente, não sou esse tal de Salander.

-Que houve?

-Eu estava no meu veleiro e vi você cair do iate, o homem que estava com você ficou apenas olhando, não consegui pensar em nada, só pulei na água e nadei pra pegar você...

Marcos começara a falar rápido com seu sotaque brasileiro e sulista, olhava para as mãos quando estava nervoso e não percebera que Irene se encolhera num auto abraço e começara a chorar.

Marcos parou assim que a viu e deu um salto, Irene deu um passo para trás mas depois correu para Marcos, o abraçou e perguntou

chorando.

-Salander tentou... Tent... Ele fez mesmo?

Marcos ficou com um nó na garganta, ver pelo binóculo era terrível mas passar por aquilo pensou que era infinitamente pior.

-Eu o vi agarrar você, mas você lutou como uma leoa, aí você se livrou dele mas bateu contra a coluna do toldo e caiu do iate.

-Ele n... Ele não me estuprou?

-Não teve oportunidade.

-Senti um terror enorme ao me olhar no espelho, não consegui nem tirar a roupa molhada ainda, só não sabia o porquê até a hora que fechei a porta, aí voltou uma parte, ele tentando me agarrar e eu lutando, depois escuro, o que mais aconteceu?

-Eu tive que tirar você da água pelo meu veleiro, não conseguia subir com você no iate, não tinha acesso no trapiche também, fui com o Bilhete Premiado para o iate...

-Bilhete Premiado?

-É o nome do meu veleiro, entrei no iate mas esse homem tinha ido embora, sua bolsa estava no chão e não havia nada mais além de uma garrafa e dois copos, peguei a bolsa e voltei ao veleiro para levar você ao cais, pensei que poderia ser um escândalo você ser carregada molhada para fora da marina e por isto eu decidi levar o Bilhete Premiado para o trapiche público, onde não chamaria muita atenção e chamar um carro de aluguel para te levar para casa, vi seu endereço na sua carteira e desculpe, mas paguei cem Euros para o motorista com o seu dinheiro, também esqueci minha carteira no Bilhete.

Irene ouvira tudo com muita atenção pois aquele homem falava muito rápido e melodicamente, forçando ela a esquecer o resto para poder entender o que dizia, notara que ainda estava abraçada a ele mas não queria se afastar dele. Quando ele finalmente parou ela estava mais calma e um pouco sonolenta.

-Qual é o seu nome, por favor?

-Marcos.

-Marcos você é do Brasil?

-Sim, do sul.

-Obrigado por ter me salvado do afogamento.

Irene ia beijar o rosto do homem em agradecimento mas sem pensar beijou os lábios dele. Marcos ficou desconcertado e Irene também pareceu embaraçada por ter feito aquilo, Marcos continuou falando devido ao nervosismo, ele se afastou lentamente dela.

-Eu estava me preparando para salvar você daquele canalha quando caiu, quem era aquele cara?

-É um investidor importante no sudeste asiático.

-Não era seu namorado?

-Não, ele ia dar uma palestra e depois um workshop com os funcionários do escritório do meu pai.

-Você está cansada e com sono, tome um banho quente e durma.

Irene fechou o semblante.

-Não fique preocupada, eu estarei aqui no sofá quando amanhecer.

-Tem um quarto ali depois do meu.
-Ótimo, seria bom.

-*-

Marcos levou Irene até a porta do quarto e foi para o quarto de hóspedes, ela só fechou a porta depois que ele acendeu a luz e entrou. Irene foi até o banheiro e tirou o roupão.

Sentiu nojo de tocar nas suas roupas como se elas estivessem imundas, com dificuldade despiu-se e viu que sua lingerie estava intacta, tirou-as com receio e percebeu que nada havia acontecido, sentiu uma vontade terrível de urinar pois a tensão que tinha sofrido a tinha travado mas agora parecia relaxar.

Olhou-se no espelho e chorou, o galo era doloroso ao toque e tinha um pouco de dor de cabeça, haviam marcas de mãos nos seus braços que doíam um pouco e um enorme hematoma muito doloroso nas suas coxas devido a batida no deck inferior. Depois tomou um banho longo e esfregou demasiadamente os braços e o pescoço, onde Salander a havia tocado.

Lembrou mais um pouco do que havia acontecido e notou que Salander e Marcos eram diferentes, Salander era um pouco mais alto e mais largo que Marcos, apesar da cor da pele dourada e cabelos pretos e longos serem bem parecidos, o de Salander era penteado e fixo com gel, Marcos usava eles soltos e batidos, além do fato dos dois terem uma barbicha de alguns dias, a de Salander era retocada e a de Marcos era natural.

As únicas partes do corpo que tinha muita semelhança nos dois eram o nariz fino e levemente curvado, os olhos pretos e as sobrancelhas fechadas de pelos curtos, uma imagem veio a mente dela, ela estava deitada olhando para cima e Salander estava sobre ela, não, não era Salander, era Marcos e estava ao lado dela mas parecia ter beijado ela e ela virava e vomitava, ela voltou-se e deu um tapa com a maior força possível em Marcos.

-Pensei que era Salander.

Tocou os lábios lembrando da delicadeza dele ao afastar-se do beijo desastrado dela na sala, depois de se secar ela pôs um pijama confortável sem lingerie e deitou-se, o sono sumira, as preocupações pela companhia vieram-lhe a mente.

O que faria a respeito de Salander? Fingir que nada acontecera? Cobrar satisfações? O que Salander diria que havia acontecido? Seus pensamentos voltaram a primeira vez que o vira num restaurante em Delhi, era um homem encantador e cordial, fora agradável e era com certeza, muito atraente, porém os interesses de Irene eram comerciais, a companhia do pai era sua única paixão no momento, ela pensou consigo o que ela tinha feito para que Salander agisse daquela forma.

-Venha doce Irene.

Disse Salander. Irene se levantou da mesa e seguiu ele pela porta do restaurante só que eles não estavam mais no restaurante, estavam no

bar em Lisboa, o manobrista lhe entregara a chave mas ela guardou em vez de entrar no carro, estavam no trapiche do Clube Náutico, ela tentou parar de andar agarrada ao braço de Salander mas, não conseguia deixar de avançar, tentou gritar mas sua voz não saía.

Chegaram ao iate e ao subir os degraus da escadinha saíram no deck superior, ela viu as taças na mesa e uma garrafa de vinho virada, voltou-se e Salander a agarrou, tentava levá-la para a cabine de casal.

-Venha doce Irene, vamos terminar esta noite maravilhosa.

Irene resistiu de modo cortês pois devia ser algum mal-entendido, até que Salander a beijou, um beijo desprovido de amor, bruto, Irene deu um passo atrás e deu um tapa leve em Salander que a olhou surpreso, a expressão no rosto dele a fez dar um passo a frente para pedir desculpas, pois achara aquilo exagerado.

Então o rosto do homem cordial e até atraente se transformou em uma máscara de fúria e loucura, ele a agarrou com força fazendo-a sentir como se seus braços fossem se partir, olhou ao redor e viu um barquinho a vela bem pequeno não muito longe, com um homem de pé pescando. Marcos? Era Marcos.

-Me ajude.

Gritou mas Marcos não olhou, estava concentrado e parecia que havia pegado um grande peixe.

-Marcos, me ajude, socorro, Marcos.

Salander começou a arrastar ela, só que não mais para o quarto e sim para a água, ele afundou primeiro e sorria com aquela máscara de loucura e fúria já debaixo da água, puxava-a para baixo com ele, desesperada gritou com todas as forças.

-Marcos, por favor, me ajude, socorro, Augustus, Marcos.

Irene sentiu que a tocavam no ombro e lhe chamavam pelo nome, ela olhou para o lado e não estava mais na água, estava molhada mas estava em uma cama e no seu quarto e Salander estava ao lado dela, ela lutou com ele, mas ele a segurava com delicadeza recebendo seus tapas e socos.

-Calma Irene, está tudo bem, calma, sou eu Marcos.

Irene permitiu-se parar e olhar para o rosto do homem, era realmente Marcos, agarrou-se ao seu pescoço com tanta força que seus braços doeram, Marcos ofegou diante da força do abraço dela mas aguentou, ela chorou durante alguns minutos até que suas lágrimas secaram, depois continuou soluçando sem lágrimas, estava molhada de suor do pesadelo, ele ficou parado ali até ela se acalmar e soltá-lo.

-Eu... Eu...

-Não tem problema Irene.

Sem pensar ela o beijou com uma fome de amor tão intensa que o deixou confuso e encabulado não sabendo o que fazer. Demorou para ela o soltar e também ficou surpresa e confusa.

-Desculpe.

-Tudo bem, foi um pesadelo terrível.

-Como sabe?

-Você estava chorando e gritando, eu levei um susto enorme.

Irene sorriu pois Marcos sempre que estava nervoso falava olhando para as próprias mãos como se isso o ajudasse a se concentrar.

-Estou com sede, quer um suco?

Marcos se distraiu das mãos e olhou pra ela mais confuso ainda.

-Suco, hã, sim, quer que eu te traga aqui?

-Não, eu vou na cozinha.

Meio desajeitado ele levantou da cama dela e saiu andando duro, ela permaneceu sentada na cama, por que o beijara? Era um estranho para ela, nem sentia nada por aquele homem, balançou a cabeça e levantou-se, notou algo que a ruborizou a ponto de voltar a suar, seu pijama estava colado ao corpo e seus mamilos estavam duros e perfeitamente visíveis pelo tecido molhado do pijama.

Envergonhada ela tirou a roupa e colocou lingerie e roupas secas e folgadas. Ela saiu andando dura do quarto e escutou o espremedor de frutas funcionar na cozinha. Reparou que Marcos estava preparando suco para os dois. Ele estava com cara de sono, mantinha os olhos longe dela cuidando do espremedor enquanto ela se sentava, dois copos estavam sobre a mesa e ela teve uma sensação ruim lembrando das duas taças de vinho, o espremedor parou tirando ela do pensamento, Marcos serviu os dois copos e pegou um, encostou-se no balcão.

-Já está amanhecendo, acho que posso ir embora.

Irene ia protestar, pensou melhor e se manteve em silêncio olhando para o copo de suco entre as mãos, ela ainda não tomara nem um só gole.

-Oi, desculpe, pensei que gostasse de suco de laranja.

-Eu gosto.

Irene disse de repente.

-Só estou pensando no que fazer.

-Vai a polícia?

-De jeito nenhum, mesmo com provas isso geraria um escândalo tanto para aquele nojento quanto para nós.

Continuou.

-O mundo da bolsa é muito sensível a escândalos, empresas podem falir apenas por boatos.

Mudando totalmente de assunto disse.

-Você me trouxe de táxi, por que não usou meu carro?

-Não havia chaves na sua bolsa, pensei que você havia vindo no carro dele.

-Vou ligar no hotel dele.

Levantou-se e virou o suco num único gole. Pegou o telefone, foi para a sala e discou. Marcos terminou seu suco e lavou a louça, Irene voltou.

-Meu carro está no estacionamento do hotel e ele saiu com as bagagens num táxi. Ela parecia aliviada enquanto falava.

-Acho que fugiu.

Terminou Irene, Marcos pensou e disse.

-Talvez ele tenha achado que você morreu e fugiu de Portugal.

-Sim, deve ter saído do país para evitar um escândalo e uma

investigação.

Irene parou de repente.

-E agora?

Perguntou-se.

-Meu pai contava com a palestra e o workshop, se a palestra for cancelada vamos ter que dar explicações e isso levantaria rumores.

-É tão ruim assim?

-Sim, os clientes são muito volúveis, qualquer mancha em um curriculum pode causar a ruína de qualquer um.

-Mas aquele empresário foi preso e ainda está na ativa.

-Ricardo Marques.

-Sim.

-Os clientes dele são uns indesejáveis ou receberam garantias de lucratividade que transformam o jogo num inferno para os corretores, ninguém quer trabalhar com ele e não tem nem seguro de roubo das ações, além disso tem que comprar as ações no nome dos corretores para poder negociar.

Marcos assoviou.

-O que fará?

-Primeiro vamos ao hotel encerrar a conta de Salander, pegar o carro e depois levo você para sua casa, onde você mora?

-No Bilhete Premiado.

-No barquinho?

-Sim.

Irene notou que Marcos fechou a cara, não gostou muito dela ter dito que ele morava em um barquinho, ela explicou.

-Desculpe, no pesadelo eu tinha visto você de pé em um pequeno barco pescando.

Ela foi para o quarto, trocou-se e voltou encontrando ele na sala, diante da estante de livros. Ele se inclinava e lia os títulos em voz baixa, pegou um livro de filosofia e teve dificuldade para abrir pois as páginas estavam muito coladas devido há fazer anos que não eram abertos, Irene não recordava se tinha lido alguma vez aquele livro, mantinha eles mais por consideração ao irmão falecido que por interesse.

-Você gosta de livros.

Perguntou Marcos.

-Não muito, prefiro filmes, estes livros eram do meu irmão.

-Ah desculpe.

Marcos rapidamente recolocou o livro no lugar. Irene se aproximou e passou o dedo pela lombada do livro, Introdução a Filosofia, seu irmão era um estudioso, ela sempre o via sentado lendo.

-Seu irmão não gosta mais destes livros?

-Não, ele morreu de leucemia.

-Me perdoe.

Marcos sentiu-se mal por ter sido tão desastrado.

-Tudo bem, vamos?

Saíram do apartamento, Irene vestia calças e blusa de mangas compridas para esconder os braços, desceram deixando a chave reserva

com o guarda na portaria.

Na rua logo passou um táxi e eles entraram. Marcos achara melhor ficar calado pois a moça havia passado por muita coisa e ele tinha receio de tocar em mais algum assunto delicado, se ela falasse do beijo ele ficaria neutro, mas foram dois na mesma noite e o último parecia que ela queria comer a boca dele, fechou a cara quando percebeu pelo reflexo do vidro do táxi que tinha sorrido ao relembrar aquilo.

No hotel Irene encerrou a conta, havia uma refeição leve que Salander tinha pedido antes de sair e uma garrafa de whisky, provavelmente para acalmar-se, o carro estava estacionado e as chaves estavam com o manobrista.

-Senhor, o que devemos fazer com as malas que chegaram um pouco antes da senhor?

Perguntou recepcionista em inglês para Marcos.

-Malas?

Irene lembrou-se de Salander reclamando por parte de sua bagagem ter sido extraviada.

-Sim, chegaram quatro malas grandes deixadas pela companhia aérea.

-Pode entregar pra mim.

-O senhor não gostou do hotel?

-Gostei muito, muito bonito, deve ser muito caro.

Marcos respondeu em um inglês mais fluido que o de Salander. A princípio Irene não entendeu porque o recepcionista perguntou para Marcos algo sobre as malas ou o hotel até que lembrou que no check-in havia sido feito uma foto de Salander para reconhecimento e o atendente o estava confundindo com o outro homem.

Agora que ela olhou para Marcos sorrindo percebeu o quanto eram parecidos para quem não estivesse familiarizado com os dois. Uma ideia malévola passou pelos pensamentos de Irene, sua mente comercial funcionou como uma calculadora e tomou uma decisão em segundos, Salander ia pagar pelo que fez e ao mesmo tempo ela ia salvar a reputação da Franco Investimentos. Só tinha que convencer Marcos. As bagagens chegaram rapidamente e ela deixou o hotel com ele, em vez de ir para a doca pública ela voltou para sua casa, Marcos percebeu logo a direção que seguiam.

-Precisa de algo em seu apartamento?

-Sim, desculpe, também quero aproveitar para deixar estas malas lá.

Marcos não notou o brilho inteligente nos olhos de Irene, ela faria de tudo para ajudar Marcos a se apresentar bem, mas ele não chegaria nem perto do verdadeiro Salander, isso arruinaria a reputação daquele canalha.

-*-

Ela subiu com ele e as bagagens sob o olhar curioso do outro guarda que trocara de turno com o anterior, ambos fofocaram sobre o

rapaz malvestido que dormira na casa da moça que quase se afogara e agora eles voltavam com várias malas, isso era um caso com certeza.

Assim que entraram no apartamento Irene deixou as malas com Marcos, pegou o telefone e foi para o quarto dela. Marcos ouviu ela gritar uma ou duas vezes mas não entendeu bem o que dizia, pois o inglês dela ficou péssimo e misturou umas duas palavras em português que ele não conseguiu compreender, mas pareciam palavrões. Irene saiu do quarto com os olhos molhados e vermelha de raiva, mas tinha um sorriso malicioso.

-O que houve?

Marcos perguntou sem querer saber a resposta.

-Liguei para aquele filho da puta do Salander.

-O que?

-No começo fingiu que não me conhecia até eu ameaçar ir na polícia e denunciar o que ele tinha feito, então ele tentou contar uma história que eu ficara bêbada e o levara ao clube e, por fim, ele tinha ido embora e eu ficara sozinha no iate, ele manteve essa história até eu falar da testemunha que me salvou, aí ele mudou de comportamento rapidinho, disse que faria qualquer coisa para resolver o mal-entendido, menos voltar para cumprir seu contrato conosco, eu disse que ficaria com as malas dele até ele vir buscar mas ele disse que não voltaria mais a Portugal.

-Então o problema para sua companhia está parcialmente resolvido.

-Não, está praticamente todo resolvido, combinei com ele para que ficasse escondido em San Martin até semana que vem e que não desse as caras até eu ligar de volta, senão eu ia a polícia junto com você. Além disso, disse que se alguém perguntasse ele deveria confirmar que fez sua palestra e workshop na Franco Investimentos como se nada tivesse acontecido.

-Irene isto é ótimo, como você vai fazer com os participantes do evento?

Marcos perguntou.

-Afinal alguém pode dizer que o evento foi uma fraude.

-Bem esta parte depende de outra pessoa além de mim e de Salander.

-Quem?

Marcos perguntou com um ar tão inocente que Irene sentiu seu coração bater fora de ritmo no peito, ela estava se apaixonando por aquele brasileiro sem noção.

-Você.

Marcos ficou pálido, pareceu entender, aí riu de deboche, depois ficou sério e por fim disse.

-Isso é brincadeira?

-Não, todos confundimos você com Salander, eu, meu pai, o recepcionista, aposto que ninguém no evento teve um contato prolongado com Salander.

-Não vai rolar.

Disse Marcos. Irene olhou para ele com uma interrogação desenhada no rosto.

-Não vai rolar? O que é isso?

-Não vai dar certo.

Irene riu.

-Se você não falar português ninguém vai notar a diferença e percebi que você fala muito bem inglês.

Irene tinha dito esta última frase em inglês e Marcos sem perceber respondeu também em inglês.

-É porque eu tenho viajado muito.

Irene sorriu para ele quando Marcos notou que respondeu em inglês.

-Irene eu sou um velejador, já fui funcionário de banco e jogo estes joguinhos de computador de ações apenas para manter minha vida, já vendi picolé nas praias de BC e não terminei a faculdade, como que vou me passar pelo Salander?

-Não sei o que é picolé e nem o que é BC mas é uma sorte você entender de finanças, com minha ajuda e do Salander você vai enganar até o meu pai.

-Salander?

-Sim, ele está mandando o curso dele completo pra mim e você vai estudar, depois no workshop, Salander vai passar as dicas de ações para você e será um sucesso.

Marcos olhou para a moça como se estivesse olhando para uma cascavel. Irene notou o olhar temeroso e disse.

-Eu sou filha de um investidor e cresci pelos corredores da Franco Investimentos, eu terminei a faculdade de finanças a dois anos e trabalho na Franco desde os dezesseis, não sou uma filha de milionário mimada.

Marcos olhou com ar incrédulo.

-Nem toda menina rica é esnobe.

Disse Marcos por fim.

-Nem todo cavalheiro surge de um menino rico.

Retrucou Irene. Marcos gostara de Irene desde o momento que a viu lutando no iate, era bonita, era guerreira e inteligente, isto, ser guerreira, o atraia muito além da beleza e da inteligência.

-Não vejo como isso possa dar certo.

-Marcos não quero que você pense errado sobre esta proposta, não é apenas um favor para uma estranha, a Franco ia pagar cem mil Euros para Salander e daria uma participação de três por cento nos lucros líquidos oriundos do workshop, isso seria entregue a você.

Os sentimentos de Marcos ficaram confusos repentinamente, Irene o beijara na madrugada depois do pesadelo, sentira o amor dela no beijo, não foi apenas um beijo de desespero, pensando melhor havia um pouco de desespero no beijo mas não por causa do ataque e sim por ser uma mulher desesperada por amar que havia sido confrontada com uma situação terrível. Ele sentira uma mudança nela no hotel e agora via qual era a mudança.

-Cem mil Euros e mais uma comissão dos lucros da semana?

Marcos perguntou com um tom frio que preocupou Irene.

-Marcos não entenda mal, não estou comprando você, esse dinheiro ia para o canalha do Salander e se você me ajudar estará ajudando a Franco e todos os corretores que trabalham lá.

-Olha Irene, eu sou um cara simples e levo uma vida humilde e sossegada, não gosto de complicações e prefiro passar fome que me meter em uma enrascada destas.

-Enrascada?

-Problemas.

-Por favor Marcos, você já me salvou a vida hoje, poderia salvar novamente até o fim da semana que vem?

Marcos não gostava de ser pressionado mas não suportava abandonar alguém em dificuldades, além disso as máximas brasileiras que seu pai vivia dizendo lhe aferroavam como se estivessem em brasa viva. “o brasileiro não desiste nunca”, “sempre se dá um jeitinho” e “conformismo, covardia e condescendência são palavras proibidas no Brasil”.

-Isto aqui oô, é um pouquinho de Brasil iaiá.

Cantou Marcos baixinho pra si mesmo. Irene soube na hora que tinha convencido ele, ela se preocupou não tanto por ele negar ajudá-la mas por pensar que ela era uma megera interesseira.

-Eu faço o que der, mas depois vou embora de Portugal pra sempre.

As palavras de Marcos foram como um balde de água fria em Irene, sua preocupação era bem fundada, esse negócio destruiu o interesse de Marcos nela. Segurando suas emoções Irene conseguiu dizer.

-Certo vamos começar pelas roupas de Salander.

Ambos abriram as malas e havia um bom suprimento de ternos caros e mesmo joias, uma das malas continha 3 sapatos, para azar dos planos de Irene nenhum dos ternos serviu para Marcos, ficaram todos um pouco maiores, os sapatos, no entanto, serviram perfeitamente, não havia marcação de numeração mas serviram da mesma forma que os números quarenta e dois brasileiros. Separaram alguns ternos que decidiram ajustar emergencialmente enquanto comprariam outros a medida que fossem necessários.

-Desculpe mas eu estou morrendo de fome.

Disse Marcos, Irene não sentira fome nem sede desde a madrugada, por isso não pensara em comida.

-Sim vamos comer algo.

Olhou a hora no smartfone como sempre fazia e viu que já era nove horas, levou Marcos ao café perto de seu prédio, Marcos conversou animadamente com a atendente e depois pediu um lanche enorme e repetiu, ela pegou um salgado pequeno mas teve que pedir um lanche também, não tão grande quanto o de Marcos, mas ela mesma se assustou com a fome que estava, não dera atenção a isso até aquele momento.

Depois foram ao alfaiate para ajustar os ternos escolhidos e rapidamente o alfaiate os reduziu com alfinetes, um ficaria pronto ainda

esta manhã, em seguida foram até o Bilhete Premiado, desta vez Irene conseguiu conter sua decepção diante do veleiro de trinta pés, poderia ser um barquinho bom para passear numa tarde, mas morar nele, isso seria um sacrifício imenso.

Marcos o mostrou com receio pois Irene havia demonstrado decepção por ele morar em um "barquinho", no entanto não percebeu que ela ficara realmente assustada pelo barquinho ser pequeno pelo menos para uma casa, Irene notou que Marcos mal podia ficar de pé no interior.

Ele resmungou alguma coisa pois esquecera o laptop ligado e tinha ficado sem bateria, o celular ainda estava com carga e tinha um monte de ligações e mensagens, Irene olhou instintivamente seu celular e tinha mensagens da empresa e de algumas poucas amigas, mas como ela não usava grupos de mensagens não tinha muito para ver.

-Pegue algumas roupas para ficar mais à vontade, você ficará lá em casa.

Marcos parou o que fazia e olhou para ela com aparente desgosto.

-Sério mesmo?

-Sério mesmo.

Disse Irene usando a gíria de Marcos.

-Mas o pessoal do seu escritório vai pensar que temos um caso.

-Por mim tudo bem. Esse tipo de boato não afeta a companhia.

Ela disse parecendo séria, mas tinha pensamentos divertidos sobre o que fazer para seduzir Marcos. Ele pareceu incerto do que deveria fazer mas parece que o Bilhete Premiado respondeu algo para ele com um rangido, lembrando Marcos que tinha que reformar o casco.

Rapidamente ele encheu uma sacola de tecido que usava para ir acampar e dando um beijo na travessa da porta fechou e trancou. Irene ficou impressionada, não pensara que Marcos fosse tão sentimental.

-Você gosta do seu barco.

-Sim eu a amo.

-Ela?

-Sim, todos os barcos são fêmeas.

-Por que?

-Não sei ao certo, acho que é histórico, mas ela se comporta como uma velha chata nos dias frios e como uma mocinha fogosa nos dias quentes, as vezes é temperamental, mas quase sempre é amorosa e protetora.

Irene ficou boquiaberta com o romantismo de Marcos, já conhecera outras pessoas do Brasil, e sempre percebera que eram mais emotivos e divertidos mas românticos, ela não sabia.

-Todos os brasileiros são assim?

-Hã, nem todos, mas geralmente gostamos de dar personalidade as coisas, desde uma bicicleta até os carros, caminhões, etc. Algumas tem nomes masculinos e são tratados como fêmeas e outros tem nomes femininos e são tratados como machos, vai do dono.

-Como se estivessem vivos, como animais?

-As vezes como pessoas.

Irene se espantou. Marcos não pareceu brincar ao dizer isto. No apartamento Marcos se instalou no quarto de hóspedes. Irene retornou as ligações do pai, não havia ainda ido ao médico mas iria logo em seguida.

-*-

Sua ausência estava sendo coberta pela sua secretária e pelo seu assistente. De volta ao alfaiate, para experimentar o traje, quando Marcos saiu do provador Irene teve uma sensação ruim pois ele lembrava muito Salander mas a imagem do canalha foi imediatamente borrada pelo seu sorriso que era totalmente diferente, era espontâneo e não tinha nada de atraente.

O brasileiro praticamente fechava os olhos quando sorria, ainda mais porque falava muitas brincadeiras com o alfaiate sobre o terno, quando entrou no provador para retirar o traje, o alfaiate se aproximou de Irene.

-Não quero ser indiscreto nem petulante, mas Marcos tem namorada ou namorado?

Irene se surpreendeu um pouco com a pergunta mas fechou a cara de tal modo que o alfaiate se afastou para perto do provador. Marcos saiu elogiando o serviço, o alfaiate lhe deu um tapinha no ombro e disse.

-Sua namorada parece ter aprovado.

Marcos fechou a cara, ficou sério de um jeito que acabou constrangendo um pouco o alfaiate, mas depois disse mais descontraído.

-Ela não é minha namorada.

Logo voltou a brincar com o alfaiate e os ajudantes dizendo que ia voltar logo pra pegar o resto. Irene notou o quanto Marcos mudara com ela desde o momento do acordo, não tinha mais aquela atenção e cuidado que tivera até aceitar fingir ser Salander, tinha esperança de desfazer o malfeito, era uma boa negociadora e, com certeza, ia conquistar pelo menos a amizade e o respeito de Marcos.

Pararam para um almoço em um lugar que Marcos escolheu, era um restaurante pequeno e abarrotado de gente, todos pareceram conhecer Marcos e haviam muitos sotaques diferentes ali, alguns inclusive brasileiros, Irene reconheceu alguns idiomas e entendeu os que falavam inglês e espanhol mas Marcos falou com naturalidade com os franceses e alemães, trocou algumas frases com alguns africanos e olhou sério a uma provocação de um russo ou polonês.

-Você fala russo?

-Não é russo é norueguês, ele perguntou uma besteira e por isso não respondi.

-Que homem grosseiro.

-Não o leve a mal, eu o conheço a muito tempo, conheci ele na Angola, nos encontramos na Argentina e depois na Costa Rica, atravessamos o triângulo juntos para o México, acho que todos aqui tem alguma ligação com o mar.

-Mas este lugar fica longe do trapiche.

-Sim mas o dono é um velejador muito conhecido e nos da muito apoio, além de que ele faz alguns pratos de cada país e eu adoro encilhadas com chili.

-Encilhadas?

Uma moça loira se aproximou.

-Quer encilhadas com chili Marcos?

-Oi Gata.

A moça riu e piscou pra ele.

-Sim eu quero e você Irene?

-Não sei, tem cardápio?

A moça saiu sorridente.

-Sua conhecida?

-conheço ela a muito tempo, por quê?

-Chamou ela de Gata.

-O nome dela é Catarina, eu apelidei ela de Cat, gata em inglês, mas todo mundo começou a chamar ela de Cat então mudei pra Gata, pra que somente eu chamasse ela assim.

-Gosta dela?

-Claro, é como uma sobrinha.

Aquilo tranquilizou Irene, Catarina voltou trazendo um cardápio velho e tão abarrotado de coisas como o restaurante estava abarrotado de gente, ela leu e perguntou a Marcos o que era as diversas coisas em língua estrangeira que ela não entendia, reconheceu alguns, Foiegras, Sauerkraut e Fishnchips, havia alguns pratos portugueses mas ela pediu Fishnchips que pareceu mais leve.

Ela não contava que a porção era tão grande. Por fim ela se espantou mais ainda por Marcos a ajudar a comer as batatas e o peixe.

-Aqui é um insulto deixar comida no prato.

Depois da refeição Irene se sentiu sonolenta.

-Deixa que eu dirijo, vou levar você para casa.

-Pode dirigir mas preciso ir até uma clínica para fazer alguns exames, prometi ao papai.

Ela deu o endereço a ele que guiou o carro, logo ela dormiu, acordou um pouco assustada.

-Eu dormi muito?

-Só um pouco.

Ela desconfiou e se apoiou na perna dele para poder ver melhor o computador de bordo do carro e ver o relógio e já era quinze horas.

-Eu fiquei parado algum tempo pra você dormir, liguei o carro agora pois seu telefone não parava de chamar.

Ela ia olhar na bolsa mas Marcos a entregou o telefone que voltou a chamar só que sem som ou vibração. Marcos saiu com o carro para terminar o trajeto, era do escritório, seu assistente a chamava.

-Sim Fernando diga, sim, sim, no fim da tarde, estou ocupada com Salander, ele vai quando eu for, meu pai sabe quando irei, estão ansiosos é, que bom, não, uma recepção não, porque o Salander é muito reservado, pode ser um pequeno encontro para os corretores mas breve, sim, sim, será ótimo, as dezenove e trinta, sim.

Ela desligou o telefone e olhou para Marcos e olhou para o celular, ia perguntar como ele mudara o som sem a senha mas pensou que talvez ela mesma tenha feito aquilo antes.

-Teremos que ir a uma recepção para você à noite.

Ela disse séria, Marcos não disse nada, aproveitara o tempo que Irene dormira para ler parte do conteúdo de Salander, o cara era um babaca mas era inteligente e mesmo que algumas coisas estivessem erradas na concepção de Marcos, muito do que ele propunha era evidentemente acertado.

-Marcos?

-Oi, estava pensando.

-Ali tem uma vaga.

Marcos estacionou na vaga que Irene escolheu, desceram e entraram na clínica, foram bem atendidos, ainda mais pelo plano platina de Irene, Marcos aguardou na recepção lendo o material de Salander, novamente reforçando sua ideia que se um grupo de corretores trabalhassem avaliando pequenos lotes de ações e indicando os mais rentáveis e dividindo os lucros em vez de terem que competir por resultados eles teriam na média mais sucesso.

Irene saiu da sala de consultas com alguns papéis. Marcos saltou da cadeira e foi até ela.

-Como foi?

-Tive uma concussão leve mas o galo preocupou o médico, também ficou preocupado pelas marcas das mãos de Salander, dava para perceber que foi uma agressão, eu consegui convencer ele que o agressor já estava longe demais para fazer qualquer coisa, o que é verdade, ele disse para me cuidar com tosses ou febres, pois podem ser pneumonia por causa do quase afogamento.

-Você se afogou e eu tive que trazer você de volta, não foi quase.

-Tá mas foi fácil não foi?

-Como você saberia?

-Eu tenho a mão pesada?

-Você lembrou?

Marcos riu passando a mão no lado esquerdo do rosto e depois no direito.

-Você me socou no queixo e no lado direito depois do pesadelo, lembrou disso também?

Irene se ruborizou pois tinha esquecido disso, os dois deixaram a clínica, Irene dirigiu até uma farmácia onde comprou os medicamentos receitados pelo médico.

Voltaram para o apartamento dela, enquanto Irene foi tomar banho Marcos revistou a cozinha, encontrou alguns ingredientes e preparou um lanche rápido para os dois, ovos, frutas e torradas com queijo, fez um suco de tomates com os que estavam muito maduros para saladas.

Ela saiu do quarto com um roupão de seda justo e curto mas escondia as marcas roxas, tinha os cabelos secos e ainda penteados, Marcos estendeu o prato e o copo por cima do balcão.

-Alergias?

-Não, nenhuma e você?

-Grama.

Irene estava tomando um gole de suco e acabou cuspindo durante uma gargalhada, ela riu ainda mais e quase se engasgou, Marcos pegou um pano para secar o balcão que servia de mesa enquanto ela usava a toalha pra secar o suco do rosto e das mãos.

-Alergia a grama? O quê? Você não pode comer grama?

Ela perguntou divertida.

-Não, eu não posso deitar ou me encostar na grama, da irritação na pele.

-Ah, alergia de pele.

Marcos também estava bem-humorado pelo acontecimento, ele já vira ela ser descuidada ao beber algo mas essa vez foi hilário, ele tentou ficar sério mas acabou rindo antes de beber um gole de suco, ela riu também, logo os dois estavam rindo como dois bobos, demorou algum tempo para que ambos conseguissem comer o lanche sem rir.

-Quando você vai começar a estudar o material do Salander?

Irene perguntou antes de morder a torrada.

-Comecei depois do almoço e li um pouco.

-O que achou?

-Ele geralmente lida com leigos, tem um pouco de conteúdo motivacional, mas técnico mesmo só as fórmulas, isso vai me custar um pouco de esforço, apesar que me parece errado o princípio dele.

-Como assim?

Marcos explicou o mais claro possível o que discordava de Salander, principalmente a competitividade que ele pregava.

-Tubarões se devoram enquanto estão no útero das fêmeas porque são animais pré-históricos e desprovidos de inteligência social. Nós somos seres humanos pelo amor de deus.

Agora que Marcos falara daquela forma, Irene meio que se sentiu mal pois já tinha ouvido e usado esta metáfora dos tubarões com Fernando, seu assistente.

-Qual a solução para a competitividade na corretagem?

Perguntou ela. Marcos explicou durante um bom tempo sua perspectiva e os resultados que tinha na cooperação com outras pessoas nas redes de mensagens. Irene não deu muito crédito para essa prova pois era muito diferente a vida em um escritório para um grupo de mensagens.

Os dois discutiram por um tempo até que Marcos derrotado foi tomar banho, aparou a barba, arrumou-se e usou o perfume que Nilla lhe dera quando foi embora do México, ele gostara muito do cheiro dela e ela disse que era um perfume masculino, ele não acreditou mas ela lhe mostrou o vidro e lhe deu na última noite deles juntos, ela havia ido para Austrália.

-Quem sabe eu vá a Austrália depois disto.

Saiu do quarto e aguardou Irene, ela apareceu deslumbrante, estava usando um vestido preto de mangas longas que cobriam as lesões

nos braços e nas coxas, era todo aberto atrás e o decote descia abaixo dos seios, Marcos sentiu seu coração pular e algo mais, ela usava um perfume adocicado que ele também gostou.

-Eu conheço este perfume.

Ela disse, em seguida cheirou o pescoço de Marcos arrepiando ele todo.

-Sim reconheço.

Ela disse o nome do perfume.

-Era um dos preferidos do meu irmão, que coincidência estranha.

-Posso me lavar e tirar ele se quiser.

-Não, eu gosto, só que é estranho sentir este cheiro depois de tantos anos.

Ele não comentou mas tinha usado ele na tarde de ontem quando saíra com alguns amigos para tocar um pouco e quase se dera bem com uma portuguesa que dançava enquanto tocavam, isso foi antes de voltar ao Bilhete para poder acessar a rede WiFi e acabar a salvando, ela somente não percebera.

-*-

Chegaram a recepção passado das quinze para as oito, Marcos sabia que estavam atrasados mas Irene fez questão disso, apesar dos portugueses serem pontuais ela disse que um estrangeiro raramente respeitava essa qualidade, mesmo os ingleses acabavam por se atrasar apesar do que se dizia.

Todos receberam Marcos com sobriedade e uns poucos tiveram uma manifestação de entusiasmo, a conversa girou em torno das ações mais extravagantes do mercado, coisa que Marcos também sabia, ele adicionou uma ou duas na conversa pois haviam passadas desapercebidas nos últimos semestres.

Augusto Franco entrou por uma porta diferente a que Irene entrou com Marcos, a moça apressou-se e foi na direção do pai, ela lhe disse algumas palavras e o velho assentiu.

-Bem vindo a Franco Investimentos.

O inglês do português idoso não era perfeito mas era aceitável, Marcos respondeu a saudação e estabeleceu um diálogo com seu inglês fluido e coloquial. Todos na sala entendiam o brasileiro perfeitamente em inglês, apesar de alguns serem quase incompreensíveis ao responder.

Irene esteve tensa por um tempo mas logo se soltou, algumas secretárias e a única corretora foram se aproximando cada vez mais de Marcos que as vezes era brincalhão e fugia um pouco de seu papel de asiático sério.

Uma das secretárias mais ousadas se pôs do lado de Marcos e ficou cotovelo a cotovelo com ele até que passou a tocá-lo no braço sempre que ele falava algo engraçado, Irene ficava vermelha de raiva e perdia a atenção do que estava conversando com as pessoas ao seu redor. Finalmente ela olhou no smartfone, era mais de vinte e uma horas, todos estavam ainda animados com a presença de Marcos. Marcelo, um

dos corretores mais bem-sucedidos fez uma preocupante observação que fez Irene gelar.

-Não me recordo do senhor ser tão animado senhor Salander, estive em uma palestra sua no Reino Unido e estava mais sério e soturno.

Antes que Irene se recuperasse e tentasse algo Marcos soltou uma bomba no salão.

-Senhor Marcelo, estava chovendo, não é? E eu tinha terminado de fazer uma palestra de duas horas?

-Sim senhor, isto mesmo.

Marcelo continuou olhando para Marcos esperando pelo resto da explicação que não veio, incomodado Marcelo perguntou.

-Sim, mas o quê...

Então alguns entenderam e riram, por fim Marcelo entendeu a piada e logo os demais entenderam e riram também, Irene não compreendeu o que ocorria e porque todos riam, Augusto tocou o braço da filha e disse baixinho.

-Espirituoso o senhor Salander, Marcelo quis aparecer diante dos demais por já ter ido a uma palestra e acabou sendo alvo de piada.

-Sim mas não compreendi a graça.

-Minha filha, você está sob efeito de algum medicamento forte? Quem ficaria feliz chegando para falar duas horas com luzes fortes no rosto em um dia chuvoso e logo em seguida partir novamente na chuva?

-Hã.

Fez ela sem perceber que era uma das gírias de Marcos. O pai a olhou em dúvida até que ela completou.

-Pois sim, entendi.

Logo ela se aproximou de Marcos e pôs fim a festa, alegando que na sexta a noite todos teriam mais um tempo com Salander depois da palestra e o mesmo se daria no sábado e no domingo.

-No domingo não, já fiz os preparativos para que no domingo estejamos livres para poder fazer um passeio de iate, levarei apenas alguns dos mais seletos corretores conosco para poder mostrar a baía do Tejo para o senhor Salander, espero que Irene não tenha ficado com medo do barco.

Irene fez gesto de pouco-caso e sorriu, Marcos/Salander acrescentou um comentário.

-Obrigado senhor Augusto me agradaria muito um passeio no seu iate.

-Sei que tem um também assim poderemos discutir qual dos dois é melhor.

Disse o velho sabendo que o iate de Salander era muito maior que o seu. Foi a primeira vez que Marcos ficou encabulado pois não sabia que Salander tinha seu próprio iate. Devia ter pensado nisso, os detalhes pessoais eram pequenas armadilhas.

Enquanto se despedia a secretária lhe beijou a bochecha muito perto da boca, pôs algo em seu bolso, limpou em seguida a mancha de batom do rosto dele e saiu, apenas a corretora foi tão atirada quanto a secretária dando seu cartão de visita as claras e com seu número de

telefone pessoal no verso.

Irene estava visivelmente incomodada com aquilo, algumas das pessoas da recepção chegaram a comentar, na volta para o apartamento Marcos se manteve silencioso e Irene não pôde conter sua raiva.

-Se precisar do carro esta noite pode pegá-lo.

-Hã, o carro? Pra que?

Ouvir Marcos falando no seu sotaque brasileiro mudou quase totalmente o ânimo de Irene, já se sentia arrependida de ter ficado brava.

-Natália lhe deu o cartão e Vera lhe deu um beijo escandalosamente interessado na bochecha.

Marcos não demonstrou nenhuma emoção sobre o comentário de Irene, isso não era muito normal para ele, por fim Irene disse.

-Desculpe, exagerei?

-Não, até que seria legal se elas tivessem dado bola pra mim, o problema é que elas estavam interessadas no babaca do Salander.

Irene teve que concordar, não tinha se tocado que o interesse de todos ali era pelo canalha do Salander, apesar do bom humor de Marcos e sua simpatia as atenções eram para aquele ser desprezível que Marcos estava fingindo ser.

-Por isso exagerei algumas vezes para que caso alguém encontre aquele imbecil algum dia, possam ver o bundão que ele é.

Irene sentiu seu coração saltar, Marcos era diferente de todos que ela conhecia, era despreocupado, despretensioso e desinteressado, era muito “des” numa única pessoa. Chegaram no apartamento e ele sentou no sofá jogando-se como fizera antes, ela notou que ele estava chateado, desde que saíram da recepção ela identificou vários marcadores, não respondia, ficava sério olhando para fora do carro, jogava-se no sofá, por fim viu aquele bufo.

-Vou tirar esta droga de roupa, odeio roupa social.

Foi pro quarto tirando o terno, ela ligou para um restaurante chinês perto de seu apartamento e encomendou comida, pediu duas porções a mais porque percebera que o brasileiro comia muito, para um homem magro. Marcos voltou usando bermuda e camiseta. Desta vez estava de chinelos e não com os mocassins beges.

Ela estava sentada no sofá esperando ele, Marcos via a beleza dela e ela parecia provocar mais ainda ao olhar fixo nos olhos dele que desviava o olhar, sentou na cadeira do balcão.

-Você está com fome?

Perguntou para Irene.

-Eu pedi comida chinesa.

-Que bom, estou faminto, aqueles salgadinhos da recepção não foram muito nutritivos.

-Apesar de você ter comido muitos.

-Comi mais por brincadeira.

Irene riu.

-Alguém pode comer por brincadeira?

Ela se levantou e foi para o quarto, quando voltou estava de pijama, mas era um conjunto mais justo que deixava as curvas do corpo

dela mais visíveis. Marcos lembrou dos seios dela apertados a ele naquele abraço sufocante e teve que olhar para a estante de livros.

Ela não retirara a maquiagem que apesar de suave deixava Irene muito mais linda e aquele cabelo longo, preto e ondulado dava um aspecto felino pra ela, uma das razões para Marcos pensar nela como uma leoa ou pantera.

Ela ficou parada ao lado do sofá sem dizer nada por um tempo, até que o interfone tocou anunciando o entregador, ela esperou que o guarda tocasse a campainha e recebeu os pacotes. Não levou para o balcão da cozinha mas sim para a mesinha na sala.

Sentou no sofá, enquanto abria os pacotes, Marcos sentou ao lado dela, o outro sofá era mais longe da mesinha e por isso o único jeito de pegar a comida era sentar ali, os dois comeram sem muitas conversas, exceto por impressões que Marcos tivera dos funcionários da Franco Investimentos.

Depois de comerem, Marcos ajudou a descartar o lixo, deu boa noite a Irene e foi para o quarto, ela ficou no corredor, sentiu um desejo quase irresistível de ir atrás dele, mas conteve-se, retirou a maquiagem e teve que tomar um banho frio para poder conseguir se acalmar, o cheiro de Marcos a lembrava de várias situações que vivera na infância e começo da adolescência, depois da morte do irmão o pai passara a dar-lhe mais atenção e ela se aproveitou disso, viajara muito junto do pai.

Sua mãe era ausente demais para que Irene a considerasse, havia se separado do pai quando Irene era pequena e deixara a filha para trás, Irene desconfiara que foi por causa da doença de seu irmão, ambos os pais já eram mais velhos e tiveram Irene para tentar salvar a vida de Augustus, um outro filho podia trazer o gene saudável para fazer um transplante de medula, as células-tronco de Irene deram nova esperança para o moço mas não foram suficientes.

Augustus era uma pessoa doce e um pouco triste apesar de se esforçar para brincar com Irene, até pegava ela no colo, mesmo com suas limitações, ela se agarrava ao pescoço perfumado dele, infelizmente algum tempo depois dela completar dez anos Augustus morreu, o pai se isolou no começo mas viu que Irene era seu legado, seu futuro e deu total atenção a menina, ela começou a se tornar mimada mas depois de uma de suas besteiras o pai lhe disse algo que a mudou completamente.

-Augustus estaria triste por você desperdiçar uma vida saudável que lhe foi negada.

Irene se trancara no quarto e chorara muito até que decidira melhorar sua vida e garantir que Augustus se orgulharia dela, dormiu lembrando do irmão e notou que alguns traços da personalidade de Marcos lembravam seu querido irmão.

-*-

No dia seguinte levantou a contragosto, estava com as coxas doridas e as manchas passaram do roxo para o preto e amarelado, arrumou-se e saiu do quarto, o apartamento estava silencioso, foi até o

quarto de Marcos para ver se ele não tinha ido embora, mas o homem estava deitado, ela foi a cozinha e fez café, torradas com geléia e ovos quentes.

Esperou um pouco mas Marcos não levantou, devia estar com preguiça, comeu e esperou quase uma hora e nada, foi novamente ao quarto dele e ele ainda estava na cama, bateu à porta mas Marcos não se mexeu, ela ficou preocupada, ele sempre pulava a qualquer barulho, pensou que podia ser uma brincadeira então deu a volta e viu que ele estava suando e respirando com dificuldade, tocou o rosto dele que estava quente.

-Bom dia.

Disse ele um pouco rouco.

-Acho que dormi demais.

Tentou levantar mas ela não deixou, correu até a sua bolsa e pegou os remédios para pneumonia que o médico receitara por precaução, no fim quem precisou deles foi Marcos, depois de algumas horas ele já estava melhor, não estava recuperado mas estava de pé e já havia comido o café da manhã, ela encomendara uma porção de coisas diferentes da padaria e até fora de carro numa quitanda comprar umas coisas para preparar em casa.

Ela ficou tão nervosa quando o viu daquele jeito que teve uma crise de choro parecido ao que teve na noite anterior. Marcos teve que consolar ela até que ela se acalmasse. Ele esteve sentado no sofá a manhã inteira enquanto ela ficava andando de um lado para o outro preocupada, preparando coisas e oferecendo frutas e doces.

Ela só parou quando ele a chamou e a fez sentar do lado dele enquanto ele lia o material de Salander. Fez vários apontamentos no celular através de gravações enquanto estudava, as vezes ouvia seus próprios apontamentos e questionava os resultados, perto do meio dia o telefone de Irene tocou.

-Alô, sim.

Colocando a mão no bocal do telefone disse a Marcos.

-É o alfaiate, sim podemos ir aí a tarde, que ótimo, provavelmente precisaremos de alguns novos para semana que vem, sim hoje veremos as cores e os tecidos.

Desligou o telefone e olhou para Marcos que tinha um ar de desgosto.

-Sim, mais ternos e outras roupas sociais.

-Eu nem trabalhava de paletó no banco, ia apenas de camisa e gravata.

-Bem, aqui em Portugal...

-Sim, eu sei, vocês sempre dão importância a aparência, muitas vezes já recebi desprezo de vocês por usar bermuda de praia por aí.

Irene riu, Marcos era muito engraçado, chegava a ser desligado e desleixado com o que os outros pensariam dele. Depois ele comeu o almoço preparado por ela, arroz com bifes grelhados e salada, coisa que surpreendeu muito Marcos, afinal ela não era realmente uma riquinha mimada.

E não foi arroz pré-cozido ou bifes congelados, foram preparados tradicionalmente e com boa quantidade de tempero. A tarde, foram ao alfaiate que notou imediatamente que apesar de ainda estar brincalhão, Marcos estava doente. Trocou confidências com Irene sobre Marcos enquanto ele se trocava, Irene simpatizou finalmente com o alfaiate que se chamava Carlos, a preocupação do homem era bem recebida por Irene.

-Esse brasileiro xucro sabe que a senhorita está apaixonada por ele?

Aquilo pegou Irene completamente despreparada.

-Eu não...

-Por favor, eu conheço o olhar das damas para seus homens e em especial se eu sou mais atiradinho.

-Tenho quase certeza que ele sabe que eu me apaixonei por ele e penso que ele sente o mesmo.

-Por que vocês não ficam juntos então?

-Porque eu fiz uma proposta de trabalho pra ele, foi só uma besteira, que provavelmente pra ele teve o mesmo efeito que uma traição.

Marcos saiu do provador com o seu sorriso genuíno, não estava vestindo um terno mas sim, um blazer leve e aberto sobre uma camiseta de licra, estava tão alegre que nem parecia mais doente. Os olhos de Irene brilharam ao vê-lo, tanto por ter ficado muito charmoso quanto por estar feliz em usar aquelas roupas, ela ia parabenizar Carlos mas este estava vermelho de raiva.

-Por que está sem meias?

-Não coloquei porque era só uma prova de roupa.

-Não acredito, vá pôr as meias e depois volte.

Marcos obedeceu um pouco envergonhado. O alfaiate virou-se para Irene e ambos riram cúmplices, Carlos ajudou a suavizar o visual rígido das roupas de Salander com soluções praticas e simples, uma mudança da camisa aqui, um ajuste na calça ali, logo havia oito mudas de roupas prontas, uma para cada um dos dias até o fim da semana que vem, havia ainda uma roupa esporte com bermuda social e camisa polo para ir ao iate no domingo. Infelizmente não haveria porque voltarem a alfaiataria.

-Estou triste por vocês não terem mais nada para eu fazer.

Disse Carlos para o casal.

-Se eu estiver por Lisboa passarei por aqui para um café.

Disse Marcos.

Isso entristeceu Irene. Carlos notou e decidiu intervir.

-Não diga isso, quero fazer seu terno de casamento.

-Só se for meu padrinho e talvez madrinha.

-Ai, seu bobo.

Carlos perdeu a compostura e riu muito além do que teria feito normalmente.

-Promessa é dívida.

Disse Carlos sem sotaque português.

-Nós brasileiros não dizemos isso sempre.

Marcos olhou espantado para Carlos, não percebera no alfaiate um brasileiro e nordestino.

-Ora pois, com certeza patrício.

Disse Marcos em um perfeito português lusitano. Irene não entendia estes brasileiros, eles podiam mudar de sotaque a vontade entre os idiomas que falavam a ponto de fazerem partidas entre si. Saíram da alfaiataria para o apartamento, logo seria a palestra de Marcos/Salander, ele ainda estava se recuperando da febre, não estava mais rouco por causa do xarope mas ainda estava cansado para falar.

Leu o restante do tempo até a hora de se arrumar, depois de vestido, encontrou-se com uma Irene impecavelmente vestida e muito bela, notou que ela usava menos maquiagem e isso deu uma doçura a sua aparência.

-Está muito bonita.

Não conseguiu evitar dizer.

-Ontem não estava?

-Você estava linda, como estava linda de roupão, como está linda agora, como estava linda molhada e sempre estará linda.

Ela avermelhou um pouco porque ele a achava bonita não pelo que ela vestia mas sim pelo que ela era. Saíram para a palestra que seria realizada em um salão de eventos, havia cerca de cinquenta pessoas. Ao conduzir Marcos até os fundos do palco, ocorreu a Irene que ele poderia paralisar diante de uma plateia.

-Marcos, tudo bem com uma plateia?

-Já disse que vendia picolé nas praias de BC.

-O que é picolé e o que é BC?

-Picolé é gelado de gelo ou leite e BC é Balneário Camboriú.

-Hã, então você é de Balneário Camboriú?

-Não, eu sou de Camboriú.

-Hã? Como assim?

-Camboriú é uma cidade e do lado tem Balneário Camboriú, é coisa de brasileiro.

Chegaram ao palco e ele aguardou até o início do evento, houve a apresentação do Salander e ele foi chamado. Subiu e entrou caminhando sério, Irene apressou-se para dar a volta até a plateia, a palestra foi um pouco mais curta do que deveria ser, mas pareceu mais completa e quase sem conteúdos motivacionais, especialmente a parte dos animais foram completamente deixadas de lado.

Irene percebeu também que Marcos incluiu algumas de suas ideias na distribuição de tarefas e comissões por meio de um fundo comum de lucros, isso pareceu um pouco inovador demais para os mais bem-sucedidos mas conquistou aplausos da maioria.

Quase no fim ele falou sobre ética e respeito aos colegas e principalmente as mulheres que geralmente sofriam discriminação em silêncio nesse ramo. Quando terminou houve muitos aplausos mesmo daqueles que eram sexistas e molestavam as mulheres pois faziam questão de demonstrar que apoiavam, mesmo que falsamente, estas

ideias de respeito e igualdade.

Irene não gostou muito dos resultados e mesmo das mudanças, mas entendeu o que Marcos fizera, apesar de não ser um fracasso que mancharia a reputação de Salander essa mudança no discurso forçaria o próprio Salander a mudar suas palestras futuras, pelo menos na Europa, pois haviam representantes de diversas firmas de corretagem da Europa ali.

Durante a recepção Marcos foi muito assediado e Irene teve que escalar um grupo de corretores da Franco para ajudar a filtrar quem podia falar com o palestrante, Ricardo Marques foi um dos que conseguiram passar.

-Senhor Salander, em quanto poderia aumentar a lucratividade naquela sua proposta de fundo de lucro comum?

-Não creio que haveria um aumento significativo no lucro, porém haveria uma constância nos lucros criando carteiras de investimentos respeitáveis em todas as modalidades de investimentos, não haveriam corretores estrelas com lucros astronômicos, mas com um grupo de corretores médios e mais confiáveis poderiam gerar mais lucro em todas as carteiras.

Ricardo ficou intrigado com a proposta, carteiras mais lucrativas e estáveis não era o que o mercado queria, mas era o que os clientes queriam, falaria mais com aquele homem, mesmo não sabendo quem ele era, porque com certeza, não era Suhynd Salander.

A recepção terminou um sucesso absoluto, muitos dos contrários as propostas de Marcos foram embora, mas os que o apoiaram eram muitos mais e permaneceram até o final tentando falar com ele, infelizmente Irene não permitiu que ele ficasse para atender todos, mas ele ordenou distribuir um cartão de visita com um contato eletrônico e prometeu responder todos os e-mails recebidos.

Augusto Franco foi um dos últimos a falar com Marcos.

-Não sabia que tinha ideias tão inovadoras, o objetivo principal era o workshop e o senhor foi bem claro sobre as metas e os processos, só não esperava alternativas.

-Desculpe senhor Augusto, muito raramente acabo cedendo a tentação de inovar um pouco.

O velho riu da piada de Marcos, que apesar de falar de modo divertido estava carregado de sarcasmo. Irene se sentiu embaraçada mas como seu pai levou na esportividade o sarcasmo de Marcos ela ficou tranquila.

Irene notou que Ricardo Marques não saíra de perto de Marcos até o fim da recepção, isso não a agradou, sabia que o corretor tinha mais o que fazer do que ficar ouvindo a conversa de um novato como Salander, podia vir a palestra, bater palmas, mas não ficaria até o fim de uma recepção para ver o que aconteceria.

-*-

Ela conseguiu levar Marcos dali e foram para o carro, Marcos

estava feliz, diferente do que havia acontecido na Franco, o brasileiro cantarolava baixinho músicas de seu país.

-Você gosta de cantar?

-Não muito, mas quando se está no mar, é normal cantar e tocar um instrumento para passar o tempo, além de que, tocamos músicas com outros velejadores quando nos encontramos.

-Você toca?

-Sim, violão, cahon e gaita de boca.

-Porque não trouxe seu violão ou sua gaita?

-Estou sem por enquanto, tive que vender pra arrumar o meu notebook e acabei não comprando novamente. O cahon é mais para acompanhar os outros então quem tem violão fica feliz de ter um batuque acompanhando.

-Você parece feliz.

-Sim, as pessoas vieram falar comigo pela minha ideia e não pela ideia do Salander, era como se o Salander quase não existisse e quem tivesse se apresentado fosse o Marcos.

Ele continuou cantarolando até o apartamento. Marcos foi direto para o quarto e colocou suas roupas de praia de sempre. Irene aproveitou o tempo para procurar algumas músicas brasileiras na internet, encontrou uma coletânea de MPB instrumental, ela ligou seu aparelho de som ao celular e pôs pra tocar assim que Marcos saiu do quarto.

A coletânea começou com Garota de Ipanema e Marcos parou, seu rosto alegre se entristeceu, voltou a se alegrar mas não fora rápido o bastante para que Irene não percebesse, ela diminuiu o som da música.

-Por que abaixou?

-O que houve?

-O que?

-Você ficou triste com essa música.

-Não foi nada, coisas do passado.

-Eu quero saber.

Ela olhava séria para ele.

-Eu fui noivo de uma carioca chamada Regina.

-Carioca?

-Sim, quem nasce no Rio de Janeiro, onde fica a praia de Ipanema, ela viera pro sul pra estudar na mesma faculdade que eu, a gente se gostou, namorou e noivou, eu acabei desistindo da faculdade para trabalhar pra gente casar, ela continuou estudando, conheceu outro cara, terminou comigo e ficou com ele, agora eles estão casados em algum lugar do Brasil ou do mundo, não sei, mas isso faz muitos anos.

-Como você acabou morando num barco?

-Um ano depois fui chamado em um banco que eu tinha feito concurso e passei a morar em outra cidade, era longe de Camboriú mas ganhava um salário legal, só que não era divertido, dois anos depois ganhei um prêmio na loteria e comprei o Bilhete Premiado direto na fábrica.

-Mas você vive do que?

Vendi o apartamento que eu tinha comprado, o carro, e coloquei o

dinheiro em uma poupança e estou por aí até hoje, evito usar o dinheiro da poupança me virando apenas com o juros e tentando aumentar meu capital, as vezes acabo em lugares que não tem acesso ao dinheiro ou ao banco e tenho que me virar, por fim estou cada vez mais tranquilo e com a ajuda dos cem mil Euros eu poderia parar de me preocupar com dinheiro pelo resto da vida, se eu tivesse casado com a Regina a gente teria filhos e estaria vivendo uma vida monótona de morador de subúrbio, assim eu já viajei por lugares que muitos só sonham em ir.

Marcos falava com paixão de sua vida viajante, Irene o invejou por ser uma alma livre, isso era demais para uma moça que vivera sempre no luxo, ela podia abandonar tudo e ir viajar pelo mundo como Marcos, mesmo que ficasse em hotéis e comesse em restaurantes, seu pai tinha bastante dinheiro, só que ela tinha responsabilidades, ela bufou como ele costumava fazer.

-Pra você é mais fácil, não tem deveres com a família.

-Tenho sim, meus pais estão vivos em Balneário Camboriú e meus irmãos estão no mesmo estado mas em outras cidades, tenho vários sobrinhos e visito eles sempre que passo pelo Brasil, ajudo eles sempre que posso.

Irene ficou surpresa, não conseguia ver Marcos com irmãos.

-Quantos irmãos?

-Três homens e duas mulheres, sou o terceiro e as duas mulheres são gêmeas e são as caçulas.

Marcos tinha dois irmãos mais velhos e três mais novos, que incrível. Ele se aproximou dela e girou no botão que aumentou o som, estava tocando Codinome Beija-Flor de Cazuza, ele cantarolou junto com a melodia, pegou o celular da mão dela e pôs em cima do aparelho, segurou a mão dela com uma das mãos e passou a outra mão pela cintura dela.

Cantarolando no ouvido dela baixinho dançaram ouvindo música após música, até que ela não resistiu e o beijou com delicadeza, depois com paixão e por fim com puro tesão animal, ela o empurrou para o sofá e subiu no colo dele, nem deu chance para ele pegar uma camisinha e fizeram amor ali, e depois foram para o quarto onde o dia amanheceu com eles cansados mas ainda acordados.

Ele estava olhando para ela com ternura e ela olhando para ele da mesma forma, de repente ele levantou a cabeça e abriu bem os olhos, ela disse antes dele.

-Você está com fome.

-Hã? Como adivinhou?

Ela aninhou a cabeça no peito dele e disse com preguiça e sono.

-Você é um péssimo jogador de pôquer.

Marcos não entendeu e vendo que Irene dormira acabou por dormir também, acordaram passado de meio dia, ela acordou primeiro, pegou o telefone para ver a hora mas havia uma montanha de mensagens do escritório, de contatos que ela nem lembrava que tinha, até de algumas revistas e jornais. A palestra tinha causado um efeito muito além do esperado.

Ela olhou para o homem ao lado dela que era o motivo de todo aquele alvoroço, sabia que não era só por ele, mas também por Salander, mas era pela apresentação dele se passando por Salander, isso tinha que ser mantido protegido, ela foi ao banheiro e leu algumas mensagens sentada na privada, depois tomou banho e voltou para a cama.

Ele ainda dormia e roncava baixinho, era um fofo dormindo, Irene deitou-se ao lado dele mas ele despertou do seu jeito abrupto e assustando ela também, ele virou a cabeça e olhou para ela.

-Estou faminto.

Disse fechando os olhos novamente e voltando a roncar baixinho. Irene balançou a cabeça e continuou lendo as mensagens, Fernando disse que não conseguia dar conta das solicitações para participações como ouvintes da palestra interna da Franco Investimentos, tinha gente que oferecia dinheiro pra poder participar, e muitos haviam estado na palestra da noite anterior.

Por fim Marcos acordou finalmente, ele olhou para ela totalmente desperto.

-Agora estou com muita fome e posso comer um boi inteiro.

-Vá tomar um banho enquanto eu preparo um café e peço alguma coisa da padaria.

Ele saiu nu da cama e foi até o banheiro dela, fechou a porta e ligou o chuveiro. Irene vestiu-se e foi até a cozinha, preparou o café, havia alguns doces de ontem na geladeira, Marcos veio de camiseta, bermuda e chinelo como sempre, ele nem perguntou nada, pegou todos os doces, salgados e frutas da geladeira e pôs em cima do balcão, sentou-se e começou a comer de todos.

-Os doces e salgados são de ontem.

Disse Irene que pensara em jogar eles fora assim que abriu a geladeira.

-Eu também sou de ontem.

Disse o homem e continuou a comer, por fim Irene pegou um dos que ela gostava e experimentou, estava gelado e um pouco duro mas o sabor era o mesmo, acabaram comendo juntos até que chegou a encomenda dela, que foi incluída na refeição.

-Acho que comi demais.

Disse Irene.

-Tome uma xícara de café puro bem quente, é só porque você comeu muitos doces frios.

Ela fez o que ele disse e deu certo, a dor passou mas ela não conseguiu conter um arroto que a pegou de surpresa, Marcos riu da cara que ela fez, voltaram para a cama onde ficaram até o final da tarde.

-Marcos, a palestra da Franco terá que ser remanejada para um salão maior que o de ontem, teremos muitos expectadores apesar que a palestra seria exclusiva, você consegue variar o conteúdo sem revelar nada secreto do projeto do workshop, por causa da mudança, você também não participará da recepção depois do evento para evitar problemas.

-Entendo, vamos em frente.

Irene notou uma certa decepção nele, arrumaram-se e foram para o novo local da palestra, estava lotado mesmo com pessoas para o lado de fora. Marcos não falou muito com Irene antes da palestra, ele tinha consigo uma brochura que havia impresso na recepção do hotel onde a apresentação ia ser feita.

A palestra foi uma aula didática sobre técnicas de análise de riscos e classificação de potenciais ações para compor carteiras ou portfólios de investidores, Irene teve que prestar muita atenção para não se perder pois a aula foi mais difícil que as aulas da faculdade dela, era muito conteúdo prático junto com o conteúdo teórico e ninguém estava preparado para aprender tanto.

Quando terminou faltando apenas cinco minutos para o fim do tempo concedido as pessoas demoraram a perceber que terminara e elas deveriam aplaudir, os mais capacitados aplaudiram de pé, afinal entenderam perfeitamente o que Marcos propusera, os mais velhos não estavam muito entusiasmados porque lucros rápidos eram mais importantes que lucros estáveis.

Augusto estava ainda no grupo dos lucros rápidos mas entendeu perfeitamente que lucros estáveis tinham sua importância para poder manter a riqueza a salvo nas crises, ele e alguns outros haviam passado pela crise do petróleo na década de 70 e não esqueceram dos suicídios diários nos corredores da bolsa de Lisboa.

Augusto olhou ao redor e seu olhar encontrou o de Ricardo Marques, haviam sido rivais por muitos anos até que Ricardo conseguiu vantagens ilícitas nas opções de ações, ele oferecera o mesmo a Augusto que recusou, alguém do esquema, no entanto, entregou Ricardo e ele acabou preso por seis meses e perdeu todos os direitos na bolsa, sendo expulso de qualquer bolsa do mundo, claro que Ricardo contornou a situação para voltar ao jogo mas sofria muitas sanções e era constantemente prejudicado.

Ao se olharem os dois leram a mente um do outro, Ricardo leu que Augusto não ia implantar aquele projeto no workshop e Augusto leu que Ricardo roubaria aquele rapaz dele se ele permitisse. Franco ficou num impasse, estava inclinado a rejeitar a proposta que assistira hoje em favor do que Salander havia oferecido antes, mas também não queria perder este rapaz para um concorrente capenga que poderia ter sucesso com o projeto.

Irene sabiamente levou o rapaz embora deixando o alvoroço para trás, muitos anotavam loucamente enquanto muitos outros ouviam suas gravações ou reviam seus vídeos para certificar-se de terem tudo registrado, era óbvio que não revelara o mais importante, seus métodos de avaliação e equações para alcançar os resultados, alguns ali até poderiam criar equações aproveitáveis e aplicáveis, mas não seriam nem próximas dos resultados da palestra.

Irene levou Marcos pelos fundos do hotel e entrou com ele num táxi, deu o endereço para o motorista e só então respirou com tranquilidade.

-Minha Nossa Senhora de Fátima, Marcos o que foi aquilo, você

disse que não tinha terminado a faculdade? De onde tirou aquele estudo?

-Eu não disse que eu parei de estudar depois que parei da faculdade. Era para ser o meu trabalho de conclusão de curso.

-Mas aquilo é muito aprofundado, mesmo para Salander, você disse que não gostava de trabalhar no banco.

-Só não gosto do sistema financeiro do jeito que é.

-Mas você é estupendo, por que não disse?

-Eu disse que quando se viaja de veleiro se tem muito tempo livre, e que todo meu dinheiro está investido.

-Você disse poupança.

-Sim, no Brasil poupança pode ser qualquer coisa em que se guarde dinheiro, desde uma caderneta de poupança ou investimentos como metais, joias, commodities, ações etc.

-Quanto dinheiro você tem?

-Atualmente tenho uns trezentos Euros em espécie.

Irene fechou a cara.

-Você está me enrolando, digo investido e quanto você recebe de debentures?

-Não sei sem consultar meu programa, mas recebo uns mil e quinhentos Euros mensais por metade dos meus investimentos.

Irene ficou decepcionada. Marcos continuou.

-Não é muito aqui na Europa mas no Brasil onde eu comecei meus investimentos é seis vezes mais, o que é mais confortável pra viver, e na Indonésia onde eu quero me aposentar é 16 vezes mais o que me tornará um homem razoavelmente rico e meus filhos terão uma vida tranquila.

Irene pensara em Marcos como despreocupado, desinteressado e despretensioso, Marcos era o contrário só que não tinha ambição por poder, tinha ambição por felicidade e tranquilidade, tinha preocupação mas não com o futuro imediato, mas sim com um futuro constante e próspero e era pretensioso apenas por suas realizações concretas. Descobriu que estava amando aquele homem mesmo que não o entendesse. O que ela faria quando tudo terminasse e o que ele faria?

O táxi parou na frente do restaurante onde jantariam, entraram e foram direto para a mesa da reserva, conversaram mais sobre os cálculos de Marcos, foi através de análise de probabilidade que ele ganhara o prêmio da loteria, ele não quis tentar novamente porque ficara muito obcecado pelo jogo até que ganhara, e decidira nunca mais jogar em nenhuma loteria novamente.

De volta ao apartamento foram direto para o quarto, dessa vez fizeram amor lentamente estudando o corpo um do outro e se aproveitando o máximo possível, dormiram enroscados em um abraço e acordaram no meio da manhã, estavam um pouco doridos por terem dormido em uma posição incômoda mas assim que abriram os olhos, sentiram o prazer da companhia um do outro, recomeçando de onde pararam até que se fartaram novamente.

Irene pensou que se fosse assim todas as noites, ela não conseguiria ir trabalhar pela manhã, teria que mudar para a bolsa americana ou outra, perderia todos os dias a abertura da bolsa

portuguesa. Coisa que não acontecia desde que ela terminara a faculdade.

Lembrou com tristeza que aquilo que tinha com Marcos iria acabar logo, hoje era domingo e só teria mais seis ou sete noites com ele se decidisse partir, mas teria que levantar cedo de segunda a sexta.

-Você vai ficar bem indo no iate?

A pergunta interrompeu os pensamentos de Irene.

-Vou, não tenho más recordações do barco, era só aquele cretino, mas agora, ele é apenas um personagem de filme ruim que vai sendo esquecido.

-*-

Os dois arrumaram-se e saíram para a mansão de Augusto, lá foram recebidos pelo dono da casa.

-Bem-vindo.

Disse Augusto em inglês o que indicou que haviam estranhos em casa, ao conduzir Marcos e Irene até a sala, estava Ricardo Marques e outros três amigos de Augusto, todos bebendo e fumando, Marcos cumprimentou todos recordando os nomes, Irene também cumprimentou todos.

-Acho que o passeio será cancelado.

Disse Irene para o pai.

-Nada disso, depois do almoço porei estes cães para fora e fecharei a casa para irmos até o clube.

Os homens de negócios estavam interrogando Marcos/Salander sobre suas fontes e cálculos e ele despistava de modo pouco convincente todas as investidas. Irene balançou a cabeça, Marcos era um péssimo jogador de póquer, só conseguia esconder o que não se tinha qualquer conhecimento sobre ele.

Irene teve um estalo, Marcos trabalhou em um banco, ele não disse em que banco e nem em que função, ele também conseguiu fazer uma equação para aumentar suas probabilidades de sucesso na loteria, que loteria e qual o prêmio que ele ganhou? O homem tinha muitos segredos ainda para ela descobrir.

Ricardo era o que falava menos e quando falava fazia perguntas pessoais que Marcos respondia com naturalidade apesar de não ter certeza em uma ocasião ou duas. Augusto pôs fim ao interrogatório mudando de assunto para náutica, o semblante de Marcos mudou da mesma forma, conversaram sobre diversos iates, motores, etc.

Irene ficava aparte da conversa até que Ricardo se aproximou sem que ela percebesse.

-Eu quero ele.

Irene olhou o homem mais velho. Era uma figura muito conhecida nesta casa e sempre falara de negócios.

-Não entendi.

-Não sei onde o achou mas eu quero ele trabalhando pra mim.

Irene empalideceu, o que Ricardo queria dizer com esta afirmação,

ela decidiu sondá-lo com cautela.

-Em Delhi, ele tem um escr...

-Suhynd Salander está em San Martin de férias.

Irene ficou dura, logo relaxou e acalmou-se.

-O que quer senhor Ricardo?

-Eu quero ele.

Disse o homem apontando diretamente para Marcos.

-Só isso?

-Sim, este jovem pode se tornar o maior investidor do mundo se for bem orientado, tem um pouco de ambição, tem coragem, é inteligente e o pior, sabe disso, poderia construir um império.

-Se eu recusar irá denunciá-lo?

-De jeito nenhum, ele não fez nada de errado e mesmo eu gostando de Salander, ele é um cretino e ver esse jovem criando dificuldades para aquele escroto tem sido muito divertido, além disso, prefiro ser amigo dele, afinal qual o nome dele?

-Não é importante, pode chamá-lo de Salander.

-Você o ama? Que surpresa, pensei que era apenas um acordo comercial.

-Isto não é da conta de ninguém.

-Será da conta de todo mundo quando seu pai descobrir tudo, porque eu sei que o velho não ia entrar numa fraude deste tipo.

Irene olhou ofendida para Ricardo.

-Não me olhe assim, eu mesmo já tentei levar o velho para o meu último esquema que falhou.

Irene e Ricardo continuaram conversando sobre Marcos até a hora do almoço, todos comeram com alegria e Irene se preocupou de Marcos comer demais e chamar a atenção mas ela se preocupou em vão, ele deixou várias vezes comida nos pratos e só limpou o prato da sobremesa coisa que todos fizeram. Irene levou Marcos para o terraço nos fundos da propriedade debaixo de um arvoredo, deu para ele uma cesta de frutas.

-É um carvalho bem antigo.

Disse Marcos olhando para a árvore e mordendo uma maçã, Irene nunca tinha se preocupado em conhecer que espécie de árvore era aquela.

-Vou ver se meu pai já se despediu dos convidados.

Saiu deixando ele comendo as frutas.

-Que bom que o encontrei sozinho.

Marcos teve um de seus sobressaltos ao chamado de Ricardo.

-Senhor Ricardo, pensei que já tinha partido.

-Tive que dar a volta para poder achar você sozinho, gostaria de trabalhar para mim?

-O senhor diz, uma associação entre a Salander Incorporated e a sua empresa?

-Não, me refiro a você parar de representar o papel de Salander e vir trabalhar pra mim, vamos tentar o seu projeto de distribuição dos lucros.

-Não entendo o que quer dizer.

-Sei que você não é Salander desde o princípio, estive muitas vezes com aquele homem e sei além de todas as diferenças físicas que você tem um pensamento quase antagônico ao dele.

Marcos não se surpreendeu que alguém descobrisse, ele não havia se esforçado para fingir ser Salander, tinha escolhido desde o princípio fazer as coisas de seu próprio jeito para agitar com o sistema, já havia se questionado se Ricardo não estaria testando ele com suas perguntas pessoais.

-Porque não me desmascarou?

-Pensei a princípio que você era um farsante, logo descobri que Irene é que tinha tido a ideia, depois fiquei por perto para ver se Augusto estava nisto.

-Eu estou enganando a todos, ninguém na Franco sabe de nada, soube que Salander decidira não vir e assumi a identidade dele.

-Você é um péssimo mentiroso.

-Pode até ser, mas é isso que direi diante de qualquer autoridade.

-De minha parte ninguém saberá e suspeito que ninguém além de mim tenha percebido, aconselho que tenha cuidado com Augusto, nada me tira da ideia que foi ele quem me denunciou e me fez ir parar na cadeia.

Ricardo se afastou sem esperar mais nenhuma palavra de Marcos, ele olhou para baixo e viu no parapeito o cartão de Ricardo, Marcos pegou e observou a qualidade do cartão, percebera que os ricos gastavam muito dinheiro personalizando seus cartões, desde o material até a arte gráfica. Guardou o cartão na carteira sem documentos que usava por cautela. Irene encontrou o pai andando pela casa.

-Pai, já foram?

-Estou desconfiado que Ricardo ainda está por aí.

-Acho que já o vi indo embora mais cedo.

Augusto não chegou a chamar um segurança mas ainda estava um pouco aflito.

-Você o ama?

Perguntou a Irene ainda procurando pelas janelas por Ricardo. Irene ficou rubra.

-Pai?

-Só quero saber se você o ama.

Augusto parou e olhou para ela.

-Ele me lembra Augustus, principalmente quando é sarcástico comigo, não é desrespeitoso, mas é insolente e desafiador, foi você que deu o perfume de seu irmão pra ele?

Irene decidiu ser sincera nas respostas.

-Não, ele já tinha o frasco a muito tempo pois está quase no fim, foi só coincidência.

-O que você fez com o verdadeiro Salander?

-Nada ainda, ele está em San Martin de férias forçadas.

Augusto aproximou-se da filha e tomou-lhe um braço revelando as marcas que finalmente começavam a clarear.

-Foi Salander que fez isto?

-Foi, pai eu lhe juro que não dei nenhum motivo...

-Acalme-se, fiz umas pesquisas depois de ver as marcas nos seus braços com mais atenção na recepção na Franco e descobri que Salander não lida bem com rejeições, eu tenho que lhe pedir perdão por expô-la aquele monstro.

-A ideia de chamá-lo foi minha, não tinha ideia que ele poderia fazer isto.

Augusto desviou o olhar para o jardim como se procurasse por alguém.

-Todo charme dele é difícil de resistir.

-Nunca tive interesse por Salander.

-Sim, entendo, me referia ao charme dele nos negócios.

-Isso é verdade, os resultados dele na bolsa são inquestionáveis.

-Onde achou esse jovem?

Sem perceber Irene foi conduzida pelo pai até uma janela que dava vista para onde Marcos estava. Ele estava de pé como uma estátua de pedra olhando para o bosque, naquele instante como se a magia contribuísse uma brisa agitou os cabelos crespos e rebeldes dele.

-Seu irmão costumava ficar lendo naquele terraço.

Irene se sobressaltou, ela levara Marcos para lá sem pensar.

-É mesmo, na verdade, Marcos me lembra muito Augustus, mas, ao mesmo tempo, é diferente, tem um calor e uma coisa latina que aqui em Portugal não temos mais.

-Então esse Marcos é brasileiro?

-Sim, e desculpe mas a ideia dele ocupar o lugar de Salander foi minha, Marcos me salvou de me afogar e eu mesma achei que ele era Salander por um tempo, só percebi que não era quando o senhor se despediu de mim lá no apartamento, eu tinha desconfiança que eram pessoas diferentes, mas não lembrava o que Salander havia feito com clareza.

-Aquele bastardo chegou a te violar?

-Não pai, Marcos já estava vindo me salvar quando me livrei de Salander e caí do barco.

-Eu deveria mandar castrar aquele verme.

-Não se preocupe, se eu quiser algo assim eu mesma farei.

Augusto não duvidou nem por um instante que a filha falara sério.

-O que o senhor fará?

-Estou preocupado com Ricardo, acho que ele desconfia de algo.

-Ele sabe, conversou comigo hoje e disse que queria levar Marcos para trabalhar com ele.

-Raposa, não fez exigências, chantagens?

-Não, ele leu muito bem a personalidade de Marcos, ameaças não fariam sentido pois Marcos certamente faria Ricardo fracassar miseravelmente e até falir de vez.

-Esse moço é tão inteligente assim?

-Não sei ainda, só sei que ele tem um passado interessante e está viajando o mundo no seu veleiro somente a partir dos debentures de seus investimentos e levando em consideração que ele não tem gostos caros,

não é muito.

-Eu deixarei vocês continuarem com sua brincadeira, somente não se envolva demais com ele, tenho certeza que ele não ficará aqui quando isto acabar.

-Eu sei.

Disse Irene triste.

-Vamos sair para o clube.

-*-

Deixaram a mansão, Augusto levou Irene e Marcos no carro dele enquanto o motorista conduziu a SUV de Irene até o porto. Lá já estavam uma dúzia de convidados, a secretária de Augusto e mais meia dúzia de corretores, três clientes e dois diretores de filiais de corretoras associadas a Franco. Marcos já conhecera o grupo na Franco e na palestra de sexta.

Todos falavam apenas em inglês em deferência a Marcos/Salander, o piloto e os tripulantes desatracaram o barco com precisão e confiança, Marcos estava encostado ao parapeito olhando um veleiro ancorado na parte pública dos trapiches, acenou e mandou um beijo.

Irene sorriu pois foi a única que entendeu o gesto. Todos olhavam para descobrir para quem Salander mandava o cumprimento mas não conseguiram resolver o mistério. Marcelo era uma sombra de Marcos, todo lugar que Marcos estava, o corretor estava presente. Durante uma conversa sobre embarcações Marcos comentou com Irene que este iate tinha cinquenta pés de comprimento, ela repetiu um pouco surpresa.

-Este iate tem cinquenta pés? -Isso é muito?

Um dos clientes de Augusto retrucou dizendo.

-Quarenta e cinco, senhorita Irene.

Marcos não se perturbou, Augusto foi quem interrompeu.

-Quarenta e nove e meio pra mim é considerável como cinquenta.

-Mas o modelo é um SeaHorse45.

Augusto continuou.

-Salander se referia ao comprimento e não do modelo.

Álvaro Lopes não gostou nada de Salander desde o princípio, ele era exagerado e espalhafatoso, nada nele lembrava o que lera nas revistas de economia, a foto não fechava muito com o homem mas hoje em dia se usa muito Photoshop para fazer revistas.

-Diga senhor Salander, como soube que o SeaHorse45 tem quase cinquenta pés?

-Pela sua vaga no cais, ele utiliza uma vaga para barcos de quinze a vinte metros.

Todos olharam incrédulos para o homem, com a explicação simples e astuta, logo Augusto explodiu numa gargalhada e foi seguido pelos demais, menos por Álvaro que por ser um dos clientes de Augusto achou uma descortesia ter sido insultado assim, fechou a cara pelo restante do passeio. Em um momento Irene conseguiu levar Marcos para

uma cabine e ficar a sós com ele, porém com medo de ser ouvida manteve o embuste.

-Salander, porque não disse a verdade sobre como sabia que este barco tinha quase cinquenta pés?

-Eles poderiam achar demasiado um homem que tem um iate de cento e quinze pés saber sobre modelos menores.

Irene riu e beijou Marcos.

-Queria fazer amor com você agora.

Disse no ouvido dele, sentiu que o corpo de Marcos respondia por ele, ficaram mais uns minutos até que as vozes no deck acima deles os trouxeram de volta. Saíram sorrindo um para o outro e deram de cara com Marcelo, que deu um passo para o lado liberando a passagem, o corretor tinha um sorrisinho disfarçado no rosto mas não fez nenhum comentário.

O passeio estava sendo agradável para Marcos, viu a entrada do Tejo pela décima vez, e reconheceu as pedras ocultas e pontos de naufrágios antigos mesmo que ninguém mais soubesse deles, sentiu vontade de mergulhar até o fundo do canal para pegar uma lagosta, mas certamente isto teria que esperar.

-Belo lugar não é?

-Sem dúvida senhor Augusto.

-Gosta de velejar?

-Amo.

Marcos respondeu espontaneamente e logo se arrependeu, mexeu-se desconfortável um pouco, Augusto pôs a mão no braço dele para mantê-lo no lugar. Marcos olhou em volta por Irene mas ela estava fora de vista.

-Vai levar ela com você quando for embora?

Marcos recobrou a calma, se já estava neste ponto poderia conversar abertamente.

-Ela não viria.

-Já perguntou?

-Ela é muito parecida comigo só que não percebe, ela ama trabalhar com finanças mas precisa estar no meio de um escritório cercada de estresse para ser feliz, era tão feliz assim que nem sentiu falta de amar alguém além do senhor e seu trabalho.

-Você pelo contrário prefere o isolamento e funciona melhor na solidão não é?

-Acho que sim.

-Meu filho também era assim, aos 13 anos deixava os professores dele enlouquecidos com perguntas insolúveis e tinha respostas prontas para quase todas as questões que eram apresentadas, mas sempre fugia da sala e ia para a biblioteca para poder estudar sozinho.

-Eu não podia fugir então acabei por um aluno medíocre.

-Qual o seu grau?

-Um, Augustus também?

-Sim, falou para Irene?

-Não, ela não precisa saber que também tenho autismo, pelo

menos por enquanto, não é?

-A mãe dela tem grau dois e se culpou pelos dois terem recebido seus genes, tem irmãos?

-Cinco, o mais velho não tem, os outros dois homens são como eu, mas as gêmeas são grau três.

-Você envia dinheiro pra eles em Balneário Camboriú?

Marcos olhou para o velho.

-Sim, eles estão bem agora, aos poucos meus investimentos vão aumentando e com o acordo que o senhor fez...

Marcos olhou ao redor e viu Irene subindo.

-Com Salander e eu com Irene, irei quase terminar meu projeto. Irene.

Disse alertando Augusto que Irene se aproximava, Augusto começou a falar de peixes como se a conversa fosse sobre pescaria. Irene percebeu uma leve tensão entre os dois homens mas achou que era por causa da dinâmica de Marcos fingir ser Salander e Augusto fingir não saber.

-Muito suspeito vocês dois aí falando de pescaria.

Lembrou de como vira em seu pesadelo Marcos no barquinho pescando.

-Você gosta de pes...

Irene viu que Marcos inclinou a cabeça para ela com cara de não entender.

-Minha filha perguntou se o senhor gosta de pescar.

Repetiu Augusto em inglês, Irene deu-se conta de ter falado em português no meio de toda aquela gente e quase estragara tudo. O iate atracou com a mesma precisão de quando saíra, todos se despediram e partiram, Marcos ficou para trás enrolando para ver se conseguia ir até o Bilhete Premiado. Irene ficou ao lado dele olhando para o brilho do pôr do sol se refletindo na água.

-É linda.

Disse Marcos, Irene não entendeu e virou pra ele pra perguntar porque o pôr do sol era linda em vez de lindo e viu que ele olhava para ela. Ficou encabulada por ter sido pega desta maneira.

-Sou mesmo?

-Sim.

-Você me ama?

Marcos respondeu sem pensar como fazia a perguntas diretas.

-Acho que sim.

Depois de responder ele moveu a vista para longe do olhar dela.

-Por que desvia o olhar?

-Não estou desviando nada.

-Está sim.

Marcos voltou a olhar pra ela, que estava séria.

-Eu tenho uma coisa pra te contar, meu pai não sabe que eu sei, mas a alguns anos fiquei preocupada sobre a doença do meu irmão e fiz exames.

O olhar de Marcos para ela ficou um pouco aflito.

-Não tenho câncer seu bobo, tenho autismo, fiquei surpr...

Ela percebeu alívio no rosto de Marcos mas não soube se era por ela não ter câncer ou se era por ela saber que tinha autismo, teve um estalo.

-Você sabia que eu tenho autismo? Era o que meu pai estava conversando com você.

Irene ficou zangada e afastou-se dele, Marcos não se moveu, sabia que se fizesse algo ela iria aumentar a discussão. Irene virou para ele.

-Como descobriu?

-Geralmente um reconhece o outro, você tinha razão, eu e seu irmão somos mais parecidos do que você pensava.

Irene abraçou ele.

-Será isso uma maldição?

-Não Irene, ninguém é perfeito, um quarto da população mundial tem algum desvio genético, de moderado a grave, os outros três quartos, tem desvios genéticos imperceptíveis, todos temos isso. O problema é quando duas pessoas com desvios moderados de mesmo tipo se encontram aumentando o risco de um desvio grave.

Ficaram ali juntos, Irene ciente das consequências de uma relação mais profunda com Marcos, ela o amou logo que o conhecera, depois esse amor aumentou e agora estava insuportavelmente sufocante, precisava dele e não importava mais a empresa do pai, nem sua carreira, fugiria do mundo com ele se pedisse, mesmo que fosse para segui-lo na morte.

-Venha, está escurecendo.

Guiou ela para fora da marina, cumprimentou Ferreira na portaria que lhe retribuiu alegremente o cumprimento, o guarda ficou curioso sobre o que Marcos faria ali, Ferreira reconheceu a moça, sabia dos convidados e da saída do iate grande do senhor Augusto, olhou sua prancheta e viu que era o mesmo iate do casalzinho de algumas noites atrás, ficou intrigado pois não tinha registro de saída.

Marcos entrou na área pública, o guarda resmungou ao cumprimento de Marcos e continuou prestando atenção na tevê. Caminharam entre barcos e pessoas que tocavam e festejavam, Irene ouviu uma cacofonia de idiomas, Marcos era popular sendo cumprimentado e convidado para se juntar aos grupos, ouviu a voz grossa do norueguês falando com Marcos que desta vez lhe respondeu duramente fazendo o norueguês rir e fazer um aceno de pouco-caso.

-O que ele disse?

-Uma grosseria como sempre.

-E você?

-Dessa vez eu respondi que ele deveria voltar a dormir com as cabras da vila dele, senão ele acabaria corno.

Irene riu tanto que teve de parar para tomar ar. Chegaram ao Bilhete Premiado. Marcos entrou e ajudou Irene a entrar, ela se desequilibrou algumas vezes, o veleiro era muito mais leve que um iate então seu balanço era mais brusco.

-Fique tranquila, ela só está com ciúmes.

Irene riu sem muito humor, Marcos destrancou o barco, entrou e

acendeu as luzes do camarote, do deck e as luzes da mastreação, o veleiro pareceu um pinheirinho de natal, Irene achou lindo as luzinhas espalhadas pelas cordas.

-Como fez isso pra hoje?

-Sinto dizer mas essa é a iluminação normal do Bilhete, pode notar que tem algumas luzes queimadas.

Irene não se importou, o barquinho ficava realmente bonito iluminado.

-Qual o tamanho dele?

-Trinta pés.

-Mas porque ele é tão estreito?

-É para correr melhor.

-É um barco de corrida?

-Originalmente era usado em regatas sim.

Irene olhou o barquinho com admiração, realmente gostara das luzinhas

-Todos os barcos são iluminados assim?

Disse olhando para os outros barcos na marina.

-Que eu saiba não, só eu costumo fazer isto, as pessoas estão acostumadas a ver o Bilhete iluminado em datas especiais.

-Você quer dizer quando você traz alguma mulher a bordo?

-Na verdade não apenas, mas também.

-E este barco balança muito?

-Um pouco, por quê?

-E vai ficar iluminado?

-Se você quiser?

-Então vamos ver se sua cama é confortável.

-*-

O mastro iluminado do Bilhete balançou durante várias horas naquela noite e muitos dos amigos e colegas de Marcos fizeram piadas disto, Heinhich o norueguês bebeu tanto que caiu pela borda e teve que ser resgatado, estava muito feliz aquela noite, Marcos nunca retrucava as provocações dele sobre as mulheres com que andava até aquela noite de modo que sabia que aquela era especial, nem quando estava com Nilla ele retrucava as implicações de Hein.

Dormiu abraçado a um rolo de corda no trapiche, dizendo que Marcos ia se casar desta vez. Eram quase quatro da manhã quando Marcos e Irene decidiram sair do veleiro, Irene não disse mas ficou surpresa do quanto o barquinho era confortável, a cama de casal dobrável da sala era grande e boa, tinha banheiro, cozinha e o quarto com uma cama menor, só não era alto o suficiente para um adulto permanecer de pé depois da cozinha, na porta do armário da cozinha tinha um monte de nomes rabiscados com mensagens em vários idiomas, como que atraída pelo ciúme, seus olhos caíram sobre um nome que tinha um coração, Nilla. Sem conter-se disse.

-Eu vou assinar neste mural?

-É só para velejadores.

-Quem é Nilla?

Marcos não parou o que fazia.

-É uma amiga muito querida.

-Como a Regina era?

Irene se arrependeu no mesmo instante mas já era tarde. Marcos parou o que fazia e depois continuou.

-De certa forma sim, ficamos juntos bastante tempo, mas ela não quis viver junto comigo aqui no Bilhete e eu não ia abrir mão do meu barco pra ficar no dela, a gente tentou ficar assim, cada um no seu barco, mas no dia que eu decidi vir para a Europa ela queria ir para a Austrália, como eu não gosto muito de lá por causa das monções eu vim pra cá e ela pra lá, foi ela que me deu aquele perfume como um tipo de presente de despedida.

Irene ficou magoada por Marcos ter usado o perfume dado por uma outra mulher pra sair com ela. Marcos reparou mas não parou o que fazia.

-Irene, sabe o que se diz no Brasil sobre perfumes?

Irene olhou pra ele com curiosidade.

-Que o amor se vai quando o perfume acaba, hoje foi o final do frasco e quando voltarmos olhe no lixo do banheiro.

Irene puxou Marcos e o beijou longamente, Marcos deixou o interior da cabine arrumada e saiu para noite. Desligou as luzes e se juntou a Irene no trapiche, ela tinha saído sozinha.

-Esse barquinho é muito aconchegante.

Marcos notou que ela realmente admirou o Bilhete Premiado. Caminharam pelo friozinho da madrugada, pararam ao lado de Heinhich, Marcos chamou pelo grandalhão molhado que se levantou com dificuldade, ajudou ele a entrar no barco, trocar de roupa e deitou ele na cama.

-Você merece ser feliz amigo, que bom que encontrou alguém que você gosta.

Heinhich murmurara para Marcos que não tinha certeza se entendera bem, podia ser que houvesse algum insulto a Irene ali, na ausência de prova contrária ficou grato. Saiu e partiu com Irene. Arrumaram-se no apartamento e tomaram café na padaria perto do apartamento, Marcos já se tornara conhecido de todos que trabalhavam ali.

-Eu venho aqui a dois anos e ninguém nunca me cumprimenta assim ou chama meu nome.

-A culpa é sua por não se apresentar.

Irene não gostou da resposta mas não contestou. Chegaram ao escritório bem cedo, Marcos trazia consigo uma grande quantidade de material para usar no workshop, estavam instalando Marcos quando a Anabel entrou correndo e avisou que uma confusão estava se formando na recepção.

-Aparentemente o senhor Salander chegou para o workshop.

Irene congelou, Marcos, no entanto, agiu com velocidade incrível,

pegou os óculos de Anabel, tirou o paletó, tirou a camisa para fora da calça, foi até o banheiro e molhou o cabelo deixando ele escorrido como espaguete, orelhas de abano apareceram do meio dos cabelos escorridos e os óculos grossos desfocavam a vista de Marcos mudando completamente sua fisionomia, ficou mais encurvado o que o fez parecer mais magro e mais baixo.

Anabel saiu e voltou com seus óculos reservas e Marcos trocou pelos principais, ficou com cara de nerd, juntou um maço de papéis e segurou como um estagiário enquanto as duas mulheres pareciam ter visto mágica. Marcos olhou em volta, pegou uma caneta de cada cor e uma lapiseira e pôs no bolso.

-Nossa Senhora de Fátima, o que?

-Senhorita Irene, quem é esse homem?

-Anabel, este é Marcos, ele trabalha para o senhor Salander.

Irene pôs Anabel para fora e correu para a recepção, todos cercavam Salander com perguntas, ninguém aparentemente percebendo que era outro homem, muitos ficaram com a impressão de que ele parecia maior, mas acharam que era por causa da luz, outros achavam a voz dele estar anasalada, devia estar gripado. Marcelo notara que eram pessoas diferentes e estava decidido a revelar a farsa.

-Suhynd que bom que chegou.

Irene agarrou o braço do homem com força e o levou para a sala onde estava Marcos, entrou e fechou a porta, era uma sala de reuniões e portanto a prova de som.

-Que diabos faz aqui.

Disse Irene, Salander notara o estagiário ali na sala mas não dera atenção a ele.

-Minha doce Irene.

Deu um sorriso para Irene que logo substituiu por dor, alguém chutara seu joelho que quase partira e jogara ele no chão, sentiu dois impactos nas costas que tiraram todo o ar de seus pulmões, duas mãos pegaram seu queixo e puxaram pra trás até que sentiu que sua coluna ia partir, sem respirar olhava arregalado para Irene que parecia aterrorizada.

-Marcos, Marcos não, por favor.

Ela não conseguiu se mover mas viu que a expressão fechada de Marcos deu lugar a uma descontraída, em inglês ele disse.

-Não quer mesmo?

-Não, por favor.

Marcos aliviou a pressão e Salander voltou a respirar, pensara que iria morrer e isto foi a coisa mais apavorante que passara na vida, notou que havia se urinado. Quem o teria atacado? O estagiário.

-Eu quero que você lembre deste momento pelo resto da vida, seu lixo, esta mulher acabou de salvá-lo, seja grato a ela, peça perdão pela sua canalhice e agradeça ela por sua vida.

-Perdão... Obrigado.

Conseguiu dizer Salander com lágrimas, a pressão sumiu e por uns segundos a visão de Salander ficou escura, voltou a si sentado no

chão e Irene lhe abanando com um pano, olhou assustado ao redor mas o estagiário sumiu.

-Ele está aqui ainda?

-Não, ele foi embora para não fazer algo com você.

Salander fez uma oração em indiano.

-Por que você está aqui Salander?

-Tive que voltar, recebi muitas ligações dos meus patrocinadores sobre o que o seu impostor estava pregando por aí, eu sabia que se ligasse você ia fazer algo contra mim, por isso que vim, não vou atrapalhar, só vim dizer que cancelei o workshop para tirar longas férias, que droga, aquele monstro do seu estagiário fez eu me mijar, olha isso, como vou sair daqui.

-Já sei.

As pessoas estavam esperando a reunião terminar, Anabel entrara com um bule de café e xícaras, alguns minutos depois Salander saiu com a camisa e a calça manchadas de café com leite.

-Mas que descuido o meu.

-Senhor Salander permita-me limpar.

-Não, não, foi só um acidente senhorita Franco, vou voltar ao hotel e me trocar, depois terminamos a reunião.

Um grupo seguiu Salander, Marcelo ficou para trás, estivera procurando pelo falso Salander, tinha certeza de tê-lo visto entrar no prédio, mas o homem evaporara, gritou com um estagiário para que saísse da frente e foi para seu andar. Irene olhava ao redor procurando Marcos mas não o encontrava, um estagiário de suéter e gravata estava perto dela.

Virou para perguntar se vira um nerd de camisa para fora da calça e óculos quando notou o sorriso de Marcos ainda disfarçado, tinha o cabelo penteado para o lado como se tivesse gel e o queixo muito avançado deixando ele com o lábio inferior enorme. Ele fez sinal de silêncio e foi em direção a saída do prédio, lá fora ele se alongou, bateu o cabelo e tirou o suéter, abriu os botões da camisa voltando a ser o Marcos de antes.

-O que foi aquilo?

-Aula de teatro na faculdade.

-Você fez teatro?

-Tinha muitas mulheres no clube da faculdade de teatro.

Irene afastou o cabelo dele mas as orelhas estavam normais.

-Óculos de tamanho menor forçam as orelhas a abrir parecendo orelhas de abano.

-Orelhas de abano?

-Você sabe?

Ele empurrou as orelhas para frente.

Ela bateu na mão dele.

-Você ficou feio, se eu não te amasse tanto acho que não ficaria com você se fosse feio assim.

-Não existem pessoas feias, só pessoas.

Irene não parava de aprender com Marcos.

-O jogo acabou, alguns devem estar desconfiados com a volta de Salander mas não teremos mais o workshop, Salander teve problemas com os patrocinadores e clientes que não gostaram das suas palestras, por isso ele disse que iria se retirar por um tempo.

-É uma tentativa dos dinossauros enterrar a minha ideia.

-Salander disse a mesma coisa, ele é um canalha mas disse que gostou da sua ideia, pena que o mercado não vai aceitá-la.

-Ele disse que os tubarões farejam o sangue na água.

-Sim, como você sabe?

-Eu li muito o que ele escreveu, Irene, desculpe por perder o controle, se não fosse você eu...

-Eu sei, a minha vontade também era matar aquele lixo, mas se ele fosse ferido teríamos muitos problemas.

-Teve medo de mim?

-Sim, fiquei apavorada.

Marcos ficou triste e olhou para baixo, Irene pegou o queixo dele fazendo ele voltar a olhar para ela.

-Mas não da forma que você pensa, não tive medo de você me atacar, tive medo de você fazer algo horrível.

-Tem diferença?

-Tem, sei que atacou Salander porque me ama e sei que não o matou porque eu pedi que não fizesse.

Pegou a mão dele e levou ele para o carro, voltaram ao apartamento, o plano fracassara em parte mas a reputação da Franco Investimentos estava salva, todos acharam estranho o término entre Irene e Salander tão repentino, os boatos eram que ela jogou café nele quando ele terminou com ela.

-*-

Irene pediu para se ausentar mais alguns dias o que contribuiu para os boatos. Marcos levou Irene para o veleiro e ambos saíram velejando até Gibraltar, o vento quente do Mediterrâneo era maravilhoso, Marcos pescou lagostas, atuns, caranguejos, ostras, desceram a terra no lado africano e comeram damascos frescos, Marcos convenceu Irene a beber leite de camela, mas ela não gostou e quase vomitou.

Na sexta feira subiram para Lisboa novamente, Marcos teve que esperar no canal, pois o trapiche público estava lotado, Irene convenceu ele a usar um trapiche particular, deixaram o Bilhete Premiado numa área diferente da cidade, Marcos conhecia a região mas não as pessoas daquela marina.

Chamaram Motta para levá-los até o apartamento. Irene chegou em casa, deixou as malas ao lado da porta e se sentou no sofá. Marcos sentou ao lado dela que deitou a cabeça no colo dele esticando as pernas por sobre o braço do sofá.

-O que achou?

-Amei, amei o mar, só gostaria que o Bilhete fosse maior, sem ofensas, também aquele leite de camela estava horrível.

Marcos não ficou bravo por ela falar mal do Bilhete, ele percebera que realmente era ruim para duas pessoas ficar no barco, encurvados, para um sozinho não seria tão ruim, mas dois e ainda uma mulher que não era velejadora calejada pareceu desconfortável demais.

Lembrou de Nilla, talvez se ela tivesse passado uma semana com ele no Bilhete, ele teria percebido a mesma coisa e teria aceitado ir para o Aurora Boreal, o barco dela, que era menor, mas era um modelo de cruzeiro mais largo e confortável e tinha o pé direito alto em toda a cabine.

Afastou o pensamento, já tinha acabado, Irene passou a mão pela barba de Marcos que estava grande.

-Vai deixar crescer?

-Pelo menos por um tempo, para me diferenciar do Salander, amanhã vou ao barbeiro cortar o cabelo.

-Ah, mas não vai mesmo, seu cabelo é mais comprido que o dele e eu gosto, a barba eu aceito, mas só por um tempo.

-Vai que você gosta?

-Eu gosto quando pinica, mas deixa você com cara de velho.

-E se eu usar óculos, ou aparelho nos dentes.

Irene beliscou Marcos e ele fez cócegas nela que gritou e quase se urinou de tanto rir. De repente ela ficou séria mesmo ainda vermelha dos risos.

-O que você vai fazer? Vai embora? Vai me deixar?

Marcos não sabia bem o que responder e por isso foi sincero.

-Eu não sei, sei que se eu ficar, você não será feliz e se eu for embora, também não, pelo menos por um tempo.

-Porque eu não ficaria feliz por você ficar.

-Eu não vou trabalhar na empresa do seu pai e você não conseguirá trabalhar da mesma forma que antes porque eu sou uma distração, com o tempo você vai ficar chateada e mudar comigo porque eu atrapalho.

-Eu pensei muito nisto, tenho uma solução, trabalharei apenas no período da tarde, das treze horas até as dezenove e trinta, almoçamos juntos e jantamos juntos, você tem a tarde para fazer o que quiser e eu estarei no escritório ajudando meu pai.

-Tem certeza?

-Eu é que pergunto? Vai conseguir sossegar de viajar?

-Não, não irei, terei de viajar uma hora ou outra, mas sempre voltarei pra você, aceita?

-Eu sim e você?

-Negócio fechado.

-Bobo.

Na segunda Irene começou sua nova rotina, chegando as treze horas, a princípio o trabalho acumulou e ela teve de pedir ajuda para outros corretores, mas logo ela se adaptou, Marcos cuidava da casa e ela levava flores as vezes para brincar com ele, estavam felizes juntos.

-Finalmente surgiu uma vaga no trapiche para o Bilhete, amanhã a tarde vou mudá-lo para lá.

-Porque? Pensei que o particular era mais seguro.

-Seguro, não, com cobertura contra sinistros, sim, porém afasta aquilo que é importante, os camaradas, os amigos, muitos se consideram família.

Irene não discordou, lembrava de como Marcos era amado entre os demais.

-Vou com você se formos de manhã.

-Ótimo, ficaria muito feliz.

Na manhã seguinte foram com Motta até a marina particular, Irene ainda não era tão comunicativa quanto Marcos mas estava se aproximando de Motta. O Bilhete manobrou com seu motorzinho dois tempos e foi lentamente para o canal até que Marcos sentiu um vento e largou as velas, o Bilhete saltou como uma potranca em uma brisa fresca.

A corrida durou pouco mais de meia hora e Marcos fez o barquinho roçar a borda na água, Irene ficou com muito medo a princípio mas depois de algum tempo até brincou, estendendo seu corpo para fora do barco como Marcos, o homem a guiava com instruções simples e prevenia sobre movimentos do barco.

Em alguns pontos do Tejo eles violaram algumas regras de segurança não observando o limite de velocidade e a restrição do uso de velas, mas era um bom dia, pensou Marcos e valia o risco. Diminuiu as velas e entrou na marina como um veleiro garboso só nas velas, muitos olharam para o Bilhete pois era como uma Ferrari dos veleiros mono cascos, dera sorte do vento estar enquadrado na direção ótima, achou a vaga e desceu todas as velas, o barco deslizou lentamente e parou rente ao cais.

Cumprimentou alguns conhecidos, amarrou apenas em dois pontos com cordas leves para poder prender as velas para não ficarem batendo, Irene viu que havia mais amarras e começou a prender o barco melhor para Marcos poder dar atenção ao que fazia, ele sorriu e virou-se para continuar, depois melhoraria a amarração de Irene e dobraria e amarraria as velas como se devia.

Notou que alguém estava ajudando Irene a amarrar o Bilhete enquanto ele dava jeito nas velas baixadas, amarrou apenas para mantê-las presas e virou para ajudar Irene, Nilla estava abaixada ajudando Irene e mostrando como deveria ser o nó.

Instintivamente cheirou seu perfume, Irene havia escolhido pra ele numa loja perto da alfaiataria de Carlos, tinha um tom amadeirado e seco quase como um vinho, pensou que isso era bom. Nilla, no entanto, cheirava o perfume que dera a Marcos e isso era uma mensagem clara.

Irene pareceu perceber o odor e virou instintivamente para Marcos mas ele continuou a mexer nas velas, então seguindo o cheiro voltou-se para a mulher que a ajudara.

Ela agora estava de pé olhando para Marcos, era morena mas tinha o cabelo liso e nariz aquilino, tinha os olhos cor de mel, era mais baixa que Irene e a pele era azeitonada, uma pena de águia lhe perfurava a orelha esquerda, usava a parte de cima de um biquíni pequeno que deixavam os seios dela bem chamativos, vestia um shorts tão curto que

parecia uma calcinha.

-Oi Marcos.

-Oi Nilla.

Marcos não parou o que fazia, Irene olhava de um para o outro, a mulher falara o nome de Marcos e mais alguma coisa que ela não entendeu, porém Marcos respondeu em português.

-Porque não olha pra mim.

-Estou ocupado amarrando as velas.

Irene percebeu que a mulher insistia em manter ela afastada da conversa mas Marcos evitava entrar no jogo.

-Irene esta é Nilla, Nilla de um olá para Irene se tem alguma educação.

-Não quero falar com esta aí, sei que ela está no seu barco porque você não pode ficar sozinho nem um mês, se eu não chegasse logo, já teria uma penca de filhos.

-Nilla.

-Marcos, olhe pra mim.

Nilla disse em portunhol, Irene viu os olhos da mulher se enxerem de lágrimas.

-Não posso olhar para você Nilla, lembra o que eu disse do perfume, aconteceu. Meu coração é de outra agora.

Nilla olhou para Irene com uma ira tão grande que pensou que a mulher tentaria matá-la ali mesmo. Nilla virou-se e correu para o fundo da marina pública. O norueguês grande parou perto do Bilhete, estava com cara de bravo.

-Não certo isso.

Disse em um português horrível.

-Lembra daquela sua música, os dois namorados choram olhando para a lua, hoje eu também vou chorar, novamente.

Marcos disse em norueguês e Irene viu que o grandalhão suavizou sua expressão e olhou para baixo, piscou um pouco e passou a mão na cara disfarçando lágrimas.

-Desculpa.

Disse e partiu na direção para onde Nilla fora. Irene se levantou e tocou o braço de Marcos ele olhou para ela com dois riscos de lágrimas no rosto.

-Acabou Irene, ainda bem que foi agora, seria pior se fosse muito depois.

-Posso pedir que traduza as palavras.

-Não é um bom momento.

Irene ajudou ele a terminar de amarrar as coisas no barco e trancaram para ir embora. Os dias se passaram e Irene se preocupava com a presença de Nilla e não poder estar com Marcos o tempo todo, será que ele iria a tarde no trapiche público? Bobagem, ela estava sendo irracional mas não aguentou, em uma tarde ligou para casa mas ninguém atendeu, Marcos não devia estar no apartamento, ela avisou no escritório que sairia e foi até a marina pública de táxi.

Desceu e caminhou pelo trapiche, o Bilhete Premiado estava

trancado e com cara de abandonado, parecia que Marcos não viera mais ali. Perguntou para as pessoas onde estava o barco de Nilla, ninguém pareciam saber quem era Nilla.

-Uma moça com uma pena na orelha.

-Ah, pena de águia, o Aurora Boreal, vá até achar, tem velas vermelhas e um apanhador de sonhos no mastro.

Irene só entendeu que o pano era vermelho e o nome do barco era Aurora Boreal. Ela andou até que chegou no Aurora, viu um artesanato nativo americano no pau que segurava o pano, e eram vermelho sangue, ela notou que o barco balançava ritmicamente mas não por causa das ondas.

-Eu sabia.

Ela gritou histérica, pulou dentro do barco e quase caiu, chegou na porta e socou com tanta força que quase quebrou os dedos.

-Marcos, sai daí, se eu entrar eu vou matar vocês dois.

Escutou uma voz de mulher e depois a de um homem que não parecia em nada com a voz de Marcos, ela temeu e deu um passo atrás, a porta abriu e Nilla saiu usando um lençol pra se cobrir. Nilla riu e sentou em um banquinho no lado da porta. A cabeça do norueguês apareceu e logo sumiu dentro da cabine. Irene não conseguia falar.

-Eu sei, pensou que fosse o Marcos, eu queria que fosse, mas ele escolheu você e eu nem sei porque, espere aqui, quero conversar com você.

Nilla entrou e falou algo com o homem que disse algo e se ouviu um tapa e o homem gemeu, Nilla voltou com um shorts e a parte de cima de um biquíni. O mesmo tipo de roupa que estava vestindo quando Irene vira ela pela primeira vez.

-Você tem dinheiro?

-Um pouco.

-Ótimo, vem comigo.

Irene seguiu Nilla, a mulher saiu da marina e foi até um bar, abriu a porta e fez Irene entrar. Sentou em um dos bancos no balcão e ofereceu um para Irene.

-Senta aí portuga.

Irene não gostou mas obedeceu, Voltando-se para o barman, Nilla disse.

-Um cigarrillo e uma cerveza, o que você quer?

-Nada eu acho.

Para o barman disse.

-Tem suco de alguma coisa?

-Tomate e laranja.

-Um suco de laranja pra portuga.

-Não me chame assim.

Nilla ia fazer uma piada mas viu uma semelhança entre o olhar de Irene e o olhar que Marcos costumava fazer antes de atacar alguém e isto a conteve.

-Está bem, você é Irene, certo?

-Sim, desculpe por atrapalhar você, eu estava fora de mim e não...

-Tudo bem, aquele Marcos faz isso com as mulheres, tive que dar uma surra numa gringa uma vez, ela não parava de acenar pra ele de topless toda vez que via ele, chica sem noção. Ele por outro lado é fiel como um coroinha e não sabe mentir nem para salvar os próprios cojones.

-Você o conhece a muito tempo?

-Uns seis anos, ele tem cara de menino né? Eu conheci ele na primeira visita dele no México, eu estava junto com um perro que não prestava, mas a vida era minha, Marcos estava tocando junto com outros velejadores para animar um luau, uma chica loira estava junto com ele mas ele não parecia estar interessado nela, perguntei para uma das amigas dele se ele era maricón, porque não dava bola pra muchacha, a mulher disse que Marcos era respeitoso com a filha de todos, a muchacha tinha quatorze anos, era mais mulher que eu, pode? Uma ninha doida pra ficar com um solitário do mar e ele segurando a onda dela. Pensei que era mentira sabe. Meu homem quis ir embora e fomos. No outro dia dei uma desculpa e fui bater perna por aí, encontrei Marcos só de sunga pescando, ele mergulhou como uma garça e sumiu na água, depois voltou com um caranguejo enorme e sabe o que ele fez? Deu pra uma mamacita prenha, ela recebeu o caranguejo numa bacia e foi embora. Fiquei ali olhando ele, você sabe o que eu quero dizer, ele de sunga todo dourado, aqueles cabelos negros como pelos de um garanhão suado. Fiquei molhada na hora, ele sorriu pra mim e sabe o que perguntou? Perguntou se eu queria um caranguejo também.

Irene caiu na gargalhada, isso era a cara do Marcos.

-Agora me diz Irene, tem como não amar esse homem?

-Por que foi embora então?

-Ah, ele disse que eu fui embora é?

-Ele mentiu?

-Não, só que eu não fui embora, eu ia embora para Austrália, já tinha me decidido, ele não queria ir comigo, eu ameacei, gritei, xinguei, disse que estava grávida, fiz de tudo e ele não mudou de ideia, aí como eu não mudei a minha ideia ele simplesmente foi embora pra onde disse que iria antes da gente ficar juntos.

-Pra onde?

-Pra cá, faz seis meses. O maldito só olhou pra mim sério como um padre e disse que viria para Portugal e simplesmente veio. Eu tive que desistir de ir para a Austrália e agora que estou aqui encontro você com ele. O que você fez para ele te amar tanto a ponto de me deixar.

Nilla disse as últimas palavras com lágrimas. Irene pediu uma cerveja para o barman, visto que Nilla já tomara cinco.

-Eu quase fui estuprada e morta afogada.

Nilla olhou incrédula para Irene.

-Marcos me salvou, só que ele me viu lutando contra o meu agressor e antes de poder me salvar eu me libertei, acabei batendo a cabeça em um ferro e cai na água, o meu agressor me deixou para morrer e Marcos me salvou.

Irene falava de modo mecânico, passando a mão sobre um galo

que ainda aparecia na sua testa.

-E sabe o que eu fiz quando acordei depois da respiração boca a boca que ele fez, dei um tapa tão forte nele que ele caiu sentado.

Nilla parecia que não acreditava.

-Na mesma noite depois de um pesadelo eu o estapeei e esbofeteei, todas as duas vezes porque ele era parecido com meu agressor, ele me chamou de leoa, acredita, uma leoa, eu?

-Você o ama?

-Até a morte.

-Se você deixar ele escapar e eu o achar de volta, eu o pegarei pra mim e se você aparecer atrás dele eu vou te matar e isso é uma promessa.

Irene não sabia porque mas o fogo dentro dela a fez encarar Nilla com uma intensidade até maior que a da mexicana.

-E se você ficar no meu caminho com Marcos eu é que vou matar você e isso também é uma promessa.

As duas se encararam por um longo tempo, Nilla pegou a carteira de cigarros e deixou Irene sentada sozinha. Depois de terminar a cerveja Irene pediu um whisky, bebeu de um gole, o que deixou alguns homens que acompanharam a conversa com as orelhas em pé, cheios de medo e respeito pelas duas garotas que resolveram as diferenças na conversa, apesar de terem certeza que as duas falavam sério ao se ameaçarem.

Ela deixou uma nota de cinquenta Euros e saiu para o dia claro. Colocou os óculos e foi até a avenida e fez sinal para um táxi, entrou no carro. Sabia ser durona nos negócios mas seu problema com Nilla superara qualquer deliberação e ela sabia que mataria Nilla ou qualquer outra mulher que mexesse com Marcos, ainda mais depois de ouvir como ele é da boca da própria Nilla.

Irene chegou em casa mais cedo, Marcos estava lendo um dos livros de Augustus, estava sentado na poltrona de costas para a janela, estava tão entretido na leitura que não percebera ela entrando, Irene não confundiu Marcos com Augustus nem por um segundo, sabia quem era aquele homem, era o homem dela.

Caminhou até ele que levantou o olhar e em seguida ficou de pé, ela não disse nada pegou a mão dele e levou ele até a cama e só parou quando estava exausta demais para se mexer. Marcos não fizera perguntas nem falara nada que não fosse as besteirinhas de sexo que ele sempre falava enquanto faziam amor e deixavam ela louca. Agora que ela parara ele retirou o cabelo dela dos olhos para que ela o visse.

-O que foi isso?

-Vou sair da Franco Investimentos, vou continuar trabalhando com os clientes, indo a jantares, visitando, buscando novos negócios, mas não trabalharei mais todos os dias. Quero viajar, quero conhecer a vida de velejar com você e não quero mais ficar trancada em um escritório.

-Posso perguntar por quê?

-Conversei com Nilla e descobri que ela é uma mulher incrível, decidida e forte.

-Ela...

-Não terminei.

Disse ela séria.

-Mas eu descobri que sou tão forte quanto ela, senão mais.

Marcos sorriu.

-Não posso pedir que abandone sua carreira.

-Já me decidi, vou comunicar meu pai amanhã e depois iremos em uma viajem longa.

-Eu peço que atrase isto um pouco.

-Por que?

-Eu recebi uma proposta e não pude recusar, infelizmente se soubesse de sua decisão não teria aceitado, Ricardo me pediu para treinar uma equipe em um workshop sobre o sistema de lucros compartilhados.

-Isso é ótimo, é temporário?

-Sim, umas semanas, no máximo um mês.

-Ótimo assim terei tempo para me organizar e preparar meu pai.

-Algo me diz que ele já sabe.

-Como assim?

-Lembra da minha conversa com ele no barco?

-Sim sobre o autismo.

-Ele disse que se eu pedisse você iria embora comigo, eu não quis forçar nada mas parece que ele estava certo.

Dormiram sem mesmo jantar. O acordo com Ricardo não seria tão bom quanto era o com Irene, apenas um por cento de todo o lucro da semana de teste, depois disto Marcos poderia trabalhar para Ricardo, Marcos recusou a segunda parte e pediu outra coisa, cem mil Euros pelo curso e um por cento dos lucros na primeira semana mas somente depois que o próprio Marcos aprovasse os corretores.

-*-

Ricardo aceitou e o contrato foi posto no papel e ratificado por advogados. O trabalho começou, levou mais tempo que Marcos pensara, havia muita resistência e Marcos teve de substituir quase um terço dos participantes por não admitirem obedecer aos processos.

Irene passou todos os próximos dias ao lado do pai trabalhando quase como uma assessora, o relacionamento dos dois estava bom mas agora era melhor, Augusto tinha acesso as ideias de Irene porque ela estava junto dele e vice e versa.

-Tem certeza que você vai embora?

-Não será uma despedida final, eu voltarei com bastante frequência.

-Mas se Marcos a levar embora e não quiser voltar?

-Pra isso existem aviões.

Augusto riu de si mesmo pois parecia uma galinha choca querendo manter seus pintinhos presos embaixo dela.

-Você devia visitar sua mãe, pelo menos para um adeus.

Irene não respondeu mas estivera pensando nisto a algum tempo,

mesmo antes de Salander e Marcos, desde que soubera do autismo. Na manhã seguinte ela se sentiu enjoada. Correu ao banheiro antes de Marcos acordar e vomitou, sua mente estalou, estava grávida, sua menstruação era um pouco irregular mas ela tomava os anticoncepcionais normalmente, tinha tido vários casos antes de Marcos, mas nunca mais que encontros casuais e sempre se cuidara, além disto estivera sozinha desde saber que tinha autismo.

Saiu do banheiro e olhou para Marcos na cama, sempre se admirava com ele, dormia sem se preocupar com nada e sempre resolvia tudo de maneira rápida e eficiente e neste instante Irene precisava de Marcos, conteve-se para não correr para ele, precisava também de um tempo sozinha, como que por instinto Marcos abriu os olhos de modo suave.

-Bom dia amor.

Ele bocejou e voltou a dormir. Irene chorou em silêncio, era a primeira vez que ele a chamara de amor e justo agora. Voltou ao banheiro e lavou o rosto, arrumou-se, deixou um bilhete e saiu.

Não queria ver ninguém, por isto foi até a praia, sentou num banco e ficou olhando o mar de verão de Portugal. Deixara o telefone no carro e ficou ali o dia inteiro.

Na volta decidiu esperar alguns dias para dizer a Marcos que estava grávida. No celular haviam várias mensagens do pai, sobre um almoço que ela faltara sem avisar. Não podia contar nada ainda mas precisava se afastar, foi ao médico e pediu um teste de gravidez, além de comprimidos para enjoo matinal, pediu uma licença médica por estresse e o médico concedeu de bom grado.

Irene passou na Franco e foi direto na sala do pai, a secretária olhou para Irene e notou que havia algo errado, a porta estava aberta, sinal que Augusto estava livre.

-Pai.

Augusto levantou os olhos para dar uma reprimenda mas notou algo de diferente em Irene.

-Filha, o que foi?

-Precisei ir ao médico hoje e ele me deu uma licença não remunerada de alguns dias, me preocupei demais com um problema e preciso descansar para pensar com calma.

-Está tudo bem entre você e Marcos?

-Melhor impossível.

Irene disse e chorou. Augusto veio até a filha.

-Minha menina, você me deixa preocupado e eu vou acabar pensando besteiras se me esconder as coisas.

Levou Irene até o sofá. Ela sentou e ficou com a cabeça nas mãos enquanto apoiava os cotovelos nos joelhos. A última vez que vira Irene assim foi quando Augustus morrera.

-Marcos está bem?

-Pai, ele está melhor que nunca e estamos muito felizes, ele me chamou de amor pela primeira vez e nosso amor está completo, só que eu preciso de um tempo do trabalho.

-Você está grávida?

-Sim.

-Minha filha, que maravi...

-Não pai, não é uma maravilha, Marcos e eu temos autismo e nosso filho pode ser de tipo três e eu não sei o que fazer.

Augusto olhou para a filha.

-Marcos te contou que você tem autismo?

-Não pai, eu fiz um exame completo depois que terminei a faculdade para saber se tinha disposição para câncer e descobri o autismo, fui contar para o Marcos para ele poder ir embora sem remorso, mas ele contou que também tinha, eu pensei que fora isso que o senhor conversara com ele no iate.

-Na verdade eu percebi que ele não era o Salander também porque ele apresentou algumas características de autismo, só ocultei de você, minha filha, a vida é uma roleta e não podemos decidir nada.

-Mas se eu não quiser ter esta criança?

-Então eu vou te apoiar em tudo que eu puder, e se decidir ter essa criança também apoiarei em tudo.

Irene chegou em casa e encontrou Marcos fazendo o jantar.

-Dia ocupado?

-Sim, tive um problema para resolver, conversei com meu pai para tirar uns dias para ficar em casa, faz tempo que não cozinho para você.

-Eu adoro a sua comida.

Marcos parou com o que fazia.

-Tem alguma coisa diferente.

-Na verdade tem, você lembra o que disse de manhã pra mim?

Marcos pareceu pensar muito e por fim, disse.

-Na verdade eu não lembro de ter dito nada, talvez você tenha entendido errado meu amor.

Irene sorriu e foi até ele e o beijou.

-Ui, gosto de alho.

-Estava experimentando a comida.

A barba dele estava tão grande que fechava o rosto todo, parecia um médico ou um professor, tomou coragem e perguntou tudo que sempre quisera saber dele.

-Marcos já estamos juntos a algum tempo e eu não sei muito sobre você.

-Não sabe porque não perguntou.

Irene sempre se irritava com ele.

-Qual a sua idade?

-Nasci em quinze de abril de oitenta e seis.

-Você tem trinta e dois?

-Sim, por quê?

-Por isso você fica com cara de velho de barba. Qual seu nome de família?

-Você não sabe?

-Não, você ainda não disse.

-Meu nome completo é Marcos João Schmidt.

-Mas Schmidt é alemão.

-Sim meu pai era de Blumenau.

-E o que isso quer dizer?

-É uma cidade fundada por imigrantes alemães em Santa Catarina.

Agora que começara Irene não conseguia parar, tipo sanguíneo, nome das pessoas da família dele, ela fez uma investigação da vida dele que respondeu a todas as perguntas dela. Então Marcos era oito anos mais velho mas não parecia, pelo menos não sem a barba e era somente quatro anos mais novo que o irmão de Irene, Augustus, se ele ainda vivesse. Por fim ela esgotou a curiosidade da vida dele.

-Agora é a sua vez, o que quer saber?

Marcos pensou no que perguntar e disse por fim.

-Quero saber, por que você está perguntando tudo isso agora?

Irene ficou de boca aberta.

-Você não quer saber onde eu nasci? Onde estudei? Quem são meus parentes? Minha data de nascimento? Pelo menos meu aniversário?

-Você nasceu no dia trinta e um de julho de noventa e quatro, daqui a um mês e oito dias é seu vigésimo quarto aniversário, sua cor favorita é bege, apesar de você dizer que é lilás, gosta de doces com abacaxi apesar que eu não entendo o porquê, pois você sempre faz careta quando eles estão ácidos, nunca bebe leite puro mesmo que seja o delicioso leite de camela, não come comida japonesa crua embora, adore os pratos cozidos e assados, teve um irmão maior que era doze anos mais velho e fazia aniversário em vinte nove de abril, sua mãe está em uma casa de repouso na cidade de Loures ao lado de Lisboa que é a mesma cidade que você nasceu, se formou em Coimbra com diversas honrarias e se tivesse feito mestrado e doutorado teria sido convidada a dar aula em qualquer universidade de Portugal, talvez da Europa, tem a mania de estacionar com a frente do carro muito perto da calçada geralmente batendo o pneu no meio fio e eu sei que faz de propósito, gosta de orquídeas lilases talvez por isso diga que prefere esta cor, teve um gato depois da morte do irmão mas ele fugiu e depois disto não quis mais animais apesar de sempre ficar brincando com os gatos quando vê um...

Marcos continuou enumerando coisas sobre Irene que nem ela sabia, incluindo número de bolsas, pares de calçado e calcinhas.

-Tá bom, já chega, tem alguma coisa que você não sabe?

Irene percebeu que Marcos sabia ser irritante quando queria.

-Não sei por que você começou co...

Marcos parou no meio da frase.

-Amanhã de manhã eu vou saber disso também.

-Disso o que?

-Se você está grávida.

Irene não conseguiu disfarçar o rubor e a raiva.

-Como você sabe de tudo?

-Eu leio muito, amor, você está grávida?

-Ainda não sei mas talvez esteja.

Irene disse com uma mistura de terror e alegria, esperou pela reação de Marcos.

-Uau, vou ser pai, terei que comprar um barco maior.

Irene riu da cara que Marcos fez ao falar de comprar um barco maior. Marcos pegou Irene no colo e a beijou enquanto girava ela, Irene se agarrou ao pescoço dele com medo de cair mas ele continuou girando até cansar. Sem fôlego, parou, Irene já estava meio tonta e ele continuo com ela no colo.

Depois daquilo levou ela para o quarto e deitou ela na cama, fizeram amor tão lentamente e com tanta intensidade que Irene teve o maior número de orgasmos de toda sua vida, mesmo que os dois recordes anteriores já eram com Marcos, desta vez o número seria quase imbatível, ela não se aguentava mais quando pediu para ele parar.

-Marcos... Amor... Eu estou acabada... Preciso descansar.

-Eu estava guardando essa para o seu aniversário mas eu acho que a data de hoje é mais especial, não é?

Irene sorriu sem fôlego, ainda sentindo espasmos no seu ventre, ela estava se controlando para não ter outro orgasmo só de ouvir ele falar. Um pensamento lhe passou pela cabeça acabando com seu tesão, logo ela teria de dizer a Marcos que tiraria a criança. Ela pôs a mão no rosto como fazia as vezes para tampar a luz, porque Marcos gostava de fazer amor com a luz acesa e com ele, Irene também preferia a luz acesa.

Marcos beijou o ombro dela enquanto acariciava o braço dela. Ela virou pra ele, puxou-o para si, beijando ele, lágrimas rolavam pelo rosto dela enquanto se beijavam.

-Amor, você está bem?

-Estou feliz.

E ela estava, muito feliz, mas, ao mesmo tempo, muito triste, talvez mais triste do que já estivera na vida. A semana estava correndo e Irene ainda não se convencera a dizer a Marcos que ia tirar o bebê. Marcos ia ficando mais animado e Irene mais angustiada.

Três noites depois o telefone da casa de Irene tocou no meio da madrugada e não parou de tocar até que Marcos, mal-humorado atendeu.

-Alô, espero que seja importante.

-Amigo vem aqui, muito importante, muito triste, vem?

-Hein, é alguma brincadeira?

Marcos perguntou em norueguês.

-Marcos, não sei como dizer mas alguém incendiou o Bilhete Premiado e ela afundou antes da gente conseguir salvá-la, a polícia já está aqui e você precisa vir.

-Hein se isto for uma brincadeira...

-Amigo, juro, verdade traz sua Irene pra te ajudar, muito triste.

O norueguês desligou. Marcos soltou o telefone no gancho e ficou parado.

-Marcos? Tudo bem?

-Lembra quando eu disse que para certas pessoas, seus objetos eram como pessoas?

-Sim, claro.

-O Bilhete Premiado foi incendiado e afundou.

-Marcos?

Irene correu pra ele que chorava sem soluçar apenas rolando lágrimas após lágrimas, Irene sentiu como seu pescoço molhava das lágrimas dele, não gemia, nem soluçava, só respirava fundo e derramava lágrimas.

Ajudou Marcos a se trocar, ela nunca vira ele assim, estava incapacitado para pensar, mal fazia o que ela mandava, ficava ali em pé só obedecendo enquanto chorava, levou ele até o carro, e depois até a marina.

Somente uma viatura da polícia ainda estava lá, mas todos os velejadores estavam esperando por Marcos, ninguém viu nem um estranho andando pela marina. Hein veio seguido de Nilla, a mulher ficou para trás e deixou que Hein falasse com Marcos.

-Eu tentei salvar o Bilhete, mas quem fez isso foi profissional, espalhou alguma coisa sem cheiro, cortou as amarra e empurrou o Bilhete para longe do cais, foi pessoal amigo, alguém que odeia muito você e que tem dinheiro, porque queimar sem cheiro é caro.

-Me leve até ela.

As pessoas deram passagem para Marcos, Hein entrou num bote e remou para Marcos, uma lancha da guarda costeira estava parada perto de uma ponta de mastro, Marcos reconheceu na hora, a antena de WiFi e o para raios de galo do Bilhete, uma esperança apareceu no rosto dele e Hein viu.

-Não amigo, muito feio, prepare-se para o pior quando tirar ela da água.

-O senhor é o proprietário?

Perguntou o policial.

-Eu era amigo dela.

-Da proprietária?

-Não senhor do barco, eu a comprei sim, mas éramos amigos e eu não era o dono dela, era só seu guardião e cuidador, eu escolhia onde ir mas ela que decidia quando e como.

O policial olhou para o grande norueguês ao lado daquele homem que parecia destruído com se perdera um parente, irmão ou mesmo um filho.

-Alguma pista de quem fez isto?

-Ainda não senhor, o senhor tinha algum material inflamável a bordo?

-Sim, havia uma pistola sinalizadora para emergências com seis cargas de tipo padrão, gasolina para os motores e gás para cozinha, havia também álcool na cozinha para desinfetar e álcool no kit de primeiro socorros, tinha também algumas garravas de cachaça muito poderosa brasileira que podia queimar com certeza.

-Não creio que tenha sido qualquer um destes, tinha por acaso, metanol ou fósforo branco?

-Pelo menos não na última vez que estive aqui a três dias, fiz uma faxina e não havia nada de anormal.

-O senhor tem seguro?

-Sim da Global Seguros.

-Eles provavelmente farão uma investigação nos destroços.

Marcos fulminou o policial com o olhar e teve de ser contido por Hein para não partir pra cima do homem, Marcos piscou várias vezes enquanto dizia.

-Tenha mais respeito por ela por gentileza.

Apesar das palavras todos ali sabiam que a intensão de Marcos era violenta.

-Me desculpe senhor.

Disse o guarda apenas para acalmar a situação.

-A grua chegará em breve.

Hein levou Marcos dali para que ele não fizesse alguma besteira. De volta ao cais todos trouxeram coisas, como bebidas e comidas, sentaram-se em conselho e chamaram Marcos.

-Marcos estamos em reunião e apuramos que não foi ninguém daqui, o fogo começou perto das duas horas e as duas e quinze o Bilhete já estava afundando, ninguém passou pelos dois grupos que estavam festando, havia um grupo na entrada e outro dez barcos pra dentro, todos concordam que foi um mergulhador, desculpe não houve o que fazer.

Disse o velejador mais conhecido.

-Eu fui o primeiro a ver o clarão, o barco simplesmente se acendeu todo, ela queimou de um jeito estanho então o tanque explodiu e ela virou e afundou, não escutei nenhum barulho ou movimentação até que o clarão me acordou.

Disse um americano que usava a vaga ao lado de onde estava o Bilhete.

-Fiz alguns inimigos poderosos e vingativos sem perceber.

Hein estava ao lado do brasileiro que parecia estar morto. Nilla estava junto com Irene.

-Vai até ele.

Disse para sua rival.

-Ele precisa de você, ele amava aquele barco como se fosse uma pessoa.

Irene olhou para Nilla e via que ela sofria tanto pelo Bilhete, quanto por Marcos, mas muito mais por ter de mandar outra consolar ele no seu lugar.

-Obrigada.

Disse Irene. Marcos só a viu quando ela o abraçou, ele encostou a cabeça no cabelo dela e ficou ali em silêncio. Pelo canto do olho Irene viu que Nilla fugira seguida de Hein, sentira um grande respeito por Nilla depois da conversa no bar, mas agora sentia até simpatia.

Logo a balsa chegou com a grua e os mergulhadores conseguiram atar o barco com segurança, Hein mergulhara e voltara exigindo que se fizesse tudo para levantar o Bilhete Premiado com cuidado. Um mergulhador disse que era só um barco e Hein pegou ele pelo pescoço.

-É casa do amigo de Hein.

Os cuidados foram redobrados. O Bilhete começou a sair da água as nove e meia da manhã, as dez e quinze estava sobre a balsa. Os técnicos pediram para que todos ficassem longe, mas Marcos nem se

moveu de onde estava no barco da guarda costeira.

Havia um buraco na área do tanque, a quilha estava deslocada, o costado da popa estava todo consumido, a proa estava queimada mas não era tão grave, todas as cordas e velame foram consumidos, o mastro estava quase caindo sobre a proa, foi cortado com máquinas para evitar cair durante o transporte. O técnico da empresa de seguros passou da balsa para a lancha.

-Senhor Marcos, conhece hidrazina?

-Sim é combustível de carros de corrida.

-Na verdade é para foguetes e aviões mas alguns colocam nos carros sim, o senhor conhece alguém que lida com aviões ou corridas?

-Se fosse corrida de barcos, conheço uma meia dúzia de pessoas na América do Norte, mas aqui não conheço ninguém.

-Foi o acelerante, encontramos vestígios aplicados como pintura, o que indica que foi criminoso, o senhor tem inimigos?

-Até ontem não considerava ninguém como inimigo.

-Se o senhor tiver ideia de quem possa ter feito isto poderia me avisar.

-Com certeza não.

Marcos disse com um olhar assassino que gelou o homem. A lancha deixou ele no trapiche, Irene estava esperando.

-Onde quer ir?

-Ao escritório de Ricardo.

Irene se preocupou pelo que Marcos iria fazer mas ele não estava com uma boa cara, tentou uma tática de distração.

-Estou com fome e você.

-Nenhuma amor mas vamos parar para você comer algo.

Apesar de falar amorosamente o estado dele não mudou. Era sobre isso que Nilla falara, como ele ficava sério como um padre. Levou Marcos até o prédio de escritórios de Ricardo, o próprio Ricardo recebeu Marcos.

-Marcos eu me sinto culpado pelo que ocorreu, não pensei que alguém pudesse ter uma atitude destas diante do nosso projeto.

-Parece que subestimei alguém, preciso rever todos os arquivos das pessoas que passaram pelo projeto.

-Sim é claro.

Ricardo voltou-se para um homem.

-Este é o senhor Bernardo, ele é um dos investigadores particulares que trabalham pra mim, seja quem for que fez isto, Bernardo vai descobrir.

-Obrigado.

-O que pretende fazer a respeito do projeto?

Olhou para Irene, sorriu de um jeito brincalhão mas falou sério.

-Irene, o que pensa que devo fazer já que sou péssimo jogador de póquer?

Irene nem piscou.

-Dobrar a aposta.

-Pois bem, Ricardo preciso de um segurança para minha mulher o

tempo todo.

Irene ficou embaraçada por Marcos tê-la chamado de sua mulher, não esperaria que ele a chamasse de esposa pois não havia lhe pedido em casamento, mas dizer que ela era sua mulher, foi um pouco possessivo e inesperado. Marcos beijou ela.

-Amor espere pelo segurança para voltar para casa, não sei até que horas eu vou ficar aqui.

Marcos não esperou ela dizer ou se despedir, virou e rumou para os escritórios do projeto.

-Esse homem é muito interessante, se eu soubesse que ele poderia ser focado desta maneira eu mesmo poderia ter criado alguma situação para ele focar a concentração.

-Aí o senhor poderia se tornar o alvo dele.

-Deus me livre, como dizem os brasileiros, aliás ele te pediu em casamento?

Irene olhou o homem com cara de espanto.

-Não, por quê?

-Porque ele a chamou de esposa.

-Não, não chamou.

-Chamou sim, ele disse para arranjar um segurança para a mulher dele e isso no Brasil corresponde a chamar de esposa.

Irene ficou vermelha. Ia sair quando Ricardo a pediu para esperar.

-Este é Rafal Henri, ele será seu guarda-costas pessoal, ele a seguirá num SUV vermelho, se algo acontecer com um carro grande e vermelho atrás de você, pode ser alguém querendo lhe fazer mal. Por isso fuja para uma delegacia, para a Franco ou para cá. O que for mais perto, porque apesar de seu pai não gostar de Marcos, ele não faria mal a você.

Irene ia protestar mas em vez disso perguntou.

-Por que meu pai não gosta de Marcos?

-Bem aposto que Marcos não disse, mas seu pai pagou o dinheiro das palestras para Salander.

Irene sentiu um frio repentino na barriga, ela esperara que o cheque que preparara fosse para Marcos, ela mesma vira o pai assinar.

-Minha Nossa Senhora de Fátima.

Irene virou e saiu apressada. Entrou no carro e foi a toda velocidade até a Franco. Encontrou o pai no meio de uma reunião com a equipe de gerentes, o homem sorriu para a intromissão da filha, parecia de ótimo humor o que deixou Irene intrigada.

-Sim minha filha?

-Pai o senhor não pagou Marcos?

-Senhores, peço perdão mas gostaria que me deixassem com minha filha.

Todos saíram fechando a porta.

-Pai?

-Irene querida, o que o Marcos disse?

-Ele não disse nada, foi outra pessoa que me contou, eu não me preocupei com isso porque vi o senhor preparar o cheque.

-Eu fui entregar o cheque a ele, que recusou.

-Como assim? Explique.

-Não foi nada de mais, estendi o cheque a ele e ele não quis receber.

-Mas ele precisava do dinheiro para poder garantir o futuro dele.

-Pois é, como é o destino e agora que perdeu o barco ele precisaria do dinheiro.

-Como sabe que Marcos perdeu o barco?

-Quase todos que conhecem Marcos sabem.

Irene não gostou nada da conversa, lembrou dos avisos de Ricardo sobre o pai dela.

-Por que deu o cheque para Salander? E depois de ele ter feito aquilo comigo.

-Foi necessário para manter a boca dele fechada.

-Mas o mesmo cheque?

-Mero acaso. Filha eu me preocupo com a sua felicidade, se Marcos quiser posso preparar um cheque agora para ele.

-Ele não aceitaria.

-Oh, que rapaz orgulhoso.

Irene sentiu um certo desprezo na voz do pai, Ricardo estava certo, seu pai não gostava de Marcos.

-Quando o senhor passou a desprezar Marcos?

-Pelo contrário eu o prezo muito, pedi para ele trabalhar aqui conosco e tudo.

Irene lembrou quando Marcos disse que nunca trabalharia para o pai dela. Alguma coisa tinha acontecido entre os dois e ela não sabia. Marcos não contaria nem que ela o torturasse, Ricardo, Ricardo saberia. Aquele pilantra sabia de tudo.

Saiu da sala sem se despedir do pai. Augusto se preocupou, exagerara um pouco com Marcos naquele dia, mas quem queimou o barco do rapaz lhe fez ao mesmo tempo um favor e criou um grande problema, certamente Marcos, mesmo que fosse um simplório poderia ver nele um inimigo, precisava saber quem fizera aquilo e rápido. Não podia perder a filha para um mal-entendido.

Irene voltou a toda pressa para o escritório de Ricardo. O homem estava junto com Marcos, mas desceu para receber Irene. Antes que pudesse cumprimentá-la ela disse.

-O que você sabe do encontro de Marcos com meu pai?

-Não sei se devo.

-Ricardo por favor.

-Como eu tenho um interesse muito grande em Marcos, então eu mandei alguém ficar de olho nele de modo discreto, pelo que eu apurei, seu pai o chamou a um restaurante uma das tardes que você estava no escritório, tenho evidências que seu pai apresentou o cheque do valor que vocês combinaram e Marcos pediu desculpas por ter que aceitar, mesmo não sendo o verdadeiro Salander, porém seu pai retirou o cheque antes e colocou um cheque de um valor muito maior.

Irene soube na hora, vira o pai assinar os cheques naquele dia, um milhão de Euros.

-Eu não sei o valor senhorita Irene, mas parece que Marcos não entendeu o que acontecia, parece que Augusto queria agradecer pelo esforço para ajudar a Franco e que Marcos pudesse seguir a viajem dele.

-Espere, você tem o áudio da conversa?

-Não, é claro que não.

-Preciso ouvir.

-Senhorita Irene insisto que não me peça isto.

-Por favor preciso saber.

Ricardo previra que Irene voltaria e preparara tudo, teria em fim sua vingança contra aquele dedo-duro do Augusto.

-Venha comigo.

Ricardo conduziu Irene para uma saleta de reuniões.

-Sente-se.

Tirou do bolso um gravador e pôs sobre a mesa. Virou-se e saiu. Irene pegou o aparelho com as mãos trêmulas. Apertou o play. Ouviu o som de um restaurante e alguns murmúrios até que ouviu o pai falar.

-Ah, finalmente nos conhecemos de maneira apropriada senhor Marcos.

-Só Marcos senhor Augusto.

-Marcos então, sente-se.

Marcos sentou.

-Minha filha está perdidamente apaixonada por você.

-Talvez seja passageiro.

-Não, eu a conheço bem, quem eu não conheço é você.

-Sinto muito por tentarmos enganá-lo.

-Não, de modo algum, isso eu posso entender e respeitar, mas por que fazer minha filha se apaixonar por você.

-Não foi minha intenção, tentei me afastar dela em vários momentos, mesmo quando já estava apaixonado por ela.

-Por que usou o perfume de meu filho?

-Lamento por isso mas não sabia que o perfume era familiar a ela, eu usava pelo simbolismo.

-Que simbolismo?

-No Brasil se diz que um amor se vai quando o perfume acaba, tem vários significados, mas simbolicamente, quando o frasco de perfume acaba e você não está mais junto da pessoa amada é porque nunca mais ficarão juntos, e o perfume foi de certa forma um presente de despedida de um antigo amor e eu usava na esperança dela voltar antes do perfume acabar, o que quase aconteceu. Ela voltou uma semana depois do perfume acabar e eu já estava perdidamente apaixonado por Irene.

-Tudo muito conveniente.

-Não acho conveniente Salander ter tentado estuprar a sua filha e deixá-la para morrer afogada.

Irene notara a frieza na voz de Marcos.

-Não quis parecer ofensivo ou diminuir o valor de minha filha, meu jovem, só estou tentando ver quais são seus objetivos.

-Não tenho nenhum objetivo além daqueles que já contei a sua filha, pegar o dinheiro das palestras, investir junto com o restante do meu

dinheiro, reformar o casco do meu barco e continuar viajando.

-E sobre Irene.

-Eu adoraria se ela viesse comigo, mas como disse ao senhor no iate, ela ama demais trabalhar no agito da bolsa para ficar trancada em um pequeno veleiro durante uma travessia longa.

-Deixaria ela para trás?

-Não, a não ser se ela não me quiser.

-O que fará então?

-Quando o mar me chamar irei e me fartarei de viajar e de aventuras e então voltarei para ela com histórias e presentes.

-Isso não é vida.

-Depende do que se pensa ser vida, para mim um escritório é uma jaula.

-Tenho de concordar com você. Bem, aqui está o seu cheque.

Irene ouviu som de papel.

-Sinto muito por ter de aceitar seu dinheiro senhor Augusto, apesar de ser parte do acordo que eu fiz com Irene, sei que não mereci o valor pelas palestras mas peço que entenda a minha situação.

Irene ouviu um som de tapa e arrastar.

-Sim de fato você não mereceu este cheque.

Irene ouviu mais som de papel e outro tapa.

-Aqui este é o valor que você mereceu.

-Um milhão de Euros?

Irene percebeu um certo desprezo na voz de Marcos.

-Não se julgue tão barato, aceite para ajudar na sua viajem.

-Espera que eu não volte?

-Seria melhor se você fosse e não voltasse, não lhe desejo mal rapaz, só não quero que meus netos possam ser como minha esposa era ou pior.

-Por isso a trancou em uma casa de repouso?

-É só um lugar onde ela poderia receber melhores cuidados, era uma jovem adorável, quieta e submissa, mas depois da doença de Augustus e dos primeiros sinais de autismo de Irene ela piorou muito.

-Sinto pelo senhor e por Irene, mas se eu voltar das minhas viagens, vai se opor?

-Se trabalhar para mim isso não seria um empecilho.

-Fez esta oferta para Salander, para se tornar seu genro?

-Salander estragou tudo, devia ter se aproximado de Irene de modo sutil e gradativo como você fez.

-Não fiz nada disso.

-Sim, sim.

Irene ouviu mais papéis.

-O que é isso?

-Fotos do seu encontro com Ricardo.

-Sim me encontrei com ele.

-Foi quando combinaram tudo para adicionar drogas nas bebidas de Salander e Irene pra você aparecer como salvador e tomar meu negócio por vingança.

-Este encontro aconteceu a dois dias quando ele me ofereceu um acordo para implantação do meu projeto.

-Sim eu sei, mas poderei apresentar provas de que foi a três meses.

Irene não podia acreditar.

-O que eu preciso fazer para estas fotos sumirem?

-Trabalhe pra mim e pare imediatamente qualquer negociação com Ricardo.

-Se o senhor tem as fotos sabe que eu rejeitei a proposta dele.

-Sim mas ele pode tentá-lo novamente e lembre-se eu tenho as fotos. Vai aceitar o cheque?

-A única coisa que quero do senhor é Irene.

-Vai tirá-la de mim?

-Não, ficarei junto dela enquanto ela quiser.

-Se ela te mandar embora?

-Irei.

-E como fará se ela tiver filhos e forem doentes?

-Autismo não é doença, deixarei o mar e ficarei junto dela.

Irene parou a gravação, fazia tempo que chorava, não acreditava no que ouvira, sabia que o pai era um negociante difícil, mas negociar a filha? Estava triste e humilhada, mas estranhamente libertada e feliz pelo amor de Marcos e sua fibra moral diante do dinheiro do pai.

Só tinha apenas mais duas coisas para fazer antes do fim. Irene saiu da sala com o gravador e ouviu o restante da gravação no carro, Augusto desistira de demover Marcos e pedira que mantivesse aquela conversa entre eles e Marcos disse que nunca tocaria no assunto com Irene para não magoá-la.

Irene foi até a cidade onde nascera, lugar onde estava a casa de campo onde o pai mantinha a mãe dela. A entrada estava bem cuidada, subiu o caminho de cascalho de carro e parou perto da entrada da frente. Irene desceu e olhou ao redor, lembrava de passar alguns verões ali, era a residência preferida de Augustus que passeava com ela pelo bosque. Virou para a porta e viu sua mãe de pé.

-Mãe.

Irene chorou ao vê-la, estava bem mais velha do que se lembrava.

-Venha minha menina.

Irene subiu as escadas correndo, caiu de joelho e chorou encostado ao ventre de onde saíra. Carmem levou a filha para dentro. Conversaram durante muito tempo sobre o porquê de Carmem ir embora e não voltar e seu isolamento.

-Irene, hoje é um bom dia, tenho alguns dias assim, mas em outros as coisas são difíceis.

Uma empregada de roupas de enfermeira deixou chá.

-Viu? Sou cercada de enfermeiros e enfermeiras, descobrir que você também tinha essa doença maldita me fez quase enlouquecer, tive de ir embora, eu estava arruinando seu pai. Quando Augustus morreu eu estava numa crise de depressão e só pude entender o que aconteceu vários meses depois, fiquei ainda pior por não tê-lo visto antes dele partir.

Faz alguns anos que tenho melhorado, novos medicamentos estão me trazendo ao convívio humano de novo, mas eu não iria me mostrar antes de estar segura de controlar as crises.

-Mãe, se pudesse escolher, você teria tido Augustus e eu?

-É óbvio que sim.

-Mesmo que pudéssemos acabar piores que a senhora?

Carmem fez uma pausa.

-Seria um sacrifício que eu estaria disposta a fazer, pense da seguinte maneira, você gostaria que Augustus estivesse vivo e tivesse grau três ou morto?

-Vivo, é claro, eu amava meu irmão.

-Então tem a resposta. Nenhuma mãe quer que os filhos sofram e apesar de tudo, um autista não sofre, ele tem sua vida, suas felicidades, suas tristezas, nós que temos de fazer sacrifícios para cuidar deles, e todos os pais amorosos estão dispostos a sacrificar tudo pelos filhos.

-Mãe, conheci uma pessoa incrível, Marcos nem parece real de tão especial.

-Que ótimo filha, você disse a ele que tem autismo?

-Esse é um dos problemas, ele também tem.

-Oh.

Disse Carmem revelando uma certa tristeza.

-Mãe, eu o amo e não quero que ele mude só pra ficar comigo.

-Minha filha, um homem não mudaria por causa de uma mulher ou filhos, ele mudaria tudo, menos a si mesmo. Seu pai foi assim.

-Não quero ouvir sobre este homem.

-Oras, seu pai tem muitos defeitos mas também muitas qualidades, ele fez tudo que pôde e o que não pôde por seu irmão e também por você, nossa maior falha foi não conseguir te livrar da mácula do autismo.

-Estou grávida mãe e não quero que Marcos mude pra ficar comigo.

-Irene, não sei o que dizer além de que estou muito feliz por vocês, claro que me preocupo pelo futuro desta criança mas o futuro não pertence aos homens, somente aos deuses.

-Se esta criança for doente, Marcos abandonara seus sonhos e passara uma vida atormentada ao meu lado, mas se eu abortar ele irá embora e viverá suas aventuras e poderá ter filhos saudáveis.

-Ou poderá sair de casa para ir trabalhar e ser atropelado ou, poderá pegar um avião e acabar caindo ou, ter um infarto ou, câncer ou mesmo, acabar num bar bebendo até destruir-se porque a mulher que ele amava lhe tirou o futuro.

Irene não acreditava que estas coisas pudessem acontecer a Marcos, ele era um homem forte, simplesmente iria embora e recomeçaria. Era isso que ela esperava que ele fizesse, não podia ficar com Marcos e o bebê, seria a morte pra ele.

-Se eu tirar o bebê a senhora me perdoaria.

-Minha filha não há o que os outros possam perdoar, quem terá de se perdoar é você.

Irene continuou a conversa até que a mãe disse que estava

cansada.

-Venha outro dia, se eu estiver num dia bom conversaremos mais.

Irene já fizera uma das coisas que queria fazer. Chegou em casa e Marcos ainda não tinha chegado. Olhou o celular e haviam várias ligações do pai, ela ignorou, precisava de Marcos para consolá-la, mas ele estava preocupado com o barco no momento. Ela tomou um banho, quando saía do chuveiro escutou a porta.

-Irene?

-Estou saindo do banho.

Respondeu. Marcos foi até ela, estava com cara de cansado mas seu semblante estava diferente, mais calmo.

-Tudo bem?

Perguntou pra ele.

-Sim, tenho certeza que não foi ninguém ligado ao projeto, nem mesmo Ricardo.

-Acha que foi meu pai?

-Porque diz isso.

-Desculpe Marcos mas eu sei da conversa de vocês no restaurante, sinto muito pelo dinheiro.

-Ricardo?

-Não fique zangado com ele.

-Sinto muito Irene, quanto ao dinheiro, não era tão importante assim, ainda mais agora o Bilhete vai ser reformado com o dinheiro do seguro e seu pai só estava te defendendo, eu sou grato a ele.

-Me vendendo para o Salander?

-Foi um erro que ele quase pagou um preço inconcebível, o que acha que ele faria se você tivesse sido violentada ou morta?

-Adotado Salander como herdeiro?

-Irene.

-Eu estou muito magoada com ele, mas e você?

-Não tenho nada contra seu pai, exceto que para mim é apenas seu pai.

-Estou falando do Bilhete.

-Alguém não gosta de mim de verdade, fiz uma lista de pessoas que me antagonizaram mas nenhuma dela teria uma razão boa o bastante para esse tipo de ataque, só se for algo muito bem oculto, se queria que eu fosse embora essa não era a melhor escolha, se queria me assustar também não seria, se queria algo pessoal teria vindo direto a mim, seu pai até poderia fazer isso mas sabia que criaria um inimigo vingativo.

-Você vingativo?

-Eu não, você, ele não faria nada disso por temer o que você poderia fazer.

Irene entendeu o quanto era parecida com o pai, estivera o dia inteiro pensando em uma maneira de prejudicar o pai até aquele momento.

-Me acha vingativa?

-Acho e temo.

-Por que?

-Porque você pode acabar se machucando e machucando quem te ama.

Aquilo pegou Irene profundamente, será que estava sendo vingativa ao querer tirar o bebê? Amava demais Marcos para prendê-lo, seu único pesar era ele ter descoberto antes dela resolver tudo.

-O que vai fazer? Vai comprar outro barco?

-Porque?

Perguntou ele espantado.

-Eu sei que o Bilhete era importante pra você mas ele... Acabou.

-Bem, certamente que aquela garota está meio acabada agora, mas depois de uns seis meses em um estaleiro profissional, vai sair de lá como uma virgem louca pra perder a virgindade.

-Com você?

-É claro.

-Palhaço.

O ânimo de Marcos melhorara muito, nos dias seguintes ia as docas onde estava o Bilhete pelas manhãs e trabalhava até tarde no projeto, formara a equipe que ele considerava apta para o teste, seria na semana seguinte, do Bilhete conseguiu salvar muita coisa, até a porta assinada do armário sobreviveu, os motores e os eletrodomésticos iriam precisar de uma reforma completa, mas o estofamento e as roupas estavam todas intactas, a explosão do tanque de gasolina fez o barco afundar e apagar as chamas apesar de fazê-lo perder todos os documentos e mapas, o mastro caro de alumínio apesar de não ter derretido foi totalmente comprometido porém serviria de parte do pagamento no mastro novo e maior de carbono.

Nos intervalos do projeto ele desenhava como seria o novo Bilhete, teria cinco ou dez pés a mais de comprimento, dois a mais de largura por ter costados mais altos e dois mastros, Marcos queria fazer seu quarto a proa como no primeiro Bilhete, mas faria o quarto do bebê na popa onde balançava menos, o deck seria elevado e central, isso deixaria a navegação menos agressiva, mas não teria pressa de chegar a lugar algum já que levaria Irene e seu filho consigo. Os dias avançaram, Marcos ia dar o início ao projeto na próxima segunda, já havia depositado o cheque de cem mil Euros pelo treinamento e verificou que os duzentos mil dólares do seguro também foram depositados.

-Estou preocupado.

Disse para Irene deitado na cama. Irene se apoiou em um cotovelo, Marcos nunca manifestou nada assim.

-Por que? Você fez tudo certo, vai arrasar.

-Será?

-Por que isso agora?

-Não sei, estou me sentindo diferente, acho que é porque sou pai.

Irene preocupou-se, Marcos já sofria com as mudanças sem mesmo o bebê nascer.

-Você preferia que nós dois estivéssemos no Bilhete velejando agora?

-Claro, só que estar aqui com você também é muito bom.

Marcos colocou a mão na barriga dela que se torceu de cócegas, ele vinha fazendo aquilo com frequência, quando deitava ao lado dela, quando a abraçava por trás, era muito meigo mas também angustiante, mexeu-se mudando de posição e afastando a mão dele.

-Faz um favor pra mim?

-Todos.

-Apare a barba.

-Agora?

-Não seu bobo, de manhã.

Na manhã seguinte Marcos aparou a barba, deixou ela na altura um como sempre fazia, saiu do banheiro só de toalhas e Irene puxou ele para a cama, fizeram um amor intenso e apaixonado mas rápido.

-Agora terei de tomar outro banho.

-Não mesmo, quero que leve meu cheiro com você.

Tomaram café juntos e Marcos saiu, estava enevoado ainda, chegou ao escritório as sete da manhã, faltava uma hora para a abertura da bolsa de Lisboa, a Euronext, assim que subiu encontrou todos já a postos, Ricardo estava sentado de olho nos gráficos das demais bolsas que já operavam por causa dos fusos horários.

-Bom dia.

Disse Marcos sem olhar para Ricardo que respondeu sem tirar os olhos dos gráficos.

-Bom dia, tudo está indo de acordo com as análises.

-Temos uma incógnita para hoje mas eu mesmo vou lidar com ela.

-Quer garantir um cheque mais gordo?

-Pra todos.

Ricardo riu, era apenas uma brincadeira para ele, se desse certo poderia expandir para todo o sistema de sua firma, pouco antes da abertura a queda nas outras bolsas aconteceu, Ricardo bateu palmas. Marcos ficou de pé.

-Peço atenção a todos, aqui nesta sala não estamos competindo para ver quem ganha mais, estamos competindo para ver quem é mais eficiente dentro daquilo que foi escolhido, não se preocupem se seus valores são altos ou baixos, preocupem-se com manter a análise calma e segura, uns aqui vão ver seus números subirem muito e outros vão ver seus números cair e se tornar prejuízos, estarei aqui o tempo todo, se algo os assustar me chamem, não cometam o erro de deixar-se levar pelo orgulho ou arrogância, se cada um fizer a sua parte, no fim do dia todos estarão um pouco mais ricos.

Todos aplaudiram.

-Ensaiou isto?

-Eu devia ter ensaiado?

Ricardo sorriu, se fosse outra pessoa pensaria que era um discurso ensaiado. O relógio bateu zero, oito, zero, zero, os gráficos de Lisboa começaram a ondular, os operadores começaram com seus procedimentos, Marcos monitorava, ninguém comemorava quando os lucros eram acumulados, ninguém parava ou se desesperava quando sua conta ia ficando vermelha, na primeira hora Marcos foi chamado cinco

vezes, apenas duas vezes na segunda hora, na terceira uma, todos estavam começando a entender que a medida que faziam o que deviam o resultado era indiferente. Perto do meio dia todos estavam mais relaxados e trabalhavam com tranquilidade, no fim do dia o acumulado foi de noventa e cinco milhões e quatrocentos mil, e isso só na bolsa de Lisboa, todos se felicitaram, uma parte daquele dinheiro era deles.

-Parabéns a todos, nunca pensei que apenas vinte corretores poderiam gerar noventa milhões em lucros apenas em um dia, já vi valores muito mais altos, é verdade mas nunca no volume de operações que realizamos e nunca num lucro per capita de mais de quatro milhões num dia, não podemos comemorar antes de sexta feira, no sábado a festa será por minha conta.

Na terça os lucros foram de cento e trinta milhões, na quarta foram duzentos e dez milhões. Marcos estava animado que seu projeto parecia um sucesso, não chegara a notar as mudanças em Irene, ela estava deprimida, somente pelo que tinha de fazer, tinha decidido tirar a criança na sexta e dizer que foi aborto espontâneo.

O sucesso de Marcos amenizaria a dor dele e o deixaria livre para partir quando ou se ela o mandasse embora. Marcos saiu para trabalhar com uma empolgação que afligiu Irene, não queria causar dor a ele, mas tinha de fazê-lo porque o amava, não queria que a dor fosse pior por ter filhos doentes. Uma pequena dor agora para evitar uma dor maior no futuro. Ele a beijou e saiu.

Ia todos os dias com o seu amigo Motta, pois preferia deixar Irene com o carro a mão, caso tivesse alguma emergência. Na volta para o apartamento parou numa joalheria, foi até o balcão de alianças de noivado e olhou os preços, achou que uns cinco mil Euros seriam suficientes para um anel mas seus olhos pararam num solitário de diamante, não muito grande mas bem brilhoso, lembravam o brilho nos olhos dela quando faziam amor, ele nem perguntou o preço.

-Quero este.

-Dezenove mil Euros.

Ele teve que usar o cartão que mantinha consigo para emergências, não gostava de usá-lo mas aquela era uma situação importante, teria de avisar Arnie para ele não ficar apavorado com aquela conta. Quando voltou ao apartamento, Irene tinha pedido pizza, seria uma noite normal de quinta, ouviram música e foram para a cama cedo, fizeram amor como sempre faziam, mas ela estava mais intensa, deu muito mais prazer do que recebeu, queria agradar Marcos, ela o abraçou e viu que ele dormiu com um sorriso no rosto e com a cabeça entre os seios dela.

Amava tanto ele que morreria por ele, e agora que pensara, mataria por ele, mesmo que matasse uma parte de si. Ela acordou assustada, olhou em volta e Marcos já tinha saído, isso era bom, não queria que ele visse a vergonha no rosto dela, podia ligar da clínica de recuperação pra avisar que passara mal e estava internada, o médico faria o que ela mandasse pois era a paciente e não Marcos.

Tinha de manter o jejum até a hora do procedimento que seria as

dez horas. Arrumou-se e saiu, deixou o carro na garagem e pegou um táxi, chegou a clínica meia hora antes do procedimento, era uma clínica conhecida e discreta, desceu do carro e entrou pela porta caminhando normalmente, teve uma impressão estranha e olhou para trás mas não notou nada errado.

Marcos não podia acreditar, ela queria matar o filho deles, se entrasse lá o que faria? Desceu do carro, entrou no prédio e foi até a recepção, Irene estava no balcão de atendimento.

-Horário marcado?

Perguntou Marcos lutando para manter a voz normal. Irene ficou pálida e quase caiu, teve de se apoiar no balcão, os enfermeiros e os seguranças já estavam acostumados a dramas domésticos ali e cercaram Marcos, ele olhou friamente para os homens e disse com uma voz transtornada pelo ódio.

-Se não quiserem morrer, afastem-se.

Todos se afastaram. Lutando para manter a voz normal disse.

-Irene, não faça isso.

Com a velocidade de um raio ele quebrou o vidro do tampo do balcão e pegou um estilhaço, os enfermeiros nem entenderam o que aconteceu até que viram o vidro na mão do homem, afastaram-se ainda mais.

-Aqui Irene, me mate.

Encostou o vidro a jugular. Irene caíra sentada no chão chorando.

-Eu posso fazer se você quiser, é só dizer, dê a ordem, que eu farei.

Ela não conseguia se mover mas disse.

-Preciso fazer isso por você, por nós dois.

-Você não sabe o futuro.

A mão de Marcos começou a sangrar por causa da força que fazia no vidro.

-Marcos não se machuque.

-Não estou me machucando, você que está me machucando.

Marcos arremessou o vidro no chão.

-Estou indo pra casa.

Os enfermeiros que estavam no caminho da porta saíram da frente com pressa, Marcos parou, pegou algumas toalhas de papel de uma mesinha de café e saiu sem olhar pra trás, deixando uma trilha de sangue. Irene permaneceu ali sentada, enfermeiros a ajudaram a levantar, e colocada em outra sala enquanto limpavam a recepção, ela foi chamada para o procedimento mas como ainda estava muito nervosa, levaram ela para uma sala de espera.

A sala tinha temas florais, pássaros, campos, nada que lembrasse crianças justamente para aliviar a culpa, isso não funcionava em Irene, lembrou de quando Marcos colocou a mão na barriga dela pela primeira vez, ele achara que ela estava dormindo e ele ficou ali como um tonto olhando para a mão dele na barriga dela até que ela não aguentou as cócegas e começou a rir e se torcer.

Irene sorriu com a lembrança, sentiu enjoo, mas não era o enjoo

matinal, já tivera o dela hoje, era enjoo pelo que estava fazendo, ainda estava de roupa, tomara um sedativo leve para acalmar-se mas ela não conseguia tirar da cabeça Marcos com a mão sangrando e perguntando se ela queria que ele morresse.

Ela finalmente entendeu que estava errada, se fizesse aquilo o Marcos que ela amava iria morrer, não só para ela mas para todos, se ele mudasse por que o filho deles era doente Irene também mudaria, ajudaria ele, se ele não mudasse, Irene mudaria pelos dois, ela havia dito que era forte e pensava até aquele instante que ser forte era sacrificar tudo por Marcos.

Entendera o que ele tinha dito aquela noite, que tinha medo dela machucar quem ela amava e se machucar por vingança, não, não era só por vingança, era por egoísmo também, agora vira que queria tanto Marcos só para ela que não percebera que tinha de dividi-lo com os filhos, com os amigos dele, com a família dele no Brasil.

Marcos ainda seria dela, mas teria de compartilhá-lo. Ficou de pé e pegou o celular, discou o telefone de Marcos, esperava que não fosse tarde demais, lembrou de Nilla dizendo que Marcos havia virado as costas e partido conforme falara que faria. Marcos disse que iria para casa, era o Bilhete ou o Brasil? O telefone caiu na caixa postal e isso foi preocupante, ligou para Ricardo.

-Irene, você viu o Marcos?

-Por quê?

-Ele foi em casa buscar uns papéis e não voltou.

-Se ele falar com você diga que eu me arrependi, por favor é importante para todos.

-O que...

Irene desligou e ligou para o pai.

-Pai, escute, eu ia fazer uma besteira, estive muito brava com você estes dias pelo que você fez ao Marcos, mas eu não percebi que eu estava fazendo muito pior. Preciso achar ele pai, por favor, depois eu explico, ache ele e diga que eu não matei nosso filho, eu me arrependi, por favor pai.

Desligou, ela foi saindo da clínica e ligando para todos que tinha contato, Motta também não vira Marcos. Parou na frente da clínica para pedir um táxi, fez sinal para o primeiro que viu, em desespero ligou para Nilla, ninguém atendeu e caiu na caixa de mensagens.

-Nilla sou eu Irene, preciso falar com o Marcos urgente. Se ver ele diga que eu não fiz, e diga pra voltar.

Irene foi ligando para todos que tinham contato com Marcos, nem Carlos tinha qualquer notícia, ficou preocupado e prometeu que avisaria caso conseguisse contato com ele. Chegou no galpão onde o Bilhete estava guardado, o barco não estava, correu para o galpão do lado, tinha um monte de entulho, correu até o guarda da portaria.

-Onde foi parar o barco que estava ali naquele galpão?

-O proprietário moveu ele a três dias dona, ele disse que não valia a pena reformar porque ia ficar pequeno para uma família.

Irene engoliu em seco, Marcos desistira do Bilhete para ter uma

família. A traição de Irene só piorava.

-Tomara que ele esteja no apartamento.

Na portaria ela não encontrou o guarda, deveria estar entregando algo para algum morador.

-Besta, besta, besta.

Devia ter ligado ou vindo direto pra cá, afinal Ricardo dissera que ele foi em casa pegar papéis.

Subiu para o apartamento, Irene abriu a porta e entrou correndo.

-Marcos?

Ela correu até o quarto dela, e até o quarto de hóspedes, as coisas dele sumiram, desesperada abriu armários, olhou no banheiro, nada, pôs as mãos na cabeça e chorou, caiu sentada encostada a cama, rolou para o chão e puxou a coberta e os lençóis da cama e agarrou eles, ainda tinham o cheiro dele, pegou o travesseiro com fúria e enterrou o rosto nele, aquele cheiro que ela ajudara a escolher misturado ao suor dele.

Pegou o telefone e ligou para a recepção, devia ter ligado primeiro para cá, estava perdida, não sabia o que fazer quando saiu da clínica, se desse sorte.

-Oi, o Marcos passou por aí? Sim, sou eu, o quê? Meia hora...

Havia chegado tarde, deixou o celular cair no chão, correu até a lavanderia e revirou o cesto de roupas, só achou o lençol de ontem, cheirou e encontrou o cheiro dele misturado ao dela, esfregou o rosto nele e o encharcou de lágrimas, ficou num desespero completo até que dormiu deitada no chão da lavanderia.

Não soube quanto tempo se passou, mas a vontade de ir ao banheiro a forçou a se levantar, estava agarrada ao lençol usado, na cozinha notou o cheiro do perfume de Marcos, ela olhou ao redor e viu uma caixa e um envelope sobre a mesa, correu até eles e abriu o envelope, a letra trêmula de Marcos escrevia numa página borrada de lágrimas.

“Irene, não sei porque fez isto, me perdoe por não perceber que você estava sofrendo, infelizmente não posso aguentar ficar com você depois de você fazer isto, se queria que eu fosse embora era só pedir, não precisava castigar um inocente por minhas falhas. Meu coração não será de mais ninguém, mas me perdoe também não pode ser seu. Marcos. Ps: deixo isso como prova que um dia te amei, mas não voltarei mais”.

Irene tremendo abriu a caixa. O frasco de perfume que escolhera para ele estava vazio, não completamente vazio, havia apenas umas gotas no fundo. Sentiu uma fúria imensa, pegou o frasco para arremessar na parede mas conteve-se, havia um restinho no fundo, e se ainda existia aquele pouquinho ela poderia ter esperanças.

Marcos não sabia que ela não fizera, não matara o filho deles, teria de achá-lo mesmo que levasse a vida toda.

-*-

Marcos estava sentado na cadeira do bar fazia algum tempo, bebera muito mas parecia que não era o suficiente, gastara todo dinheiro

do serviço de ontem, e se continuasse assim ia ter que trabalhar mais pra poder comprar mais bebida, ele achava que o dono do bar colocava água nessa porcaria que ele chamava de bebida forte.

A cachaça brasileira é que era forte, isso parecia água. Não lembrava que dia era e não importava, só queria ir embora, isso era o que ele estava fazendo desde aquele dia, acordara, tomara seu banho matinal e arrumara-se, Irene estava dormindo um sono agitado, mas isso devia ser por causa da gravidez, beijou ela que se remexeu e sorriu, beijou a barriga dela o que fez ela se remexer novamente e sorrir, achava que a gravidez deixava ela mais linda, só Marcos não entendia porque tinha estado triste, claro, descobrir que o pai é um canalha deixaria qualquer pessoa triste, mas já fazia dias.

Pegou uma pasta que Ricardo lhe presenteara, estava começando a se arrepender de entrar naquele projeto, só faltava ele ter que usar paletó para se tornar aquilo que mais odiava, um executivo. Saiu do prédio e entrou no carro de Motta.

-Bom dia senhor.

-Motta, para de palhaçada e bora.

-Tá virando homem de negócios.

-Hoje é o último dia, espero, depois vou me dedicar a construção de um novo barco e vou navegar até o Brasil.

-Vai levar aquela beleza com você?

-Se ela quiser vir, sim.

-Como assim, vai deixar ela se ela não for?

-Não é isso, eu vou voltar pra ela sempre se ela quiser.

Conversou com Motta mais umas banalidades, entrou no escritório de Ricardo, subiu direto para o projeto, Ricardo estava de pé na frente de um painel.

-Quinhentos e sessenta e oito milhões em quatro dias, ainda bem que eu combinei com você apenas um por cento.

-Bom dia para você também. É claro que assim que o mercado entender o que está acontecendo ele vai buscar a normalidade e com o passar do tempo os lucros se tornarão estáveis, por isso concordei com apenas um por cento, você sabia disso desde o começo.

-Sim mas é muito impressionante.

-Pessoal, todos aqui nesta sala estão quase se tornando milionários, falta pouco para o primeiro milhão para quem ainda não tem, temos de ultrapassar a linha dos setecentos milhões até as dezesseis horas, não se afobem, continuem com o cronograma, leiam os sinais, vocês todos são profissionais nisto, eu agora sou apenas um observador, não temos nenhuma incógnita prevista para hoje, esforcem-se e eu farei o nosso chefe aqui, nos levar num lugar realmente muito chique no sábado.

-Já vai gastar meu dinheirinho.

Ricardo resmungou e todos sorriram, aquele dia prometia, logo na primeira hora o volume pulou, passou de seiscentos milhões, o pessoal estava a toda, Marcos encontrou uma incógnita as oito e meia, trocou com o operador e releu os dados, o operador estava certo, foi até o computador central e mudou o cenário, o volume continuou a subir.

-Ricardo, preciso ir em casa, acho que o clima da bolsa vai mudar a tarde e preciso me prevenir para que possamos manter o ritmo.

-Vá logo e volte voando.

Marcos pediu para o motorista do escritório levar ele o mais rápido possível para casa, sorriu, foi a primeira vez que chamava o apartamento de Irene de casa. O carro parou com um quase cantar de pneus, só evitado pelo excelente sistema de ABS. Marcos desceu correndo deixando a porta aberta.

-Bom dia Jairo.

-Bom dia Marcos, a senhorita Irene acabou de sair, não tem nem dois minutos.

-Saiu? Que pena.

Foi até o estacionamento, poderia dar um beijo nela, o carro ainda estava lá, correu mas não havia ninguém no carro, talvez Jairo se enganara. Olhou pela cerca e viu Irene fazendo sinal para um táxi, estava com uma cara ruim, podia ser algo importante e isso preocupou Marcos, levava consigo o molho de chaves reservas então entrou no carro e saiu atrás dela, seu coração estava apertado e não sabia o porquê.

O táxi parou em frente de uma clínica com um nome bonito mas que não enganavam Marcos nem por um instante, clínica de controle de natalidade...

-Oi Marcos.

Marcos levantou a cabeça, estivera dormindo e sua cabeça doía. Disse mecanicamente.

-Oi Nilla.

-Oi amigo, Hein achou você, eu dizer a pequena águia que achar você aqui. Muito fácil mas...

-Cala boca Hein.

Os dois sentaram ao lado de Marcos.

-O que vocês querem aqui.

-Ei cabrón, estávamos preocupados, todo mundo disse que você tinha sumido e aquela chica loca tinha te procurado no trapiche, estávamos em Gibraltar e quando voltamos vimos o Bilhete abandonado na chuva fora de um galpão porque você tinha atrasado o pagamento, fui até o apartamento da Irene e ela tinha ido viajar, apertei o guardinha da portaria que disse que você entrou um dia com a cara de um demônio e tinha saído com todas as suas coisas em um carro alugado.

-É amigo, o que foi?

-Vão embora.

Hein e Nilla se olharam.

-Vem amigo, eu ajudo.

-Hein se você sabe o que é melhor pra você, me deixa em paz.

Marcos disse em norueguês e Hein deu um passo atrás com temor, olhou pra Nilla, ela se levantou, foi até o bar, olhou por cima do balcão e pegou um baldinho pra gelo, colocou bastante gelo sob os protestos do barman, depois encheu ele com água, foi até onde estava Marcos e derramou a água gelada na cabeça dele.

-Diabos Hein, eu vou...

Olhou para Hein mas Nilla estava na frente dele com um braço cruzado e o outro segurando o baldinho.

-Inferno Nilla.

-Venha, o Bilhete está aqui perto.

-Como assim?

-É amigo, vem pro Bilhete.

Marcos não acreditou mas foi, pegaram um táxi e chegaram em um atracadouro, o Aurora estava lá, vermelhão como sempre, Marcos olhou para Nilla.

-Onde está o Bilhete?

-Na Austrália, em Perth.

-Vou pegar as minhas coisas.

-Hein, vá com ele e se voltar sozinho eu corto seus cojones.

O norueguês saiu reclamando em sua língua natal, blasfemando contra sua sorte e pedindo para Marcos não fazer tolices. Marcos juntou as coisas que tinha na pensão que vivia, pagou a conta e passou no bar contra a vontade de Hein, Marcos fechou sua conta lá também.

Pensara que nunca mais ia ouvir o nome do Bilhete e ela ainda existia, sentia que havia a traído, abandonando ela sozinha mas só esvaziara as suas coisas do apartamento, colocara tudo que cabia na bolsa, quebrara o computador e tirara o HDD e os chips de memória do celular e também quebrara, não queria falar ou saber de ninguém.

Pegara o primeiro trem para Espanha, lá pegou um barco para Marrocos, viajou até o Egito, depois para o Irã, pegou um barco para Índia e por fim chegou as Filipinas.

-Voltar ele e eu.

Disse Hein quando entraram no Aurora.

-Hein vamos pra casa, essa droga de pandemia vai fechar o mundo antes da gente chegar em casa.

Marcos sabia que o vírus estava se espalhando pela China mas não sabia que já estava no mundo todo.

-Vai ser bom muita gente precisa morrer.

-Não amigo, esse vírus não é castigo, é só doença, nos aprende a curar ele.

A noite Hein tentou ficar acordado mais que os outros dois mas acabou caindo no sono. Nilla continuou sentada no lado dele enquanto ele roncava.

-Ele está com medo que eu o deixe pra ficar com você.

-Eu estou morto Nilla. Só tenho dor pra dar.

Marcos tomou outro gole de chá.

-Não tem nada mais forte?

-Só café, esse beberrão não consegue ficar sóbrio se tiver alguma coisa, por isso esse barco é seco como uma paróquia de velhas. O que Irene te fez?

-Não é da sua conta.

-Se ela te traísse, você não ia ficar bravo, lembro que você disse que nem ligou da Regina ter te traído, ficou apenas chateado por ela não ter terminado antes.

-Deixa pra lá Nilla.

-Foi ela que mandou pôr fogo no Bilhete?

-Chega Nilla.

Nilla nunca acharia que veria aquela fúria assassina voltada contra ela, a sorte dela foi que Hein acordou com um pulo, assustado, bem na hora e ficou entre os dois.

-Tô acordado, tô acordado.

Viu o ódio no olhar de Marcos e olhou para Nilla que estava assustada.

-O que acontece?

-Desculpe te acordar Hein, vou lá pra fora para vocês dormirem.

Marcos saiu, Nilla ficou conversando com Hein e contando que Marcos estava doente

-Vírus?

Marcos escutou Hein gritar alto, e depois de levar um tapa de Nilla o ouviu gemer. Marcos ainda estava furioso, se Hein não estivesse ali Marcos não sabia o que teria feito, ficou a noite toda no deck do Aurora, estava quente e logo viriam as monções, chegariam a Perth em um mês ou um pouco mais.

Olhou para a água, o reflexo da lua era como o canto de uma sereia, pensara em se matar muitas vezes mas apesar de ter muita coragem sabia que sua família precisava da ajuda que ele dava, tinha de viver pelas irmãs pelo menos, devia ter feito um fundo para cada pessoa em vez de concentrar tudo no nome dele, em Manilla ele concertava barcos, motores, motos e carros, até trabalhou carregando frutas, mas todo o dinheiro que fazia era para beber, era só assim que conseguia evitar matar-se.

Sabia que não era forte, não forte como todos achavam, ele só tinha controle e isso estava em falta a muito tempo. Quando estava sóbrio era amargo e violento, não conseguia se segurar, fora preso duas vezes por quase matar uns caras que o tiraram do sério, ser estrangeiro só piorava, na vizinhança todos sabiam do branco louco que tinha morte nas costas.

A máfia mandou alguém perguntar se ele queria entrar, se Marcos estivesse sóbrio teria aceitado mas como estava bêbado não o levaram a sério, era só um estrangeiro louco e bêbado. Acordou assim que o sol saiu, ainda estava no deck, mas tinha uma coberta e um travesseiro, a dor de cabeça já estava quase sumindo, Hein estava sentado no leme com seu jeito desatento. Percebeu que Marcos acordara.

-Marcos meu amigo, preciso saber de uma coisa.

Perguntou em norueguês com um jeito sério que Marcos nunca vira no grandalhão.

-Você vai tirar ela de mim?

Marcos notou que Hein não disse o nome de Nilla para que ela não entendesse o que diziam.

-Eu estou morto Hein, só quero ficar sozinho e em paz, só vim porque vocês estão com o Bilhete e eu devo muito aquela garota, preciso deixar ela inteira novamente, depois darei ela para alguém que possa

cuidar bem dela e aí vou sumir e desta vez vou para onde nem você possa me achar.

-Sei que você está muito magoado e nunca vi você assim, mas eu vou pedir uma coisa a você.

-Qualquer coisa amigo.

-Tenha paciência com ela, ela ainda te ama muito, ela fica comigo, mas o amor é diferente, eu sei e não me importa, eu nunca disse mas sempre gostei dela, eu também te amo muito, se você fosse uma linda garota ou se eu fosse uma garota eu casaria com você.

Hein disse o fim rindo e Marcos apesar de mal-humorado acabou rindo e chamando o grandalhão de comedor de cabras.

-Se os dois pararam de fofocar como duas abuelas vamos tomar café.

Hein prendeu o leme e foi rápido para a cabine. Marcos levantou e ia entrar mas Nilla pôs um dedo no peito dele.

-Não senhor, vai tomar banho porque você está fedendo e ponha estas roupas.

Marcos estava vestindo uma calça jeans suja, botas e uma camisa de botões sobre uma camiseta de malha, seu cabelo estava desgrenhado e a barba muito grande e com uns fiapos brancos no canto do queixo.

Marcos pegou um balde de água do mar, estava morna, tirou a roupa e pôs a lavar-se, Hein espiou para fora e assustou-se, cutucou Nilla que estava de costas para a porta e ela viu o espanto na cara dele.

Ela se virou e pôs a mão na boca, Marcos estava muito magro, o fato de estar vestido com calças e aquele camisão haviam disfarçado, ele perdera quase toda a musculatura que o deixavam atraente, haviam algumas marcas que Nilla não sabia o que era mas Hein cochichou serem facadas, uma mancha negra estava nas costelas do lado esquerdo, Marcos colocou a bermuda e a camisa regata e os chinelos.

-Nilla essa bermuda está grande. É do Hein?

Ela conseguiu manter a calma e disse.

-Não seu idiota, são suas roupas.

Marcos fez cara de bobo e surpreso.

-Amigo com fome?

Marcos sentou, olhou para a comida e sentiu fome depois de muito tempo sem ter apetite.

-Acredito que estou com um pouco de fome.

Comeram juntos mas Marcos não comeu nem a quarta parte do que comia normalmente, depois do café ele teve tanto sono que teve que dormir, Nilla mandou ele para a cama dela.

-Hein ele estava se matando.

-Eu ver, chegar na última hora.

-Está com medo de que eu fique com ele?

Hein olhou pra ela com confiança e segurança.

-Não ter medo de ele ficar com você, eu ter medo de você me deixar porque ele não querer você.

-Não deve ter medo disto, de todos os homens no mundo, só você me aguenta, eu sei que as vezes sou uma vaca loca, acho que tirando

você, nem ele me amaria tanto.

-Marcos amar você muito e também sofrer assim se você tiver feito a mesma coisa que ela fez, mesmo eu não saber o que foi, eu não contar mas ele chorar olhando pra lua ao pensar em você.

Nilla olhou para Hein com espanto, ela nunca imaginaria que Marcos choraria por ela.

-É eu estraguei tudo, ainda bem que tenho você agora, não vou perder você.

Nilla sentou no colo de Hein, olhou bem nos olhos dele e disse com a maior sinceridade e amor que tinha por ele.

-Eu vou dar filhos pra você.

Hein sorriu e a beijou e abraçou feliz como uma criança.

-Melhor começar já.

Disse para Nilla que se ajeitou sobre o grandão e fizeram amor ali. Alguém chutou o pé de Marcos, era Nilla, ele olhou em volta.

-Vem comer amigo, você fraco.

-Venha o almoço está na mesa.

Marcos sentou, sentiu cheiro de encilhadas e chili, ia dizer que acabara de comer mas sua barriga roncou. Hein riu. Marcos levantou e foi para a mesa com os dois.

-*-

Irene estava muito ocupada, cuidar dos gêmeos com quase um ano era um pesadelo, mas ela amava cada momento, o pai insistira que ela tivesse uma empregada com ela todo o tempo, e agora essa maldita pandemia, atrapalharam as buscas dela por Marcos, ela ficara perita em seguir pistas, tinha achado as malas de Salander no depósito do prédio dela, lá estavam as roupas que não foram ajustadas para Marcos só as roupas do canalha dono das malas.

Jogou as roupas de Salander fora, andou entre os velejadores perguntando por possíveis destinos de velejadores pelo mundo, contratou investigadores em todos os destinos que recebeu indicação para encontrar Marcos, sabia que se Marcos passasse por ela na rua e não quisesse ser reconhecido, Irene não o reconheceria, nem se ele esbarrasse nela. Vira aquilo no escritório aquele dia.

Ficava irritada toda vez que pensava que era um inferno amar um homem inteligente e que queria fugir dela. Olhou para o frasco de perfume na penteadeira, estava lá para lhe dar esperanças. Os gêmeos começaram a chorar. Levantou e foi ao quarto deles, a ajudante dela estava com Marcos no colo e Irene pegou Mirian. A menina parou de chorar e olhou para o irmão que também parou, era como se ela mandasse nele, Irene sempre sorria e imaginava diálogos entre os dois que apenas balbuciavam mamamã e papá.

-Cale a boca seu chorão.

-Eu choro se eu quiser sua chata.

Pensou que se pudesse entender eles, nunca faria mais nada que ficar olhando-os, ambos apesar de serem de sexos diferentes eram

perfeitamente iguais, até a diferença de peso era de algumas gramas, tinham olhos negros e nasceram cabeludos o que deixou algumas enfermeiras espantadas, Irene mantinha os cabelos dos dois longos e algumas vezes só sabia quem era um ou outro se tirasse a fralda.

Por vezes seu pai se confundia e chamava Mirian de Marcos. Augusto Franco estava fazendo todo o possível pra ajudar a achar Marcos, ela o perdoara naquele dia, enterrara o que sabia depois de ver o mal que fizera para Marcos. O pai viera ao apartamento porque ninguém vira Irene por três dias seguidos e a encontrou sentada no sofá ouvindo músicas brasileiras e chorando. Irene viu que o pai usara a chave reserva da portaria mas não se importou.

-Filha, se isto foi minha culpa de alguma maneira me perdoe, eu juro que não vou parar até achar o Marcos.

-Não pai, isso eu fiz sozinha, eu li Marcos de maneira errada, via ele forte, mas não pensava que eu fosse tão importante para ele, eu o vi sofrendo pela Nilla mas não pensei que pudesse sofrer por mim.

-Nilla?

-A antiga namorada.

-A do perfume.

Irene lembrou da gravação, levantou e pegou o gravador da bolsa.

-Aqui, um presente de um inimigo.

Disse e deu a Augusto. Augusto começou a tocar e parou ao ouvir-se cumprimentar Marcos, empalideceu e olhou para filha de pé.

-Irene eu...

Irene pegou o gravador e jogou no chão, pisoteou ele até ficar em pedaços.

-Sou pior que você pai, você tentou me vender para Salander mas eu tentei matar o filho dele. Nossa família só trouxe sofrimento para aquele homem maravilhoso.

Chorou e o pai a abraçou, estava arrependido de ter tentado dirigir o destino da filha, se sentia responsável por tudo e tudo começara com aquela ideia idiota de casá-la com Salander. Achou que Irene iria se interessar por um homem de negócios assim como ele, mas ela apaixonou-se pelo homem que parecia o irmão.

Nos meses seguintes Irene viajou pelos lugares onde os investigadores tinham possíveis pistas, quando sua barriga estava grande voltou e descobriu um recado de Nilla, ela iria procurar Marcos. Mudou o quarto de hóspedes onde Marcos dormira duas vezes apenas, para o quarto dos bebês, já sabia que eram um casal de gêmeos univitelinos, eram idênticos na medida do normal. Marcos tinha irmãs gêmeas e isso amedrontou Irene, ambas eram grau três mas ela teria forças por Marcos e pelos filhos.

O parto foi dolorido mas foi divertido, a mãe dela estava muito bem e esteve ao lado dela durante todo o processo. Ao escolher o nome do menino Irene nem pensara duas vezes, o menino seria Marcos Júnior e a menina teria o nome da mãe de Marcos, Mirian. Ela conversara com os pais de Marcos por telefone algumas vezes a procura dele e eles foram muito atenciosos e a convidaram a ir ao Brasil, sabiam inclusive que ela

estava grávida dele, pois Marcos contara na última vez que falara com os pais.

Irene tinha esperado os gêmeos fazer seis meses e foi visitar os sogros, pelo menos assim os considerava. A família Schmidt inteira estava esperando por ela no aeroporto de Navegantes, as famílias dos três irmãos, os pais e as duas moças, eram lindas mas viviam num mundo próprio, ficou com receio no princípio mas todos a receberam com amor verdadeiro e amaram as crianças de maneira genuína.

Em Balneário Camboriú Irene pediu para que a levassem para um hotel, mas Mirian não aceitou, disse que ela era filha deles e tinha de ficar junto com eles na casa, a casa era uma propriedade bem bonita e segundo ela entendeu, até de luxo na região, a história de origem pobre de Marcos parecia que tinha lá suas falhas, ela pensara nele como um rapaz pobre que vendia sorvetes na praia. Irene entrou na mansão um pouco deslocada, BC era quente apesar de ser início do inverno.

-Entre, a casa é sua também.

Irene aceitou como cumprimento, Arnoldo, pai de Marcos riu e disse.

-Você não entendeu filha, a casa é sua também porque esta casa é de Marcos, ele comprou pra nós depois do prêmio da Sena.

-Dá loteria?

-Sim ele ganhou muito dinheiro e comprou vários imóveis aqui em Balneário.

-E foi viver num barco?

-Pois é, loucura né? Mas ele fez isso pra fugir e poder ficar sozinho.

-Já chega por agora, venha vamos instalar essas preciosidades.

Disse dona Mirian com a sua neta preferida e xará.

A família de Marcos ficou toda ali com ela e ela entendeu de onde vinha o jeito de Marcos, todos eram brincalhões uns com os outros, os filhos brincavam com o pai, a mãe e as noras se tratavam com respeito e afeto, as crianças eram mais barulhentas que Marcos e Mirian, o irmão mais velho de Marcos era o mais parecido com ele.

Arnoldo e Mirian levaram Irene por BC e tinham orgulho de apontar os prédios onde Marcos tinha apartamentos. A praia estava um pouco deserta apesar do calor.

-Pensei que aqui fosse uma praia movimentada?

-Ah, sim filha, só que estamos no inverno, então só um ou outro turista da Europa aguenta ficar na praia neste frio.

Irene estava suando e Mirian disse que estava frio.

Em Camboriú mostraram a casa onde Marcos cresceu, era uma casa de alvenaria brasileira e pequena se comparado ao estilo de vida de Irene, mas olhando ao redor notou que era o padrão das construções do lugar apesar de ser uma região pouco urbanizada.

-Quem mora aqui?

-Oh, aqui mora meu filho mais velho com a esposa, eles voltaram para Camboriú assim que Marcos decidiu viajar, na verdade ele voltou para ficar perto e cuidar das coisas para quando ele viesse visitar.

-Marcos ajudou muito e muitas pessoas, antes dele ganhar a Sena nós começamos a ficar preocupados com ele, porque ficava na frente daquele quadro todo o tempo que ele não estava trabalhando no banco.

-Qual banco ele trabalhou?

-No Banco Central do Brasil.

-É grande?

-É o banco oficial e manda na economia do país, só os mais inteligentes passam no concurso pra trabalhar lá.

-O que ele fazia?

-Alguma coisa com analista, não lembro bem.

-O escritório é perto?

-Não, é em Curitiba a capital do estado vizinho.

-É longe?

-Uns duzentos e poucos quilômetros.

-Gostaria de ir lá.

Irene esteve um mês em BC, Marcos crescera pobre e tido por aluno comum e até sofrendo bullyng por aqueles que sabiam das irmãs autistas. Em casa ele estudava sozinho coisas de grau maior que na escola, quando chegou no segundo grau ele passou a ser considerado um aluno brilhante e passou para a universidade mais difícil de Santa Catarina.

Ele fez o concurso para analista de investimentos antes de terminar a faculdade e passou em primeiro lugar mas perdeu três chamadas por ter largado a faculdade, por fim fez uma faculdade a distância somente para entrar no banco. Irene sabia que Marcos não era normal mas isto era absurdo, lembrou dele sentado no sofá dela de chinelos e bermudas e não conseguia encaixar as duas realidades.

Quando voltou a Portugal, soubera que Nilla não o havia encontrado ainda. E que Marcelo fora preso por ter ateado fogo ao veleiro de Marcos apesar do motivo não ter ficado claro. Os gêmeos tinham um ano e alguns meses quando começou o isolamento, ela foi sufocando o mundo e todos se trancaram.

Irene ficou apavorada com medo dos bebês ficarem doentes, tinha feito um estoque de comida para dois anos e não abria a porta do apartamento pra ninguém, só falava com o pai pelo telefone e internet, as ações despencaram e ela leu na internet a falência da Franco ser anunciada com antecipação, ela queria ir ajudar o pai, mas seu medo pelos bebês era demais, aí saíram as vacinas, ela tinha que arranjar, não importava o preço.

O pai conseguiu várias e depois de serem esterilizadas foram entregues para Irene, ela mandou todos embora da porta e abriu espirrando álcool no ar, pegou a embalagem com luvas e levou para pia onde lavou com álcool tudo até ter certeza que não deixara nada para trás, tinha uma montanha de remédios para tudo que os bebês pudessem precisar e agora tinha também a vacina.

Tomou uma dose da vacina, ficou mal, teve febre e quase entrou em pânico pensando que tinha contraído o vírus por ter aberto a porta. Mas era só uma reação adversa da vacina, estava chorando pois estava

esgotada, achou que não conseguiria sozinha.

-Mamãe, mami.

Disse Mirian, Irene parou e olhou a filha, era a primeira vez que falara bem claramente, não era cedo mas não era preocupantemente tarde, virou para ir até ela mas Marcos chorou e também balbuciou.

-Mamãe, mami.

Irene ficou dividida e por fim pegou os dois, sentou no chão chorando. Os bebês estavam com três anos quando a quarentena foi retirada, as pessoas começaram a voltar a vida cotidiana muito lentamente, a Franco não chegou a falir, mas fechou as portas, o que dava na mesma. Seu pai envelhecera tanto que surpreendia Irene, por fim ele faleceu.

Ela visitava a mãe quase toda semana e pediu para vir com ela para o Brasil. Já tinha conversado com os pais de Marcos sobre se mudar para BC a muito tempo mas a pandemia tinha atrapalhado. A mãe não aceitou pois já estava velha e logo iria descansar para sempre com o pai de Irene e Augustus, ainda não tinha superado completamente a depressão mas achava que o lugar de Irene era na terra de Marcos, assim como ela havia feito, saído da Espanha e vindo para cá onde estava seu pai.

Irene enfim foi ao Brasil para procurar um lugar para morar, Arnoldo Filho, irmão mais velho de Marcos não aceitou que ela alugasse ou comprasse algo, mostrou fotos de todos os apartamentos de Marcos e pediu que ela escolhesse.

Tem algum em um lugar calmo?

-Este fica em um condomínio fechado mas é longe da praia.

-Está desocupado?

-Sim.

-Ótimo é este, se você acha que eu devo.

Mas é óbvio, você tem como se manter?

-Tenho.

-Certo, mas não exite em falar se precisar de qualquer coisa.

Os Schmidts ajudaram ela a se instalar, compraram um carro semelhante ao dela em Portugal, ensinaram alguns macetes sobre segurança no Brasil, Irene tinha seu apartamento agora mas passava muito tempo na casa dos pais de Marcos, a sogra queria ver os netos crescerem, com exceção das gêmeas Raquel e Rute não nasceram mais nenhum caso de gêmeos na família.

-*-

Marcos logo se recuperou, antes de chegar em Perth já mergulhava para pegar peixes, Hein estava muito feliz, quando chegaram a Austrália não demorou muito para Nilla começar a ter enjoos matinais. O grandalhão bebeu tanto que desmaiou. E depois disto não tocou mais em nenhum gole de bebida. Eles chegaram em uma propriedade na parte do deserto da região, a cerca de cem quilômetros chamada Northam, tinha um galpão grande de telhas de metal e um casebre com janelas sem

vidro.

-Vem amigo, vem ver, eu não mexi em nada. Deixei pra você.

Hein abriu o portão mas este acabou caindo levantando um poeirão, Nilla xingou e deu uns tapas no norueguês, Marcos ficou ali de pé, a poeira baixou e lá estava ela, o Bilhete Premiado na sombra, estava empoeirada mas estava como ele deixara, teria muito trabalho pra levar ela pro mar.

-Oi garota, pode me perdoar?

Ele entrou no galpão e viu que até o antigo mastro cortado em três pedaços ainda estava lá onde ele deixara.

-É, vamos fazer você navegar novamente.

Disse passando a mão pelo casco chamuscado e com algumas cracas ressecadas. Nilla e Hein ficaram olhando para ele, não era o Marcos de antes, era um Marcos diferente, mas com certeza estava muito melhor que quando o encontraram. A pandemia fechou a Austrália e estava difícil conseguir sair atrás de comida, Hein tinha fé que haveria uma cura logo, a barriga de Nilla crescia rápido, Marcos e Hein reformaram o casebre ao lado do galpão e Marcos mobiliou de modo confortável.

Nilla já estava com seis meses quando saiu um alerta de tempestade no mar onde o Snoball e o Aurora estavam ancorados, Hein não era tão bom velejador quanto Marcos mas o Snoball era menor que o Aurora, então combinaram de Marcos cuidar do Aurora e Hein cuidar do Snoball afinal por menos que Hein soubesse ele tinha muita experiência no próprio barco.

Levaram os veleiros para longe do caminho da tempestade e voltaram em uma semana, desceram no porto e voltaram juntos para casa, no dia seguinte Hein amanheceu com febre.

-Eu doente, eu doente.

-Calma Hein.

Disse Nilla tentando acalmar o marido.

-Marcos tira Nilla de perto, eu doente.

-Calma Hein é só uma febre.

O grandalhão foi no armário tirou um frasco de perfume e cheirou, foi até a cozinha pegou açúcar e comeu uma colherada.

-Não, eu doente, fiquem longe.

-Calma Hein não é tão contagioso assim, vamos ter cuidado.

-Não.

Marcos viu loucura e desespero no homem.

-Eu ir para Snoball, se melhorar volta, se não voltar, Marcos cuida da Nilla.

-Hein, não.

Nilla se jogou sobre o norueguês que a afastou como se sentisse nojo dela.

-Eu doente, preciso ficar longe do bebê. Marcos, por favor meu amigo.

Marcos segurou Nilla com cuidado. Hein pegou a mochila que tinham trazido no dia anterior, pegou uma garrafa de álcool lavou as

mãos de Nilla enquanto ela gritava e esperneava, foi até o quarto, pegou a roupa da cama deles, levou para fora e queimou, depois parou e olhou para a mulher que chorava e lutava para se soltar de Marcos xingando ele e jurando matá-lo se não a soltasse.

-Assim que eu melhor, eu volta. Pode visitar eu se usar máscara e luvas e prometer ter cuidado.

Entrou no carro e saiu. Depois que Nilla parou de lutar Marcos soltou ela, a mulher avançou contra ele e começou a bater nele.

-Por que deixou ele ir? Por que não o parou? Por que me segurou?

Despejava uma imensa quantidade de palavrões, ela continuou até que cansou, ela tinha acertado um ou dois golpes realmente fortes e tiraram sangue dos lábios de Marcos que ficou ali chorando e apanhando, por fim Nilla caiu de joelhos e Marcos a levou para dentro, Hein tinha levado a caminhonete então Marcos pegou o jipe e foi atrás do amigo, tinha medo dele fazer alguma besteira como ir para o mar no Snoball.

Marcos achou o barco no lugar que deixaram e o Aurora também, ninguém vira o grandalhão pelas docas, foi ao hospital e achou a caminhonete. Não deixaram ele passar da área amarela, fizeram um teste desconfortável nele e mandaram esperar, deu negativo, então atenderam ele e descobriu que Hein estava internado no isolamento. Ligou para Nilla.

-Achou ele.

-Sim, não fez nenhuma loucura, está no hospital internado no isolamento, confirmaram que era o vírus. Eu fiz o teste e deu negativo, estou voltando e amanhã você vem comigo pra fazer o teste para prevenir e já tentamos pegar informações sobre o Hein.

Nilla não respondeu a princípio, só soluçou.

-Tá bom.

Disse ela e desligou. Marcos voltou com o jipe. Nilla estava sentada na porta.

-Venha Nilla.

Marcos a ajudou a se levantar, levou ela até a cama dele e a deitou, teve medo dela ter febre. Arrumou a casa, colocou lençóis limpos na cama dela e ao voltar ao quarto encontrou Nilla dormindo. Marcos voltou a cozinha, preparou uma refeição para si e deixou tudo pronto para fazer algo quente para Nilla quando ela acordasse. Acabou cochilando sentado no sofá.

-Marcos?

Marcos acordou sobressaltado.

-Sim, o que?

Nilla estava de pé na frente do sofá.

-Está com fome?

Perguntou Marcos?

-Não, eu só não queria ficar sozinha.

Marcos afastou-se dando lugar pra ela. Nilla sentou, ele pôs a mão no rosto dela para sentir se estava com febre, não estava, ela aproveitou para segurar a mão dele em seu rosto um pouco.

-Estou parecendo uma mamacita não é?

Marcos sempre admirava a barriga de Nilla, sentia tristeza por não ter tido a oportunidade de ter seu próprio filho.

-Lembra a primeira vez que nos falamos?

Marcos lembrou como se fosse ontem.

-Sim, você disse para que eu enfiasse o caranguejo no rabo.

Nilla riu.

-É mesmo, eu não lembrava desta parte, quando contei esta história para Irene eu esqueci deste detalhe, fiquei tão puta com você porque era... Não, ainda é um idiota. Quem era aquela mamacita que pediu um caranguejo pra você?

-Darlene ou Darling, não, acho que era Darla.

-Era mulher daquele velejador que morreu quando o relâmpago acertou o mastro durante a regata de Orlando?

-É ela.

Nilla não gostou nada do presságio, porque lembrara de algo assim, tão mórbido.

-Você acha que Hein vai morrer?

-Nilla, não diga bobagens, ele é muito forte, sabia que ele desvirou um veleiro uma vez sozinho?

-Era um de dez pés.

-É mas ele estava na água, três pessoas não deram conta e ele pulou na água sozinho e desvirou.

-Era só uma história que ele inventou.

-Não mesmo, porque eu estava lá com o Carson e o Bruce não demos conta, o veleiro era deles.

-É mesmo, lembro de como os dois respeitavam o Hein.

-Venha, vou fazer algo para você comer.

-Não quero nada.

-Não perguntei.

Marcos levantou e foi para cozinha, fez um chili bem picante e salgado, fritou cebolas e batatas e fez bife a cavalo, sabia que Nilla se lembraria daquilo.

-Haha, de onde saiu a ideia de chamar um ovo frito em cima de um bife de vaca de bife a cavalo?

-No Brasil se diz que levar uma criança nos ombros é brincar de cavalinho, então o ovo e o bife estão brincando de cavalinho, bife a cavalo.

-Seu povo é muito estranho, onde já se viu colocar açúcar no abacate, tem certeza que o Brasil fica no planeta Terra?

-As vezes eu me faço a mesma pergunta.

Nilla riu e continuou comendo.

-Esse chili tá quase bom, faltou sal.

Marcos estendeu o saleiro e ela pôs mais um pouco de sal. Na manhã seguinte saíram cedo para aproveitar o frescor da manhã. O jipe apesar de aberto era mais confortável que a caminhonete que era antiga. Nilla não teve febre e testou negativo para o vírus, Marcos apresentou o teste do dia anterior para não fazer outro teste.

-Que coisa desconfortável?

-É pro seu bem.

-Quase mandei aquela gringa meter aquele palito no culo, onde está o Hein.

Puderam chegar perto do vidro do isolamento, Hein estava deitado e viu os dois, fez alguns gestos que Marcos entendeu, o único que Nilla entendeu foi o joinha e coração que Marcos ensinou eles a fazer.

-O que ele disse?

-Fez assim, quer dizer joia, tudo bem, depois fez assim, muito, depois isto, febre, doente, suando. Então fez este, tamo junto, gratidão e, por fim, este, coração, amor.

-Então ele está com muita febre ainda.

-Não deve ser muita porque está medicado.

Ambos olharam e notaram que ele estava de olhos fechados, Nilla quis bater no vidro mas Marcos a conteve.

-Ele está só dormindo, fique calma.

-Como sabe?

-O painel ao lado da cama, dá pra ver o coração e tá tudo normal.

Nilla se soltou, tentou olhar para o monitor e percebeu que marcava o coração de Hein batendo normalmente.

-Marcos, o que eu vou fazer se ele morrer?

-Vai continuar vivendo e vai criar o filho ou filha dele.

-Filho.

-Filho?

-Sim, minha barriga parece um melão pontudo.

-Então era pra eu ser mulher, porque nas fotos a barriga da minha mãe era redonda.

-Mas você nasceu muito grande então é diferente.

Quando Nilla cansou de olhar Hein dormir, Marcos a levou até o jipe.

-Você vai no jipe, mas com cuidado, nada de exageros.

-Qualé cabrón, sou melhor motorista que você.

Nilla subiu no jipe como uma aventureira, ligou o carro e saiu cantando pneu.

-Meu deus.

Marcos foi até a caminhonete e foi normalmente atrás dela. Nilla esperou por ele sentada no capô do jipe.

-Você dirige mais devagar que minha abuela.

-Então quer dizer que ela, pelo menos, tem carteira.

-Maricón.

Desceu do capô. No dia seguinte foram novamente ver Hein, só que ele não estava na mesma cama, um médico veio ver eles.

-O senhor Wiers teve que ser transferido para a unidade de risco, ele bebia muito?

-Só um pouco.

Disse Marcos para não alarmar.

-Notamos que a infecção do vírus se alojou no figado e dali está tomando o pulmão, estamos usando remédios para fortalecer o sistema imunológico dele e nos próximos dias teremos uma previsão.

-Não posso ver ele?

-Infelizmente a partir deste ponto o isolamento é total.

-Marcos ele vai morrer, eu estou sentindo.

-Nilla, calma.

A mulher desabou nos braços dele chorando.

-Não seja pessimista senhora, seu marido tem boa chance de viver.

Marcos levou Nilla para casa, ela estava sofrendo muito, conseguiu fazer ela comer e a levou para a cama, ela deitou mas quando ele tentou se afastar ela não deixou.

-Marcos, preciso de você.

-Nilla.

-Preciso de você aqui comigo.

-Eu amo Hein.

-Eu também, mas não sei como suportar o que está acontecendo. Isso está me matando e estou começando a ter medo pelo bebê, fique comigo esta noite.

Marcos deitou na cama do amigo, Nilla se aconchegou a Marcos e logo dormiu, ele permaneceu acordado durante muito tempo, então sentiu algo batendo contra sua barriga, isso o sobressaltou fazendo Nilla se mexer e passar a perna por cima dele. Aquilo novamente, Marcos entendeu, o bebê estava chutando, lentamente Marcos desceu a mão e repousou ela sobre o ventre de Nilla, o bebê parecia estar fazendo uma festa, mas logo se acalmou diante do toque dele, Nilla sorriu e disse dormindo.

-Para Hein, isso faz cócegas.

Marcos relaxou, sabia que não estava traindo o amigo, sentiu inveja de Hein, e quando o homem voltasse, iria dizer a ele o quanto ele era um homem de sorte, um mal pensamento passou por sua mente, se Hein não voltasse ele poderia ter Nilla e o bebê para ele.

Odiou-se somente por ter pensado nisto mas depois de refletir, pensou que fora um momento de fraqueza que já passara. Nilla precisava dele só agora, ela podia ainda amá-lo mas ela amava mais Hein, e isso deixava Marcos feliz, primeiro porque amava o amigo e também porque não poderia amar nenhuma outra mulher em sua vida. Pensou em Irene e lágrimas saíram pelos cantos de seus olhos antes mesmo dele perceber.

Sentiu uma vontade imensa de beber, só que não podia nem se mexer agora. Amanhã quem sabe e dormiu, teve um sonho estranho, quem estava grávida ao lado dele na cama era Irene, sentiu a mão dela pelo seu corpo, abriu os olhos e Nilla estava ao lado dele, dormia profundamente, ela ainda tinha a perna sobre as suas e enquanto dormia passava a mão involuntariamente do pescoço dele para a cintura.

Fora isso que ativara o sonho. Voltou a dormir. Acordou sozinho, Nilla estava fazendo café, ele levantou-se meio indeciso do que fazer.

-Amanhã iremos ao hospital novamente tentar ver o Hein.

Marcos pensou que o humor dela estava melhor, não sabia se ela estava fingindo estar feliz por sentir remorsos, apesar deles não terem feito nada. Nilla parou com a frigideira na mão e sorriu, colocou a outra mão na barriga.

-O pequeno Hein está agitado hoje, desde a hora que eu me levantei ele não para de chutar, aqui sinta.

Marcos aproximou a mão da barriga e sentiu como o bebê estava agitado, deveria ser reflexo dos sentimentos agitados de Nilla, novamente o bebê se acalmou ao toque de Marcos.

-Que estranho, ele não costuma fazer isso, Hein tocava, cantava e falava com ele mas ele sempre se mantinha agitado, acho que ele sabe que seu toque é diferente.

-Isso é ruim?

-Acho que não, acho que ele se sente seguro, assim como eu.

Marcos entendeu que Nilla estava sendo sincera, o ânimo dela mudara, estava triste e preocupada, mas não desesperada, sabia que podia contar com Marcos e isso lhe dava força. Marcos ficou muito triste do nada, a tal ponto que Nilla se preocupou.

-O que foi?

-Um pensamento triste.

-Sobre Hein?

Perguntou ela preocupada.

-Não, sobre Irene.

Nilla percebeu que foi a primeira vez desde que ela o tinha achado que ele falava o nome dela, isso podia ser bom, ele podia estar se curando. Foram ao hospital no dia seguinte e não conseguiram nem passar da recepção, por pouco não tiveram que fazer testes novamente.

Um policial exigiu que eles fossem embora e permanecessem em casa, Nilla brigou com o homem, mas ele não deu a mínima. Marcos olhou ao redor, ele e Nilla estavam de máscaras, mas muitos estavam com muito mais coisas, um homem andava com uma capa plástica sobre o corpo todo. As pessoas estavam se tornando histéricas por causa do vírus, Marcos decidiu levar Nilla dali.

Ela não gostou mas se deixou levar, pararam no mercadão e perceberam que tinha policiais na entrada, ele não pode entrar sem ter sua temperatura aferida, o mercado estava praticamente vazio, havia poucos produtos na prateleira, Marcos e Hein já tinham tido dificuldades de comprar comida por causa das filas, mas agora quase não havia opções, pegou produtos que ele sabia como conservar, porque os enlatados, alcool e até as bebidas alcoolicas destiladas estavam sumidas.

Água não havia mais, por isto ele pegou água de coco, vinho e vinagre, as frutas e verduras estavam praticamente intocadas por serem consideradas perecíveis, Marcos encheu o carrinho com elas, iria preparar conservas de carnes também. Ao passar as compras para o jipe, Nilla olhou para aquele monte de coisas e remexeu nas verduras.

-Vai fazer conservas para viagem?

-Na verdade vou fazer conservas para nós. O mercado está quase vazio, as pessoas estão em pânico, nunca imaginei que o mundo pudesse parecer um filme de ficção.

Nilla viu que ele falava sério. Percebera aquilo no hospital, polícia para mandar as pessoas embora. Se fosse na Nicarágua seria normal, mas aqui em Perth? Em casa, Marcos tirou todas as coisas do carro e

levou uma caixa até a sala, desembrulhou o rádio e pôs sobre a estante, ligou ele e ouviu a programação procurando por notícias, como eram velejadores, eles não tinham tevê ou rádio, nem tinham internet, só ouviam os cds e assistiam filmes em dvds no laptop.

No rádio começou-se a falar da quarentena e das normas de afastamento sociais e que era proibido estar na rua sem motivo maior, Nilla parou o que fazia, escutou sem acreditar muito, a Austrália estava praticamente sob lei marcial, era como se estivessem no fim do mundo.

-Por deus, isto é guerra?

-Não, acho que é só pânico.

Nilla olhou para ver se Marcos acreditava no que dizia, ele estava seguro ao dizer.

-Vamos ficar longe da cidade para não termos problemas, lamento Nilla, mas só poderemos ligar para o hospital e só iremos lá quando tivermos certeza de poder ver Hein.

Nilla assentiu sem dizer nada, estava com medo não por causa do vírus mas sim por causa das pessoas, sabia que as pessoas enlouquecidas eram piores que qualquer vírus. Ligavam todas as manhãs para o hospital para ter atualizações do estado de Hein, o médico estava preocupado, os anos de descontrole com a bebida estavam cobrando caro agora, se Hein tivesse tido uma vida saudável seria melhor. Nilla chorava sempre depois das ligações, implorou ao médico para ver ele, mas não foi permitido.

-Marcos se ele morrer sem eu vê-lo eu acho que vou morrer também.

Marcos não duvidava que isto pudesse acontecer. Em uma manhã ele preparou a caminhonete para sair.

-Preciso ir até a cidade comprar algumas peças.

-No meio deste caos?

-Sim, podemos precisar.

Nilla não gostou nada.

-Vai, mas cuide-se.

Marcos foi direto ao hospital, deu a volta indo para os fundos, para o acesso de serviço, havia um zelador fumando, estava com a máscara baixa mas ao ver Marcos puxou a máscara e jogou o cigarro fora para entrar, Marcos também estava de máscara, era o único jeito de não ser parado por um policial, mesmo sozinho dentro do carro.

-Ei amigo, gostaria de ganhar uma grana?

O homem parou, olhou para Marcos.

-Quanto e pelo que?

-Preciso que leve uma pessoa até a ala onde estão as pessoas com respiradores.

-Não mesmo, eu só vou lá obrigado.

-Então poderia mostrar o caminho para uma pessoa, não precisa entrar, apenas leve ela como se fosse uma faxineira.

-Mil dólares.

-Feito, amanhã estarei aqui.

O homem ficou um pouco arrependido, primeiro pensou que devia ter pedido mais, segundo era muito risco. Marcos chegou perto do

homem e olhou nos olhos dele, depois olhou o crachá, sentiu uma onda de humor, mas guardou para si.

-Ernest, não falhe comigo, você não vai gostar, amanhã estarei aqui com uma pessoa, você vai levar ela até a ala dos doentes, esperará por ela e trará ela de volta e vai receber dois mil dólares apenas por esse pequeno passeio.

Ernest acenou com a cabeça meio assustado.

-Sim, amanhã.

Marcos voltou para casa, comprara umas coisas na loja de ferragens que realmente precisava mas não eram tão urgentes. Nilla o recebeu na porta, tirou uma torneira da sacola.

-Torneiras? Onde você foi.

-Eu teria comprado algo mais estranho se não tivesse dado certo, preciso que seja forte e me obedeça pelo menos uma vez?

Nilla olhou para ele desconfiada.

-Amanhã vamos ao hospital, convenci um servente a te levar até o lugar onde Hein está, você irá como faxineira por isso terá de usar roupas folgadas e grandes para esconder a barriga, poderá ver ele, mas Nilla, pelo amor de deus, não poderá tocá-lo a menos que não seja vista ou seja seguro para o bebê, entendeu.

O rosto da mulher estava iluminado.

-Promete, poderei ver Hein?

-Se o zelador não der para trás, acredito que sim.

Nilla pulou no pescoço de Marcos e o beijou na boca, não foi um beijo apaixonado, foi um beijo de gratidão como faria a um namorado que lhe dava um presente, sorria e chorava e então percebeu que o beijara.

-Desculpe.

-Tudo bem.

Na manhã seguinte ela era pura animação iria ver Hein, Marcos chegou no hospital pelo mesmo horário do dia anterior, esperou no jipe olhando para a saída de funcionários, o homem não aparecia.

-Marcos?

-Calma Nilla. Esperaram mais algum tempo.

-Marcos?

-Nilla precisa esperar pelo menos...

Naquele momento o homem pôs a cara para fora, Marcos desceu do carro seguido de Nilla que vestia muita roupa e estava suando.

-Quem vai? Ela? Isso é um problema, ela está com febre?

-Não, só está nervosa.

-Deus meu, aqui vista isso, rápido.

Passou uma série de coisas para Nilla, assim que ela terminou de vestir-se ela ficou parecendo uma enfermeira ou médica de filmes de ameaças biológicas.

-Precisa de tudo isto?

-É claro, lá dentro tá todo mundo assim, eu vou levar ela até a entrada, não tem vigilância mas não esqueça de limpar, senão vai ser mandada embora.

-Sim.

Disse Nilla, ela olhou para Marcos e entrou seguindo o homem desconhecido. Marcos esperou no jipe, estava muito impaciente, esperou por meia hora e por fim Ernest saiu junto com Nilla. Ela caminhava com dificuldade.

-Foi tudo bem?

-Ninguém nos pegou, só que eu acho que ela está passando mal.

-Nilla?

Ela começou a arrancar as roupas do hospital e depois as roupas extras, se sentia sufocada, não chorava, só sentia tristeza, voltou seus olhos cor de mel para Marcos mas eles estavam vazios.

-Me leve pra casa.

Ernest recolhia as coisas no chão e Marcos pegou as roupas, Nilla já estava indo para o jipe. Marcos tirou um envelope do bolso e entregou ao homem, havia dois mil e quinhentos nele. Virou e correu até o carro sem olhar para trás. Nilla não estava conseguindo entrar no carro e Marcos a ajudou. Estava arrependido de ter feito a vontade dela, nunca vira ela neste estado.

Em casa Nilla sentou no sofá e olhou para o rádio. Foi até ele e ligou, as notícias eram somente sobre o vírus, Marcos estava na cozinha, fazia a comida mas estava de olho nela, a mulher arrancou o rádio da tomada e o arremessou na parede, espatifando ele, olhou em redor e viu as fotos de Hein e dela, pegou e arremessou, começou a arremessar tudo que punha a mão.

Marcos correu para ela e a segurou com carinho, ela o socou, chutou e esbofeteou, enquanto chorava e rangia os dentes em ira, ficou lutando com Marcos por muito tempo até as forças sumirem, então amoleceu e Marcos pode levar ela para a cama, ela dormiu imediatamente um sono pesado, acordaria apenas no dia seguinte.

Marcos havia passado parte do dia e da noite de olho nela e por isso estava cansado, ela tinha quebrado o nariz dele, e havia um hematoma preto embaixo dos olhos. Nilla acordou lentamente e apenas levantou a cabeça e olhou em volta. Marcos estava sentado com um esparadrapo no nariz e estava quase dormindo.

-Fui eu que fiz isso?

Marcos despertou do cochilo com seu jeito assustado que ela conhecia muito bem.

-Foi por acidente.

-Não sei não, acho que você deve ter merecido, aposto que estava tentando se aproveitar de mim.

Marcos sorriu, Nilla estava quase normal. Ficaram em silêncio por um tempo.

-Não vai perguntar se eu estou com fome?

Marcos ia falar alguma coisa mas ficou quieto.

-Marcos, o Hein não vai voltar. Pelo que eu vi, ele está nas últimas, ele está tão magro que eu não o reconheci, passei direto por ele, quando eu estava desistindo de achar ele, percebi o nome Wiers num identificador da cama, Marcos ainda bem que eu o vi hoje, sei que nunca mais vou vê-lo novamente.

Marcos estava chorando daquele jeito silencioso dele.

-Não chore Marcos, Hein viveu feliz comigo, ele vivia preocupado de que eu o abandonasse, até isto.

Colocou a mão na barriga.

-Depois disto ele ficou tão bobo que eu tinha de dar uns tapas nele.

-Eu percebi.

-Ele sabia que não ia voltar naquele dia, você lembra o que ele disse?

-Pra mim cuidar de você.

-Sim, mas notou que ele não disse nenhuma vez que me amava, sabia que ele nunca disse. Nenhuma vez sequer, nem pediu que eu dissesse pra ele que o amava.

-Não sabia.

-Sabe por que ele fazia isto?

-Imagino.

-Sim, para me deixar livre pra partir, aquele idiota, eu sabia que ele era apaixonado por mim antes de ficar com você, ele tinha me chamado para sair mas eu já estava caçando você desde que te vi pela primeira vez.

-Você estava casada.

-Sim mas eu mandei aquele perro embora e sai atrás de você, sabia que quando eu cheguei na Argentina você já tinha saído?

-Não sabia.

-Hein ainda estava lá e perguntei de você pra ele, foi ele que me disse que tinha voltado ao Brasil e depois ia para Costa Rica. Eu disse que ia voltar para o México, porque estava me sentindo uma idiota de ter ido pra Argentina atrás de você.

-Por isso ele insistiu da gente atravessar o Triângulo para ir ao México.

-Deve ter sido. Esse seu maldito barco de corrida, até hoje não sei porque você vivia apertado nele, acho que é só para se aparecer para as garotas.

-Não, eu gosto da sensação da velocidade.

Nilla olhou para Marcos com ternura. Ele sempre seria um sem noção, por isso o amava tanto.

-Marcos, preciso de você.

-Sim Nilla, estou aqui.

-Não, preciso de seu amor, pelo menos um pouco.

-Nilla.

-Marcos, perdi meu marido e preciso de algo pra me sentir viva.

Marcos levantou e foi até ela, Nilla o abraçou, chorou, beijou chorando, deitou puxando ele sobre si. Marcos se sentiu desconfortável por causa da barriga, e manteve-se afastado, ela virou debaixo dele e puxou ele contra ela, Marcos abaixou o shorts dela e ela o dele, se sentiu estranho, sentiu que tinha uma ereção na mão dela, ela estava chorando e estava com a cabeça voltada para ele sem deixar de beijá-lo.

Passou a mão pelos seios dela que estavam grandes por causa da gravidez, isso o deixou muito excitado, ela sentiu que ele se excitara e

suas lágrimas pararam, Marcos não sabia se porque secaram ou se por causa do tesão, ela se encurvou e recebeu ele dentro dela, ela estava quente e molhada.

Fizeram amor por bastante tempo, mudaram de posição mas sempre de modo que a barriga ficasse segura. Nilla nunca tinha sido tão meiga e gentil, Marcos não percebeu pois confundira com as lágrimas dela mas Nilla nunca esqueceria que ele também estava chorando e continuou por muito tempo enquanto faziam fazer amor.

Dois dias depois a notícia que Nilla já esperava chegou, Hein morrera, seria enterrado no cemitério especial para vítimas do vírus, acesso por enquanto era restrito e somente no fim da quarentena e que os túmulos poderiam ser visitados. Dois meses depois Nilla deu a luz ao pequeno Hein, foi um parto rápido, Marcos estava segurando a mão dela o tempo todo.

A parteira colocou aquele bebê rechonchudo com pelinhos loiros de olhos demasiadamente azuis nos braços do homem totalmente diferente, ela olhou da mulher para o homem e notou que o bebê era diferente dos dois e o homem estava chorando de felicidade assim como a mulher. Coisas estranhas acontecem, pensou ela.

Depois da alta Marcos levou Nilla para casa, ele tinha mudado algumas coisas, mudara o quarto de Nilla para receber o berço, Nilla achou um pouco estranho.

-Porque não fez o quarto do bebê no lugar do seu? Poderia dormir aqui comigo.

-Nilla.

-Já sei.

Ela o procurou várias vezes depois da morte de Hein e ele a consolou, só que era como ele tinha dito, não tinha mais amor no coração, pelo menos não para as mulheres, amava Nilla e ela sabia, mas apenas como um amiga ou uma irmã, isso já bastava para ela, poderia ter ele, não sempre, mas ele ficaria com ela pelo menos por enquanto.

Olhou para Marcos que segurava o pequeno Hein como se fosse dele, sabia que Marcos teria que ter um motivo muito forte para abandonar o menino. Até esse dia, ela poderia engravidar acidentalmente.

Ela olhou maliciosa para Marcos, ele tinha se recuperado bem mas ainda estava magro, precisava fazer ele pegar corpo de homem, lembrou de Hein, o norueguês tinha o corpo de um homem de verdade, grande e gordo, Marcos era diferente, parecia um garanhão de corrida, magro e esguio, sorriu e foi para a cozinha preparar umas encilhadas com chili.

Marcos acordou aquele dia bem disposto, o Bilhete estava tomando forma, o pequeno Hein estava muito chatinho porque seus dentinhos estavam começando a sair, Nilla só conseguiu fazer ele dormir quase de manhã, ela adormecera logo em seguida.

Ele nem fez nada para comer para não fazer barulho, pegou uma maçã e saiu com cuidado pela porta dos fundos, trabalhou em silêncio no barco até que Nilla apareceu e disse que o café estava pronto, tomaram o café e Marcos comeu com grande apetite, isso era uma das coisas que

Nilla mais gostava, um homem que comia bastante a comida dela.

Ela se sentia orgulhosa dele ter crescido um pouco, estava mais musculoso e largo, só não ganhava barriga, fazia quase dois meses da última vez que conseguira dormir com ele, estava começando a ficar louca novamente e teria que tentar cedo ou tarde.

Marcos terminou o café e foi para o galpão, Nilla ficou olhando ele sujo de poeira, não sabia que ele entendia de construção de barcos, mas o Bilhete tinha pouco a pouco voltado a forma antiga, ela gostava muito do veleiro apesar dele ter feito ela de boba várias vezes, se não fosse tão rápido ou se o Aurora fosse mais rápido poderia ter alcançado Marcos e tudo seria diferente.

Lembrou do pequeno Snoball, estava em uma doca seca, Marcos o retirara da água e dera uma reforma rápida para poder guardar ele para o pequeno Hein, o Aurora estava um pouco abandonado, Nilla ia até ele apenas uma vez por semana, logo teria de pedir para Marcos querená-lo.

Não entendia porque a maioria dos velejadores diziam que os barcos eram fêmeas, o Aurora era macho, tinha um mastro grosso e enorme, como seria uma fêmea, talvez o Bilhete fosse fêmea porque era esguio como uma mulher apesar de ser comprido.

Viu um carro se aproximando pela nuvem de poeira que levantava, era um carro preto, um SUV, devia ser alguém importante. Será que viria para cá? Nilla sentiu o coração ficar apertado, quem gostava de SUVs era Irene.

O carro parou na entrada do galpão, da casa não dava para ver quem ia descer. Ela se esgueirou até perto da parede, não dava para ouvir a conversa, só vestígios.

-O que é isso?

Marcos perguntou, estava cansado depois de ter lixado todo o fundo do Bilhete Premiado, o barco estava parado naquele galpão fazia muito tempo, ele estava reformando pessoalmente cada parte do barco, aproveitou para aumentar o pé direito para finalmente poder ficar de pé em todo camarote, não estava de bom humor para visitas, ainda mais de Ricardo Marques, pegou o cheque que Ricardo lhe estendera.

-Sete milhões de Euros? Para que isto?

-Sete milhões, duzentos e quarenta e três mil, seiscentos e oito Euros e vinte e nove centis. É a sua comissão, você foi embora antes de receber e eu não sabia onde você estava e com o caos que esse mundo virou durante a pandemia pensei que nunca te acharia, o que faz aqui na Austrália? Pensei que iria para o Brasil ou para a Indonésia.

-A Austrália é um dos melhores lugares para manter um barco fora da água, é seco e isso ajuda na reforma, obrigado pela visita e tenha uma boa viagem de regresso.

Ricardo não lembrava de Marcos ser tão amargo. Uma mulher segurando uma criança de uns dois anos no colo entrou no galpão. Falou algo em um espanhol difícil que Ricardo só entendeu a palavra gringo.

-É um conhecido.

A mulher saiu sem deixar de olhar ameaçadoramente para Ricardo.

-Sua esposa?

-Amiga, o marido faleceu na pandemia e ela ficou sozinha com o filho bebê, tenho ajudado.

-Irene está procurando por você.

-Ela tem a carreira dela.

-Não tem mais. A Franco faliu por causa da pandemia e o velho Augusto morreu com a empresa.

-Me entristece muito saber disso.

Marcos finalmente pareceu um pouco com o rapaz que Ricardo conheceu.

-Eu e Augusto descobrimos quem queimou seu barco, foi o Marcelo, ele foi preso e vai ficar mais uns cinco anos na cadeia.

Marcos deu um tapa no casco do Bilhete Premiado.

-Essa garota é durona, mais alguns meses e ela vai voltar pro mar. Comecei a reforma eu mesmo, tinha desistido dela, mas ela me encontrou.

-Você, desistir? Achei que os brasileiros não desistissem nunca.

-Depois de Portugal eu já desisti de muita coisa.

-Ela te magoou tanto assim?

-Ela matou nosso filho.

Marcos disse sem raiva ou qualquer outra emoção como se estivesse morto por dentro.

-Não, não matou.

-O que? Mas eu saí da clínica aquele dia e ela ficou para terminar o...

-Mas ela não teve coragem de ir até o fim por sua causa, ninguém poderia demovê-la de algo e você sabe. Só você conseguiu isso.

-Eu tenho um filho? Ou uma filha?

-Os dois, são gêmeos, um menino e uma menina.

Marcos abriu um sorriso largo que fez seus olhos sumirem, ao mesmo tempo que lágrimas rolaram pelos cantos deles mas a euforia de Marcos se apagou tão rapidamente como surgiu.

-Ela não deve me querer perto deles.

-Ela está te procurando desde que você fugiu, ela se sente muito culpada por fazer você pensar que ela matara as crianças.

-Onde ela está?

-No Brasil.

-No Brasil?

Sim numa cidade paradisíaca chamada Balneário Camboriú.

-Quando ela foi pra lá?

Depois da pandemia.

Marcos engoliu em seco com dificuldade.

-Obrigado Ricardo.

Marcos estendeu o cheque novamente para o homem.

-O que você acaba de me contar vale muito mais que este cheque.

-Não posso permitir que você devolva, se não fosse seu projeto eu teria falido na pandemia como a maioria dos tubarões, só sobrevivi porque grande parte das minhas finanças estavam investidas nas ações

das suas carteiras, muitos clientes meus me deram bônus muito razoáveis por salvar eles do dilúvio, tentei descobrir um jeito de depositar este valor pra você mas não conseguia te achar, além disto preciso comprovar o pagamento de sua comissão por causa da investigação da nossa estratégia, isto é o endereço dela.

Entregou um papel com um endereço, uma criança chorou atrás da parede do galpão, uma mulher falou com a criança e se afastou.

-Não é seu mesmo?

-Não, já disse.

-Seria interessante se fosse, mas pena, não é?

Ricardo deu um aceno e saiu caminhando pela areia do deserto australiano. Marcos tamborilou o casco do Bilhete Premiado e saiu do galpão para a casa, não era grande coisa, mas era aconchegante, ele tornara ela uma boa habitação para Nilla e para o pequeno Hein.

-Se eu tivesse chegado a Lisboa um mês antes você teria ficado comigo e não com aquela portuguesa.

-Nilla.

Disse Marcos que já havia tido aquela discussão com a mulher.

-Porque você nunca disse o que ela fez pra você? No México você estava tão feliz e mesmo quando cheguei a Lisboa, você parecia feliz com ela, Hein me consolou por perder você para aquela...

-Nilla, por favor.

Nilla colocou a criança no berço que logo dormiu, Marcos percebeu que ela esteve chorando. Ele tocou o rosto na marca feita pelas lágrimas na poeira do deserto, ela deu um tapa na mão dele e virou de costas.

-Você chorou e Hein começou a chorar também não foi? Escutou tudo?

-Só a parte que você teve filhos com... Com Irene.

-Eu fugi porque achei que ela ia abortar meus filhos e eu não pude suportar.

-Eu achei você em Manilla, Heinhich trouxe você conosco para cá, antes da pandemia. Ele tinha medo que eu deixasse ele pra ficar com você então dei este filho pra ele, mas ele que acabou me abandonando, morreu sem ver o próprio filho. Agora, você vai me abandonar também?

-Nilla eu não vou te abandonar, você sabe que nós não ficaríamos juntos depois de Heinhich, ele era meu amigo.

-Mas dormimos juntos.

-Sim para nos consolarmos algumas vezes, serei sempre seu amigo e não deixarei o pequeno Hein. Venha comigo para o Brasil, preciso voltar para conhecer meus filhos.

-Nunca, prefiro você morto que voltando para aquela ordinária.

Marcos fechou a cara, Nilla soube na hora que passara dos limites, ele virou-se para sair da casa.

-Marcos, desculpe, estou sofrendo, só isso.

Marcos parou, ainda estava de cara fechada.

-Volto na hora do jantar.

Nilla conhecia seu homem muito bem, nem o grandalhão do Hein

ousava enfrentar Marcos quando ele fechava a cara, se ele não voltasse a ter uma expressão alegre não era bom continuar a aborrecê-lo, Nilla vira Marcos quase matar um cabrón uma vez de tanto bater, nem os amigos do homem o pararam, somente os gritos da namorada do coitado que trouxeram Marcos a razão. E ela hoje esteve muito perto de aborrecê-lo de verdade, como naquele dia no Aurora.

Fez um belo jantar, colocou um vestido, arrumou-se e perfumou-se, pensou, se ele vai embora vai me deixar uma lembrança. Marcos voltou com alguns equipamentos novos e meia dúzia de eletrodomésticos, instalou todos. Levou as ferramentas para o galpão e voltou para casa, estava suado, tirou a roupa na porta e lavou-se no chuveiro frio ao lado da porta dos fundos.

Nilla lhe estendeu uma toalha, uma tatuagem de coração partido estava desenhado entre os nomes Bilhete Premiado junto com as diversas cicatrizes de facadas que ele tinha ganhado em seu tempo de exílio nas Filipinas. Marcos encorpara com os anos, estava mais musculoso e Nilla se esforçava para que ele engordasse mas não tinha sucesso. Ele se enxugou e reparou que ela estava arrumada, sorriu.

-Está bonita.

-Só hoje?

-Sempre.

Ele entrou e vestiu aquele seu conjunto tão característico que nem o frio ou o calor podiam mudar, bermuda, regata e chinelo. Sentou do lado de Hein e brincou com ele enquanto lhe dava de comer, Nilla temera que saber que tinha filhos próprios lhe tiraria o interesse em Hein, mas isso não aconteceu, Hein ainda não estava comendo por conta própria e Marcos gostava de alimentar o menino e fazia caretas divertidas que Nilla esquecia de tudo para observar.

-Você vai embora quando?

-Assim que terminar o Bilhete.

-Quero um presente de despedida, prova que você já me amou.

-Você sabe que meu amor por você é diferente.

-Sim, mas me prove.

-Como?

-Eu quero um filho seu.

-Nilla, isso não seria certo.

-Seria sim, você sempre vai ter que voltar por causa de seu filho e, pelo menos, poderei ver você, mesmo que não seja mais meu, Marcos você não sabe como me arrependo de não ter vendido meu barco e ficado com você no México.

-É, tudo seria diferente.

Marcos olhou para Hein.

-Mas assim eu não teria você meu fofo, o tio Marcos te ama muito e não trocaria você por nada.

Marcos falava em português com Hein sempre que expressava seu grande afeto pelo menino.

-Vai me dar meu presente?

Nilla esperou Marcos bufar como fazia antes de uma tarefa

tediosa, mas ele olhou pra ela com verdadeiro desejo e ela ruborizou, Marcos pegou Hein e levou para o berço, ligou o brinquedinho que o menino adorava. Voltou a mesa e pegou Nilla da cadeira para seu colo.

-Sua vez de ir para a cama.

Levou ela para o quarto e Nilla só saiu depois de várias horas, não se preocuparam com a criança pois ela dormiria como uma pedra com o brinquedinho, ela estava ruborizada e suada e verificou seu filho no berço, se isto continuasse ela engravidaria logo.

Dez meses foi o tempo que Marcos levou para terminar o Bilhete Premiado, o barco estava diferente então Marcos decidiu chamar de Bilhete Premiado 2, Nilla estava quase dando a luz, era uma menina, pelo menos ela dizia, Marcos repetira a história de que a barriga da mãe dele estava redonda e ele nasceu, a não ser que ele fosse mulher e não sabia.

-Está duvidando de mim?

-Nem por um instante.

Marcos estava de costas para ela lavando vegetais para o almoço, ele mudara muito, estava quase o mesmo que ela conhecera, estava alegre e gentil, a exceção era a mancha branca na barba que dava um charme irresistível a ele, não pensara que Marcos podia ficar mais atraente.

Ele fora fiel a sua promessa lhe dera uma filha e estava com ela, sabia que ele ficaria com ela até o nascimento, então depois de conhecer a filha ia partir para Irene, Nilla não sentiu tristeza, era uma boa troca, Hein estava tagarelando, era precoce, já falava muito bem, Marcos o ensinava norueguês, português, inglês e náuatle.

O menino parecia entender que toda vez que eles falavam em um idioma diferente ele também deveria mudar, assim chamava Nilla de mamma, mamãe, mommy, e nantli, Nilla assustara Hein ao chorar como uma torneira aberta fazendo o menino chorar também quando ele disse nantli pela primeira vez, demoraram a acalmar o menino para que ele repetisse, Nilla o encheu de beijos e festou com ele a tarde toda ouvindo ele repetir nantli. Quando Hein estava cansado de festar com Nilla ele havia virado para Marcos e pedido colo dizendo.

-Tahtli.

Nilla teve de se conter para não cair no choro novamente. Apesar de ser uma língua incomum mesmo na região dela, não esperava que Marcos dominasse ela tão rápido, ele tinha um dom para idiomas, sempre falava com as pessoas no seu idioma, só usava um idioma diferente até aprender o dela, vira ele falando uma dúzia de idiomas diferentes e falando em português em meia dúzia de sotaques. Ele tinha terminado a salada.

-Nilla, não vou por muito sal.

-Tudo bem.

Sabia que ele se preocupava com os exageros dela, ainda mais grávida da filha dele, tinha sido um chato durante a gravidez de Hein e não seria diferente agora. Comeram enquanto ele brincava com Hein, que tagarelava em norueguês com ele lembrando Nilla como o pai dele e Marcos faziam para mantê-la de fora das conversas.

-O que vocês dois estão fofocando, vou dar um peteleco nos dois se não pararem.

Marcos mudou de norueguês para espanhol no meio da frase e Hein olhando para ela com cara de espanto disse meio choroso

-No mamacita, perdon.

Nilla abriu um sorriso e beijou o filho.

-Nem parece o filho de Hein, parece seu. Se não fosse estas duas safiras azuis no lugar dos olhos e esse cabelo de fios de ouro eu mesma teria achado que havia emprenhado de você.

Marcos não disse nada só olhou para ela, de um jeito diferente, não estava bravo, mas não parecia com humor.

-O que foi?

-Nilla não entenda mal, eu vou partir assim que nossa filha nascer, claro que eu voltarei, mas isso eu juro pra você, apesar de eu sentir falta do Heinhich e amar ele como um irmão, eu gostaria muito que Hein fosse nosso.

Nilla nunca vira ele falar uma coisa dessas desde que o conhecera, era algo egoísta e voltado apenas para ele, sim Marcos dormira com ela enquanto Hein estava morrendo no hospital mas fora para aliviar a dor dela, depois permanecera com ela, sempre atendendo aos desejos dela com bastante controle, por fim cedeu ao desejo dela de ter um filho dele, mas depois que ela engravidara tudo voltou a ser como antes, haviam dormido juntos algumas vezes, mas Marcos não se permitia ficar com Nilla, era a primeira vez que via ele desejar ela para si, como se ele quisesse que Heinhich e Irene nunca tivessem existido.

-Marcos...

-Não Nilla, foi só um pensamento, me perdoe.

-Tudo bem.

Ela o beijou e afagou o cabelo dele.

O parto da menina foi mais difícil do que esperavam, ela não era muito decidida a conhecer o mundo, fizera Marcos e Nilla correrem para o hospital na quinta feira a noite com a bolsa estourada, mas ela não se decidia a nascer, por fim os médicos tiveram que fazer uma cesariana no sábado a tarde, mais de quarenta horas depois dela dar entrada na maternidade. Quando a menina foi entregue nos braços de Marcos, ela chorou e disse em náuatle.

-Cualtzin.

Ela era cabeluda e tinha os olhos quase dourados, Nilla estava cansada pelas tentativas de um parto normal mas era muito forte.

-O nome dela será Bela.

-Sim mas com dois éle, Bella.

Marcos pôs sua filha nos braços de Nilla. Hein ficou assustado quando viu Nilla e Marcos chegando com outro bebê, tinham contado para ele várias vezes que dentro da barriga da mamãe tinha uma irmanzinha, um presente pra ele, que ele tinha de cuidar e amar. Ele sempre assentia mas ao ver a menina chegar ele ficou um pouco enciumado, ainda mais depois de ter ficado vários dias sem ver a mãe, ficando na casa de uma babá que era da vizinhança.

-*-

Irene chegou em casa muito estressada, o trânsito estava um caos, os gêmeos não paravam quietos, ela só sentiu um pouco de alívio quando Luísa pegou os dois e sumiu com eles para o quarto, ouvir os dois gritando no arranca e para do trânsito era um teste de amor imenso. BC ficava muito caótica no verão, se tivesse que passar por tudo isso e ainda tivesse que aguentar esse calor sem ar-condicionado, ela morreria.

Não, não morreria, seria forte por Marcos e Mirian, sentiu-se sozinha e foi para o quarto para poder sentir o cheiro de Marcos, hoje ela precisava do apoio dele e só tinha o frasco de perfume vazio. Entrou no quarto e sentou-se na cama, passou as duas mãos no cabelo puxando eles para trás e segurou-os na nuca, sabia que isso pareceria loucura, cheirar um frasco de perfume velho, se alguém a visse fazer a mandaria para um psiquiatra.

Olhou a penteadeira e gelou, pulou da cama e correu até o móvel, olhou com atenção, depois revirou a penteadeira derrubando seus outros perfumes e maquiagens. Olhou em volta do móvel, ajoelhou no chão e olhou embaixo da cama. Não havia nada

-Luísa?

Gritou tão alto e em desespero que a mulher apareceu correndo.

-Irene o q...

-Tinha um frasco de perfume aqui na penteadeira, ele estava vazio e agora sumiu.

-Viviane trouxe a filha pra ajudar a limpar hoje pois tinha que ir ao médico e você lembra, ela pediu sua autorização.

-Sim, havia esquecido.

-Acha que ela roubou algo?

-Não, não.

Irene se levantou e correu até o lixo do banheiro, estava vazio, correu até o lixo da cozinha, vazio também, sem dizer nada ela saiu correndo do apartamento deixando a porta aberta. Luísa ficou muito preocupada mas não podia deixar os gêmeos para ir atrás da mulher que parecia uma louca.

Irene correu pelas escadas pois era mais rápido que esperar o elevador, pulou degraus e quase tropeçou uma ou duas vezes. Corria as cegas mesmo que fosse proibido correr pelos corredores, quase atropelou um de seus vizinhos, chegou ao depósito de lixo do condomínio, entrou e se deparou com o fim.

Estava quase vazio, só tinha uns poucos sacos mas eram de cor diferente, quase todos pretos, e os dela eram azuis, mesmo assim rasgou um após outro, uma das empregadas havia chegado para deixar lixo e vira a mulher louca rasgando os sacos, correu até o segurança que voltou acompanhado dela e encontrou Irene sentada no meio do lixo chorando como se morrera um filho, o desespero era tanto que os dois ficaram paralisados, o segurança entrou.

-Senhora Irene, venha, precisa ir para casa e se limpar.

Irene estava sem forças e a empregada também ajudou ela a se levantar. Levaram a mulher que parecia estar alheia a tudo ao redor dela, no apartamento Luísa estava esperando preocupada, não a vira daquele jeito nem quando Marcos ficou doente.

-Irene, você está bem?

E para o segurança disse.

-O que houve?

-Não sei, ela estava caída entre os sacos de lixo e tinha rasgado todos.

-Ela devia estar procurando...

-Era algo importante? -O caminhão de lixo passou cedo hoje.

Irene ouviu aquilo e voltou aos poucos a si.

-Acabou Luísa, perdi ele, ele nunca mais vai voltar, acabou, depois de tudo ele não vai mais voltar.

O segurança fez um aceno para Luísa e saiu, ela fechou a porta e levou sua patroa e amiga para o banheiro.

-Irene, tem que se limpar.

Ajudou a mulher a se despir e entrar no chuveiro, Irene ficou ali de pé chorando enquanto a água escorria, não tinha vontade de fazer nada, lembrou de como Marcos tinha ficado paralisado ao saber que o Bilhete tinha sido queimado, entendia o que ele queria dizer com personalizar as coisas, ela não tinha nem uma foto da época deles juntos, tinha alguns vídeos dele como Salander.

Tinha fotos dele de antes de conhecê-lo que a família a tinha dado, mas do tempo dos dois juntos, Marcos e Irene, não tinha nada, por isso colocara todo amor naquele frasco de perfume. Sabia que ele simbolizava que o amor de Marcos tinha acabado, mas também simbolizava a determinação dele e para ela ajudava a manter a determinação dela em esperar por ele, mesmo que ele estivesse com outra, mesmo que ele não mais a amasse, mesmo que ele tivesse muitos filhos.

A determinação de esperar por ele e mostrar seu amor por ele e os maravilhosos filhos que os dois tinham era muito maior. O frasco de perfume era um totem, uma personalização de Marcos, ela sempre o segurava e o cheirava quando estava deprimida, triste ou tinha um dia muito difícil e isso era como se Marcos estivesse com ela, lembrava do amor dele, das palavras dele, e agora parecia que ele ia desaparecendo da sua memória, não se aguentou em pé e sentou no box, ficou ali tanto tempo que Luísa teve de vir para tirá-la.

-Irene, você está bem?

-Não Luísa, não estou, preciso que cuide dos gêmeos porque eu não sei o que fazer.

-O que você estava procurando?

-Lembra do meu frasco de perfume vazio que eu guardava.

-Sim, parecia um tesouro.

-Era a única coisa que meu amor deixou para trás quando foi embora, ele me deixou palavras duras, mas deixou um símbolo de seu amor por mim. Eu guardava para poder mostrar a ele se ele voltasse que eu ainda tinha o frasco de perfume dele.

-Desculpe Irene, mas nenhum homem vale isso.

Disse Luísa mais para tentar melhorar o ânimo de Irene do que por acreditar nisso.

-Luísa, se você conhecer o Marcos você vai entender, ele é maravilhoso, mas eu fui uma tola e acho que consegui matar ele por dentro, nem sei se o homem que eu amei um dia ainda existe dentro dele.

Luísa começou a sentir a desesperança de Irene e seus olhos se encheram de lágrimas também. A campainha do apartamento tocou, Irene começou a vestir as roupas que Luísa lhe deixara, estava com o cabelo ainda úmido pois não se secara direito.

-Irene, Irene.

Gritou Luísa, Irene não deu muita importância saiu do quarto para ver quem havia chegado. Viviane estava de pé muito embaraçada ao lado da filha. A moça estava visivelmente envergonhada.

-Senhora Irene, mil perdões eu havia dito para esta desajeitada pra somente tirar o pó dos perfumes, eu estava com pressa de ir ao médico...

-Não tem problema Viviane, mal-entendidos acontecem.

-Diga para dona Irene.

-Dona Irene me perdoe, eu não sabia que era importante, tirei o pó e o frasco virou, vi que estava vazio e coloquei ele no lixo, a senhora é muito rica e pensei que ia comprar outro, não sabia que era importante para a senhora.

A garota pôs a mão na bolsa e tirou um embrulho de papel de revista.

-Eu vi que o frasco era muito bonito e achei uma pena jogar ele no lixo então eu peguei do saco de lixo antes de colocar ele no depósito, falei pra minha mãe quando íamos...

Irene pulou e tomou o embrulho da mão da moça e rasgou o papel com uma violência que fez elas se afastarem, o frasco de perfume estava intacto e apesar de ter ido para o lixo estava limpo.

-Eu lavei ele quando tirei do li...

Irene agarrou a moça e abraçou ela com grande alívio, depois abraçou Viviane, levantou o frasco do perfume olhando para ele como se fosse um tesouro, depois apertou ele contra o rosto e chorou. Luísa fez sinal para as duas acompanharem ela para a cozinha.

Irene ficou ali de olhos fechados apertada ao frasco o perfume de Marcos era como um bálsamo para ela, não, era mais, quase como uma droga, estava viciada nele. Foi para o quarto, deitou-se e ficou olhando para o frasco, teve certeza que estava louca, lembrou do que Nilla disse, que Marcos podia enlouquecer uma mulher, ela sorriu ainda com lágrimas escorrendo dos olhos e achou que a mexicana tinha razão, será que Nilla encontrara Marcos?

O que ela teria feito? Provavelmente cumpriu a promessa, tinha tomado Marcos para ela, Irene não se importou se Nilla tivesse ficado com Marcos, ela ainda o amava e seu maior desejo era vê-lo feliz, o que não podia suportar era ele pensar que ela tinha matado os filhos dele. Só saiu do quarto muito tempo depois.

Luísa estava no quarto das crianças, Irene pegou um filho de cada vez, beijou eles que estavam sonolentos e ajudou Luísa a pôr eles nas camas. Ficou ali de pé olhando para os dois que dormiram imediatamente assim como Marcos costumava fazer.

-Irene você está bem?

-Não Luísa, estou totalmente louca.

Disse com certo humor.

-Eu acho que entendo você.

-Entende?

-Sim, conheci um rapaz e me apaixonei, ele era mais velho, fiz de tudo para ele me notar, só que ele já tinha namorada, uma vez eu tranquei ele na sala de educação física e tentei beijar ele a força. Ele me segurou e pediu que não forçasse ele a trair a namorada, fiquei envergonhada, disse que o amava, que não podia respirar sem ele, ele disse que sabia o que eu sentia porque era assim que se sentia pela namorada, chorei muito tempo por ele e ainda o amo de certa forma mesmo sem nunca tê-lo beijado.

-Eu passei por isso com Marcos, ele é muito inteligente, seguro, decidido, amado por todos, poderia ter o mundo aos pés dele só que ele preferia ficar morando em um barco e mergulhava mais de vinte metros para pegar uma lagosta que poderia comprar as dúzias, ele era muito especial.

-Achei que ele ainda estava vivo.

-Não sei Luísa, não sei se eu não o matei, eu achava ele indestrutível e não percebi que eu era a única coisa que podia matá-lo.

-Por isso o espera?

-Sim e sempre esperarei, morrerei esperando.

-Desculpe Irene, mas acha que ele esperou por você?

-Tenho certeza que não, ele deixou claro que eu não era mais nada para ele.

-Não entendo, se ele estiver casado e com filhos?

-Não importa, desde que ele volte e me encontre esperando e eu possa corrigir pelo menos uma parte do meu erro.

-Desculpe, posso saber qual foi? Você o traiu?

-Não, muito pior.

Luísa não sabia o que poderia ser pior.

-Eu fui a uma clínica de aborto escondida dele mas ele descobriu e me achou lá, Luísa ele quando estava com raiva assustava qualquer um, virava um monstro só que eu não sentia medo dele, sabia que ele nunca me machucaria mesmo que rasgasse um homem ao meio apenas com as mãos, ele afastou todos só com um olhar, quebrou um vidro, pegou um pedaço grande e encostou no pescoço, disse que se eu desse a ordem ele se mataria, mas que não ferisse o nosso filho.

Luísa já estava chorando junto com Irene.

-Eu implorei que não se machucasse e sabe o que ele disse? Que eu o tinha machucado, largou o vidro e simplesmente virou as costas, disse que ia para casa e foi embora.

-Não entendi?

-Eu devia ter ido atrás dele, mas não, eu fiquei na clínica para terminar o que comecei, enquanto esperava percebi que eu o tinha matado, não dera a ordem dele cortar o próprio pescoço mas eu o tinha matado por dentro, se eu tivesse ido atrás dele teria evitado tudo, mas como insisti em fazer o aborto perdi a chance, é claro que eu me arrependi e saí da clínica e sou imensamente grata por ter feito isto.

Disse olhando os gêmeos.

-Eles são parte do meu tesouro.

-Eles são maravilhosos, mas por que você quis abortar?

-Eu tenho autismo, e por estranho que possa parecer, Marcos também, muitas pessoas têm e não sabem, por isso tive medo de ter filhos e passar os genes para eles.

-Eles tem?

-Não, nenhum dos dois têm genes para autismo, eles ainda podem ter, mas não tem nenhum dos genes estudados para se buscar comprovação, apesar de Marcos e eu termos vários deles.

-Então é genético?

-Geralmente se um dos pais tem, os filhos têm chance de ter, e se os dois tem, as chances são maiores.

Saíram do quarto e deixaram os dois dormindo, iriam dormir como pedras até as três horas da manhã quando acordariam com fome.

-Luísa obrigada por ter ficado até tão tarde.

-Capaz, não quer que eu passe a noite aqui?

-De jeito nenhum, preciso de você para cuidar de tudo amanhã a tarde então vá, descanse e cuide da sua família.

-Obrigado, ah, o que vai fazer com Viviane?

-Fazer o que?

-Sobre o perfume?

-Nada, por quê?

-Ela estava muito envergonhada de ter acontecido aquilo.

-Bobagem, amanhã vou ligar pra ela vir normalmente, porque preciso dela também, acho que vou ligar agora apesar de tarde para que ela não brigue com a menina.

-Acho que ela já brigou muito com a moça.

Irene estava com o telefone e já estava ligando, fez um aceno de tchau para Luísa que saiu, a governanta foi até o estacionamento onde estava o carro que Irene comprara para ela usar, Irene perguntara como ela fazia para ir para casa a noite e Luísa surpresa disse que de ônibus, no mesmo dia Irene apareceu com o carro zero-quilômetro, Luísa sabia que não era um presente mas era somente para uso dela, essa portuguesa era uma pessoa muito boa.

-Viviane é Irene, calma, calma, escute, Viviane, não existe motivo para desculpas, foi um mal-entendido, gostaria que você viesse normalmente como sempre fez, quero pedir um favor. Sim, sim, fique calma, gostaria que, se sua filha quiser vir ajudar você, que ela venha sempre que puder, assim vocês duas poderiam terminar mais cedo e não seria tão difícil para você. Não, não, insisto que ela receba um pagamento separado, não, não, está tudo bem, estou satisfeita com as duas e só peço

que fiquem atentas as regras da casa, tudo bem, eu lhe desejo uma boa noite, eu também, tchau.

Irene desligou o telefone, de certa forma estava agradecida pelo que aconteceu, ela tinha estado muito apegada ao frasco de perfume e tinha começado a depender dele, Marcos não aprovaria isso. Irene foi para a cozinha pegou umas frutas e fez uma salada, foi para o quarto e sentou-se na cama ao lado do frasco de perfume. Comeu olhando para ele.

Onde estaria Marcos? Ela sabia que uma pessoa normal deveria ter seguido com a vida, encontrado outra pessoa, não teria passado pela gravidez sem um apoio masculino, sentia por Marcos e Mirian estarem crescendo sem um pai, mas Irene seria pai e mãe. Deveria jogar aquele frasco de perfume fora, terminou de comer as frutas, colocou o pote ao lado da cama, deitou-se e pegou o frasco de perfume, deveria mesmo jogar ele fora.

-Mas não hoje.

Disse para si mesma aproximando ele do rosto e sentindo o frio do vidro e o cheiro de Marcos, ela dormiu e sonhou que estava fazendo amor com ele. Acordou as três horas, os gêmeos ainda dormiam mas logo acordariam, fez uma mamadeira para cada um dos dois, eles gostavam de comer no berço nesse horário.

Assim que terminou escutou os primeiros resmungos de Mirian, sabia que era ela porque sempre ela que começava as coisas. Chegou ao quarto e viu Marcos segurando-se ao berço e Mirian com sua cara de choro, foi em direção a Marcos para servir ele primeiro, pegou Marcos e depois Miriam no colo e beijou e abraçou os dois, depois deu uma mamadeira para cada um e só então percebeu que estava chorando, lembrara do que sua mãe dissera sobre sacrificar tudo pelos filhos, ela fora realmente uma tola em pensar em privar-se destes dois anjos.

Um pensamento ruim passou pela cabeça dela, se ela não tivesse se livrado de Salander e caído ou se Marcos não estivesse lá para salvá-la, ela poderia ter sido estuprada, morta ou mesmo ter sido engravidada por aquele animal. Olhou para Marcos e Mirian, apesar do enjoo que sentiu com o pensamento, sabendo o que sabia agora, teria mantido a gravidez mesmo que fossem filhos de Salander.

Seu coração apertou, sentia muita tristeza por ter tentado tirar isto de Marcos e queria muito que ele pudesse experimentar aquilo. Deixou os gêmeos novamente em cada berço e voltou para cama dormir. Notou que estava com a calcinha molhada, lembrou do sonho, teve que se enxugar e trocar ela para poder dormir, no sonho havia lembrado porque Marcos deixava as mulheres enlouquecidas.

Na manhã seguinte preparou o café e tomou banho com os gêmeos, eles sempre faziam tudo juntos até sujar as fraldas, quando estavam começando a aprender a usar o peniquinho e eram muito fofos fazendo careta como se estivessem tentando fazer cocô, Marcos sentado no peniquinho azul e Mirrian no Rosa. Irene enchia a banheira e tomava banho junto com eles, colocava pouca água só para deixá-los brincar com a espuma.

Marcos tinha de ser vigiado para não bater a cabeça, pensava seriamente em comprar um capacete para ele, pois sempre fazia aqueles movimentos bruscos e assustados a qualquer barulho, era tão parecido com o pai que Irene pensava que ele teria autismo também, não se importava se fosse assim, só o que importava era manter ele feliz, independente do grau que ele tivesse.

Secou os dois e vestiu eles com roupas exatamente iguais de cor vermelha, por pouco não colocou o lacinho em Marcos e a gravatinha em Mirian. Levou eles no carrinho até a cozinha, enquanto tomava café o porteiro entregou as correspondências, ela não parou de alimentar os gêmeos, depois pegou uma maçã, não era sua fruta preferida, preferia abacaxi, sorriu por lembrar do que Marcos dissera sobre ela e os abacaxis.

Deu uma mordida bem grande na maçã assim como Marcos fazia, lembrou dele comendo a maçã em frente a secadora no antigo apartamento dela. Pegou a correspondência do chão, havia umas contas, um postal do Lucas, irmão mais novo de Marcos que morava na Europa. E havia um envelope sem remetente, abriu ele meio desconfiada. Dentro só havia uma folha de papel sem marca alguma exceto uma frase impressa e dizia.

-Achei-o e ele está voltando, espere mais um pouco.

Irene passou mal, teve que se apoiar na parede, ficou tonta, conseguiu chegar no sofá e sentou-se, o envelope caíra da mão mas o papel continuava firme na outra, balançou a cabeça para tentar voltar a si, trêmula olhou para a frase novamente.

-Achei-o e ele está voltando, espere mais um pouco.

Sentiu vertigem novamente, seria uma brincadeira? A única pessoa com quem se abrira foi Luísa e havia sido apenas ontem, a família de Marcos não seria tão cruel a ponto de fazer uma coisa destas, a única pessoa que podia fazer algo assim só para ver o que aconteceria, era Ricardo.

Sim, Ricardo, tirando Irene e o pai dela, Ricardo estava desesperado para achar Marcos, depois do sumiço de Marcos a bolsa de Lisboa abriu uma investigação para apurar como o grupo de Ricardo conseguira mais de setecentos milhões em lucro numa única semana, e apesar de terem investigado cada pessoa separadamente não pôde aferir nenhuma irregularidade.

Isso foi tão bom a favor de Ricardo que ele exigiu uma compensação da bolsa por tal atitude e em vez de reparação financeira recebeu perdão e acesso novamente ao pregão, apesar de somente em Lisboa mas já era uma vitória.

Ele tentara entregar a comissão de Marcos para ela mas Irene não aceitou, estava triste na época e não pensava em nada mais que encontrar Marcos e estava se preparando para viajar atrás de pistas dele. Ricardo disse que moveria os céus para achar Marcos, será que conseguira?

Ficou ali olhando o papel ainda sem acreditar. Devia ligar para Ricardo para perguntar onde Marcos estava, não, deveria ir a Portugal e

exigir que dissesse. Mas e se Marcos chegasse e não a achasse. Ricardo sabia fazer jogos cruéis, daria uma bofetada na cara dele quando o visse da próxima vez. Ele saberia que não se devia mexer com uma Franco, riu ao pensamento, ou melhor, uma Schmidt.

-*-

Marcos permaneceu com Nilla até Bella quase completar um ano, ele calculara que seus filhos tinham mais de 4 anos, logo estariam indo para a pré-escola. Pensou que agora tinha quatro filhos, não sabia o nome dos dois gêmeos mas estava ansioso para conhecê-los.

-Nilla eu voltarei independente do que aconteça.

-Sim, seria ótimo se trouxesse seus filhos.

Nilla estava sendo sincera, estava satisfeita por ter Hein e Bella e mal via a hora dos dois estarem correndo pelo quintal. Marcos tinha deixado tudo organizado para Nilla, o galpão agora estava no nome dele, o Snoball estava guardado e seguro dentro dele.

O Aurora estava querenado e pronto para ir para água, estava numa marina seca só esperando Nilla ter vontade de ir para o mar, Marcos não sabia se ela voltaria a navegar mas deixara tudo pronto.

-Não se preocupe Marcos, assim que Bella começar a andar eu vou ensinar ela vida de uma velejadora, se você demorar terá de nos achar em Cancún.

-Nilla, cuide de nossos filhos.

-Cuidarei.

Ele abraçou ela e ela lhe deu um beijo longo e molhado de lágrimas.

Abaixou-se pegando o filho nos braços.

-Hein, filho, o papai vai para aquela viajem que o papai tinha dito que ia ter de fazer, prometo que voltarei pra você, sabe que o papai Marcos te ama.

Hein estava choroso, olhou para Nilla e disse em norueguês.

-Não vai papai.

-Preciso ir, se tudo der certo voltarei antes do calendário ser trocado, lembra do que eu disse, vou ligar para você todos os dias?

Hein fez que sim, era um gênio, estava brincando de escrever palavras em 5 idiomas. Ele beijou o menino e beijou a menina que já estava balbuciando as primeiras palavras, por fim beijou Nilla pela última vez. Fora uma das coisas mais difíceis da vida de Marcos ter que deixar Nilla, mas precisava conhecer os filhos.

Se não houvesse amor entre ele e Irene, então ele poderia voltar com o coração leve para Nilla, o problema é que ao saber que ela não matara os filhos dele, o amor de Marcos se reacendeu, como se estivesse somente adormecido. Entrou na caminhonete e foi para a marina.

Lá pediu que levassem a caminhonete de volta ao deserto. Chegou ao trapiche, descarregou suas bolsas, o Bilhete estava brilhando sob o sol australiano, o mastro maior era mais cumprido que o anterior e o pequeno mastro novo, o mezena era a metade do tamanho do mastro

maior. Ele calculara um aumento de quase cem por cento na área de velame, seria um pouco difícil lidar com todas as velas sozinho.

Por isso não viajaria só, havia encontrado alguém que queria uma carona para a Argentina onde iria comprar seu primeiro veleiro, era um rapaz experiente e já tinha participado de duas regatas curtas, seu nome era Robert.

-Marcos, até que enfim, pensei que tinha desistido.

-Nunca.

-Vamos aproveitar a maré?

-Claro.

Robert era australiano e só falava inglês, Marcos estava ensinando francês e espanhol que seriam muito úteis na América do Sul e na África. O Bilhete roncou seu novo motor a diesel, tinha os mesmos trinta pés de comprimento e os mesmos dez pés de largura, em seu corpo, porém contava com uma cabine com pé direito alto, também aumentara quatro pés na popa pela retranca do mezena e Marcos incluíra seis pés ao gurupés original, com isso controlar o Bilhete a todo pano seria um desafio.

Com estas mudanças o Bilhete contaria com até cinco velas abertas ao mesmo tempo, a grande, a mezena, uma giba grande, uma giba média e uma giba menor.

Abriram as velas ainda dentro da área de restrição mas deixaram elas frouxas, o que não era proibido, mas não era comum, assim que passaram a boia, Robert e Marcos calçaram as velas maiores.

Marcos correu para o motor e desligou ele, recolheu a hélice e voltou para ajudar Robert a terminar de calçar o restante das velas, a última vela a ser calçada foi a nova e perigosa segunda giba, a de tamanho médio, que poderia fazer o veleiro perder o controle se houvesse muita pressão.

Marcos estava no leme sentindo a vibração, tinha aumentado o calado com uma quilha maior e móvel e aumentado o leme, ia ver se daria certo, o cutter de carangueja tivera sua configuração mudada para ketch de carangueja, Marcos sentiu que o Bilhete vibrava dentro da normalidade, os mastros de carbono aguentariam e toda a estrutura estava firme, o problema estava numa inclinação exagerada e possível capote.

O veleiro começou a inclinar, sua amurada de bombordo afundou na espuma, Robert estava sentado na cadeira de estibordo, Marcos também tinha sentado na cadeira de estibordo do piloto. Viram alguns veleiros próximos que já estavam navegando tentar jogar corrida com o Bilhete.

-Marcos, qual a velocidade?

-Depois, tenho que me concentrar agora.

Marcos observou o Bilhete lentamente diminuir a inclinação a medida que aumentavam a velocidade, os veleiros que tinham ganho distância por já estarem a toda velocidade, a todo pano como se dizia, foram sendo alcançados, quando Marcos passou por eles tinha-se a impressão que estavam parados.

Por fim o Bilhete parou de acelerar e sua inclinação ficou estável entre vinte e vinte cinco graus.

-Robert venha pra cá, não precisaremos tocar em nada até chegarmos no fim da primeira perna.

Robert saiu da cadeira e recolheu ela, o Bilhete oscilou um grau a mais na inclinação.

-Ótimo quase não houve alteração.

Marcos ainda não tirava os olhos do mar e das velas.

-Oh, meu deus, Marcos o vento está a doze nós.

-Sim eu imaginei, mas e nós?

-Estamos voando a dez nós.

-Tem certeza.

-Eu estou vendo e não estou acreditando.

-Vá na cabine e veja o vento real.

Robert foi e voltou pulando e gritando.

-Dezessete, Marcos, dezessete, estamos voando, estamos voando.

-Ainda não dá para comemorar, temos de ver como ela vai se comportar se o vento ficar mais fresco.

O vento ficou mais fresco, tiveram de diminuir a pressão e com vento real de vinte nós o Bilhete mantinha estáveis dez nós com quinze graus de inclinação, se Marcos puxasse ele chegava a quinze nós com trinta de inclinação, Robert quis ver até onde ia, mas Marcos estava satisfeito.

-Robert quando for um barco seu e sua tripulação você pode fazer o que quiser, até lá, vamos deixar esse teste para uma regata.

-Vai participar de uma regata com o Bilhete, eu quero estar junto, você tem que me deixar estar junto.

-Veremos.

A viajem foi rápida, a cada perna percorriam mais de cinquenta milhas, o abatimento era tão pouco que podia colocar o Bilhete a trinta graus do vento e ele se mantinha estável apesar de perder velocidade.

-Marcos estamos adiantando trinta milhas para cada dia. Deste jeito vamos chegar no Horn antes do gelo e poderemos passar por ele em vez de ter que entrar em Magalhães.

-Também acho, se tivermos uma ou duas tempestades no pacíficos certamente conseguiremos passar.

-Será que vamos ter tempo bom para passar pelo Horn a um tiro de bolacha?

-Eu não sei, mas eu sempre quis tentar.

Tiveram três tempestades, uma realmente forte, mas foi na direção oposta a desejada, tiveram de descer para o sul até onde o frio permitiu, depois foram subindo lentamente sempre cuidando com icebergs, mas tiveram bastante sorte, viraram o Horn para delírio de Robert, apesar de não poderem ficar tão perto como a um tiro de bolacha.

Robert filmava quase tudo, queria ser um Tuber e registrara praticamente toda viagem e os feitos do Bilhete Premiado, o Winning Ticket ia virar uma lenda. De Perth a Buenos Aires passando por

Melbourne, Wellington e descendo ao máximo ao sul, ele chegaram tão perto do sul na tempestade que depois de passar, puderam ver gelo pelo binóculo e Robert jurava que tinha escutado um ou dois pocs de gelo colidindo com o casco.

Marcos tinha certeza de ter ouvido um durante a tempestade, mas não havia dito nada ao rapaz. Fizeram os quatorze mil quilômetros em rota segura usando apenas vinte mil quilômetros sobre a água. Chegando ao cabo Horn em quarenta e cinco dias.

Robert não podia acreditar, isto que Marcos não forçara o Bilhete em nenhum momento, se fosse no Atlântico cruzariam os quatro mil e quinhentos quilômetros em menos de vinte dias, isso era tempo de pódio.

Duas semanas depois Marcos e Robert se despediram em Buenos Aires, Marcos prometeu que se fosse usar o Bilhete numa corrida, ele avisaria Robert com certeza. Robert abraçou o brasileiro.

-Obrigado Marcos, eu muito agradecido, ser muito importante esse viajem, eu nunca esquecer, sério.

Robert já arranhava um português básico, depois de ir bem no espanhol mas sendo muito fraco no francês. Marcos pediu as amarras e virou o barco sem mesmo pisar o pé no cais de Buenos Aires, estava com pressa de chegar em BC. Agora ele podia testar o Bilhete de verdade.

-É garota agora somos só você e eu, vamos ver o que você pode fazer.

Marcos foi forçando o Bilhete e forçou até o ponto máximo, usou todas as cinco velas, estava tão perigosa a pilotagem que ele não tinha mais controle nenhum, só mesmo a sorte mantinha as coisas, havia mudado o marcador de velocidade real, o marcador de velocidade sobre a água e os dois marcadores de velocidade do vento para ficarem visíveis para o piloto em situação extrema, pôde ver que a velocidade real estava em quinze nós e a sobre a água estava em dezessete, o vento relativo estava em dez nós e o vento real em vinte e dois, isso era surpreendente, o Bilhete realmente voava.

Pensou que poderia colocar um par daqueles esquis laterais para ver se o Bilhete passava de vinte nós. Foi aliviando a pressão nas velas a medida que fechava o ângulo com o vento, a velocidade reduziu e ele aliviou as velas, manteve apenas as três velas maiores pois seria difícil trabalhar com todas sozinho.

O Bilhete mantinha uma velocidade constante de dez nós, a mesma constância que tivera durante a travessia de Wellington até Isla de los Estados, avistou BC na terça-feira.

-*-

Irene tinha ficado muito ansiosa pela carta, mas já fazia mais de um ano, a muito tempo ela começara a achar que era realmente uma brincadeira, não comentara nada com a família de Marcos para não expor eles ao mesmo sofrimento que ela.

Todas as tardes trabalhava em uma ONG para famílias com autismo, era incrível ver as crianças, era como Marcos dissera, o autismo

não é uma doença é só uma forma de ver o mundo e portanto quem era defeituoso não eram as crianças, era o mundo que não estava pronto para elas, havia um dos meninos que era tão hábil no xadrez que estava jogando contra computadores com apenas 7 anos de idade.

Marcos e Mirian iam todos os dias com ela e brincavam com as demais crianças, tinham desenvolvido uma sensibilidade incrível e sabiam como lidar com as crianças que se descontrolavam e ajudavam, Mirian era uma líder apesar de ser a mais nova, Marcos nascera dez minutos antes, mas nada tirava da cabeça de Irene que Mirian empurrara ele para fora para poder ficar com o útero só para ela.

Marcos lembrava tanto o pai que Irene tinha um medo constante, desta vez um menino irmão de um menino autista e muito maior que Marcos empurrou o próprio irmãozinho, Marcos fechou a cara e pulou em cima do menino maior, Irene e outras tutoras passaram um grande sufoco para separar ele do menino que chorava e tinha arranhões e arroxeados.

Mirian ficara de pé em silêncio apenas olhando sem sentir o menor medo de Marcos, enquanto todos ficaram assustados, Marcos ficou muito envergonhado e não conseguia parar de chorar depois que sua ira passou, Mirian parou ao lado do irmão e pôs a mão no ombro dele e ele ficou ali olhando para ela e se acalmando lentamente.

-Mirian, o que aconteceu.

-O menino maior bateu no menor, eu fiquei brava mas Marcos fez aquilo e pulou no menino grande.

-Fez aquilo o que?

Mirian fechou a cara como o irmão.

-Ele fica forte quando fica assim, eu já vi, não pode falar com ele quando está assim.

Irene pegou Marcos no colo que não havia falado desde o incidente. Os pais do menino fizeram um alvoroço mas depois de verem pela câmera como o menino era mal com o próprio irmão deixaram o assunto de lado. Irene chegou em casa e deixou as crianças com Luísa. A barrigona de Luísa era cada vez maior.

-Luísa até quando você vai vir, já disse para ficar em casa.

-De jeito nenhum, eu adoro estes dois e em casa eu só iria ficar sozinha, Leonardo só chega em casa depois da meia-noite, então estar aqui é um divertimento.

-Preciso pedir que a Marcela venha ficar com você, pelo menos, por um tempo.

-Não precisa, será melhor eu estar aqui porque é mais perto da maternidade.

Irene balançou a cabeça.

-Lucas ligou, estava muito eufórico e eu não entendi direito mas acho que ele tem notícias de Marcos.

Irene paralisou e em seguida pegou o telefone celular, estava sem carga, devia ter se distraído por causa do alvoroço com Marcos. Ligou para o cunhado que estava na Itália.

-Lucas, você sabe do Marcos? Sim, sim, fale logo, desculpe, repete, não entendi, tá em inglês? Mas ele... Não é dele, tá bom, vou ver.

Irene desligou e correu para o escritório de casa. Ligou o computador que quase não usava, pois geralmente usava o computador na ONG. Acessou a rede de vídeos onde esse pessoal gosta de mostrar tudo que faziam no dia a dia, alguns eram exagerados, mas tinha alguns engraçados, principalmente os de gatinhos.

Escreveu o nome do Bilhete, mas não achou nada, tentou em inglês, Winning Ticket, haviam vários vídeos. O rapaz que falava tinha sotaque australiano, Irene avançou o vídeo, não reconheceu o barco, devia ser um engano, o Bilhete não tinha dois paus. Procurou o canal do rapaz, haviam muitos vídeos sobre veleiros, achou um que mostrava a popa de um veleiro escrito Bilhete Premiado 2, Irene clicou, o rapaz contava que tinha entrado pra tripulação temporário do Bilhete.

Estavam prestes a sair de Perth para ir a Argentina, seriam mais de quatorze mil quilômetros em linha reta, mas seriam mais de doze mil milhas náuticas sobre o mar, ele contava que tentariam cruzar o Horn antes da época dos icebergs e se não desse tempo iriam por Magalhães.

Irene não prestava muita atenção ao rapaz e ao que dizia, olhava atentamente para aquele nome, com exceção das duas palavras o barco não tinha nenhuma semelhança ao que ela conhecia, era fino sim, mas tinha dois paus e parecia que eram paus muito grandes.

Assistiu aquele vídeo e assistiu o próximo com desesperança até que viu algo que a deu um pouco de enjoo. Reconheceria aquilo em qualquer lugar do mundo, o rapaz estava com um canetão e estava escrevendo o nome dele em uma porta de armário muito velha que não encaixava no restante do barco novo.

Irene parou a imagem e olhou atentamente, voltou, avançou, voltou, avançou novamente até que viu o que buscava, o nome Nilla dentro de um coração. O enjoo piorou, era a porta do armário do Bilhete. Tinha a confirmação. Continuou assistindo os vídeos, o seguinte era somente do rapaz falando das características do Bilhete e então ela avançou rápido.

No quarto vídeo ela começou avançando rápido, o rapaz filmava um homem desembarcando duas bolsas de tecido de uma caminhonete velha que virava a volta e partia.

-Marcos, até que enfim.

O coração de Irene parou. Pausou o vídeo, lá estava ele, parecia bem, tinha um sorriso quase infantil com os olhos fechados como sempre fazia, o que tirava todo aquele ar atraente dele quando sério. Aumentou a imagem o quanto pôde, deixou o vídeo continuar.

-Pensei que tinha desistido.

-Nunca.

Tudo escureceu e Irene notou que Luísa estava ao lado dela, falava mas ela não entendia até que o som começou a ser audível.

-...ene, por favor, Irene, não me assuste, Ire...

-O que houve?

-Meu deus escutei um barulho e vim ao escritório, você estava caída. Irene olhou ao redor.

-Estou bem, foi só um desmaio por causa da emoção.

Com medo nos olhos Luísa ajudou Irene a voltar a sentar.

-Se machucou?

-Não Luísa.

-Sente-se mal, por que desmaiou?

-Foi porque eu vi o Marcos.

-Onde?

-Aqui, se eu desmaiar de volta me ajude.

Irene olhou para o vídeo que havia acabado, voltou ele ao começo e apareceu o rapaz e de repente, um homem moreno de cabelos ondulados e pretos com uma barba rala e atraente, descia de uma caminhonete velha, ele tinha duas sacolas grandes de tecido e o rapaz do barco falou o nome Marcos e mais alguma coisa, o homem respondeu apenas uma palavra, o jovem disse mais uma série de coisas olhando para o horizonte, e o homem disse mais uma.

-Acha que este é o Marcos?

Luísa olhou para Irene que estava com a mão no estômago, ela virou e pegou o cesto de lixo e vomitou, quase desmaiou novamente.

-Meu deus Irene, é ele?

-Sim, desculpe, faz muitos anos que eu não vejo ele e não imaginei que isto ia me afetar tanto.

Luísa se conteve para dizer que Marcos era bonito, certamente Irene não precisava ser lembrada disto.

-Aqui, deixa eu levar isto, a menos que vá precisar mais?

-Não, estou bem agora, eu acho.

Irene voltou a se ajeitar na cadeira, voltou o vídeo e viu novamente, Marcos falava animado e havia um brilho jovial nele, ela lembrou como ele era quando estava junto com os amigos ou como ficava ao falar de barcos. Notou que Marcos parecia com pressa de chegar a Buenos Aires, será que viria para cá?

Irene ficou quase a noite toda assistindo os vídeos, via Marcos trabalhando no barco, puxando cordas, conduzindo, o rapaz que filmava fazia muitas perguntas para Marcos que respondia sempre do jeito simples dele, mas não tinha nada de conteúdo pessoal.

Notou apenas que Marcos apareceu umas duas vezes de pé no veleiro falando em um telefone por satélite e sorrindo, o rapaz disse que para viver no mar, um bom telefone por satélite era importante para poder falar com a família. Isso deixou Irene feliz e triste ao mesmo tempo.

Irene só parou de assistir quando pôs os gêmeos para dormir e quando alimentou eles, dormiu assistindo os vídeos no celular. Eles estavam no meio de uma tempestade muito feia e o barco balançava muito o que deixou ela aterrorizada, teria entrado em pânico mas o rapaz e Marcos estavam sorrindo e brincando.

Marcos pareceu um pouco diferente mas só pelos vídeos Irene não pôde saber o porquê. Acordou com os gêmeos chorando, perdera a hora, levantou rápido e fez sua rotina, olhou-se no espelho, estava velha e acabada, tomou um banho com os filhos e arrumou eles, fez um café leve e decidiu cuidar da aparência.

Marcos estava lindo, parecia um vinho, quanto mais velho melhor o sabor. Lembrou do perfume, olhou para ele na penteadeira, tinha um toque de vinho, ela acertara em cheio, deixava ele mais maduro como um porto e ao mesmo tempo jovial como um malbec. Ela sentiu que ficava úmida.

-Minha Nossa Senhora de Fátima, estou parecendo uma ninfomaníaca.

Caprichou na aparência, pouca maquiagem, apenas para ressaltar o que já havia. Colocou um vestido, fazia tempo que não usava vestidos, tinha mudado para calças pela praticidade mas ao ver-se no vestido bege e preto, sentiu-se bonita, Marcos acertara, ela gostava de bege. Pegou os gêmeos e foi para a ONG.

-*-

Marcos deixou o Bilhete atracado ao cais da marina particular, não gostava disso mas sabia que aqui era o Brasil e não Portugal. Saiu andando pela cidade, ela não mudara muito, novos prédios estavam sendo construídos e outros haviam sido terminados, sabia que muita gente rica tinha comprado apartamentos aqui.

Reconheceu uma pastelaria onde sempre parava para tomar uma média com leite, pediu pastéis e comeu com voracidade.

-Ai meu deus, isso é muito bom.

Disse para a moça do balcão.

-Não sei porque, ninguém acerta um pastel de carne e queijo no resto do mundo.

A moça olhou para ele de regata, bermuda e mocassins, mas não disse nada. Pegou na carteira uma das poucas notas de real que havia guardado, odiava usar cartão. Pagou e pegou moedas em retorno, riu ao ver as moedas brasileiras, fazia bastante tempo que não as via, mesmo das outras vezes que voltara ao Brasil os pais sempre o pegavam no porto.

Quando Ricardo deu o endereço de Irene ele reconheceu imediatamente que ela estava morando em um apartamento dele, isso sempre preocupou Marcos, não sabia se ela entenderia que Marcos não contava com os apartamentos, eram só coisas que ele comprara para gastar o dinheiro do prêmio, nem contava eles entre suas posses, pensava neles mais como um empecilho e esquecia-se deles regularmente, por isso deixara tudo nas mãos de Arnie para administrar.

Foi para a rua, viu um carro de aluguel, lembrou que aqui se falava Uber, fez sinal mas o carro não veio, lembrou que tinha de ir até o carro.

-Oi, preciso ir a uma casa de câmbio.

O motorista abriu a porta do carro por dentro e Marcos entrou.

-Quero ir a casa de câmbio da Avenida do Estado.

O motorista assentiu.

-Voltando de viagem?

-Pode se dizer que sim.

-Tem outra casa de câmbio na Atlântica.

-Não obrigado, a do Estado está bom.

Era mais longe mas Marcos queria ver uma coisa. Pagou com o restante dos reais que tinha. Entrou na casa de câmbio, estava calma e pôde escolher o guichê, parou em frente a loira que estava ocupada, as demais que estavam livres tinham tido esperança de atender aquele bonitão mas ele foi na loira.

-Regina.

Disse a moça ao lado dela, a mulher que visivelmente era mais velha olhou para colega e depois para o homem.

-Desculpe, bom di... Mar... Marcos, Marcos? Oi. Quanto tempo?

Oi Regina, como tem passado?

Regina estava mais velha, engordara um pouco o que a deixou mais atraente e simpática, pelo menos nos gostos de Marcos, ela ainda tinha aquele sorriso lindo.

-Meu deus você não mudou nada.

Disse ela se envergonhando da própria aparência.

-Que nada, o sol me deixou curtido, mas você está mais bonita que antes.

Regina avermelhara como um tomate e as colegas tiveram de se conter para não rir.

-Que nada, estou envelhecendo e você sabe.

-Para mim, está perfeita.

Regina encarou Marcos e notou que o homem falava a verdade, teve coragem e avaliou bem ele, ainda vestia roupas simples, mas estava mais largo, os braços mais grossos, e tinha linhas de músculos no rosto por baixo da barbicha que deixavam ele lindo. havia uma mancha branca na barba bem no queixo que fez Regina querer tocar.

-O que esteve fazendo?

-Um pouco disso, um pouco daquilo, no momento preciso trocar um pouco de dinheiro.

-Qual moeda?

-Real.

Marcos retirou trezentos Euros e entregou a Regina com seu passaporte. Regina não achou estranho mas perguntou.

-Teria o RG, CPF ou carteira de habilitação.

Marcos pareceu um pouco triste.

-Infelizmente perdi eles no incêndio.

Arrependeu-se instantaneamente por ter respondido sem pensar.

-Meu deus, você está bem?

-Oh sim, foi só meu barco que queimou, eu estava em casa.

-Que alívio.

Ela abriu o passaporte dele e viu que estava muito usado, haviam tantos carimbos que ela fechou desconcertada, olhou para ele com aquela cara de inocente mas desconfiou que ele viera ali para tripudiá-la.

-Você tem viajado muito.

-Só um pouco.

-Fiquei sabendo que você ganhou um prêmio da Sena.

-Faz muitos anos, não era muito e não sobrou nada.

Regina olhou para ele e só via sinceridade nele, decidiu testar ele como fazia quando eram namorados.

-Você ainda me ama?

-Não.

Respondeu ele daquele jeito espontâneo dele, depois de responder olhou ao redor envergonhado de ter dito a verdade.

Regina engoliu em seco, fez a conversão e olhou para Marcos antes de entregar o dinheiro.

-Porque veio aqui?

-Estava com saudade de rever uma pessoa que foi importante para mim, ficarei na cidade por algum tempo e gostaria de conversar e me atualizar de todos.

Regina viu a sinceridade dele, suspirou e fez uma última pergunta.

-Está casado?

-Não sei ao certo.

Regina ficou mais desconcertada ainda e entregou o dinheiro para Marcos que guardou e se despediu dela. Ficou ali olhando ele sair.

-Regina, quem era aquele gato?

-Alguém que me amou e eu deixei escapar.

-Sua tonta, como perdeu esse gostoso, ai meu deus e o perfume dele.

-Pois é e você nem sabe da metade.

Marcos pegou outro carro de aluguel, foi até o condomínio onde ficava seu apartamento, chegou na portaria e havia um segurança conversando com uma moça da limpeza.

-Olá.

-Bom dia, em que posso ajudar?

-Pode me informar se aqui mora uma pessoa, eu vim de viagem e recebi o endereço, só que não sei se ela está aqui ainda, ela mora no apartamento de Marcos João Schmidt, seu nome é Irene Xavier Franco.

O segurança olhou para Marcos e olhou seu livro, depois consultou outro livro e finalmente voltou.

-O senhor pode se identificar.

-Claro.

Marcos retirou o passaporte do bolso.

-Marcos João Schmidt. Ah, senhor Marcos, o senhor é o proprietário, não conhecia o senhor.

-Não tem problema, acho que nunca vim aqui, quem pode ter aparecido aqui é meu irmão, e sobre a Irene ela mora aqui?

-Bom mora uma senhora Irene aqui mas ela não se chama Xavier Franco, se chama Irene Schmidt.

Marcos ficou surpreso, demorou um pouco para se recuperar.

-Mora com alguém?

-Só com os filhos, acho que é viúva.

-Poderia verificar se ela está em casa?

-Sim senhor.

O segurança ligou pelo interfone.

-Oi Luísa, é o Gilberto, a senhora Irene está? Ah, sim, eu imaginava, só liguei para confirmar, sim só um momento.

Para Marcos, Gilberto disse.

-A senhora Irene foi trabalhar e volta a noite, o senhor quer deixar algum recado.

-Se possível poderia me passar o endereço?

-Só um momento.

-Luísa posso passar o endereço da instituição? É para o...

Marcos fez sinal de não, de silêncio fez um monte de sinais e o segurança entendeu.

É para o senhor Arnoldo Filho. Só para confirmar, obrigado.

-Senhor Marcos este é o endereço.

Disse Gilberto entregando um pedaço de papel.

-Posso perguntar como pensou em falar de meu irmão?

-Conhecia o senhor Arnoldo e notei que além do sobrenome, o nome pai já indicava.

-A meu garoto, muito boa, Gilberto, não vou esquecer, obrigado.

-*-

-Uhm, que chique Irene, está toda produzida.

-Na verdade não, só reparei que fazia muito tempo que não levava meus vestidos para um passeio.

Todos no escritório riram. Clóvis veio logo até ela.

-Está muito bonita hoje Irene.

-Obrigada Clóvis.

-Irene, sei que você já deixou claro, mas se mudar de ideia eu gostaria de levar você para jantar.

-Clóvis meu amigo, eu sou comprometida e posso lhe assegurar, se não fosse, você seria o único a quem eu acompanharia a um jantar.

Ela entrou na sala dela e fechou a porta. Márcia brincou com Clóvis.

-Desiste, ela só pensa no homem misterioso.

Clóvis deu de ombro.

-Não custa tentar. E você o que vai fazer na sexta?

-Vou estar muito ocupada.

-Chata.

Clóvis voltou aos afazeres de supervisor. Irene cuidava de toda a parte financeira da instituição, quando ela chegara as contas estavam um caos, ela organizou toda a parte fiscal, atualizou e corrigiu os erros, havia um rombo não muito grande, mas ela conseguiu encontrar o fim do dinheiro e não havia nenhuma irregularidade, apenas falta de atenção.

Ela verificou toda a papelada do dia e na hora do almoço já havia terminado, foi almoçar com os filhos na cantina, junto com as crianças, a maioria do pessoal comiam ali, algumas vezes se ausentavam para ir a algum lugar mais sofisticado, porém para Irene o cardápio simples mas caprichado era muito agradável.

Depois que conhecera Marcos, muitas coisas mudaram na vida

dela, ela passara a tomar leite durante a gravidez, pois sentia um desejo muito grande por leite, ela chegara a comprar leite de camela depois da pandemia e gostou apesar de ser diferente do leite comum.

A maior mudança foi não estar mais dependendo do luxo, claro que não podia viver em BC sem ar-condicionado, mas abrira mão de muitas coisas, tinha seus sapatos, bolsas e perfumes caros, mas comprava roupas em lojas mais populares e descobrira muitas roupas belíssimas.

Aquele vestido que ela usava hoje era um exemplo. Depois do almoço colocou os gêmeos para a soneca, voltou ao escritório e ajudou na parte de administração, para ela os brasileiros eram muito desorganizados, mas a vida era muito agitada e por isso achava uma coisa em consequência da outra.

-*-

Marcos chegou de Uber na Instituição de Apoio as Famílias com Autismo. Ficou preocupado ao receber o endereço mas estava pronto para esta possibilidade, tinha pensado sobre isso todos os dias desde que soubera da existência dos filhos, ele os amaria e cuidaria para que fossem felizes e isso que era importante.

Sentiu muito amor por Irene, pensou nas noites que ele e Nilla ficaram cuidando de Hein e Bella, pensou em Irene, será que ela aguentou tudo, em dobro e sozinha? Marcos sempre sentiria amor por Irene, mesmo que não ficasse junto com ela, mesmo que não houvesse o fogo da paixão ainda assim a amaria.

Sentia calor ao lembrar das noites deles juntos mas sentia este calor por todas as mulheres que amara, a diferença era o que sentia quando estava junto da pessoa.

Regina o fazia pensar em sorvete, doce, pegajoso, mas gelado, não no mau sentido, apenas não tinham aquela loucura que ele sentira com outras mulheres.

Nilla já era diferente, ela lembrava pimenta, sal e tequila, era muita loucura mas pouco carinho, ultimamente Nilla lembrava também bolo de chocolate com pimenta, doçura, apesar de ainda ardida.

Já Irene era marcante, era suave como uma maçã madura, temperada como um prato bem elaborado e embriagante como um vinho do porto encorpado, seguida de uma sobremesa agridoce, pensou e viu que Irene era como uma refeição completa.

Riu sozinho de pé em frente do portão, estava com bastante fome, talvez por isso pensara nas mulheres como comida, achou-se um tolo.

A entrada era trancada, foi até o portão e apertou o interfone.

-Sim?

-Olá estou procurando Irene Franco.

-Quem é?

-Sou Marcos, um amigo.

-Só um momento.

Marcos aguardou. Um homem veio não muito apressado.

-Boa tarde.

-Boa tarde.

-Posso perguntar o que deseja com Irene?

-Eu sou um amigo e como faz muito tempo que não nos vemos, gostaria de vê-la, soube no condomínio dela que ela estaria aqui.

-Eu sou o marido dela e ela não se chama mais Franco se chama Schmidt.

-Oh, que estranho.

-Porque diz isso?

-Porque no seu crachá diz Clóvis Rodrigues.

Clóvis ficou sem jeito e pareceu enfurecer-se.

-Olha, não é normal alguém aparecer aqui procurando por uma mulher.

Olhou para Marcos analisando suas roupas.

-E ser levado para dentro sem que se faça muitas perguntas.

-Agradeço seu cuidado e preocupação, mas se deixar ela me ver tudo vai se aclarar.

Clóvis não gostou nada do homem.

-Tem identificação?

Marcos tirou o passaporte.

-Passaporte, é estrangeiro?

-Não, só que perdi todos os documentos menos este e não tive tempo de fazer novos, cheguei hoje sabe.

Por fim abriu o portão, Clóvis desconfiou que não ia gostar nada se esse bonitão fosse o homem misterioso da vida de Irene, certamente Clóvis não teria a menor chance.

-Venha por favor.

Marcos acompanhou Clóvis pelos corredores, assim que chegaram a um pátio haviam muitas crianças brincando, olhou procurando entre elas quais poderiam ser seus filhos.

-Pode aguardar aqui.

-Obrigado.

Um menino correu para ele e esbarrou nele, Marcos se ajoelhou e pegou o menino no colo, era grande tinha dificuldades de olhar Marcos nos olhos, ele começou a imitar os trejeitos do menino, logo o menino passou a imitar Marcos e até sorriu.

-*-

Irene estava pegando um café na sua caneca preferida que dizia supermãe, Clóvis veio até ela com cara de preocupado. Irene detectou algo e já pensou nos filhos.

-Clóvis o que foi.

Clóvis pegou a caneca da mão dela e a levou até uma cadeira.

-Sente-se Irene.

Irene começou a ficar em pânico.

-Calma, não tem nada a ver com Marcos e Mirian.

Ela não acreditou. Tinha ficado até tarde assistindo os vídeos de

Marcos e estava com os nervos afetados.

-Fale logo.

-Tem um homem aí, ele pediu para ver você, eu pedi os documentos dele e ele me deu isto.

Entregou o passaporte de Marcos para Irene. Irene olhou, abriu o documento e sentiu seu corpo amolecer. Clóvis a apoiou e Márcia correu para ajudar, o passaporte caiu da mão dela. Clóvis juntou preocupado de ter feito algo muito errado.

-Ele está aí fora?

Disse Irene com os olhos bem arregalados.

-Desculpe Irene, ele não pareceu perigoso e...

Irene não ouvia mais, levantou como uma máquina e passou por Clóvis e Márcia quase derrubando os dois. Abriu a porta da secretaria e saiu para o pátio, olhou em redor mas não viu nenhum homem, será que era uma brincadeira? Viu por fim um homem ajoelhado com um menino no colo, os dois estavam imitando um ao outro, o homem riu e o menino riu com ele.

Irene reconheceu Marcos imediatamente, não pôde se mover por muito tempo, ficou ali olhando ele, nem percebera que Clóvis e Márcia estava de pé ao lado dela, Márcia entendeu a situação e levou Clóvis embora, Irene sorria e chorava ao mesmo tempo. Finalmente o menino cansou da brincadeira e voltou para os coleguinhas, o homem permaneceu ali de joelhos, Irene notou lágrimas nos olhos dele.

-Oi Marcos.

Disse Irene que se aproximara com cautela. Marcos pulou daquele jeito que ela lembrava tão bem e da mesma forma que o pequeno Marcos Júnior fazia.

Ele olhou para ela desconcertado, depois a reconheceu e por fim acalmou-se, seu rosto estava um misto de alegria e tristeza. Irene pensou que o próprio rosto dela era um misto de tristeza e felicidade. Ele deu um passo pra ela e voltou atrás.

-Oi Irene.

A voz dele não mudara em nada.

-Pensei que nunca veria você novamente.

-Pensei que nunca mais veria você também.

-Marcos, preciso dizer que não fiz.

-Eu sei.

-Consegue me perdoar?

-Não houve nada para perdoar, sou muito grato por você ter mantido nossos... Nossos filhos.

Marcos disse olhando as crianças no pátio.

-Eles estão aqui?

-Sim só que estão na hora da soneca.

Marcos sorriu como um bobo. Meu deus, pensou Irene, como queria agarrá-lo e beijá-lo. Não sentia atração física nenhuma no momento, apesar de estar ciente que ele parecia mais maduro, mais forte e talvez até mais alto, ela sentia apenas um amor sufocante e a necessidade de tocar ele.

-Eles nasceram em que dia de janeiro?

Irene sabia que se perguntasse, Marcos teria uma resposta irritante de como ele sabia, então só respondeu.

-Sete.

-Oh, um pouco antes do tempo?

-Não, eu que engravidei antes do que pensava, provavelmente logo nas nossas primeiras vezes.

-Ah, isso eu não tinha pensado.

-Nunca ouvi você dizer este tipo de coisa.

-Eu tenho dito muitas coisas diferentes desde que nos vimos pela última vez.

Irene notou que ele respondera do jeito espontâneo dele, não para ferir, mas ela se sentiu magoada.

-Irene perdoe-me por não ter estado por perto para ajudar a criar nossos filhos, eu tinha razão, você é uma leoa em vários sentidos, criou dois bebês de um pai fugitivo em meio a pandemia, não vim aqui para atrapalhar a sua vida, só gostaria de conhecer meus filhos.

Irene começou a chorar e abraçou-se, sem pensar Marcos foi até ela e a abraçou. Ela abriu os braços e envolveu ele, chorou no peito dele, finalmente sentiu seu cheiro, estivera tão emocionada por vê-lo que não conseguira prestar atenção aos detalhes. Cheirou ele profundamente, agarrou-o com tanta força que Marcos gemeu, cheirou novamente e afastou-se dele alguns centímetros.

-Esse é o perfume que eu te dei.

-Sim o mesmo, pensei que talvez você lembrasse e reconhecesse.

-Eu lembro, por quê está usando?

-Uma vez eu te disse que o amor se vai quando o perfume acaba, só que eu estava enganado, as vezes a lembrança do perfume é tão forte que o amor persiste.

Ela o beijou apaixonadamente, ele respondeu a paixão dela, todos ficaram espiando o casal e esqueceram de seus afazeres.

-Clóvis, eu quero ir num barzinho bem legal com música ao vivo na sexta.

-Márcia, eu conheço o lugar perfeito.

-Venha conhecer nossos filhos.

Disse Irene quando se separou dele. Levou Marcos pela mão pelo corredor até uma sala, várias crianças estavam desenhando e brincando com os livros de colorir. Irene abriu a porta com cuidado para não fazer barulho, Marcos entrou com ela da mesma forma pois pensava que era para não atrapalhar.

Marcos olhava com curiosidade, não conseguia distinguir as crianças para achar dois gêmeos no meio da multidão. Irene fez um sinal para a tutora pedindo permissão, ela fez um aceno positivo de cabeça.

-Marcos.

Disse Irene em voz mais normal, um menino virou a cabeça tão rápido que quase perdeu o equilíbrio, olhou para Irene e sorriu, estava com cabelos compridos e perfeitamente alinhados apesar de terem ondas. Ele se levantou e correu para Irene com uma folha na mão, entregou a

ela depois de pular nos braços dela.

Marcos sentiu as pernas amolecerem, teve que se apoiar na mesa, era tão parecido a Bella que poderiam ser gêmeos se não fosse a idade e os olhos pretos, não esperava por isso, achara também que os filhos eram autistas por estarem na instituição com as demais crianças. Irene olhou para Marcos enquanto falava com o menino no sotaque português dela, o menino respondia no mesmo acento.

Conversava sobre as palavras que estava aprendendo, tinha tentado escrever mamãe, mas tinha errado, escrevendo maame. Uma criança com o rosto muito semelhante a Bella e idêntica ao menino, exceto por vestir roupas de menina veio até Irene e puxou o vestido dela, Irene se abaixou.

-Aqui mamãe, eu escrevi certo, Marcos não.

A menina tinha uma pronúncia em português mais clara que o menino mas tinha acento de Portugal da mesma forma. Ela tinha escrito mamãe de forma correta, Marcos ficou muito impressionado.

-Marcos, Mirian, esse homem é o papai.

Mirian olhou para o homem de olhos arregalados, Júnior olhou para o pai com cara de medo. Mirian estendeu os braços pra ele. Marcos a pegou no colo, ela enfiou o rostinho no pescoço de Marcos e cheirou ele.

-Ele tem o cheiro do papai mesmo.

Então começou a chorar, Marcos também chorou, Júnior passou para o colo de Marcos e chorou ao sentir o perfume dele. Irene chorava e levou Marcos para fora da sala para não agitar as demais crianças que não deram atenção a cena que se desenrolava ali, a tutora ficara em silêncio no canto da sala apenas observando.

No corredor Marcos chorou muito tempo abraçado aos filhos.

-Ei Marcos o papai também é Marcos sabia?

-A mamãe já disse, o senhor vai pra casa com a gente?

Marcos não esperara uma pergunta direta e elaborada, sem os traços de infantilidade que usara com Irene então ficou sem saber o que dizer, Mirian é que respondeu.

-É claro seu tonto.

-Mirian, mamãe, a Mirian me chamou de tonto.

Marcos sorriu em meio as lágrimas.

-Mirian, não chame seu irmão de tonto.

-Sim mamãe.

-Vamos pra casa.

Disse Irene, levou Marcos até o lugar onde ele havia esperado por ela, voltou ao escritório, viu o passaporte dele onde Clóvis deixara, pegou as coisas dela na sala.

-Márcia, preciso sair agora.

-Sem problema.

-Agradeça ao Clóvis por mim.

-Sim, pode deixar.

Márcia ficou olhando pelo guichê da secretaria, todos saíram de seus lugares e foram espiar. Irene levou Marcos, que tinha os dois filhos

agarrados a ele, no carro ele sentou atrás entre os gêmeos pois eles queriam segurar pelo menos a mão do pai.

-*-

Chegaram ao apartamento e Luísa estava lendo na mesa da sala de jantar.

-Irene, já de volta.

Luísa viu o homem com ela e reconheceu como o homem dos vídeos. Ele era bonito nos vídeos mas ao vivo era muito mais, Mirian e Marcos estavam grudados no pescoço do homem.

-Luísa, Luísa, o papai chegou de viagem.

Disse Marcos sem nenhum vestígio de sotaque lusitano. O pai olhou para o filho e ficou surpreso com a mudança. Irene falou em espanhol.

-Vão com a Luísa e deixem a mamãe conversar com o papai.

-Mas mamãe, ainda não é hora de ir com a Luísa.

Disse Mirian também em espanhol. Irene mudou para o inglês.

-Hoje é um dia especial, o dia que o papai chegou.

-Mas eu queria ficar com o papai.

Retrucou Júnior em inglês.

-Vão logo.

-Sim mamãe.

Disseram Mirian também em inglês. Os dois seguiram Luísa tagarelando em português com sotaque brasileiro manesinho. Marcos sentiu as pernas moles e sentou na cadeira mais perto dele. Irene olhou para ele sorrindo e disse.

-Está com fome?

-Sim, morrendo.

Ele respondeu espontaneamente e depois olhou para ela.

-Você ensinou eles muito bem.

-Durante a pandemia não tinha muito o que fazer e lembrei que você falava muitos idiomas, comecei a introduzir eles aos poucos, a primeira vez que falaram misturaram espanhol e português ao falar mamãe.

Irene preparou um lanche farto para Marcos que comeu com apetite.

-Nilla achou você?

Marcos parou, era hora das conversas difíceis. Irene reparou que Marcos parou de comer e isso não era bom sinal.

-Sim, ela e o Heinhich me acharam.

-Onde?

-Em Manilla.

-Eu mandei um investigador procurar você lá também.

-Imaginei que isso poderia acontecer, por isso eu fiquei na parte fechada da cidade.

-Parte fechada?

-Sim, na parte onde os estrangeiros não podem entrar.

-Mas você entrou.

-Sim.

-Pra onde foi depois?

-Nilla e Hein me levaram para Perth, eu não estava muito bem e só fui com eles porque estavam com o Bilhete.

-Sim, eu vi o Bilhete, está diferente.

-Viu ela?

-Sim, um tal de Robert colocou vários vídeos sobre a viagem de vocês de Perth até Buenos Aires.

-Assistiu todos?

-Só até a tempestade que empurrou vocês pro sul, nunca imaginei que veria você com roupa de frio.

-Estava menos dez e só com uma roupa especial pra aguentar a água a menos vinte e cinco graus.

-Como estão Nilla e Hein?

-Aliás, eu soube de seu pai, sinto muito por ele e pela Franco.

-Obrigada, mas não havia o que ser feito, se ele tivesse prestado mais atenção a sua palestra naquele dia até poderia ter salvo a Franco.

-Como você ficou?

-Papai era muito precavido, uma boa parte do nosso patrimônio pessoal estava em ouro e papéis do governo, apesar de acharmos que Portugal iria falir.

-Então pôde salvar-se.

-Sim, mas perder a Franco foi demais para ele, Marcos, ele implorou para que você o perdoasse por ter sido tão duro com você.

-Irene, eu já disse que era grato por ele defender você daquele jeito.

-E Hein e Nilla.

-Hein infelizmente não sobreviveu ao vírus.

-Oh, sinto muito.

-Eu também, Nilla estava esperando um filho dele e ele não chegou a conhecê-lo.

O coração de Irene se apertou, tinha se alegrado por Marcos dizer que Nilla e Hein é que o tinham encontrado, viu na morte de Hein um anúncio de ameaça, logo se envergonhou pelo pensamento.

-E Nilla como ficou?

-Ela é forte como você disse mas eu tive que apoiar muito ela. Apesar dela parecer durona com Hein, ela o amava muito, tenho certeza que o amava mais...

-Mais do que amava você?

-Acho que sim, apesar de tudo.

Marcos continuou, sua expressão suavizou.

-O pequeno Hein nasceu logo depois, era a cara do pai, lembra do Hein com aqueles olhos azuis quase brancos e cabelo amarelo queimado? O menino tem a cara larga e bochechuda mas o cabelo é ouro fino escorrido, e os olhos são duas safiras redondas que dá vontade de tocar.

Irene notou que Marcos falava com um amor paternal, ela arriscou.

-E seu filho com Nilla.

-Ela é lin... Eu ia chegar nesta parte Irene.

Irene chorou, já esperara isto.

-Sim, desculpe.

-Nilla ficou mal de um jeito que eu não poderia imaginar, Hein parecia que sabia que iria morrer, pediu que eu cuidasse dela e do bebê, mesmo que eu soubesse de Mirian e Marcos, eu não poderia abandonar Nilla, Irene eu sempre amarei Nilla, como eu ainda não entendo bem, na época era como uma amiga ou irmã, mas Nilla não me vê assim, ela me procurou várias vezes e não pude evitar consolá-la.

-E eu quem me consolava.

Explodiu Irene.

-Marcos, Nilla teve você durante a pandemia e eu, sozinha com dois bebês e a empresa de meu pai sendo destruída.

Irene chorou com uma dor intensa, Marcos não se moveu, sabia que se fizesse qualquer coisa só pioraria tudo. Quando Irene olhou para ele em busca de algum comentário, Marcos tinha uma expressão de orgulho no rosto que deixou Irene desconcertada.

-Por isso que sempre pensei em você como uma leoa.

Irene sorriu apesar de magoada.

-Irene eu não sabia dos nossos filhos, você me disse que não mudaria de ideia e eu tive medo do que eu faria se visse você sem nossos filhos, eu tinha medo de me tornar um monstro e ferir você, por isso pedi que ordenasse que eu me matasse, senão a única alternativa era fugir, e eu fugi, Irene, quando Hein e Nilla me acharam eu estava tendo que beber o dia todo para não acabar me matando, se eu ficasse sóbrio a dor era insuportável, não estou dizendo isto para você se sentir culpada, só para você entender, eu não sentia mais nada de bom, estava morto, como uma planta seca, Hein e Nilla cuidaram de mim, e quando Hein morreu, Nilla precisou de mim e eu assumi o lugar de Hein, não para Nilla mas para o pequeno Hein, eu estive no parto dele, eu fiz por ele o que, por deus Irene, eu gostaria de ter feito por nossos filhos, eu nunca procurei Nilla mas quando eu via que ela estava muito triste e carente eu me permitia dar conforto para ela, só parei de beber e de pensar em morrer por causa do pequeno Hein.

Irene estava triste por tudo que eles passaram por causa dela, tinha se perdoado, e agora que Marcos estava ali sentia que ele também a tinha perdoado, só não conseguia ver o que seria dos dois.

-Irene, quando Ricardo me disse que você... Que você... Desculpe.

Marcos tinha estado chorando durante toda a história mas era a primeira vez que Irene o vira soluçar durante o choro, ela saiu de onde estava e sentou ao lado dele e o abraçou.

-Sinto muito.

-Não sinta, apesar de tudo estamos aqui, e mesmo que possa parecer ruim estamos bem.

-O que houve depois de Ricardo?

-Nilla se desesperou, eu tinha sido a salvação dela e ela não iria me deixar voltar para você, não sem fazer alguma loucura.

Irene lembrara das palavras de Nilla, que se deixasse Marcos ir embora ela o pegaria para ela, Nilla cumpriu a primeira parte, a segunda parte é que mataria Irene se ela tentasse reaver Marcos.

-O que ela fez?

-Saber que nossos filhos estavam bem, fez brotar algo em toda secura que eu tinha, senti muito amor, todo ódio que eu tinha sentido por você até ali, revelou-se como um amor reprimido, não tenho vergonha de dizer que me senti vulnerável, sozinho e carente, coisa que eu não achava que sentiria alguma vez, e isso foi incomodo, Nilla não me permitiria vir, eu não poderia vir sem ela deixar, pois eu tinha o Hein, então ela achou um jeito de me deixar vir. Ela me pediu um filho nosso, e eu cedi, nasceu uma menina linda, tão parecida aos gêmeos que eu quase caí ao vê-los, tive de me segurar, são semelhantes em tudo, exceto os olhos que são de Nilla. Assim que terminei de arrumar o Bilhete e organizar as coisas para Nilla e planejar a viagem, parti para cá, Bella fez um ano no mês passado pouco antes de cruzar o Horn. Irene ouvira a parte sobre Bella e suspirou.

-E Nilla deixou você vir?

-Sim, acho que este foi o jeito dela abrir mão de mim, pelo menos um pouco pois ela sabe que eu precisarei voltar por nossos filhos.

Irene tinha tido raiva, medo, respeito e simpatia por Nilla, agora sentia até um carinho. A mulher amava tanto Marcos que preferia ficar sem ele a vê-lo viver triste desde que tivesse um filho dele. Irene chorou por Nilla, ela fizera o que Irene não tinha pensado em fazer, Irene tivera os filhos de Marcos sim, mas somente depois de quase ter destruído e matado Marcos, sempre seria grata a Nilla por ter dado uma gravidez para ele.

-Quando você vai voltar para Austrália?

-Assim que for possível.

A resposta partiu o coração de Irene, sentiu uma dor terrível. Marcos continuou.

-Claro que dependo de vários fatores, tenho que visitar meus pais e receber muitas reprimendas por ter sumido, ver se você estará livre para ir comigo e arranjar um barco maior para levar os gêmeos junto.

Irene não entendeu a princípio.

-Quer que eu vá junto?

-Claro, mesmo que o Bilhete Dois tenha mais espaço, acho que pra quatro não é muito confortável, e as crianças precisariam aprender a viver num barco, a experiência do confinamento da pandemia ajuda...

-Marcos, porque não vamos de avião?

Marcos abriu muito os olhos e esticou o queixo, depois voltou ao normal. Irene viu pela primeira vez de onde saíra aquele hábito dos gêmeos de arregalarem os olhos quando algo os assustava.

-Não há graça em viajar de avi...

-Não acredito?

-O que?

-Você mora num barco e vai pelo mundo todo de barco porque tem medo de avião.

-Não, eu não tenho medo de avião, eu só não gosto de não poder ver o lugar onde eu piso, e...

Irene riu tanto que Marcos acabou ficando sem jeito.

-Ora, ora, o destemido Marcos tem medo de avião.

-Para Irene, e se eu tiver, isto é uma coisa perfeitamente normal.

-Seus pais não sabem? Por isso que eles acharam estranho você comprar um barco do nada e aprender a velejar.

-Não fique por aí espalhando boatos infundados.

-Mentiras?

-Eu disse boatos, não vou pegar um voo só para provar que não tenho medo de avião. Como estão meus pais?

Perguntou, tanto para mudar de assunto, quanto pela saudade que sentia.

-Vai ter que ir lá, não vou facilitar as coisas para você.

Irene balançou a cabeça e levou Marcos até os filhos, liberou Luísa mais cedo. Ficaram os quatro brincando, Marcos falou em norueguês, náuatle, congolês, francês e alemão com os filhos para ver como eles iam reagir.

Viu que Mirian ficava repetindo as palavras depois dele para aprender, ficava olhando para Júnior enquanto se esforçava para aprender, Júnior se divertia com o som dos idiomas sem se importar com Mirian. Marcos percebeu que Mirian se esforçava para aprender com perfeição e Júnior deixava para pegar a resposta com Mirian.

-Ele é o líder e é o mais velho.

Disse Marcos.

-Como percebeu, quase todo mundo acha que Mirian é mais velha.

-Não, ele entende e aprende primeiro, a provoca e fica só olhando ela lutando para aprender melhor que ele e fica se divertindo com isso, é meio sádico.

-Ui Marcos, que coisa horrível de se dizer.

-Na ausência de uma palavra melhor, veja isto.

Marcos cantou uma canção em norueguês, Júnior e Mirian ficaram sérios ouvindo, Júnior não olhava para Marcos, ficava totalmente focado no som, Mirian olhava para boca de Marcos e apreciava mais os gestos. Depois ele pediu para eles tentarem.

Júnior bateu palmas e cantou de qualquer forma sem atentar muito aos detalhes mas se divertindo com isto, Mirian cantou lentamente tentando imitar os sons e movimentos de Marcos, incluindo os movimentos do corpo. Irene ficara abismada, Marcos mal estivera uma hora com os filhos e parecia saber mais que ela.

Lembrou como ele sabia ser irritante quando queria. Depois que deram de comer aos gêmeos eles ficaram com sono. Mirian parou de pé na frente de Marcos e disse muito séria.

-Papai o senhor vai embora?

-Não querida, papai vai dormir aqui para estar com vocês quando acordarem.

Ela riu de uma maneira infantil que Marcos ainda não tinha visto ela fazer, agarrou o pescoço dele e beijou, Júnior não disse nada, só

abraçou e beijou Marcos, Irene o ajudou a por eles na cama. Saíram do quarto. Marcos foi para a cozinha, viu uma maçã enorme e pegou, deu aquela primeira mordida gigante que sempre dava, mal conseguindo mastigar o pedaço.

Irene ficou ali vendo ele encostado ao balcão da sala de jantar. De repente Marcos se esticou, atravessou a sala e foi até a estante de livros. Viu eles e reconheceu muitos.

-Oi amigos, senti falta de vocês, não li muito nos últimos anos.

Foi passando o dedo e parou.

-Você é novo, “Como manter seu bebê saudável”, bom livro.

Marcos foi passando por diversos livros, havia uma seção somente de contos infantis. Olhou para Irene.

-Como disse, na pandemia não havia muito que fazer então eu lia para os bebês, lemos todos.

-Filosofia?

-Os bebês não se importam muito com o que você lê, eles se importam com o timbre da voz.

-É verdade. Eu vou ficar no sofá.

Disse Marcos. Irene aproveitou a oportunidade.

-Marcos você ainda me ama?

Marcos nem pensou para responder.

-Claro, por q...

Ele olhou para ela.

-Irene você passou por muita coisa e eu também, você acha que seria feliz comigo depois de tudo e sobre Nilla?

-Eu sempre fui feliz com você.

Ela pegou ele pela mão e levou para o quarto dela.

-Preciso de um banho.

Disse Marcos.

-Depois.

Disse Irene.

Fizeram amor com cautela no princípio, estavam com medo um do outro, depois com intensidade, e quando os corpos se reconheceram puderam tirar o máximo um do outro, tudo voltara desde a última vez que estiveram juntos, sentimentos, desejos, paixão e amor, era como se os corpos dos dois estivessem ansiosos um pelo outro.

Depois de se saciarem os dois foram tomar banho juntos, fazia tempo que Irene não usava o chuveiro de seu quarto, sempre tomava banho no banheiro dos gêmeos, que tinham o maior quarto e tinha banheira no chuveiro. O box do banheiro por não ter banheira era grande, começaram a lavar um ao outro, Irene parou nas marcas que ela não sabia o que eram, deviam ser de algum acidente, viu a tatuagem de Marcos, o nome do Bilhete e o coração partido.

Marcos viu Irene estudando a tatuagem mas não disse nada, continuou ensaboando o corpo dela que olhou para ele e deu de ombros, sabia que Marcos amava aquele barco. Agora teria que dividir Marcos com Nilla, com o Bilhete e com os filhos, sabia que seria assim. Saíram do chuveiro e enxugaram-se, nu de pé na porta do banheiro Marcos olhava

Irene em frente a penteadeira.

Irene ficara com os quadris mais largos e seios maiores, a maternidade a deixara muito mais mulher, teve uma ereção. A mulher o viu pelo espelho, pegou algo e jogou pra ele.

-Aqui pegue.

Marcos se assustou e quase deixou cair o que ela jogara, por fim reconheceu o frasco do perfume que ele deixara em cima da mesa dela. Irene olhava para ele com interesse esperando para ver se ele dizia algo, Marcos simplesmente espirrou o pouco restinho de perfume que havia no fim do vidro e jogou o frasco no lixo. Irene levantou indignada.

-Por que não fala nada? Por que jogou o frasco fora? Sabe o que eu passei por causa dele?

-Ele cumpriu sua tarefa, me trouxe de volta pra você.

Irene passou de indignada para irritada. Marcos a abraçou e puxou ela para cama cantarolando Codinome Beija-Flor. Ela não conseguiu manter a cara de brava e logo se entregou pra ele e assim ficaram até de manhã.

-*-

Marcos já havia chegado a uma semana, havia monopolizado os gêmeos e inclusive ia no meio da tarde para ficar com eles na ONG para poder retornar com eles, alugou um carro para não privar Luísa do carro para uma emergência, Irene ficava irritada com ele pois estava evitando reencontrar a família, ela não tinha insistido mas não achava justo ele continuar evitando o encontro, tinha ido trabalhar normalmente no dia seguinte e fora bombardeada de perguntas que respondeu com discrição.

Marcos teve várias oportunidades de pegar o telefone e ligar para os pais, deu entrada em seus documentos novos para repor os que haviam se perdido no incêndio do Bilhete mas não tinha ido ao bairro onde os pais viviam, na quarta, ela tomou uma decisão, ligou para Lucas vir no fim de semana, pediu que ele não falasse para ninguém até que chegasse que Marcos tinha voltado, ele deixou seus afazeres e veio na sexta-feira.

Irene deu uma desculpa e foi a casa dos sogros, contou que Marcos estava muito envergonhado para falar com eles e precisavam fazer alguma coisa, decidiram pegá-lo de surpresa no dia seguinte, Mateus tinha vindo pela chegada de Lucas e todos estavam reunidos.

Quando voltou encontrou ele dormindo junto com os gêmeos no meio da tarde, havia pego eles na ONG e voltara pra casa, fizera bolo de chocolate e morangos e depois de se empanturrarem, brincaram até que acabaram dormindo em um colchonete no chão do quarto deles cercados de brinquedos.

-Luísa, o que é isto?

-Nem olhe pra mim assim, pensei que ia ter que colocar um protetor de ouvido de tanto que estes três cantaram naqueles idiomas estranhos, sei o que é espanhol e o que é inglês mas ouvi cada coisa esquisita que não faço a mínima ideia de onde é, quando fizeram silêncio,

fui lá e encontrei os três dormindo.

Irene tentou despertar apenas Marcos, mas Júnior saltou junto com o pai e Mirian acabou acordando também, tiveram um pouco de trabalho para fazê-los dormir a noite por conta da soneca fora de hora.

-Não vá buscar eles no meio da aula.

-Desculpe, estava com saudade deles, precisava ver eles e como eu tinha feito bolo, eles pediram para vir comer bolo comigo e...

-Você também é irresponsável com o Hein e a Bella?

Marcos fechou a cara por uns instantes e Irene percebeu que ele ficara bravo mas relevou a alfinetada dela.

-Desculpe.

-Tudo bem, só que eu preciso recuperar quase cinco anos Irene.

-Eu sei, venha, eu também tenho que recuperar mais que cinco anos sem você.

Dormiram depois de saciados dos corpos um do outro.

-Marcos?

Marcos teve aquele sobressalto de sempre, olhou em volta e viu muitas pessoas em seu quarto, Irene estava ao lado dele. Logo reconheceu a multidão.

-Mãe? O que estão fazendo aqui? Irene, o que...

-Tivemos que vir aqui porque você mocinho esqueceu que tem casa, sabe o quanto estivemos preocupados por causa do seu sumiço?

Marcos olhou ao redor, seus três irmãos, as duas moças, alguns sobrinhos e os gêmeos que riam pelo pai estar levando uma bronca. A mãe dele estava realmente brava, o pai tinha a cara fechada e apertava o antebraço como se tivesse vontade de dar uns tapas nele.

Irene reconheceu o olhar do senhor Arnoldo, havia visto ele em Marcos e em Marcos Júnior, então fora dali que viera. Marcos começou a chorar daquele jeito silencioso dele e a mãe logo também chorou e abraçou-se a Marcos. Diferente do que Irene pensara o senhor Arnoldo não estava bravo, apenas ansioso de abraçar o filho.

-Não faça mais algo deste tipo rapaz ou vou acabar te dando umas palmadas.

-Sim pai, desculpe.

Irene estava chorando e os irmãos esperaram pela vez de abraçar Marcos que estava apenas de bermuda aquela manhã, Irene se certificara de Marcos dormir com roupa para não haver constrangimentos.

Quando todos foram saindo para a sala a fim dele poder sair para continuar os cumprimentos, Marcos olhou para Irene com um misto de agradecimento e repreensão.

-Por que isto?

-Você estava enrolando para ir ver seus pais e aproveitei que Lucas estava pensando em vir da Europa com a namorada, sua mãe já havia pedido pra mim ir lá levar os gêmeos e ficaria sabendo de um jeito muito insensível que você estava aqui.

Por fim Marcos suavizou sua expressão.

-Obrigado.

Marcos colocou uma camiseta regata e saiu pra sala que ficara

pequena para a multidão de familiares, cumprimentou as cunhadas, os sobrinhos, inclusive a nova bebê de Mateus.

A menina lembrou muito Bella o que fez o coração de Marcos ficar apertado. Por último Marcos foi até as suas irmãs gêmeas, todos fizeram silêncio para observar, ele chegou perto delas e começou a imitar o comportamento delas.

Elas logo aceitaram ele como um igual, por fim Rute, a mais nova, abraçou ele, Raquel ficou um pouco agitada mas Marcos estendeu o braço pra ela e ela abraçou ele pelo outro lado e ficaram ali, as duas com as cabeças encostadas ao peito dele, depois elas saíram e voltaram a sua própria forma de entender a realidade. Mirian comentou com Irene.

-Sempre que tínhamos dificuldades com as duas, ele fazia aquilo e elas seguiam ele ou faziam o que precisavam fazer como dois cordeirinhos, tentei fazer igual ele muitas vezes mas nunca consegui, só ele tem esse dom.

-Já o vi fazendo isto uma vez com um menino na instituição, foi mágico.

Marcos secou as lágrimas, todos se acomodaram da forma que deu, as crianças tiveram que ser mandadas todas para o parquinho pois não ficavam quietas, as mulheres dos irmãos de Marcos se encarregaram delas.

-Marcos onde raios você foi?

-Arnie, eu tive de sumir por um tempo, peço perdão a todos, mas foi preciso.

Irene se sentia culpada e esteve a ponto de dizer algo.

-Mas filho, mesmo se estivesse com problemas, porque não nos contactou.

-A culpa foi minha.

Disse Irene.

-Não filha, independente do que tenha acontecido, Marcos podia ter avisado que ia ficar em silêncio por uns anos.

-Pois é, só não fizemos o processo de morte presumida porque Irene nos contactou, sabe que a procuração que você me deu tem seus limites.

-Desculpe mas eu não conseguia pensar direito e fiquei realmente mal por muito tempo, Arnie, obrigado por cuidar de tudo e obrigado a todos por receber Irene.

-Quando eu vi você naqueles vídeos do Robert eu não acreditei, tive de pedir pro Mateus e pro Arnie assistirem para confirmar, depois eu mostrei pro pai e, por fim, para a Irene e para mãe.

-Meu coração quase parou quando eu vi aqueles vídeos da tempestade, é sempre assim?

-Não mãe, as vezes é ruim de verdade, aquela nem foi perigosa.

Marcos se arrependeu na hora de ter respondido sem pensar, todos com exceção de Mirian e Irene riram.

-Agora que está aqui vai sossegar espero?

Perguntou o pai.

-Afinal você tem filhos.

-Pois é, só acreditei quando vi Irene no aeroporto.

Disse Lucas.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo e depois que se acalmaram viram que Marcos estava sem jeito e Irene estava um pouco embaraçada.

-O que foi?

Perguntou Mirian, Marcos olhou para Irene e vendo que ela se animara um pouco disse.

-Tenho outros dois filhos na Austrália.

-O que?

-Como?

-Hã?

Perguntaram os três irmãos ao mesmo tempo, o pai ficou de cara fechada novamente.

-Foi uma situação complicada, Heinhich tem três anos, ele é na verdade, filho de um casal de amigos velejadores, ele morreu na pandemia e não chegou a conhecer o menino, eu assumi o lugar de pai, mais tarde acabei tendo uma filha com essa amiga viúva, então Hein é como se fosse meu e Bella tem um ano.

Mirian estava ao lado de Irene.

-Como você fez isto Marcos?

Perguntou Mateus um pouco desconcertado e irritado pois somente ele e Lucas não sabiam da história com Irene.

-Como eu disse, foi uma situação complicada.

-Foi minha culpa.

-Não filha, já disse que não foi.

O assunto logo foi substituído por outro pois tinham muito a conversar.

-Estou com fome.

Disse Marcos. Todos riram, Irene e Mirian prepararam um café farto, mesmo tendo já tomado café, todos comeram um pouco, Marcos não comeu muito como costumava fazer, Irene notou que estava ainda muito emocionado, logo as cunhadas voltaram com as crianças e se organizaram para ir para casa dos pais de Marcos, antes de sair ele ficou parado olhando alguma coisa perto da luz da janela.

-Posso ver?

Perguntou Irene receosa. Marcos estendeu, era uma foto dele com Hein e Bella no colo, como Marcos dissera ela era idêntica aos gêmeos na mesma idade e Hein era um anjo, só faltava as asas.

-Nilla tirou esta foto?

-Sim.

-Tem uma dela?

Marcos exitou mas mostrou a foto, Nilla estava abraçada a ele que tinha os filhos nos braços.

-Eu não tinha nenhuma foto sua de Portugal.

Marcos sentiu a amargura na voz dela.

-Eu nunca gostei de fotos, sinto muito.

-Não, eu é que sinto muito. Como serão as coisas com Nilla?

-Eu não sei, acho que serão como foram desde aquele dia no trapiche público em Portugal, ela é uma amiga querida, é também a mãe de dois dos meus filhos e eu a amarei muito, ela terá sempre um lugar no meu coração só não sei bem qual.

Irene chorou abraçada a ele. Os gêmeos estavam tendo alguma discussão no quarto e Irene foi resolver. Marcos olhou para as fotos, realmente amava Nilla de um jeito diferente, mais que uma amiga ou irmã, tinha medo de que se Nilla pedisse para dormir com ele, acabasse cedendo, ainda mais por que sempre sentia um aperto no coração todos os dias quando conversava com ela e com os filhos.

A festa na casa dos Schmidt foi animada, Arnoldo pai assou as carnes pessoalmente, Irene tinha se assustado ao participar do primeiro churrasco na casa, a bagunça foi estressante, agora estava acostumada a barulheira. Arnoldo pai gostava de cuidar das carnes e os filhos se juntaram ao redor dele, atualizavam Marcos com as novidades.

Arnoldo Filho teve que montar uma empresa de reformas para poder manter os imóveis de Marcos em boas condições para poderem ser alugados, ficava muito caro pagar para um terceiro, Mateus Levi estava em Joinville, depois que terminou a faculdade tinha entrado no serviço público e estava bem, Lucas Nestor falou muito da namorada e do emprego em Bolzano, tinha ido para Alemanha para pegar a cidadania e depois de conseguir acabou indo trabalhar em uma empresa de logística e foi transferido para a região alpina da Itália.

-Marcos, por que está com estas marcas de facadas, filho?

Todos tinham ficado curiosos e não perguntaram nada para não assustar a mãe.

-Pai, eu fugi porque aconteceu uma coisa que despertou apenas o que existe de ruim dentro de mim, fui para um dos lugares que eu sabia que o monstro que eu estava me tornando poderia se libertar e não teriam consequências muito sérias, era Amsterdan, Bangkoc, Manilla ou Rio de Janeiro, achei que em Manilla seria mais difícil de ser achado, então acabei lá.

-Teve problemas com a lei?

-Depois de fugir, sim mas não estou foragido, fiquei preso duas vezes mas foram apenas trinta dias e depois três meses, não cheguei a matar ninguém, mas não foi por falta de tentativas, depois de um tempo até a polícia já tinha se acostumado com o que acontecia com quem puxava briga comigo, que geralmente eram bandidinhos que queriam assustar o estrangeiro, então eles aliviavam o meu lado.

Desde que chegaram todos estavam com suas latinhas de cerveja na mão, Marcos pediu apenas sucos, os irmãos caçoaram dele, Irene perguntou em um momento raro em que estavam sozinhos.

-Por que você não quis beber?

-Tive problemas com o álcool nos últimos anos e não quero acabar me arriscando novamente.

Irene abraçou ele, Marcos nunca seria o mesmo, estava diferente, mas era dela novamente. Marcos comeu como antes, todos comiam bem na família mas Marcos ultrapassara eles em muito.

Quando se fartou, recostou-se na cadeira com uma bandeja de ossos ao lado do prato, Irene já se acostumara ao costume brasileiro de segurar carnes com as mãos e tinha aderido, parecia normal para ela, achava mais prático.

-Ele sempre comeu assim?

-Não, ficamos assustados na primeira vez que ele voltou de viagem, pensamos que estava doente.

-Marcos, por que você come tanto?

Perguntou Irene, ela decidira sempre perguntar aquilo que quisesse saber dele. Todos olharam curiosos, pois nunca tiveram coragem de fazer a pergunta.

-Logo nas primeiras viagens eu peguei uma zona de calmaria, tinha programado a viagem para umas duas semanas, estava no meio da viagem de San Eleuthera para Santo Domingo, foi uma calmaria incomum e levou mais de uma semana, a água era fácil repor pelo evaporador, mas a comida foi difícil, tive de pescar e mergulhar para encontrar comida, cheguei a ficar dois dias sem achar nada, quando eu cheguei a Santo Domingo, eu comi muito e acabei passando mal, estive no hospital uma semana, depois daquilo eu descobri que precisava comer mais que antes para me fartar, apesar de não engordar.

-Tenho inveja das suas aventuras.

Disse Mateus.

-Nunca tive coragem de fazer nada.

-Eu também não, o máximo de aventura para mim é ir na praia com Jaqueline e as crianças no fim de semana.

Continuou Arnie.

-Lucas também tem jeito de aventureiro indo para a Europa, não é?

-Nem tanto, achei que depois da cidadania eu voltaria ou iria para outro lugar mas eu gosto de lá só que sinto falta do clima e das pessoas do Brasil, sem ofensas.

Disse olhando para a namorada e para Irene.

-Tenho que concordar que o nome velho continente para a Europa é bem aplicado.

Respondeu Irene e todos riram, Marcos ficou surpreso várias vezes com ela, comera usando as mãos, conversara alegremente com as outras mulheres, com Arnie, trocou algumas palavras com Mateus e fez brincadeiras com Lucas, até reparou que Raquel e Rute simpatizavam com ela olhando para ela quando lhes falava.

-Você mudou muito.

-Nem toda menina rica é esnobe.

Marcos riu.

-Nem todo cavalheiro vem de um menino rico.

-Pois bem, quando é que você vai casar com Irene.

Perguntou Mirian com as mãos na cintura.

-Ela é uma Schmidt adotada mas tem que se tornar oficial.

-Dona Mirian...

Irene começou a dizer mas todos começaram a falar ao mesmo

tempo.

-Calma, calma, eu quero falar, tenho uma promessa sobre meu casamento, então só poderemos casar quando meu padrinho/madrinha chegar.

Irene ficou desconcertada não tinha sido pedida em casamento.

-Marcos...

-Calma amor, será só uma formalidade, a menos que queira uma festa grande.

-Não mas...

-Eu já considerava você minha esposa em Portugal antes de tudo isto, só não tinha pedido ainda.

Marcos abriu a carteira. Tirou um anel com um diamante, ajoelhou na frente dela.

-Muitas vezes pensei em jogar isto fora, só não fazia porque no fundo eu não queria que tudo tivesse acontecido, eu tinha pensado em esperar mais uns meses depois de saber que você estava grávida para ter certeza que você não ia se cansar de mim, mas acho que já sei que não desistiu de ficar comigo então, quer casar com...

Irene pulou no pescoço dele, estava chorando muito, as pessoas ao redor estavam emocionadas, a namorada de Lucas era uma italiana e deu um soco no ombro dele.

-É assim que se faz, quero um pedido bem bonito.

-Andrà bene, è uno Schmidt.

Todos olharam Marcos sem muita surpresa por ele saber italiano.

-*-

-Carlos, é o Marcos, Marcos Schmidt, Carlos, Carlos...

Uma série de palavrões fez Marcos tirar o telefone do ouvido, quando o farto repertório do alfaiate acabou, ele voltou ao fone.

-Desculpe, desculpe, Carlos me perdoe, sim estamos juntos enfim, no Brasil em BC, Balneário Camboriú, estou ligando para perguntar se ainda está disposto a vir ser meu padrinho ou se preferir, madrinha de casamento, Carlos, Carlos, sim, claro, quem mais, poderia fazer o meu terno e me mandar a conta, também gostaria de pagar a pass... Carlos, calma, sim tá bom, me desculpe, Irene, sim, bege por que, para ela, ela adoraria, tem certeza, Carlos, sim, calma, gostaria de saber qual seria a melhor data para você vir, assim que terminar os trajes, tem certeza, sim, sim, claro, no terceiro fim de semana de abril seria ótimo, Carlos, obrigado, não, eu que sou grato.

No aeroporto de Navegantes, Carlos ignorou Marcos e primeiro cumprimentou e falou com Irene.

-Fiz uma exceção para você fazendo um traje feminino.

-Obrigada Carlos.

Voltando-se para Marcos, Carlos deu um sermão realmente irritado, xingou ele durante muito tempo até que o abraçou e chorou.

-Ficamos preocupados seu desalmado.

-Me desculpe.

Carlos havia mudado seus compromissos e veio ao Brasil, trouxe um terno de autoria própria muito estiloso e também um vestido bege de seda, muito lindo. Irene ficou deslumbrante nele.

A cerimônia foi realizada na casa grande e Carlos chorou muito enquanto entregava as alianças, foi padrinho de Marcos e madrinha de Irene, os gêmeos estavam lindos vestidos de noivinho e noivinha, as gêmeas Raquel e Rute estavam tão lindas e calmas que roubaram a cena de todas as cunhadas com exceção da noiva, pois Carlos era imbatível. Aquela noite Marcos e Irene passaram a bordo do Bilhete, tinham zarpado para se afastar da cidade e ancorado a cinco quilômetros da praia, a vista era muito bonita. O outono tinha chegado e fazia um friozinho brasileiro o que parecia uma primavera para Irene.

-Hoje foi o dia que nós fizemos amor pela primeira vez, não foi, a seis anos.

Comentou ela.

-Foi uma feliz coincidência de cair num sábado em vez de um dia de semana.

-Pensou que eu não tinha percebido?

-Deixei você se manifestar para ver o que dava.

Irene beliscou ele que fez cócegas nela que gritou e se retorceu.

-Vai mesmo me deixar sozinha para ir com o Bilhete até Perth?

-Saindo daqui, até Tristan da Cunha, pra Cidade do Cabo, Alfred Faure, para Port aux France e então Perth, com isto vou completar minha primeira circunavegação pela zona temperada sul.

-Mais de quinze mil quilômetros, sozinho.

-O maior trecho será de quatro mil, eu já atravessei o Atlântico cinco vezes, que é quase a mesma distância e deve calcular como se fosse vinte e dois mil, por causa dos ventos.

-Quanto tempo você vai levar?

-Uns dois meses e meio, vou levar quinhentos litros de diesel para evitar calmarias e ventos contrários e dois jogos reservas de velas para emergências.

-Por que não leva alguém junto?

-Não tem ninguém querendo ir para a Cidade do Cabo agora, se encontrar alguém lá para ir até Perth aí tudo bem.

-*-

Irene desembarcou do avião no aeroporto de Perth, Marcos e Mirian eram só curiosidade, apontavam e diziam.

-Olhe, olhe mamãe.

Eles não recordavam bem das vezes que haviam viajado de avião antes porque eram muito jovens, caminhavam segurando a mão da mãe e tagarelavam com sotaque português, sempre faziam isto quando estavam com ela apesar de falar sem sotaque com os demais, Irene achava isto muito fofo, como se fosse uma coisa só dos três. Esperou a bagagem e pôs no carrinho, achou que tinha exagerado, três malas para cada um pareceu um pouco demais agora que tinha que empurrar o carrinho até a

saída.

Salander estava sentado na bagagem, o jato particular atrasara e ele ainda não fora chamado para o embarque, olhou impaciente para o seu Rolex de ouro, assim que olhou para a esteira de bagagens reconheceu uma mulher com duas crianças, não pôde acreditar, era Irene, estava linda e tinham uma ar doce e maduro, com uma atitude maternal que a deixavam mais atraente do que quando era aquela moça workaholic que ele conhecera, se ele tivesse sido mais paciente ela com certeza estaria segurando os filhos dele pela mão agora.

Olhou ao redor assustado em busca daquele monstro que era o estagiário dela, conhecera certa vez os Jettis, uma tribo de indianos que cultivavam a força para poder torturar pessoas, eles conseguiam torcer a cabeça de um bode para trás até ela estalar, sentiu um arrepio, aquele estagiário não fizera o mesmo com ele porque Irene não deixou.

Sentiu-se mais seguro por não ver aquele magrelo de cabelo escorrido, pensou que seria uma boa oportunidade de dar seus pêsames pelo pai de Irene. Levantou-se e um carrinho esbarrou no seu novamente. Irene estava passando por ele quando o notou.

-Minha doce Irene.

Disse com seu sorriso de vendedor, Irene parou, congelada.

-Salander, o que faz por aqui?

-Estou voltando a Seul, fiz uma palestra aqui em Perth.

-Bom pra você.

-Escute Irene, eu já disse que me arrependo e sou muito grato que nada de ruim aconteceu aquele dia, aquilo poderia ter destruído o meu futuro e...

-E o meu não?

-Não foi isto que quis dizer.

-Te enxerga maricón.

Salander levou um encontrão, olhou ao redor perdido, depois percebeu que era uma mulher que tinha esbarrado nele enquanto passara, não entendera nenhuma palavra dela e ficou aturdido pela atitude arrogante da mulher.

-Nilla.

-Irene.

Nilla não respondeu com muito entusiasmo, haviam se falado por telefone e depois pela internet, Nilla já havia visto ela usando a aliança que Marcos havia comprado pra ela antes de tudo acontecer, encontrara ela no meio das coisas dele e pensara durante um tempo que era para ela, mas conhecia Marcos muito bem para saber que se fosse pra ela, ele teria uma atitude mais aberta sobre o que sentiria.

Conhecer os gêmeos e a família de Marcos foi uma experiência boa que aliviou um pouco da dor que sentia por ter deixado ele voltar para Irene, pensou no que faria quando visse a mulher que jurou que mataria se tentasse tomar Marcos dela novamente, se consolava pois ele nunca voltou a ser dela, não totalmente como havia sido no México

Irene a abraçou com tanto afeto que Nilla acabou por retribuir o abraço, cada uma apresentou seus filhos que não tinham conhecimento

uns dos outros para não gerar problemas, Hein e Bella conheceram os avôs e os tios e primas mas não os irmãos e a mãe de seus irmãos. Irene beijou eles e Nilla chorou ao pegar os gêmeos no colo pois eram cópias de Bella, exceto os olhos.

As quatro crianças estavam embaraçadas por estarem ali juntas, Hein olhou para Bella que disse em norueguês.

-Quem será que são?

-Não sei.

Também em norueguês Marcos respondeu antes de Mirian para variar.

-Eu sou Marcos e esta é minha irmã, Mirian.

Hein e Bella arregalaram os olhos e esticaram o queixo e a menina se escondeu atrás dele. Bella mudou para náuatle.

-Ele sabe a língua secreta Hein e agora?

-Norueguês não é uma língua secreta.

Respondeu Mirian em náuatle um pouco arrogante como sempre diante de crianças mais novas. Marcos voltou ao norueguês.

-Desculpem minha irmã, ela é meio metida.

-Não sou não.

-É sim.

-Mãe, o Júnior me chamou de metida.

Irene e Nilla estavam conversando animadamente e nem deram atenção as crianças. Hein e Bella riram, em seu norueguês infantil disse.

-O Hein também é Júnior sabia?

Marcos e Hein riram. No mundo dos adultos, logo após receber o esbarrão Salander ficou olhando as duas mulheres. Separaram-se do abraço, cumprimentaram as crianças e iniciaram um diálogo em espanhol, língua que Salander não entendia nada.

-Como foi o voo?

-Foi ótimo, tivemos um atraso mas as crianças ficaram tão entretidas olhando pela janela, vendo as novidades e a paisagem mudar tão rápido que pegaram no sono e apagaram sempre, e você como está? Sinto pelo Heinhich.

-Também sinto por ele.

Disse triste e logo voltando a ficar alegre.

-Mas estou bem, não leve a mal mas estou ansiosa para ver o Marcos.

Irene mudou um pouco o semblante mas Nilla apressou-se a dizer.

-Não se preocupe, eu o mandei para você não foi, desta vez eu tive a oportunidade de ficar com ele mas sabia que ele nunca seria completo longe de você, mesmo que eu tenha que pegar ele emprestado de vez em quando para matar a saudade.

Nilla esperara que Irene fosse se enfurecer ao comentário mas em vez disto ela ficou triste.

-Nilla, eu quase o matei.

-Foi mesmo, quando eu o achei, ele estava só pele e ossos, era afamado na área como assassino e louco.

Irene engoliu em seco.

-Mas vamos conversar mais em casa.

-Irene quem é sua amiga?

Salander perguntou nessa pausa. Irene olhou para Salander.

-Tinha esquecido de você.

Nilla perguntou em espanhol novamente.

-Quem é este cabrón?

Irene não teve nenhum pudor pois odiava Salander e tinha de se segurar para não socar aquela cara larga ali mesmo.

-Esse foi o filho da...

Olhou para baixo e viu que as crianças olhavam para ela.

-Esse foi o homem que me fez mal quando Marcos me salvou.

Salander tinha ouvido aquela palavra, Marcos, parecia o nome do estagiário de Irene, olhou ao redor para ver se ele não ia aparecer do nada e atacar ele, quando se voltou para as mulheres recebeu um soco tão forte no queixo que o fez cair desacordado na hora. Nilla massageou a mão e disse pra Irene.

-Como você conseguiu falar com ele?

-Eu estava me contendo para não fazer o mesmo.

Hein, Bella e Marcos riram as gargalhadas mas Mirian balançou a cabeça apesar de segurar o riso. Muitas pessoas no aeroporto pararam e não entenderam o que havia acontecido, apenas umas poucas viram o homem importunando as duas mulheres com crianças e uma delas o derrubar com um soco.

-Vamos.

Disse Nilla levando Irene até o jipe. Nilla chegou em casa, era pequena e ficou um pouco insegura com Irene.

-É só um casebre mas o terreno é grande.

-Não vejo problema nisto.

Nilla sentiu-se melhor, as crianças começaram a correr pelo terreno arenoso, estava um pouco calor apesar de Perth ser mais fresco que BC. Nilla se preocupou.

-Será que Marcos e Mirian vão ficar bem com o calor?

-Eles já estão acostumados ao Brasil, quem sofre um pouco sou eu.

Nilla olhou para o relógio.

-Daqui a pouco Marcos vai ligar.

As duas olharam seus celulares expectantes para ver para quem ele ligaria primeiro. Mal haviam entrado o telefone da casa de Nilla tocou. As duas franziram o cenho ao mesmo tempo.

-Alô, porque não ligou no celular? Que briga o que, liga no celular que tem viva voz.

Disse e bateu o telefone despejando um monte de palavrões. O celular de Irene tocou. Irene atendeu e pôs no viva voz.

-Oi meninas, tudo deu certo?

Irene estreitou os olhos. Nilla riu.

-Já chegamos puto.

-Nilla.

-Chegamos bem, e como vai indo a travessia?

-Falta mais quatro pernas e chegarei a Perth, errei um pouco o

cálculo, deveria estar na última perna mas amanhã ou depois estarei aí? Como estão as crianças?

Irene e Nilla começaram a falar ao mesmo tempo e riram.

-Estão todos brincando lá fora, acho que vai ter um pouco de ciúmes quando você chegar, afinal você tem só dois braços.

-Eu vou dar um jeito. Estou com tantas saudades de todos que meu coração dói, por isso que eu não gosto de celular.

-Marcos não chore, sei que é difícil mas assim nós temos notícias.

Nilla se espantou, como Irene sabia que Marcos estava chorando? Sentiu a tristeza dele na voz.

-Diga a todos que os amo, Nilla eu também te amo, Irene meu amor logo estarei aí.

Desligou, Nilla e Irene tinham lágrimas nos olhos.

-Vou fazer alguma coisa pra gente comer.

-Deixa que eu faço, o Marcos mandou eu trazer uma coisa pra gente comer assim que chegasse.

Irene pegou um pote térmico e abriu revelando massas de pastéis.

-Ele mandou isso?

-Foi, por quê?

-Na gravidez da Bellinha, eu tive vontade de comer pastel de palmito que eu havia comido junto com ele, Marcos conseguiu palmito aqui em Perth mas ele virou a região toda e não achou massa de pastel, por fim fez com massa de lasanha, depois com massa caseira que ele mesmo amassou, e não adiantou, a Bellinha tem um pastelzinho desenhado bem na coxa.

-Hã?

-É, se a grávida não tem o desejo atendido acontece algo ao bebê para lembrar o desejo.

-Vou procurar fritas e peixe no Marcos e na Mirian, eu estava procurando por ele em Caracas e me deu vontade de comer o peixe com fritas do restaurante dos velejadores de Lisboa e não achei nada parecido.

-*-

Marcos estava na verdade no meio da última perna de sua viagem, estava um pouco agoniado para chegar a Austrália, algumas pessoas que ele conhecia tinham o procurado por causa dos vídeos de Robert, o Bilhete era um veleiro de corrida e estava numa forma impressionante, só que começara uma fofoca no meio dos velejadores que ela nunca tinha sido posta a prova com veleiros de corrida de verdade.

Isso enfurecera Marcos e só não quebrara algumas cabeças porque os emissários se diziam neutros. Na Cidade do Cabo ele foi desafiado para uma disputa e até teria aceitado mas tinha mudado a configuração do Bilhete para um cruzeiro mais suave, além do peso extra dos suprimentos para a longa viagem, então rejeitou a ideia, ninguém ousou chamar ele de covarde pois sabiam as consequências, no entanto Marcos disse que estaria esperando por qualquer um quando chegar em

Perth. Iria participar da regata Perth-Melbourne para calar a boca de todos.

-Garota vamos voar e fazer aqueles faladores se arrepender.

Sabia que poderia fazer do Cabo até Perth muito tempo antes da regata se forçasse, mas não tinha vontade, no entanto, iria usar os quase dois dias no cais de Perth para mudar o Bilhete para sua configuração de corrida. Depois iria remover toda a carga e mandar a Melbourne de frete terrestre para reequipar ela, ainda tinha vontade de colocar esquis nela só pra testar, mas isso ficaria para outra vez. Olhou o relógio de bordo, e pegou o celular novamente.

-Robert? É o Marcos, sim muita, sim, mas não tão boas, Robert, me desculpe mas vou entrar numa regata solo, estou mantendo a promessa, se fosse uma regata para mais pessoas não entraria sem você, foi só coincidência de eu estar de volta a Austrália, isso a Perth-Melbourne. Sim com o Bilhete, talvez, vou tentar, estou reforçando a promessa, assim que eu colocar o Bilhete em uma regata para duplas, você será o primeiro a ser chamado, prometo, obrigado, tchau.

Teria duas semanas para passar com Nilla e Irene e os quatro filhos, depois alinharia o Bilhete na linha de largada e tiraria tudo que pudesse dela, tentaria ficar colado nos multi cascos e veleiros de esquis, se pudesse acompanhar eles, calaria a boca de todos. Chegou a Perth no fim da tarde, saiu atrás de uma grua grande para sacar o Bilhete da água para limpar o fundo dela de qualquer craca.

Conseguiu uma e tirou o Bilhete da água durante a noite, acertara em cheio, havia um pouco de craca, fez a limpeza até o dia amanhecer, dormiu um pouco, voltou e fez uma revisão em todo o equipamento submerso, tudo em perfeita ordem, ficou tentado em aumentar o lastro ainda mais mas não faria muito sentido. Precisaria estar leve e não pesado, poderia ganhar um nó ou dois retirando toda a carga na obra morta. Tiraria todo o conforto do Bilhete e daria um susto nos profissionais.

-*-

Não sabia que Hein, Marcos e Mirian já desconfiavam que eram irmão e estavam aos poucos explicando para Bella.

-Hein, por que você é loiro?

-Eu tenho dois pais, o Hein e o Marcos.

-Meu pai também é Marcos, por isso eu sou Júnior também, mas como você tem dois pais e uma mãe?

-Não sei direito, mas meu pai Hein morreu de gripe. Então ficou só o pai Marcos e a mamãe.

Mirian estivera calada até então, decidiu falar o que pensava.

-Seu pai Marcos anda de barco?

-Oh sim, ele viajou para bem longe ano passado e está quase chegando.

Marcos olhou Mirian com compreensão.

-Mih, acho que o Hein e a Bella são nossos irmãos.

-Eu também acho.

Hein não estava convencido no começo.

-Como podemos ser irmão se temos mães diferentes?

-As pessoas podem ser irmãos mesmo que tenham apenas um pai ou uma mãe, não é?

Para Hein aquilo pareceu lógico pois conhecera outros meninos que só tinham mãe.

-Mas eu sou loiro e vocês não.

-Mas a Bell também não é, e eu e a Mih somos muito parecidos com a Bell.

-É verdade.

Para Hein ficou claro que os quatro eram irmãos ainda mais depois que começaram a se chamar pelos apelidos, Marcos era Mah, Mirian era Mih, o Hein não teve muita escolha e continuou Hein e a Bella virou definitivamente Bell. Tagarelavam em norueguês para as mulheres não entender o que falavam. Irene e Nilla espiavam as quatro crianças brincando e tagarelando.

-Só podem ser filhos dele.

Disse Nilla, depois corrigiu.

-Mesmo que Hein não seja de sangue. Se ele não fosse tão parecido com Hein eu não acreditaria nem por um segundo que não era de Marcos.

-É engraçado ver que ele é mais que um ano mais novo que Marcos e Mirian e é maior que eles.

-Sim Hein era um homem grande. Eles aprenderam náuatle muito bem.

-Marcos cantava as cantigas de ninar pra eles e logo aprenderam.

Irene virou para a mulher que preparava um lanche para a tarde.

-Nilla você é muito forte.

-Não Irene, você é mais, por isso mandei ele de volta pra você.

-Não entendi.

-Eu me apoio em Marcos e ele sempre foi e sempre será um porto seguro pra mim, agora mesmo que você não perceba você é o porto seguro dele.

Irene entendeu. As crianças entraram em tropel com Bella no fim da fila. Estavam com fome e foram lavadas e arrumadas para poder sentar e tomar o lanche da tarde. Hein, Marcos e Mirian riam e falavam em norueguês baixinho, Bella reclamava algo que parecia não saber pois eles escondiam dela, Irene e Nilla ficavam cada vez mais intrigadas.

-Olhem aqui todos vocês, estou proibindo isso de ficar falando em norueguês, vão falar só em espanhol e português dentro de casa, chega de brincadeira ou eu vou dar um peteleco em quem não obedecer.

Hein olhou para os outros com os olhos arregalados e todos entenderam que não era sábio desafiar Nilla, Marcos e Mirian tinham visto a mulher derrubar aquele homem grande com um soco, então acharam melhor deixar o norueguês lá fora.

-*-

Ao meio dia tinha recolocado o Bilhete na água, Marcos zarpou com o Bilhete e foi para o mar aberto, a tarde ligou para Nilla, ela colocou ele no viva voz apenas para as duas como ele tinha pedido, seria difícil para as crianças entender que ele era pai de todas elas sem ele estar por perto..

-Oi amor, tudo bem por aí? Vocês poderiam vir me buscar no cais, estou avistando ele, gostaria que as crianças vissem o Bilhete chegar.

Desligou e manteve as velas frouxas por um tempo depois calçou as velas e rumou para o cais que sempre usava. Assim que tinha uma visão clara pôde ver o jipe, a caminhonete, as mulheres e as crianças, Hein foi o primeiro a gritar algo, todos viram o barco surgindo por trás das pedras, Marcos manobrou o Bilhete com segurança e baixou as velas passando ele para o motor diesel.

Parou ao lado do cais e os ajudantes de serviço pegaram e prenderam as amarras, Marcos esperou as quatro crianças vir até ele então ajoelhou-se no chão e recebeu um abraço de quatro pares de bracinhos ansiosos, todos choraram, Bella foi a que mais chorou, Marcos Júnior olhou para o pai e falou baixinho em norueguês apenas para os cinco escutar.

-Papai, somos todos irmãos, né?

Marcos ficou surpreso e fitou um por um os quatro pares de olhos.

-Sim meus filhos, vocês são todos irmãos.

Bella ficou um pouco assustada, mas Júnior olhou para Hein.

-Viu Hein, eu disse.

Mirian não estava com cara de feliz, por isso Marcos pegou ela e Bella no colo, Marcos ficou com ciúme de Mirian e Hein de Bella e isso resolveu o impasse de Marcos sobre quem iria para o colo.

Irene deu um empurrão em Nilla, ela veio até Marcos que desceu as meninas e abraçou Nilla num abraço carinhoso mas casto. Nilla não suportou a vontade e acabou por beijá-lo com lágrimas, ele não soube o que fazer, olhou para ela bravo mas sua expressão suavizou diante da alegria dela. Depois foi até Irene não sabia o que ela faria depois do atrevimento de Nilla, ela o beijou suavemente e abraçou forte. Não queria provocar Irene ou Nilla por isso se segurou ao cumprimentar as duas.

Desceu sua bagagem secundária e os presentes que tinha para todos e levou até a caminhonete enquanto tagarelava em norueguês com os filhos, elogiou muito Hein que estava forte e havia protegido a mamãe enquanto o papai esteve fora. Marcos levou os filhos e as duas mulheres seguiram sozinhas no jipe, chegaram ao casebre e Irene viu que Marcos suspirou ao ver o lugar, já percebera como ele se sentia desconfortável em lugares grandes ou cheios de gente como no condomínio.

Levou as bolsas para o quarto que fora dele antes e levou os filhos para o galpão falando em português para reativar a lembrança do idioma em Hein e Bella.

-Papai, papai diga ao Marcos de quem é este barco.

-Oh Hein, ele é seu.

-Papai, eu vou ter um?

Perguntou Júnior.

-Talvez um dia.

-Mas porque o Hein tem um e eu não.

Disse Bella, a menina já estava falando quase normalmente apesar de seu jeito infantil.

-Por que este barco era do papai Heinhich e a mamãe Nilla e eu concordamos que ele deveria ser só do pequeno Hein, por que a Bellinha nasceu muito tempo depois do papai Hein nos deixar.

Hein ficou triste por não ter conhecido o papai dele, mesmo vendo as fotos dele, tinha uma que ele considerava um tesouro dele, era a mamãe Nilla abraçada ao papai Marcos e o papai Hein ao lado dele, a mamãe havia dito que aquela foto foi tirada lá na terra dela, no México.

-Venham cá. Vou contar uma história pra vocês, o papai Heinhich era muito amigo do papai Marcos, só que veio o vírus malvado e tentou machucar todo mundo, o papai Heinhich era muito valente então ele mandou o papai Marcos ficar aqui e proteger a mamãe Nilla, o papai Marcos ficou muito triste mas obedeceu e o papai Heinhich foi lutar com o vírus malvado, só que o vírus malvado levou o papai Heinhich, depois disso nasceu o pequeno Hein, que é filho do papai Heinhich, da mamãe Nilla e também do papai Marcos. Por isso ele é loiro, assim como o papai Heinhich. Depois disso, quando Hein era um bebê, o papai Marcos prometeu um presente especial para o pequeno Hein, uma irmanzinha para ele brincar, assim o papai Marcos e a mamãe Nilla fizeram a Bellinha e trouxeram ela pra casa da maternidade.

Nilla e Irene ficaram ali escondidas atrás da parede ouvindo e tinham lágrimas nos olhos. Júnior que era demasiado inteligente e curioso não pôde segurar a pergunta.

-Mas e eu e a Mih?

-Mah!

Mirian cutucou ele por falar o apelido dela para um adulto, mesmo que fosse o pai.

-Ah, vocês, foi bem antes do Hein nascer. O papai Marcos e a mamãe Irene estavam lá longe em Portugal, eles tinham decidido fazer dois bebezinhos iguaizinhos mas era muito difícil, então eles tentaram e não estava dando certo, até que descobriram que para os bebês ficarem iguaizinhos o papai Marcos tinha que ir embora pra bem longe por um tempo, senão os bebês iam ficar diferentes.

-Por quê?

-Porque um bebê ia ficar parecido com a mamãe e outro parecido com o papai.

-Mas eu sou menina e o Júnior é menino.

-Viu, por isso que o papai Marcos tinha que ir bem longe, se eu continuasse perto os bebês poderiam ficar diferentes e não daria certo.

-Ah.

Fizeram em coro os quatro.

Nilla fez sinal para Irene e voltaram para casa.

-Irene eu amo aquele homem, mas estou satisfeita em apenas ter

ele por perto, não digo que não vou precisar de mais que abraços, mas estou avisando, se você levar ele embora pro Brasil, eu vou junto.

-Eu entendo, então prepare as malas pra voltar junto comigo, porque eu não vou deixar ele nunca mais.

Marcos brincou com os filhos no Snoball todas as manhãs e ia de caminhonete para a cidade todas as tardes, voltava com cargas de materiais, mobílias e até o motor a diesel do barco. Quando Nilla viu a movimentação de coisas que Marcos fazia, ela chamou Irene.

-Esse perro está aprontando alguma.

-Como assim?

-Ele tirou o motor do barco, tem alguma coisa por trás disto.

Marcos deixou apenas carga necessária como lastro dentro do Bilhete para poder mover rapidamente, não havia nem cama, ele teria que dormir em uma rede, teria de comer conservas pois não havia nem fogão, tinha estudado a tábua dos ventos dos últimos dez anos e fez uma projeção de qual seria as mais prováveis.

Amarrou todas as cargas que ficaram no barco em pêndulos, se ele girasse a catraca o peso iria para um lado girando na direção oposta o peso ia para outra. Conseguira cinco graus de inclinação só nisso. Girou a catraca e inclinou a parte da quilha móvel de alumínio que havia inventado e a carga nos pêndulos, conseguiu quinze graus, ficou muito feliz, esperava que fosse suficiente para as gibas, olhou para cima, o jogo de velas novo que usava como reserva estava instalado, não havia mais nada para fazer. Olhou para o cais para descer do Bilhete, Nilla e Irene estavam ali de pé olhando para ele e as crianças estavam dentro do jipe.

-Papai está encrencado.

Disse Mirian, os outros três balançaram a cabeça afirmativamente.

-Quando ia contar que vai participar da regata de Perth?

Irene estava vermelha de raiva.

-Nilla...

-Nada disso, me deixe de fora que senão vai ser pior pra você, eu fiquei aqui sozinha mais de um ano e você volta e já vai partir.

-E me fez vir aqui no meio do ano para ficar olhando você chegar e partir? Pensa que eu não tenho obrigações?

-Eu acho que vocês estão exagerando é só desta vez por cau...

-Ah, Marcos corta essa, todo mundo sempre implicou de você ter esse barco de corrida para se exibir por aí, por que agora?

-Eu não me exibo...

-Se exibe sim que eu lembro.

Marcos fechou a cara e as duas ficaram em silêncio, espantadas.

-Eu vou participar desta corrida justamente para calar esta gente que fica implicando com o Bilhete, ela é feita para correr, mas todo mundo fica implicando com ela porque eu só corro sozinho, eles vão ver desta vez o que a minha garota é capaz, vamos fazer de tudo para marcar um bom tempo e por fim a essa conversinha que ela não é de nada.

Marcos ainda estava vermelho de raiva quando terminou de falar, retorcia as mãos como que procurando uma garganta para apertar e viu a cara de surpresa de Irene e Nilla. Hein disse por fim.

-Acho que o papai ganhou.

Os outros três balançaram a cabeça concordando. Marcos levou as crianças na caminhonete cantando uma cantiga portuguesa sobre o mar, quando chegaram a janta estava quase pronta. Ele tinha posto as camas de Marcos e Mirian na sala, mas Hein e Bella também quiseram as camas na sala, então Marcos colocou a cama de casal para os quatro filhos dormirem juntos e as camas de solteiro no quarto, tinha feito amor com Irene apenas na tarde que Nilla levou todo mundo para tomar sorvete e estava sentindo falta da esposa. Tinham oficializado o casamento por insistência da mãe de Marcos, Irene não se importava com isso mas sentia-se orgulhosa de ser oficialmente uma Schmidt.

-Marcos?

-Hã?

-Você realmente ficou bravo por estarem caçoando do Bilhete não é?

Irene sentiu os músculos de Marcos enrijecerem.

-Irene, na escola me chamavam de retardado, diziam que minhas irmãs eram retardadas, depois no colégio me chamaram de nerd, sabidão, na faculdade me chamavam de metido, puxa saco de professor, no banco me chamavam de preguiçoso, rebelde, esquisito, sabe o que tudo isso tem em comum?

-São mentiras.

-Sim, eu nunca liguei quando me chamavam de covarde, ou qualquer outra coisa porque eu não era, só que apesar de eu gostar de correr o Bilhete sempre que possível, eu nunca coloquei ela numa prova, não preciso me afirmar, eu sei o que ela pode fazer e posso dizer que vou para o pódio da categoria mono casco solo e vou ficar entre os trinta da geral solo, e isso vai resolver o problema de todo mundo com o Bilhete e ela poderá voltar a ficar em paz.

-*-

No dia seguinte Marcos inscreveu o barco presencialmente, na categoria dele havia 37 participantes. Três de trinta e sete já era bom, tentaria 1 de trinta e sete. Viu a configuração dos veleiros, tinha só um que era perigoso por conta do casco de carbono, era muito exagero para Marcos. Só que o deslocamento dele era maior que o do Bilhete por conta do lastro.

Viu a área de velame, não era grande coisa, se não tivessem que depender da balão durante muito tempo, o Bilhete não teria competição, foi para a categoria dos multi cascos, três eram realmente imbatíveis, podiam tirar mais de vinte nós com certeza, seriam os reis da competição, os vinte e nove mais pesados não eram problema por conta da área de velas similares, nos mono cascos com esqui, a coisa ia ficar feia, tinha quinze escritos, somando aos três multi cascos leves teria dezoito equipamentos melhores, pelo menos, uns vinte similares, dava trinta e oito, ele tinha que superar no mínimo a metade, não era muito para ficar entre os vinte melhores solo.

-Marcos?

Marcos olhou para quem o chamara,

-Robert, que faz aqui?

-Eu vim ver as inscrições pois vou participar no multi cascos em equipe, nós vamos tentar bater o recorde da regata, oito dias e algumas horas.

-Quem é o capitão?

-Williams.

-O do trimarã de sessenta pés preto.

-Isso.

-Boa sorte pra vocês mas cuidado ao mudar de bordo pois o multi casco é muito violento, a força “g” é impressionante.

-Obrigado, vou lembrar disto.

Robert se foi e Marcos viu que ele estava deslumbrado por participar de uma equipe profissional. Foi para casa. Nilla levou as crianças até o parque e Irene e Marcos tiveram a casa só para eles, Marcos estava faminto de amor e fez Irene recuar novamente.

-Marcos amor, vamos descansar um pouco.

Marcos estava feliz, Irene foi a cozinha e voltou com sorvete, deitou ao lado dele e dividiram a colher, ela dava sorvete para ele na boca, alimentando Marcos como um bebê.

-Mais alguns dias apenas e depois quanto tempo?

-Calculo que farei a corrida em menos de dez dias, talvez menos de nove dias, a volta será em uns doze ou quinze dias.

Irene franziu o cenho.

-Marcos eu não sei se vou esperar tanto tempo.

-Tenho pensado, de Melbourne a BC via Horn é uns 50 dias, quase vinte a menos que de Perth a BC via o Cabo, você me espera em Melbourne e de lá vai pra casa, isso diminui o tempo.

-Vou levar a Nilla comigo.

-Ótimo, ela vai gostar de dar uma passeada em Melbourne.

-Não, digo, vou levar a Nilla para o Brasil.

Marcos olhou ela e viu que falava sério.

-Ela se sente sozinha neste deserto Marcos, em BC ela pode até conhecer alguém.

Marcos sentiu um certo ciúme, mas pensou que Irene estava certa, Nilla tinha aguentado bem ver os dois juntos mas isso feria ela profundamente.

-Vocês duas já acertaram isso?

-De certo modo, ela está providenciando o transporte do Snoball e do Aurora, acho que alguns amigos de vocês vão velejar com eles para o Brasil ou outro lugar, aí você pode terminar o trajeto para ela.

-Seria melhor assim, se eu tiver que acompanhar o Snoball novamente em uma travessia com o Bilhete, eu acho que acabo tendo uma crise de nervos.

-Por que, ele é muito lento?

-Sim, cinco nós eu acho que é o máximo que ele consegue, pelo menos nunca vi o Hein ir mais rápido que isto, é claro que é muito para

um fundo chato de quilha lateral e...

Irene enfiou uma colherada de sorvete na boca dele senão ele continuaria falando coisas de barcos pelo resto da vida.

-Eu também tenho um motivo egoísta em levar a Nilla conosco.

-Qual?

-Ela poderia ficar com Marcos e Mirian e nós dois poderíamos enfim fazer uma viagem longa.

Ao contrário do que pensara Irene, Marcos não pareceu muito animado.

-O que foi, não quer viajar comigo?

-Claro que quero, só que eu não sei se consigo ficar muito tempo longe dos quatro, um dos motivos de querer ir embora direto de Melbourne é justamente para levar o Bilhete mais rápido para BC para poder ficar com eles.

-Oh, que fofo, só que não está pensando nessa garotinha? Ela também precisa do papai dela.

Marcos tinha se esquecido momentaneamente da gravidez de Irene, mesmo tendo feito amor com ela, a barriga estar crescendo e já ser visível, não era grande então eles não precisavam mudar as posições. Provavelmente engravidara um pouco antes dele iniciar a viagem para cá.

-Só um lapso, tenho pensado em deixar o Bilhete com algum amigo e comprar um veleiro trimarã que é mais largo e mais espaçoso para uma família grande, ai poderíamos convencer Nilla a deixar o Hein e a Bella vir conosco, dependendo do trimarã ele pode ter até quatro quartos e uma suíte.

-Duvido que ela vai deixar você levar os filhos dela por ai sem ela.

-Vamos deixar isto em segundo plano então.

Marcos fez cócegas em Irene e ela gritou e retorceu-se, depois voltaram a fazer amor até o fim da tarde, quando Nilla chegou tudo estava arrumado e receberam as crianças que contaram com entusiasmo como foi o passeio.

No dia seguinte Marcos estava sentado no deck do Snoball pensando o que fazer, essa dinâmica estava complicada, amava os filhos, mas duas mulheres na mesma casa não ia ser fácil. Marcos não pensava em Nilla como parceira, só tinha olhos para Irene. Apesar disto sentia amor por Nilla, por tudo que viveram depois da morte de Heinhich, sabia que se continuasse assim ele não aguentaria da falta dela e Nilla também não iria aguentar. Precisava resolver a situação com Nilla.

-Pensando muito.

Marcos se sobressaltou.

-Nilla! Estava pensando em você.

-Em mim.

-Sim, eu tenho um pedido para fazer.

-Qual é?

-Você aceitou ir ao Brasil conosco e eu fico imensamente grato, sei que gosta da Austrália porque é parecido com a sua terra só que não tem os problemas de lá e sair daqui é um sacrifício para você.

-Marcos, desembucha.

-Eu preciso ficar perto do Hein e da Bella, assim como da Mirian e do Marcos, eu não sei o que fazer, sei que não tem como morarmos todos numa casa porque isso machuca muito você, mas Nilla, não sei se consigo nem passar o tempo da travessia do Atlântico para voltar para BC com o Bilhete.

Ela tinha se sentado ao lado dele, ombro a ombro, a medida que ele falava ela passou o braço pela cintura dele e encostou a cabeça no seu ombro.

-Marcos, eu senti muito sua falta.

-Nilla...

-Irene levou as crianças pra comprarem mais sorvete, vocês comeram o último ontem.

Marcos olhou para ela confuso.

-Eu tenho você só pra mim até ela voltar.

-Eu… Irene… Não posso trair ela.

-Só seria traição se ela não soubesse.

-Como assim.

-Marcos eu não vou aguentar ficar tão perto de você e não te procurar de vez em quando, eu disse pra ela desde que ela chegou, sei que não tenho o mesmo espaço que ela no seu coração, mas eu sei que me ama e não venha com essa de amigo ou irmã.

Ela tocou ele e sentiu que estava excitado.

-Nilla, eu não posso.

-Será que eu vou ter que pedir para Irene falar com você? Ela nos deixou sozinhos para que eu pudesse ter você.

-Mas eu não acho isto certo.

-Se eu achar um namoradinho no Brasil, eu te deixo em paz, até lá, eu preciso de você, eu te amo, e não tem como ficar perto de você e não sentir desejo, ainda mais com vocês dois trepando toda vez que eu levo a molecada pra passear, eu quero um pouco de amor também.

-Nilla, se isto for um joguinho e Irene não souber nada disto eu juro por nossos filhos que eu faço uma loucura.

-Ela só não falou com você porque sentia muita dor, você contou que vivemos como casal durante quase três anos, acha que ela não entende que você só foi embora por causa dela, eu é que sou a traída aqui.

Nilla estava chorando e Marcos não podia mais se segurar, ainda amava Nilla, quando dissera que queria que Hein fosse filho deles, ele não mentira, beijou ela com o mesmo carinho que sempre beijava quando ficavam juntos, deitaram no deck do Snoball e ela ficou sobre ele e fizeram amor como haviam feito algumas vezes no deck do Bilhete na época que ele estava naquele galpão sendo reformado.

Quando Irene voltou ela estava triste e Marcos foi até ela, estendeu a mão pra ela que pegou e sorriu, entraram na casa em meio a festa das crianças e Nilla e Irene se viram, Nilla foi até ela e a abraçou.

-Obrigada, você é como uma irmã pra mim, apesar do Marcos.

Irene também a abraçou. Marcos levou as crianças para a sala para deixarem a cozinha livre.

-*-

O dia da largada havia chegado, Marcos se aproximou na área de espera muito lentamente com um pequeno motor dois tempos ainda menor que o anterior do primeiro Bilhete. Desceu no cais e foi até a família, Bella estava chorosa e só dizia.

-Papai, papai, papai.

Mirian também estava tristonha, Marcos e Hein não paravam de correr de um barco a outro. Recebeu sua posição para largada e número. Robert já estava na água com sua equipe desde a madrugada, havia caído do seu barco ontem durante uma mudança de bordo particularmente violenta e perdera sua câmera mas estava bem e pronto para participar da regata.

Marcos se despediu de todos um por um, primeiro Bella, depois Mirian, em seguida Hein, e por fim Marcos, voltou-se para Nilla, a abraçou e ela roubou um beijo rápido dele, sob o olhar de repreensão de Irene, Marcos puxou Irene e a abraçou, a beijou que ficou com o rosto dela colado ao seu peito num abraço apertado por quase um minuto.

Acenou a todos e subiu no Bilhete, saiu com o motorzinho empurrando o veleiro de menos de dois mil e quinhentos quilos de deslocamento, Irene e Nilla se olharam vendo Marcos partir naquela corrida idiota, homens eram meninos grandes, ambas amavam muito ele, Nilla se consolava dele ter escolhido Irene, entendia porque Marcos chamara Irene de leoa.

Irene olhou para o menino loiro e a menina morena, era uma cópia fiel de seus próprios filhos, tinha orgulho por Marcos ter deixado Nilla e voltado para ela, mas já tinha entendido que teria de dividir o coração de Marcos com Nilla, olhou para os veleiros que se alinhavam aguardando a chamada, as duas mulheres achavam que Marcos amava mais o Bilhete Premiado que elas, afinal Marcos passava mais tempo naquele barco que passara com as duas juntas.

Um calafrio passou pela espinha de Marcos, ele olhou para o cais, viu seus quatro filhos junto as mães, a barriga de Irene já estava começando a ficar visível, o pequeno Marcos e o pequeno Hein olhavam diretamente para o Bilhete, Marcos acenou só para testar, os dois meninos acenaram e alertaram as mulheres do aceno de Marcos, Irene e Nilla sorriram e acenaram alegremente mesmo que estivessem de cara amarrada desde que amanheceu.

-É garota, agora somos só você e eu, vamos correr.

Disse Marcos para o Bilhete Premiado, caçando todas as velas para dar o último impulso para esperar o momento de ser liberado para partir. A lancha do juiz estava parado ao lado do Bilhete que estava totalmente imóvel só esperando a liberação.

-Livre, livre, livre, vai.

Marcos girou a catraca do pêndulo na obra morta ao mesmo tempo que recolhia os cabos, o Bilhete deu um pulo para frente, Marcos calçou as grandes e pulou para as menores indo uma por uma até faltar a

giba média, estava com mais de vinte e cinco graus por causa da aceleração violenta, pensou e jogar com a sorte novamente, beijou a travessa da porta do Bilhete e girou a catraca do lastro até o fim, depois o da quilha, o Bilhete começou a perder abatimento e inclinação, calçou a média, o abatimento aumentou, girou a catraca da quilha um pouco mais, ganhou abatimento, voltou um pouco a catraca, o Bilhete perdeu abatimento e continuou acelerando, e a inclinação foi diminuindo.

Marcos não percebera mas estava alcançando o competidor que largara dez minutos antes, foi até a proa, pegou os paus e instalou, olhou para frente, tinha mais cinco minutos, havia deixado a giba pequena pronta, colocou ela na corda e correu para a popa, fazendo levantar a terceira giba, a inclinação aumentou perigosamente e e também o abatimento, estava contando com o abatimento para mudar de direção e ultrapassar o competidor mais próximo. Chegou ao leme, diminuiu a catraca do pêndulo e girou toda a catraca da quilha móvel, a inclinação e o abatimento diminuíram.

Passou com uma diferença de mais de cinco nós pelo sota-vento do oponente, estava tão rápido que o Bilhete somente oscilou e voltou a acelerar, assim que deixou a área de largada já tinha passado o oponente mais próximo e estava indo a caça do seguinte. Se isso não mostrasse as qualidades náuticas do Bilhete, Marcos não sabia, o Bilhete só parou de acelerar quando chegou a dezessete nós sobre a água e quinze de velocidade real.

Pegou a prancheta, o abatimento estava dentro do esperado, a inclinação estava um pouco acima mas a velocidade também, ultrapassou outro oponente antes de terminar a primeira perna, virou por avante sem perder tempo algum, graças aos mastros de carbono. No fim da segunda perna já tinha passado mais um oponente e logo iria começar a se aproximar dos multi cascos.

No sétimo dia de competição o trimarã da equipe de Robert finalmente alcançou o Bilhete, Robert fez uma algazarra ao ver o Winning Ticket com as velas enfunadas e perdendo para o trimarã profissional, Marcos não era um homem orgulhoso, mas verificou que o vento estava ficando mais fraco, o trimarã também havia cometido um erro, mais por deferência que um erro verdadeiramente dito.

Ao ultrapassar o barco mais lento optou em avançar por sota-vento para não atrapalhar o barco menor, Marcos aproveitou isto para exibir um pouquinho do por que escolhera este casco e por que havia adicionado tanta área de velame, não fizera isto logo na construção por não ter experiência mas agora, já era um velejador com muitos calos nas mãos de puxar cordas.

Correu a proa e calçou a terceira giba novamente, a subiu e viu o costado sumir na espuma, girou toda a carga e a quilha e foi voltando ela gradualmente até encontrar o ponto de equilíbrio, usava todas as velas abertas e sem rizes aumentando a área das velas ao máximo, o Bilhete passou a acompanhar o trimarã que não conseguiu completar a manobra de ultrapassagem.

Isto fez a tripulação profissional se alvoroçar, tentaram de tudo e

como perderam o barlavento, não podiam fazer nada além de acompanhar o veleiro menor, a corrida dos dois barcos tão dispares continuou por muito tempo, o vento ficou fresco e Robert gritou de seu barco.

-Jesus, Marcos, estamos a dezenove nós, vai capotar.

-Dezenove? Tem certeza, parece uns quinze pra mim.

Robert sabia que aquele talvez não fosse o limite do Bilhete pois Marcos era sempre muito cauteloso, conversou com o capitão e disse que a única forma de vencer o Bilhete era reduzir velas para barlaventear ele pela popa, caso contrário, Marcos manteria a corrida por muito tempo.

Antes que o capitão decidisse o que fazer Marcos começou a recolher as gibas, fazendo o veleiro menor e solo reduzir velocidade, Robert não entendeu a princípio, até que o capitão deu a mesma ordem, o vento estava mudando e tiveram de hastear a balão, aquilo pôs fim a disputa, antes de sair do campo de visão, todos os velejadores do trimarã profissional saudaram Marcos. Robert recebera uma grande lição, nunca subestimar um concorrente, ainda mais se ele estiver no Winning Ticket.

O Bilhete cruzou a linha de chegada em meio a festa de um grupo seleto de participantes, pois ele apesar de ser o primeiro na categoria mono cascos solo estava metido na chegada do sétimo lugar da multi cascos e décimo lugar da mono cascos com esqui. Isso colocou ele na décima sétima posição da geral amador de mais de oitenta concorrentes terminando o trajeto ainda sem bater o recorde, mas chegando em oito dias, vinte horas, treze minutos e quarenta e dois segundos colocando o Bilhete como terceiro mais rápido veleiro mono casco solo de todos os tempos na regata.

Marcos pegou os troféus simbólicos por sétimo lugar na classe multi casco, décimo lugar na mono casco com esqui, décimo sétimo na geral, terceiro melhor tempo de todos os tempos na regata e por fim o de campeão da classe mono casco solo e o cheque da prêmiação. Irene e Nilla estavam muito felizes, as crianças faziam festa sem entender muito, estavam mais felizes porque o papai havia voltado.

A foto de Marcos foi parar em algumas revistas e jornais, tentaram fazer uma entrevista com ele, mas ele só deu respostas curtas. Devido ao tempo realizado o Bilhete foi vistoriado e liberado como regular, o que desagradou o segundo colocado da categoria mono casco que chegou dois dias depois e estava no hospital sofrendo de exaustão de tanto que ficou acordado para tentar recuperar o tempo contra o Bilhete.

-*-

Marcos e Robert haviam se cumprimentado na recepção para os velejadores e Robert mostrou as fotos que havia feito de Marcos e o Bilhete a mais de dezenove nós, Marcos ficou assustado, a inclinação do Bilhete era tal que o deck estava quase vertical e a ponta das vergas estavam próximas as ondas.

-Marcos, temos de entrar em uma regata de duplas na Europa e na América do Norte, vamos ganhar muito dinheiro com prêmios e

patrocínios.

-Não Robert, quando você tiver o seu próprio barco...

-Já sei, quando tiver meu barco e minha tripulação eu poderei fazer o que quiser porque serei o capitão.

-Não Robert, quando entender que o barco é como uma amiga, ela também é sua casa, aprender a ouvir se ela está feliz com o jeito que você a está conduzindo, se você não está machucando ela apenas para ganhar ou ficar famoso, aí você vai poder tomar decisões sobre entrar em uma regata ou não.

Robert ficou um pouco envergonhado, considerara Marcos sempre muito cauteloso, as vezes pensava que ele tinha medo mas não parava de aprender com ele. Marcos o levou até um reservado onde haviam duas mulheres bonitas e quatro crianças, já conhecia Nilla e os dois filhos.

-Irene você conhece o Robert dos vídeos da internet, Robert, esta é Irene, minha esposa, estes são Marcos Júnior e Mirian.

Robert ficou um pouco confuso, sempre pensara que Nilla fosse a mulher de Marcos mas cumprimentou a outra mulher e ficou espantado com as crianças, os gêmeos formavam um conjunto com a pequena Bellinha, sabia que Hein era filho de outro velejador, amigo falecido de Marcos mas a semelhança do conjunto era atrapalhada apenas pela diferença de idade e pela cor dos olhos de Bella que dependendo da luz do dia pareciam dourados.

-*-

Nilla tinha encontrado uma casa para eles morarem por um tempo, demoraria até acertar as coisas com o Snoball e o Aurora, além do que, Marcos teria de reequipar o Bilhete, afinal ele estava praticamente só no casco. Marcos andava ocupado com o barco indo todos os dias ao trapiche, Irene e Nilla ajudavam mas ele era muito chato sobre a montagem das coisas e acabaram desistindo da ajuda, em casa ele dormia na cama grande com os quatro filhos, estavam mais colados que nunca, ainda mais porque ele deveria se ausentar novamente para levar o Bilhete até BC.

Estava deitado ao lado de Nilla na cama dela, haviam combinado entre eles que só ficariam juntos quando Irene levasse as crianças para alguma atividade e vice e versa, para não confundir a cabecinha deles.

Nilla percebeu que ele ficava triste sempre que as crianças não estavam em casa.

-Por que esta cara de entierro? Não foi bom?

-Nilla.

-É sério Marcos, por que você fica assim sempre que as crianças saem, não quer ficar comigo?

-Não é isso, eu sinto falta deles.

-Eles saíram faz duas horas e logo vão voltar.

-Eu sei, mas fico triste por pensar que não vou ver eles por quase dois meses, em BC vou começar a ensinar eles a velejar pra não deixar

mais eles pra trás quando viajar.

-Se está tão triste, então venha de avião conosco.

-Não gosto de aviões e você sabe.

-Pois é, se a Irene não tivesse me contado eu nunca teria percebido.

-Para Nilla.

-Ei cabrón, estou falando sério, venha de avião conosco, lembre que terá seus filhos consigo para ajudar a enfrentar o medo.

-Não tenho medo, só não gosto...

-Tá bom.

Beijou e roçou o corpo no dele fazendo ele ficar excitado novamente. Marcos era realmente como um garanhão, nunca perdia o fogo, não importava quanto tempo eles fizessem amor, Nilla teve alguns pensamentos sujos e depravados sobre uma aliança com Irene para fazer ele pedir misericórdia se as duas o atacassem juntas.

Naquela noite Marcos ficou acordado até tarde deitado na cama com os filhos ao seu lado, belinha não usava mais fralda e por isto ele acordava ela no meio da noite para ir ao banheiro e dar um mingau para que ela não tivesse fome, os outros três pareciam pedras até o amanhecer, acariciou o cabelo dourado de Hein lembrando do amigo. Aquilo que Nilla falou não havia passado pela cabeça de Marcos, ir de avião para o Brasil era um sacrifício que ele estaria disposto a fazer.

Não sabia se poderia se afastar do Bilhete novamente, havia deixado ela para trás por que estava tomado pela dor e pela amargura por pensar que Irene queria abortar e somente por causa do que Marcelo fizera a ela. Marcelo, talvez devesse pensar no que faria com aquele miserável depois que ele saísse da cadeia, ele não escaparia assim de quase ter destruído seu amado veleiro.

Depois do café que foi barulhento e caótico, como sempre era com tantas crianças, ele pegou o telefone e foi para a varanda, discou um número.

-Robert tenho uma proposta pra você. Isso, se você estiver disposto aos seu primeiro comando.

Marcos explicou o que tinha em mente. A possibilidade de comandar o Winning Ticket em uma viagem longa, mesmo que de conserva, seria uma alavanca na sua carreira, então ele nem pestanejou, só tinha uma exigência, poder levar o namorado Steve, não queria ficar longe dele, Marcos concordou na hora.

Robert não podia se conter de tanta alegria, ia comandar sua primeira travessia, ia de conserva, mas não tinha problema, seu curriculum ia bombar por ser o capitão substituto da máquina voadora Winning Ticket. Ele e Steve ajudaram com a preparação do Snoball que veio a Melbourne de caminhão para ser embarcado em um navio de carga até o porto de Itajaí, junto com ele, Nilla ia mandar algumas coisas que ela considerava importantes como a cadeira de balanço de Hein e a cômoda de carvalho que ela tinha desde o México, assim que terminaram de prepará-lo chegou o Aurora.

Um casal de panamenhos, amigos de Nilla estavam na Austrália

desde que o veleiro deles foi vendido, durante a pandemia e queriam voltar para seu país para visitar, eles iriam no Aurora, Marcos equipou e supriu o Bilhete e o Aurora para quatro meses, não queria que eles forçassem os barcos ou se expusessem a perigos por causa de tempestades para chegar logo.

Robert sabia que Marcos estava aflito por ter que deixar seu amado veleiro nas mãos de outros e por isso sentia a pressão da responsabilidade de comandar pela primeira vez, iria fazer tudo dentro da cartilha que aprendera com ele, mesmo que pudesse parecer excessivamente cauteloso. Ele, Steve e o casal panamenho se deram bem, isso já era metade do caminho, o Aurora iriam sempre a frente porque era mais lento.

No dia da partida dos veleiros Marcos não conseguiu dormir, ficou sentado na sala praticamente toda a noite, Nilla e Irene passaram pela sala para tentar acalmá-lo mas não tiveram sucesso, assim que faltava uma hora para a maré estar completamente cheia ele saiu para ir ao trapiche, encontrou Robert e os demais atarefados na preparação para sair.

-Marcos, eu cuidar dela bem, eu entender o que você dizer sobre barco ser casa e amiga, sinto isto agora mas eu saber que chegar a BC com segurança.

-Robert, lembre-se sempre, primeiro a tripulação, depois você e por último o barco, esta é a última lição que eu posso ensinar.

-Obrigado, vou ligar a cada dois dias.

Os dois se abraçaram, Steve, Ruiz e Marietta também o abraçaram. Irene, Nilla e as crianças chegaram em seguida. Se despediram dos viajantes e dos barcos. Marcos ficou olhando o seu veleiro ser guiado com perfeição pelos jovens, o Aurora já estava a quase uma milha quando o Bilhete zarpou.

Geralmente era assim, o mais lento saia primeiro e ia abrindo e era seguido pelo mais rápido pois encontraria eles no caminho.

-Tem certeza disto?

Irene disse sem se mover. Lágrimas rolavam do rosto de Marcos, segurava Bella no braço esquerdo, ela estava meio chorosa também porque o papai estava chorando, Hein estava agarrado a perna esquerda dele e Marcos e Mirian estavam dividindo a mão e a perna do lado oposto, ao lado de Bella, Nilla também estava emocionada, os dois barcos que ela amava estavam partindo, o Aurora que fora onde passara muitos anos de sua vida e o Bilhete, o barco que lhe tinha dado as melhores e as piores recordações da sua vida, ela segurava o braço de Marcos onde a filha deles estava, Irene tinha um braço só para si encostando a cabeça ao ombro dele, enquanto acariciava o cabelo dos filhos, ora um e ora outro. Marcos sentiu um nó na garganta e um aperto no coração.

-Tchau garota, vejo você em BC.

-*-

Tinha finalmente levado o Snoball para o trapiche, demorara

quase seis meses para poder liberar ele na alfândega, afinal Heinhich tinha morrido e até sair o direito de herança de Hein o barco não foi liberado, a burocracia brasileira era um inferno, o Bilhete havia sido levado da Europa para a Austrália apenas com os documentos de Hein e o boletim de ocorrência onde ele constava como representante de Marcos na salvatagem, Marcos colocou ele na água e reequipou, agora estava amarrado entre outros dez barcos.

Marcos havia vendido a caminhonete e a casa com galpão que apesar de serem de Hein e Nilla estavam oficialmente no nome de Marcos, ele e Nilla concordaram em criar um fundo para o Hein e para a Bella, afinal Marcos é que resolvera os problemas legais da propriedade.

O Snoball foi transferido para Hein por causa da alfândega e o Aurora iria para Bella, apesar de Hein ainda ter metade do barco se Bella decidisse vender. O jipe tinha ficado com Nilla até o dia do vôo para Melbourne quando foi deixado na revendedora.

Em BC foi difícil para Nilla entender que Marcos tinha algum dinheiro, ela ralara muito para conseguir o próprio barco e só conseguira vendendo sua parte na casa que os pais deixaram para os filhos ao falecerem, ela vendeu artesanato até que aprendeu com Marcos a investir e jogar em opções binárias, ela e Hein faziam parte do grupo que jogava junto com Marcos até ele sumir, então passaram a jogar só quando precisavam de dinheiro.

Ela e Hein sempre perguntavam de onde Marcos tirava dinheiro para ajudar velejadores que estavam passando por alguma dificuldade mas nunca desconfiaram que ele tinha mais de vinte apartamentos, ela ouvira aquele português falar de um cheque de sete milhões, só que não entendeu a moeda, pensou que podia ser um valor alto mas não tão alto.

As festas da família Schmidt foram acrescidas de mais três membros com uma outra menina a caminho, Irene estava com uma barriga enorme, parecia que esperava gêmeos, mas era apenas a pequena Carmen. Decidiram que viveriam em um mesmo lugar, só que no condomínio não havia nenhum apartamento disponível para compra, além de BC ser muito movimentada no verão.

Marcos decidiu procurar um local diferente, conseguiu uma propriedade interessante na Praia do Brito em Palhoça, não era muito longe de BC, meio dia de barco e lá poderia conseguir fazer um trapiche flutuante para amarrar os veleiros, e ali estavam o Bilhete, o Aurora, um pequeno catamarã de instrução para ensinar os filhos a navegar, alguns veleiros de amigos, que mudaram de outras marinas para o trapiche dele e o recém-chegado Snoball.

-Está feliz agora?

Marcos se sobressaltou, Nilla e Irene tinham caminhado com cuidado até ele que estava de pé olhando para o Snoball, cuidando das crianças que brincavam no veleiro.

-Acho que sim.

Respondeu daquele seu jeito espontâneo sem pensar.

-Acha que sim?

-Não sei como as coisas vão ser, acho que vou trabalhar um pouco

pra juntar uma grana e fazer um pé-de-meia para os quatro, eu tinha pensado em me aposentar na Indonésia, só que as coisas foram diferentes.

Nilla e Irene olharam para ele com as sobrancelhas franzidas.

-E os apartamentos?

-Ah é, tinha esquecido deles.

As duas abraçaram ele, tinham resolvido as coisas entre elas e conseguiam conviver bem uma com a outra.

Marcos lembrou do medo que passou no avião e todas as vezes que tiveram de mudar de voo, primeiro no Chile, depois em São Paulo para poderem descer em Navegantes.

-Júnior, nem pense nisto.

Ele gritou com seu filho mais velho para que nem tivesse ideias de subir no mastro do Snoball.

-Mah, assim que o papai sair, vamos subir pra ver como é a vista lá de cima.

-Shhh, a Mih pode ouvir e contar pro...

-Já ouvi sim, então nem pensem senão vocês vão ficar de castigo para sempre.

-Mih.

Disseram os dois ao mesmo tempo. Bella ria e parecia uma sombra seguindo Mirian por todos os lados, as duas brincavam com as bonecas delas juntas porque os dois meninos só queriam saber de barcos, nadar e jogar bola.

Marcos observava os filhos como uma águia observando uma presa, de repente ele olhou para as duas mulheres que estavam olhando para ele com aquela atitude paternal protetora que deixava ele muito atraente, abriu bem os olhos e ia dizer algo mas Irene disse primeiro, antes mesmo de Nilla.

-Já sei, está com fome.

-Hã.

As duas riram.

-Vou fazer encilhadas com chili.

-Oh, que bom, vou pegar as crianças.

-Vai demorar ainda um pouco, então dê mais um tempo pra eles.

Marcos beijou Nilla que foi fazer o lanche da tarde.

-Você está feliz?

Perguntou para Irene

-Estou, por quê?

-Por estarmos todos juntos?

-Desde que você esteja aqui.

-Irene eu te amo.

Beijou ela muito apaixonado, ela era e sempre seria o amor da vida dele, só que não podia deixar de amar Nilla, ficaram ali olhando os filhos brincarem até que chamaram eles para o lanche.

-*-

-Marcelo, têm uma visita pra você.

-Visita? Quem é?

-Acho que é um advogado.

Marcelo foi conduzido até o painel de visitas, ficou paralisado ao ver quem estava esperando por ele. Sentou e pegou o telefone de comunicação.

-Olá Marcelo, parece que está surpreso.

-Marcos, por que veio aqui?

-Vim para dizer que te perdoo.

-Como assim?

-Pensei durante muito tempo sobre o que eu faria com quem tivesse ferido a minha garota e quando soube que foi você eu pensei em umas coisas realmente sádicas, coisas que vi em filmes de terror sádico.

Marcelo não era mais um homem comum, sete anos na cadeia tinham endurecido ele e não se assustava fácil, mas o olhar de Marcos era o mesmo dos matadores que ele via diariamente no outro lado da cerca, na área de maior segurança.

-Vai em frente, não sou mais um corretor de ações, não tenho medo.

-Oh, você teria se soubesse o que eu tinha pensado em fazer, mas como eu estou tentando enterrar o meu passado, decidi que se deixasse você pra lá, talvez eu pudesse deixar os meus demônios pra lá também, só que eu não poderia deixar de vir aqui para te dizer uma coisa muito importante.

-Então diga, sou um cara ocupado.

-Eu não vou te procurar mas se você me ver na rua, se por acaso a gente se encontrar na rua alguma vez, é melhor que esteja preparado, porque eu pegarei você sem a menor exitação e não vou parar até que você fique pior do que você fez com a minha garota, então se me ver antes de eu pegar você, me pegue ou suma, até nosso próximo encontro, Marcelo.

-Escu...

Marcos desligou e saiu sem nem olhar para trás deixando Marcelo bravo e batendo na vitrine de plexiglass, Marcos não ia avisar, ia apenas esperar e pegar aquele covarde logo que ele saísse, mas pensou nos estragos que havia feito enquanto estava transtornado depois de fugir de Lisboa, achou que se desse a Marcelo a chance de se proteger dele, se Marcelo viesse atrás dele, como queria que viesse, ele poderia dar ele para um tubarão touro brincar, mas se conseguisse se manter longe dos olhos dele ficaria bem. A menos que Marcos mudasse de ideia algum dia.

-P.S-

Marcos chegou a Loures, encontrou as crianças brincando na grama enquanto Irene e as duas Carmens estavam sentadas ao redor de uma mesinha de chá, conhecer a mãe de Irene foi algo revelador, a espanhola idosa era muito inteligente compreensiva e muito culta, ficava encantado em ouvir ela falar ou contar coisas da infância de Augustus e

dos poucos anos que esteve com Irene, até que não conseguiu mais lidar com a doença do filho mais velho e o autismo dos dois.

-Oh, que bom que voltou logo, quer chá?

-Adoraria, Dona Carmen.

-Irene, você escolheu muito bem, além de bonito é gentil e um cavalheiro.

A mulher idosa riu com a mão a boca.

-Apesar de não parecer respeitar nenhuma regra de etiqueta.

Irene e ela riram, depois riram ainda mais pela vergonha de Marcos que estava de bermuda de praia, chinelos e camiseta regata apesar de ser início de outono.

Estiveram ali uma semana, haviam convencido Nilla a deixar Marcos e Irene levar as crianças em uma viagem até Portugal, ela só aceitou com a condição que depois iria com Marcos e as crianças para o México, a pequena Carmen era muito parecida aos gêmeos e a Bellinha, com exceção que já havia demonstrado uma semelhança de temperamento que era parecido ao de Irene, além de detestar leite, deixara de mamar com dois meses e rejeitara lactose logo em seguida sendo adepta do leite de soja como Irene era antes de engravidar.

Então para o desgosto de Irene, teria de deixar Nilla levar a Carminha com ela na viagem para o México no ano seguinte. Quando retornaram a Lisboa, Irene visitou a mansão do pai, ela estava alugada porém o morador permitiu a visita com alegria, era um bom negócio alugar um imóvel tão bom e bem localizado pelo preço que pagava então fazia de tudo para evitar desagradar os proprietários.

Irene mostrou a propriedade para as crianças, Júnior e Mirian sabiam que aquilo seria deles um dia, Marcos sabia que Hein tinha parentes na Noruega e teria de ir lá com Nilla logo para que os avós dele o conhecessem, não eram abastados mas tinham o direito de conhecer o neto, talvez ele estendesse a viagem ao México para uma esticada até a Noruega, já que os pais de Nilla já eram falecidos.

Depois de visitarem Carlos eles passaram em todos os conhecidos de Irene e de Marcos, Motta ainda trabalhava com carro de aluguel e levava eles para todos os lugares. Pegaram o trem para Itália, tiveram de comprar roupas quentes para poder chegar a Bolsano, Vic recebeu eles muito contente, Lucas estava trabalhando e só viria para casa no fim da tarde, agora a italiana já era uma Schmidt, a cerimônia foi simples como os dois queriam e nas férias eles iriam ao Brasil para outra festa pequena, junto à família dele.

Ela estava esperando o primeiro filho dos dois e o nascimento coincidiria com a viagem, Lucas chegou cansado mas ficou muito animado pela visita da família de Marcos, tinha feito uma amizade verdadeira com Irene e só viera para a Europa por conta do apoio dela, devia sua felicidade com Vicenza pelo incentivo da cunhada.

Voltaram a Lisboa e prepararam-se para partir até que alguém chamou do trapiche.

-Marcos?

Marcos saiu do veleiro e encontrou o homem conhecido, estava

mais velho mas ainda tinha o mesmo jeito de vendedor de porta em porta.

-Olá Ricardo.

-Estou magoado, veio a Lisboa e nem me visitou.

-Estava evitando que Irene te desse um soco ou um tapa por aquela sua brincadeira com aquela carta.

-Quem é? Ricardo, eu devia te...

-Calminha, eu só quis ajudar.

-Eu quase tive um ataque pelo jeito que você enviou a mensagem, além disto pareceu uma brincadeira sádica pois marcos levou mais de ano para chegar.

-Bem, isto não é comigo, eu posso ter sido muito econômico nos detalhes mas alguma esperança é melhor que nenhuma.

-O que realmente quer Ricardo?

-Barco diferente, esperava encontrar você no trapiche público e não em uma marina particular.

-No trapiche público tem restrição de tamanho, no máximo quarenta pés e este têm cinquenta.

-Vendeu seu outro barco?

-Nunca venderia o Bilhete.

-Desculpe.

-Ricardo, se já terminou...

-Gostaria que trabalhasse pra mim.

-Desculpe, não preciso mais trabalhar e não tenho vontade de trabalhar engravatado.

-Trabalhe nu se quiser, seja meu sócio.

-desculpe Ricardo, minha vida é velejar, cuidar da minha família e aproveitar o sossego.

-Tem uma família interessante, oficializou a sua situação com sua amiga viúva?

-Isto não é da sua conta.

Disse Irene irritada.

-Sim, sim, desculpe, aqui Marcos, tenho pensado em estabelecer um escritório no Brasil, soube que a Ibovespa é pequena em relação a Euronex mas tem muito campo inexplorado, se quiser se divertir e agitar um pouco o sistema financeiro novamente, me avise.

O homem acertara Marcos bem na veia, ele não poderia ser seduzido por dinheiro, por fama, por glória, por mulheres, exceto por uma coisa, seu espírito rebelde e anárquico. Marcos ficou olhando para o Português e pegou o cartão, para irritação de Irene.

-Não prometo nada.

-Sim, sim, pense em algo realmente magistral e poético e me avise para podermos começar, e, boa viagem para o Brasil e depois para o México.

Ricardo foi embora, caminhando calmamente seguido pelo segurança que o acompanhava.

-Acha que ele esteve nos espionando?

-Acredito que manteve vigilância em mim desde que me encontrou.

-Que vai fazer?

-Tenho algumas ideias em mente.

-Não acredito que vai trabalhar pra ele.

-Pra ele não, pra nós, Ricardo será apenas o meio para um fim, apesar que ele vai ganhar muito dinheiro com isto.

-*-

-Isto não é justo Irene.

-Desculpe Nilla, mas eu não fui tão forte quanto você.

-Gente, calma, sério Irene, podia ter dado a ideia para Nilla ir de avião para Portugal.

-Bem, eu só pensei nisto quando estivemos na Itália, eu estava conversando coma a Vic sobre nossa situação e ela disse que não aceitaria isto ainda mais podendo ir de avião para onde estivéssemos.

-Sei, eu pensei nisto e só não fiz porque seria as férias de vocês e depois eu teria a minha.

-Nilla, vocês iam até o México, mas acabaram vindo para a Noruega, isto seria um mês e meio a mais, além disso olha este seu barrigão.

-Acho que vai ser menino, minha barriga parece um melão pontudo.

-Gente, eu estou cansado e com sono, se não vão parar de discutir, eu vou dormir com as crianças.

-Não mesmo, eu ainda estou com saudade e não terminei por hoje.

-É cabron, você sempre faz a gente pedir um tempo, então sossega.

-Eu sabia que não ia ser uma boa coisa ter vocês duas morando juntas, era só questão de tempo para se aliassem contra mim.

-Cala boca.

Irene passou a mão pelo corpo dele e sentiu que ele se enrijeceu ao toque dela. Subiu sobre ele enquanto Nilla puxou seu rosto e beijou ele de modo apaixonado. Marcos não pode fazer muito a não ser deixar-se ser abusado por elas, não era a primeira vez dos três juntos, mas desta vez elas estavam mesmo tentando quebrar ele. Assim que tiveram uma pausa novamente para os três pegarem fôlego, disse.

-Acho que vocês duas poderiam voltar de avião e deixar eu voltar com as crianças no Bilhete três.

-Ah, está com medo da gente repetir isto é?

-Bem, não, só que não quero que as crianças se confundam.

-Ele está com medo de falhar conosco Nilla.

-Ei, não fique criando boatos sem fundamento.

-Mentira?

-Eu disse boatos.

As duas mulheres riram enquanto Marcos ficava chateado e bufava.